

INSTITUTO DAS
FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

“CRONISTORIA”

3

4 Q 3.3

Portuguese

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

"CRONISTORIA"

EM NIZZA MONFERRATO
NOVA EXPANSÃO
COM MADRE MAZZARELLO

(1871 - 1881)

3.º VOLUME



Tradução

INSPETORIA IMACULADA AUXILIADORA

Campo Grande — 1988

INTRODUÇÃO

Neste 3.º volume da "CRONISTORIA" foram recolhidas as memórias do Instituto centralizadas na Casa Mãe transferida para Nizza Monferrato, coincidindo com os últimos anos de vida de Madre Mazzarello (fevereiro de 1879 a maio de 1881).

Anos ricos de ensinamentos da Santa Madre e, à sua escola, de contínuo fervor, de despertar de vocações e de progressivo desenvolvimento com a abertura de outras doze casas.

Entretanto, não faltam as provas com a morte frequente de Irmãs jovens, mas revestidas de uma luz de grande virtude, testemunhando a sobrenatural riqueza do espírito primitivo.

Como no volume precedente a narração se desenvolve ano por ano, intercalada de indicações sumárias dos vários acontecimentos que — segundo o que já foi dito — correspondem às notas marginais do original datilografado.

Também esta parte da CRONISTORIA em sua redação foi refeita várias vezes, com acréscimos e retoques resultantes de notícias ou esclarecimentos vindos à luz sucessivamente. Isto com a intenção de conseguir a possível exatidão dos fatos narrados e não deixar perder particularidades que, embora aparentemente pequenos, mereciam ser anotados pelas referências implícitas a D. Bosco ou a Madre Mazzarello e, para iluminar ainda mais o espírito vivido naqueles anos.

Julgou-se melhor também neste volume diminuir a parte dos ANEXOS, limitando-os aos documentos indispensáveis ou julgados necessários para esclarecer alguns pontos do texto; e fornecendo as indicações precisas de outros que foram depois transcritos nas MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS ou publicados no BOLETIM SALESIANO; ou ainda, conservados no Arquivo, mas de importância secundária à finalidade deste trabalho.

Na revisão para a publicação seguiu-se o mesmo critério usado nos volumes precedentes, recorrendo-se apenas aos indispensáveis retoques de forma e a algumas transposições necessárias para maior clareza, mas sempre com cuidado para conservar a devida fidelidade ao texto original.

Este é o volume que apresenta Madre Mazzarello na plenitude de sua santidade. Com a sua vida se encerra também o importante período histórico das origens, onde se descobrem as inconfundíveis notas do primitivo espírito do Instituto.

Parece, pois, que poderá oferecer muito para se aproveitar no presente e no futuro.

Roma, 8 de dezembro de 1976

Festa da Imaculada

Ir. Giselda Capetti

ANO 1879

TRANSFERÊNCIA DA SEDE GENERALÍCIA

Fevereiro de 1879 marca uma data memorável para o Instituto: a transferência da sede Generalícia (Casa Mãe) de Mornese para Nizza Monferrato, coisa mais fácil de aceitar do que de cumprir.

Quando uns vinte dias antes foi transmitida a última palavra de D. Bosco a respeito disto, até a Madre não conseguiu reter as lágrimas que revelaram a pena de seu coração.

Em Mornese aprendera a servir e a amar Nosso Senhor; a Igreja e o confissionário tinham alimentado seu contínuo trabalho espiritual; o modesto cemitério ao lado da Igreja conservava os restos mortais de Pe. Pestarino e de Pe. Cagliero,⁽¹⁾ das suas queridas Irmãs falecidas, das quais recordava cada gesto, cada palavra. Em Mornese deveria deixar três Irmãs gravemente enfermas, um bom número de alunas internas mantidas gratuitamente, algumas postulantes; carência de entradas e dívidas a pagar. Que angústia! Mas antes dela outras haviam experimentado isto...

No dia quatro, tendo dado adeus às pessoas e aos lugares mais queridos, a Madre parte para Nizza, onde as Irmãs e as meninas a recebem com alegria e com uma manifestação simples e breve, mas toda coração.

Sua fisionomia revela os traços do sofrimento, mas no brilho dos olhos traz o sorriso e nos lábios, a palavra sempre materna.

Em Nizza na qualidade de superiora Geral, a Madre assume logo a responsabilidade da Casa, coadjuvada eficazmente pelo seu conselho que ficou assim constituído: Vigária Geral e local: Madre

(1) As crônicas da casa Maria Auxiliadora de Mornese referem que as urnas de Pe. Pestarino e de Pe. José Cagliero foram trasladadas a 16 de setembro de 1908 para o novo cemitério de Mornese, onde se conservam até hoje.

Petronila, Ecônoma Geral e local: Madre Joana Ferretino, 1.^a Assistente: Madre Emília Mosca, 2.^a Assistente: Madre Henriqueta Sorbone, Diretora da Escola: Ir. Elisa Roncallo.

BREVE RETORNO A MORNESE

Dia 11 de fevereiro, Madre Petronila parte para Mornese acompanhada de Ir. Josefina Pacotto, que tendo sido designada Mestra de noviças, fora substituída em Alássio por Ir. Margarida Rasino. A permanência será breve, mas de grande conforto para as poucas que lá ficaram esperando a última hora daquela casa tão querida. Com elas foi também Pe. Chicco, que nunca estivera em Mornese e por uns dois dias fará companhia ao pobre Pe. Lemoyne, que ficará convivendo com as Irmãs aquela solidão fria e penosa.

De Gavi a Mornese o guia é Madre Petronila, pisoteando neve e soprando as pontas dos dedos congelados; chegando à meta, eis Pe. Lemoyne que, com fino trato, faz trazer logo um copo de bom vinho quente e bem açucarado, para evitar um perigoso resfriado depois de semelhante viagem. Volta então a serenidade à pequena comunidade mornesina.

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE PIO IX

Para o primeiro aniversário da morte de Pio IX, o Boletim Salesiano ⁽²⁾ sugeria a todos os cooperadores algumas práticas comemorativas. A Madre, primeira entre os primeiros cooperadores de D. Bosco, dispõe que também a comunidade participe, exatamente no dia 7 de fevereiro. As suas ardentes palavras de exortação e a leitura do opúsculo ⁽³⁾ publicado por D. Bosco nas leituras católicas no ano anterior inflamam os corações de confiança, mais que de sufrágio; e os atos de piedade oferecidos pelo pontífice da Imaculada infundem a certeza de obter por meio dele particulares favores celestes.

A SEGUNDA POSTULANTE DE NIZZA

No dia 12 de fevereiro entra como postulante Felicina Ravazza, sobrinha do vigário forâneo de Nizza, Pe. Bisio. É uma jovem hábil em trabalhos de agulha, especialmente para roupas brancas e borda-

(2) Boletim Salesiano — fevereiro de 1879 — Ano III, n.º 2, pág. 3.

(3) Últimos dias e horas de Pio IX com prefácio de Pe. Bonetti, nas Leituras Católicas (Turim, Tipografia e Livraria Salesiana 1878), Sampier d'Arena — Nice — Buenos Ayres).

dos; ardente de zelo pelas almas, seu único desejo é consagrar-se ao Senhor.

Ainda incerta sobre a que família religiosa dar a preferência e dissuadida de fazer o pedido às FMA, pela extrema pobreza do Instituto, teve um dia a ventura de falar com a Madre; desde aquele momento a boa jovem se sentiu atraída pelo apostolado das Filhas de Maria Auxiliadora.

A quem agora lhe pergunta como lhe nasceu a vocação de entrar com as Irmãs de D. Bosco, Felicina responde com toda simplicidade: — “Estava em Nizza com o tio, o Vigário de S. João; ele me levou ao convento. Eu já tinha a intenção de ser religiosa, já estava até aceita pelas Filhas de S. Vicente, mas não sei porque não me decidia a entrar.

Apresentada à Madre Mazzarello ela me fez logo algumas perguntas... Não desaprovou o meu projeto, mas me falou tão bem do espírito de D. Bosco que desde aquele momento me desapareceu a idéia de entrar com as Irmãs da Caridade. Voltando para casa não conseguia afastar meu pensamento das palavras que ouvi: “Esteja atenta, sabe? O coração é o nosso primeiro inimigo e muitas vezes nos faz pobres cegos. Reze a Maria Auxiliadora, pense bem antes de ir para onde escolheu.”

Eram palavras tão simples, entretanto por que me fizeram tanta impressão? A Madre não tinha nada de especial para me atrair tão depressa, mas eu a achei tão boa, tão afável e persuasiva em seu modo de falar, que me parecia tê-la conhecido há muito tempo e sentia que já lhe queria um grande bem.

Voltei a falar-lhe uma segunda e uma terceira vez, até que ela me disse:

— Sempre indecisa?

— Madre, tenho a carta de aceitação de minhas Irmãs.

— Está bem; mas com o Senhor é preciso ser generosa. Avante! Não pense demais dê o passo: Maria Auxiliadora quer você aqui!

A estas palavras, ditas com tanta firmeza, eu só tive que responder: — “Sim, Madre, amanhã virei”. E estou aqui.

Depois de alguns dias a Madre me perguntou:

— Você pensa ainda em suas Irmãs?

— Sim, Madre, eu fiz um papel feio e tenho medo de ter errado.

— Vá depressa dizer o seu pesar e o seu temor a Jesus; diga-lhe que Ele se arrume se você errou e não pense mais.

— Fiz como a Madre me disse e agora não tenho mais nenhuma dúvida.”

DESESPERO DO MALIGNO POR CAUSA DO ORATÓRIO DE CHIERI

Por algumas notícias recebidas de Chieri e de Turim a Madre veio a perceber as tramas do maligno contra o Diretor espiritual do Oratório Sta. Teresa de Chieri. Não fala disso à comunidade, mas não deixa de sofrer bastante e exorta as mais generosas a oferecerem orações e sacrifícios por D. Bosco e pelas necessidades sempre crescentes da Congregação.

UMA VISITA A LU

No dia 17 de fevereiro, Madre Henriqueta acompanha a Madre a uma visita às Irmãs de Lu, voltando com a postulante Maria De Martini. A Madre fica muito contente com o desenvolvimento florescente da sala de trabalho, freqüentada por sessenta meninas, embora também aqui não faltem oposições e contrastes por parte dos inimigos do bem. ⁽⁴⁾

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DE LEÃO XIII

O dia 20, segundo o desejo expresso por D. Bosco através do Boletim Salesiano, é dedicado à ação de graças: missa, comunhão, terço, visita ao Santíssimo Sacramento, pequenas mortificações e também a leitura espiritual, tudo pela celebração do primeiro aniversário da eleição de Leão XIII, o Pontífice Romano. D. Bosco quer que haja festa em todas as suas casas e a Madre o faz sentir e participar por todas para “a mais bela flor da Igreja” ⁽⁵⁾ como o Superior e Pai definiu Leão XIII, seja motivo de reconhecimento de todos os corações.

O PENSAMENTO DA MADRE SOBRE A PREPARAÇÃO EM TRABALHOS DE AGULHA

Durante a breve ausência de Madre Henriqueta, a noviça Ir. Olímpia Martini executara louvavelmente o cargo de professora de

(4) Cf MB, XV, 260.

(5) A mais bela flor do Colégio Apostólico, pelo Sacerdote D. Bosco, nas Leituras Católicas (Turim, Tip. e Livr. Salesiana — 1878).

trabalho. Isto leva alguém a propor à Madre de deixá-la continuar porque, além de aliviar Madre Henriqueta, poderia ainda ensinar às alunas alguns trabalhos manuais de fantasia, para os quais tinha muito jeito.

Mas a Madre responde em tom severo: “As nossas alunas por enquanto não precisam de trabalhinhos, devem aprender a executar trabalhos úteis para uma família modesta: consertar, remendar, fazer e refazer meias e vestidos simples. O bordado é uma coisa a mais e o aprenderão depois, se tiverem tempo. Tal é o desejo de D. Bosco e não pensemos em novidade.”

PIEIDADE E ALEGRIA SALESIANA

Os dias 23, 24 e 25, últimos do carnaval, são intensos de piedade alimentada pela costumeira e querida função reparadora chamada comumente “quarenta horas”.

Isto não impede os alegres passa-tempos das mais jovens e das internas, que nestes dias poderiam ser tentadas de saudosismo das serenas expansões de Mornese e da família. Na falta de um verdadeiro teatrinho e de outros meios de que já dispunham na primeira casa do Instituto, a Madre põe em ação suas melhores idéias para conseguir manter os ânimos levantados e demonstrar que a piedade útil a todos é a que também traz bom humor.

Eis um exemplo: Em um momento oportuno a Madre chama alguém de inteligência mais viva e mais fina em educação, Madre assistente, à qual todas atendem cordial e afetuosamente; com toda a serenidade lhe diz: “Escute, esta tarde, deve chegar aqui uma importante senhora. Avise à Madre Henriqueta que apronte as meninas com o melhor vestido e você veja que as Irmãs estejam ordenadas, com o hábito de festa.

A obediente Irmã voa para transmitir a ordem da Madre; em casa é um reboliço, todas a arrumar para que na hora da chegada tudo esteja em seu lugar para uma bela “parada”.

A Madre com o sorriso nos olhos, vai e vem, observa, acompanhada pela econômica e seguida pela pacífica Ir. Assunta Gaino, bem mais bonita que de costume, enquanto as outras que esperavam, sorriam vendo a boa Irmã Assunta, finalmente, fora de seu cantinho campestre preferido.

Finalmente, o bimbalar do sino.

Silenciosas, sérias, todas com passos ligeiros estão prontas caminhando para a entrada dos carros e carruagens para se colocarem em atitude de saudação.

E eis a grande “senhora” uma bela vaca enfeitada de flores vermelhas de papel, conduzida por Ir. Assunta!

Madre Emília olha para a Madre, compreende a brincadeira e, finalmente espirituosa, faz uma profunda inclinação à recém-chegada.

É como um sinal mágico: Irmãs e meninas instintivamente fazem o mesmo; certas agora de terem sido burladas, em vez de se ofenderem, rodeiam o animal, batem palmas, pulando e lhe auguram o mais alegre: “Bem-vinda!” Entre estas homenagens a acompanham solenemente até a sua morada, onde a humilde Ir. Assunta Gaino continua as honras da casa.

Uma tal recepção é para as primeiras de Mornese alegre recordação daquele festivo “dolce colle natio” (doce colina nativa), quando somente por obediência aos desejos de D. Bosco se providenciou café com leite para a primeira refeição comum, com a compra da primeira vaquinha do colégio; para as novatas isto foi uma agradável prova do espírito alegre da Madre, que fez seu, por natureza e graça, o mote dos dois apóstolos da juventude: São Felipe Néri e D. Bosco “Scrupoli e malinconia, lontani da casa mia.” Escrúpulos e melancolia, longe de minha casa.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DE BUENOS AIRES

Da América chegam as primeiras notícias de Ir. Madalena Martini. Depois de um breve aceno à viagem realizada, põe-se a discorrer sobre a alegria comum do abraço às Irmãs de Montevideu e o novo aperto de coração pela próxima separação.

Em Buenos Aires a casa fora aberta a 26 de janeiro, havendo aí muito de Mornese: rainha, a pobreza; necessidade máxima de muita coragem, não só para se fazer entender em uma língua que ainda não possuíam, mas para se arranjar também com o trabalho assumido por dever fraterno e filial para com os bons salesianos, a fim de aliviá-los do peso da manutenção das Irmãs. São dias cheios, que não deixam um minuto nem para contar as vitórias de toda espécie contra as ciladas do amor próprio e da pobre natureza humana. Mas o Diretor, Pe. Costamagna, é sempre ele mesmo: todo zelo para o bem moral e material delas e todo carinho para lhes ensinar aquele pouco de espanhol necessário no momento.

Por enquanto não há índios para instruir, batizar, levar a Deus; virão depois. Suas Irmãs, todas alegres e se alguma lágrima aparece, logo há alguém que, com uma bela saída, a enxuga. Os Superiores, os salesianos e seus meninos as receberam abençoando-as e já as consideram como irmãs e como mães.

Ir. Martini não termina sua carta sem ter o cuidado de acrescentar: "A nossa pequena casa é um lugar de paz e de caridade. Estes nossos superiores salesianos já fizeram de tudo para nos preparar uma melhor. Não o conseguiram: Mas estão dando outros passos e não se darão por satisfeitos até que não nos tenham colocado segundo a magnitude de seu coração verdadeiramente fraterno e paterno. Frequentemente lembramos da Madre e das Irmãs da Itália; saudamos todas com vivíssimo afeto e nos recomendamos às suas orações, nós as felizes missionárias de D. Bosco e de Maria Auxiliadora". (6)

Notícias um tanto mais particularizadas nos são fornecidas por uma relação de Ir. Emília Borgna (7): "Ao nosso desembarque em Buenos Aires, fomos recebidas pelo Pe. Fagnano, enviado pelo Inspetor Pe. Bodrato e pelo Diretor Pe. Costamagna que, justamente na ocasião, estavam pregando e confessando na igreja dita "dos Italianos". Ele, com seu grande e generoso coração, não podia ter feito mais. Em duas carruagens fomos levadas até o colégio São Carlos. Lá nos esperava o Sr. Inspetor, que nos fez parar uma meia hora em uma de suas salinhas de visita para tomarmos alguma coisa e darmos as nossas primeiras notícias e as da Itália. Depois fomos conduzidas a uma pequena casa preparada para nós. Tendo atravessado o grande pátio do colégio, vimos no muro divisório entre este e a casa, uma pequena abertura, que dava apenas para passar uma pessoa de cada vez.

Passamos, de fato, uma por uma, e eis-nos no pequeno pátio da nossa casa. O Sr. Inspetor logo nos explicou que aquela parte do colégio fora ocupada até agora pelos noviços; por comodidade provisória tinham feito aquela comunicação, mas no dia seguinte mandaria os pedreiros fechá-la. E como somente depois do telegrama de Dom Lasagna anunciando a nossa chegada, é que fizeram desocupar a casa, não houve tempo suficiente para que pudéssemos encontrá-la bem limpa; que lhes perdoássemos... e que pouco a pouco providenciariam o que, certamente, estava faltando...

(6) Carta de 17 de fevereiro de 1879 ao Pe. Lemoyne. (Original no Arquivo Central Salesiano.)

(7) Carta à Ir. Josefina Vergniaud — sua companheira de viagem — escrita de Araras (Brasil) a 9.4.1927. Cópia no Arq. Geral das FMA, Roma.

A casa não era rica, não, mas nela encontramos uma cama para cada uma, com colchão e travesseiro; uma bacia de lavar rosto, também para cada uma, algumas cadeiras, dois ou três quadros de Maria Auxiliadora, uma mesa e dois compridos bancos. Na cozinha um pequeno fogão econômico muito usado e nada mais! Por uns quinze dias os nossos salesianos, embora muito pobres, nos mandavam a refeição preparada na própria cozinha. Nós, porém, não comíamos quase nada, pois não tínhamos ainda acostumado o nosso paladar e ainda estávamos com muita saudade da Itália.

Levantávamos às 4:30 para ir à igreja dos salesianos e fazer com eles as práticas de piedade; mas isto por pouco tempo, pois o Inspetor logo providenciou a capelinha em casa, com o necessário para a celebração da missa e conservação da Eucaristia. Então que alegria!

Por falta de local, não era possível ter ainda alunas, embora tendo sido este o escopo pelo qual deixamos a nossa querida Madre Superiora e tudo o que de mais caro tínhamos no “velho mundo”.

A nossa ótima Madre Inspetora achou bom que iniciássemos logo o trabalho de “mamãe Margarida” e das virtuosas senhoras, que em Turim cooperavam com a obra de D. Bosco, ocupando-se em costurar e ter em Ordem as pobres roupas dos salesianos e dos meninos; assim, eis-nos todas lavadeiras, roupeiras, remendeiras de roupas velhas e trapos, dando glória a Deus e desejando que a providência viesse ao nosso encontro, para poder trabalhar também em favor das meninas pobres.

Entretanto, nunca nos faltou a boa palavra de Pe. Costamagna, que nos fazia esperar no futuro.

Bem depressa o Senhor nos mandou duas postulantes, hoje Ir. Margarida Bertolini e Ir. Rita Barilatti; mais tarde Ir. Mercedes Stabler e Ir. Emília Mathis, as quais nos foram de grande auxílio.”

Além de toda a comunidade, também as alunas tomaram conhecimento destas desejadas e queridas notícias; e o vínculo de família foi se estreitando e se tornando cada vez mais íntimo.

NOTÍCIAS DE ALÁSSIO

Outras interessantes notícias chegaram de Alássio; o venerando Pai e fundador, de passagem para ir à França quis conversar com as filhas adidas àquele colégio salesiano. Primeiro interrogou a Diretora, fazendo-a falar na presença de todas as Irmãs, — uma espécie de relação sobre o andamento material da comunidade e sobre o estado geral de saúde: como era a alimentação, se estavam providas

do que precisavam quanto ao vestuário e outras necessidades, se repousavam suficientemente.

Depois as escutou uma por uma; dirigiu-lhes oportunos conselhos sobre as práticas de piedade estabelecidas pela santa Regra, concluindo: "Se vocês se empenharem verdadeiramente em cumpri-las bem eu lhes asseguro que se farão logo santas. Quanto ao trabalho, trabalhem, sim, bastante, mas façam de tal modo que possam trabalhar por muito tempo, isto é, fiquem atentas para não abreviar a vida com privações e excessivas ocupações, tristezas etc."

Depois as abençoara como um pai e como um Santo.

Voltando da França, a 5 de fevereiro, D. Bosco passou novamente por aí, porque naquele ano as conferências de S. Francisco de Sales seriam realizadas justamente em Alássio.⁽⁸⁾

As Irmãs apreciavam tanto a sua presença, que nem sentiam o cansaço proveniente do aumento do trabalho na cozinha e na rouparia. O bom pai passara várias vezes na cozinha sempre dirigindo perguntas de interesse às Irmãs: sobre a saúde, se tinham comodidade para fazer recreação, liberdade de dar umas voltas pelo jardim em horas oportunas,⁽⁹⁾ se sua alimentação era igual à dos superiores... Aqui, lembrando a questão das "dois pratos" já apresentada por suas filhas de Borgo S. Martinho, acrescentara com benevolência: "coloquem tudo num só prato, se quiserem, mas que as Irmãs também tenham duas iguarias. Vocês têm direito e necessidade."

À Ir. Maria Succetti, que estava ordenando o refeitório dos superiores assim falou, passando com um pároco: "Oh! aqui está Marta. Ah! Marta, Marta!" e acompanhou as palavras com tal expressão de voz e de olhar, que a boa Irmã na mesma hora se lembrou de sua conferência, feita poucos dias antes, e se pôs a fazer atos de união com Deus.

D. Bosco lhes havia falado também das Irmãs de La Navarre, de Bordighera e de Nice; e antes de deixá-las, assim falou: "Recomendo-lhes além do cuidado e da atenção para com a sua saúde, fazer ainda uma bela obra de caridade: escrever de vez em quando às suas Irmãs da América para consolá-las e animá-las, nem que sejam poucas linhas. Se soubessem! Quando eu escrevo aos nossos de lá, nem que sejam poucas linhas, eles me respondem que ao ver aqueles escritos, aquelas palavras, beijam várias vezes a pobre carta. Por isso,

(8) Cf. MB XIV, 39 e seguintes.

(9) O argumento foi tomado em consideração, também no decorrer das "reuniões anuais" como consta da referência relativa nas MB XIV, 49-50.

escrevam também vocês com freqüência... Embora distante devem estar sempre unidas. Já o são, mas sejam sempre mais."

Enfim as abençoou, animando-as de novo fervor e de santa alegria.

VISITA DA MADRE A MORNESE

No fim de fevereiro inicia-se a quaresma e se abre o mês de São José, com a bênção eucarística, todas as tardes. A Madre vai até Mornese para uma visita àquelas Irmãs doentes, especialmente à Ir. Lucrécia Becchio, a mais grave, que parece estar querendo ir celebrar no céu a festa de São José.

Na sua preveniente caridade, ela dispõe que vá também o Diretor, Pe. Chicco, para o caso de a enferma querer outro confessor.

Para a chegada da Madre acorrem todas as antigas conhecidas, alegres de revê-la, mas pesarosas, sabendo que voltará logo e ainda mais, ao ouvir confirmar a probabilidade de se fechar o colégio.

"Olhe, Maria, dizem-lhe chorando as ex-companheiras da Imaculada", Pe. Pestarino morreu, você foi embora com as outras da nossa turma, agora nós não somos mais de ninguém. A "Companhia" não se renova; existirá enquanto vivermos hoje, e depois? E se fosse também verdade, como corre o boato, que se vai dizer adeus ao oratório, adeus a tudo!"

Madre Mazzarello se comoveu, mas com sua atitude e suas palavras soube responder: "Se Deus quer assim... Se D. Bosco assim dispôs, deixemo-los agir; certamente saberão tirar disto um maior bem!"

Entretanto, não se pode esconder a má impressão geral dos mornesinos pela previsão dos fatos que, quanto mais se aproximam, tanto mais intensificam a indisposição; e em casa não se pode deixar de sentir o fim iminente de Ir. Lucrécia que, para isto, se dispõe com uma calma invejável.

Tendo se despedido dos pais e irmãos, cumprimentando o pároco e visitado afetuosamente a igreja de seus primeiros fervores, dos seus votos, de sua consagração ao Senhor, Madre Mazzarello multiplica seus maternais confortos à enferma e às Irmãs do colégio. Na estação ferroviária vizinha, encontra-se com Madre assistente e Ir. Domingas Telinelli, que foi chamada telegraficamente de Borgo S. Martinho para a França.

Com elas prossegue o itinerário, parando para visitar as casas da Ligúria.

EM ALÁSSIO E BORDIGHERA

Uma breve parada em Alássio, depois dirige-se a Bordighera, onde a Diretora Ir. Adele David, nova no campo, a espera ansiosa para poder dizer e ouvir tantas cousas.

A Madre escuta, com ânimo imperturbado, a história dos vexames, calúnias e vulgaridades dos vizinhos protestantes contra os Salesianos e as Irmãs, pelo grande bem que realizam no bairro, então pequeno reino dos valdenses. ⁽¹⁰⁾

Recomenda zelo sempre mais industrioso, embora jamais separado da prudente caridade de S. Francisco de Sales e de D. Bosco. Fala também particularmente a cada Irmã; corrige maternalmente Ir. Cassulo, que encontra alguma dificuldade com a Diretora: "Se você tem alguma coisa com a sua Diretora não o diga grosseiramente e reze antes de falar; se depois a Diretora não recebesse bem a sua palavra, mesmo dita com bons modos, e se se indispucesse a seu respeito, aconselhe-se com os superiores quando eles vierem. Seja prudente, mas aos superiores diga sempre as suas penas. E reze muito pela sua Diretora; antes tome como um dever rezar muito por todas as Diretoras, as quais necessitam sempre de luzes particulares. E nós precisamos tanto de boas Diretoras!" ⁽¹¹⁾

A MORTE DE IRMÃ LUCRÉCIA

Chega a notícia da morte da querida Ir. Lucrécia Becchio, ocorrida no dia 11 com este canto nos lábios: "quem morre por Maria contente estará..."

A Madre tira daí argumento para suas exortações ao fervor, ao amor de Deus e do próximo, ao desejo da própria perfeição.

PENSANDO NAS IRMÃS DE LA NAVARRE

Ao se aproximar da França, o coração da Madre parecia reclamar que ela levasse sua confortadora presença às Irmãs de Nice, de La Navarre especialmente, tão provadas pela extrema pobreza, tão abatidas pela gravíssima doença de Ir. Gariglio. A visita de D. Bosco as consolara certamente, mas algumas expressões daquelas filhas em suas raras cartinhas e os discretos acenos do Pe. Cerruti, que substituiu

(10) Disto tratava difusamente o Boletim Salesiano de julho de 1879, ano III, n.º 7, no artigo: Os Valdenses ou Evangélicos de Valecrósia e a casa de Maria Auxiliadora (pág. 1-4).

(11) Relação de Ir. Maria Cassulo e de Ir. Domingas Talinelli.

o Inspetor na França, confirmam seu pensamento de que aquelas filhas devem sofrer muito e que a doente se consome do desejo de ir morrer na própria pátria, junto às superiores.

Com Ir. Domingas Telinelli, que nestes dias deverá transpor a fronteira para La Navarra, se desfaz em conselhos e ardentes exortações e depois de lhe haver recomendado muito a observância exata da Regra, a encoraja a renunciar de boa vontade a volta à Pátria, para os exercícios espirituais deste ano.

SUA DEMORA EM ALÁSSIO

De volta a Alássio é recebida com alegria maior que de costume, porque o Diretor, Pe. Cerruti, havia prometido de fazê-la ficar ali até a festa de S. José, para poder receber a profissão das três noviças daquela casa.

Em verdade nenhuma delas havia cumprido o tempo regular de noviciado, mas o Diretor já obtivera de D. Bosco a delegação para receber seus votos. Por isso, ainda que a Madre se mostrasse mais inclinada a adiar a data que a antecipá-la, especialmente por motivo de certa perplexidade a propósito de Ir. Catarina Lucca, o caso ficou decidido.

CARTA DA MADRE AO PADRE LEMOYNE

De Alássio ela escreve ao Diretor Pe. Lemoyne em Mornese, servindo-se da pena de Madre assistente.

Reverendo Senhor Diretor,

Viva Jesus!

Estou de novo em Alássio. Pe. Cerruti me fez parar aqui para a profissão das três noviças, o que se fará nesta manhã mesmo. Ele me entregou estas cartas de Pe. Costamagna trazidas por um senhor vindo da América, o qual esperou até agora para entregá-las; antes tarde do que nunca, não é verdade?

Amanhã cedo partirei para Nizza e depois de uma parada de alguns dias por lá, penso de ir a Biella. Se V.S. pudesse ir também me daria grande prazer. Eu o esperarei em Nizza e de lá seguiremos juntos; venha mesmo. Já vendeu a casa da Mestra Maccagno? Oh! se pudesse trazer-me o dinheiro seria isso uma verdadeira obra de misericórdia.

Estas noviças ao fazer a sua profissão, rezarão muito pelo senhor, está bem? também as outras rezam e me encarregaram de lhe dizer tantas cousas e lhe pedir a sua bênção.

Por favor diga à Ir. Santina que anote a profissão destas Irmãs feita hoje.

Transmita nossas saudações à Madre Vigária, à Madre Mestra e a todas as Irmãs, postulantes e meninas.

O Senhor Diretor o saúda, Madre Emília se recomenda às suas orações e eu lhe peço novamente que venha para acompanhar-me a Biella.

Pedindo sua bênção me professo,

Sua humilde filha

Ir. Maria Mazzarello.

— Se vier a Nizza não diga ao Pe. Chicco que eu convidei o senhor para ir a Biella. ⁽¹²⁾

FESTA DE SÃO JOSÉ E PROFISSÃO EM ALÁSSIO

Embora sem os cantos de Mornese, a função da profissão é muito apreciada e devota. Depois que as três noviças pronunciaram a fórmula dos santos votos, o Diretor lhes dirigiu umas palavras de circunstância, apropriadas, claras e ardentes de caridade.

As novas professoras Ir. Domingas Barbero, Ir. Luízinha Vallese, Ir. Catarina Lucca nem piscam com o semblante inflamado de novo fervor; a comunidade está alegremente surpresa, nunca falara assim aquele Diretor de aspecto tão severo... A Diretora, Ir. Margarida Rasino, que desde que fora colocada como responsável daquela casa parecia ter um grande peso nas costas e no coração, agora está com um semblante iluminado por um sorriso profundamente sereno. A Madre sente uma grande alegria, comprovando que aquelas filhas embora tendo um trabalho excessivo, gozam de bens espirituais superabundantes pela dedicação dos exemplares e inspirados filhos de D. Bosco.

CONFERÊNCIA DA MADRE

A Madre recebe a relação e as sugestões dos superiores da casa; escuta paciente e amorosamente cada Irmã; provê a tudo, e antes de voltar para Nizza faz uma breve conferência à comunidade.

(12) Original no Arquivo Central Salesiano. A apostila é expressão de filial confiança no antigo pai de sua alma e de delicadeza para com o novo.

Repete suas exortações sobre a sinceridade na confissão, sobre a simplicidade e reta intenção no agir, sobre a observância da Regra e sobre o espírito de pobreza religiosa, concluindo: "Não quero dizer com isso que vocês devem se mortificar a ponto de privarem-se do necessário, certamente, não. Antes, a Diretora tenha particular cuidado para com as suas Irmãs, especialmente as mais fracas e as mais jovens e lembremo-nos todas de que, em muitos casos, é melhor mortificar o amor próprio, pedindo aquilo de que se precisa, antes que sacrificar-se no alimento ou em outra coisa necessária à vida. Quero somente dizer que o espírito de pobreza religiosa não nos permite lamentações e nos faz receber tudo das mãos de Deus. Vocês aqui não trabalham menos que as Irmãs de La Navarre, mas não têm a "terça parte das preocupações e privações que sofrem continuamente aquelas pobres filhas de lá. Alegremo-nos por estarmos em uma Congregação de Irmãs tão generosas e façamo-nos santas também nós, nesta Congregação que tem por fundador um Santo como D. Bosco."

Na voz da Madre há grande comoção do coração e mais de uma vez ela enxuga alguma lágrima.

De fato, todos lembram os episódios das magníficas manifestações feitas a D. Bosco na França, especialmente em Marselha. Até além da fronteira a imprensa divulgou isto e há em toda a parte quem fale com entusiasmo também da cura instantânea obtida por D. Bosco, em Nice, com uma de suas bênçãos à condessa de Villeneuve que, atacada de peritonite aguda com gravíssimas complicações, fora declarada incurável há muito tempo. ⁽¹³⁾

A MADRE EM BIELLA E TURIM

De Alássio, a Madre foi para Nizza onde festejaram solenemente São José, o doce patrono do Instituto. Enquanto a Madre assistente fica em casa, a Madre, depois de alguns dias, segue para Biella com Ir. Teresa Maritano, bastante abatida por tristeza e escrúpulos: talvez — ela pensa — uma viagemzinha fará bem à saúde da querida Irmã.

De Biella, muitas vezes, haviam escrito à Madre: "Depois que foi embora Ir. Madalena Martini, Biella não é mais a mesma" e a Madre vai para certificar-se se é mesmo assim, especialmente vai para confortar e também admoestar a quem precisar.

Depois do primeiro afetuoso encontro com as Irmãs, a Madre vai ao Santuário de Oropa, levando Ir. Maritano para que ela mesma,

(13) O Bol. Salesiano de setembro de 1879, ano II, n.º 9, págs. 5/6 deu esta notícia.

pedisse a Nossa Senhora de curá-la finalmente de tantas tristezas inúteis. Lá ficam dois dias. Em casa preocupam-se com uma ausência tão fora do comum e algumas Irmãs resolvem ir até Oropa, para ver se havia acontecido alguma coisa.

Tendo percorrido quase a metade da estrada, percebem que a Madre vinha vindo devagarinho, falando com a companheira e recolhendo ligeiramente o musgo daqueles montes.

— Oh! Madre, há quanto tempo a esperávamos!

— Estava com Nossa Senhora, por que temer?

— E agora se cansa de lá para cá, colhendo este musgo. Para que serve isto?

— Eu o prometi à Ir. Preda, nossa florista. Em suas mãos isto se transforma em um tesouro.

As Irmãs querem tirar-lhe ao menos a sacola de viagem e o xale, porém ela não deixa. “Não, não! Eu mesma levo!”

Trazia no semblante os sinais de um grande cansaço, mas nos olhos, o brilho da convicção de quem não se considera mais do que suas filhas.

O Bispo, D. Leto, também desta vez, vem pagar-lhe a visita e conversar demoradamente com ela. Sobe-lhe o rubor ao rosto cada vez que ele, tão nobre Prelado lhe dizia: “Madre Superiora”; entretanto, que consolação ao ouvi-lo repetir: “Todos os nossos do seminário recordam com veneração Irmã Madalena Martini; é verdadeiramente uma alma que caminha a passos de gigante na vida da perfeição.”

O Bispo antes de partir repete às Irmãs: “Lembrai-vos bem de que a vossa Madre é uma Santa!” A Madre mais tarde diz com um grande suspiro: “Ouvir chamar-me de Vigária, paciência, até quase me alegrava; mas “Madre Superiora!...”.

À boa Ir. Maria Maccagno, que substituiu Ir. Martini na direção da casa, anima muito; exorta vivamente às Irmãs a se amarem reciprocamente, tratando-se com afeto e respeito juntamente e sendo pródigas de atenções para com Ir. Josefina Quarello, difícil de contentar-se.

Ouvindo dizer que D. Bosco estava para voltar a Turim, pensou de ir logo também, para encontrar-se com ele num tributo de dever filial, dar-lhe notícias das visitas já feitas e prosseguir, quiçá até Chieri onde sabe que as lutas externa se acendem sempre mais.

NOTÍCIAS DE MORTE E NOTÍCIAS ALEGRES

Entretanto, seus planos devem ser suspensos por se ter agravado o estado de saúde de Ir. Capelletti. Em Turim pedem-lhe que não espere D. Bosco, mas que volte logo a Nizza se quiser dar ainda um conforto à enferma.

Por isso a Madre entrega ao Pe. Cagliero a quantia recolhida entre as alunas (90 liras, completadas para 100 pelo, nosso Diretor Geral) para adquirir uma estátua da Imaculada que é o sonho de todas da casa. Depois volta a Nizza, onde a espera a notícia da morte de Ir. Gariglio, ocorrida no dia 1.º deste mês de abril, em La Navarre e recebe também as cartas das queridas Irmãs da América.

Ir. Josefina Vergniaud está entre as que ficaram em Villa Colón, talvez provisoriamente; ela se sente atrapalhada por causa da viagem, da separação, das novidades de toda espécie, por isto se limita a escrever: “Oh! Madre! Oh! Madre! Oh! Irmãs! Oh! Irmãs! Venham ver como é grande o Senhor nos seus mares e no seu firmamento e quanto seja ainda maior o servi-Lo e amá-Lo na terra de Colombo!

Ir. Martiní escreverá tudo. Ir. Magone já encheu uma folha de notícias. Nesta casa, entre as missionárias, tudo é Mornese, é Nizza, é Itália; não demorarei, não demorarão a escrever longamente. Por hoje basta assim, para não provocar o dilúvio antes do tempo. Sou, somos felizes!”

Realmente Ir. Virgínia Magone aproveitando do domingo — Festa da Purificação — escreveu de uma vez tudo quanto sua alma sentia:

Reverendíssima Madre Superiora, ⁽¹⁴⁾

estou mesmo na América? Sim. Estou de verdade! Não é um sonho, mas uma realidade. Estou na república do Uruguai, em Villa Colón, com as Irmãs que partiram, no ano passado, de Mornese. Não me parece verdade estar assim tão longe de minha querida Superiora! Oh! Há quanto tempo não a vejo! Quando a verei? Quando virá encontrar-nos? Recorde-se de pôr em prática aquele ponto de Regra que diz: “A Superiora deve, ao menos uma vez por ano, visitar todas as suas filhas em todas as casas”. Oh! Madre, eu não pensava de lhe querer tanto bem! Somente agora o experimento e não posso mais demonstrar-lhe de perto. A sua pessoa se apresenta diante de mim a cada momento e parece que me diga: “Seja boa, Ir. Virgínia, obe-

(14) A carta foi publicada depois da morte de Ir. Virgínia, em um perfil biográfico apresentado pelo Boletim Salesiano de março de 1881, ano V, n.º 3, págs. 7/8.

diente, humilde, sincera. “Eu lhe prometo que “Sim” e a senhora continua a dizer-me “Promete sempre e não cumpre nunca”. Madre, a senhora tem razão de me falar assim, mas agora eu prometo de verdade, e verá que com a ajuda de Deus me tornarei melhor.

Outras vezes me vêm à mente os muitos trabalhos e desgostos que lhe dei. Oh! sim, de todo o coração lhe agradeço pelo bem que me fez e lhe peço de perdoar a minha ingratidão.

Que lhe contarei agora? Da viagem não terei nada, porque penso que a Madre, Ir. Madalena, já lhe terá escrito tudo; mas não posso deixar de dizer-lhe que foi ótima. O mesmo Sr. Comandante disse que, entre as suas muitíssimas viagens, esta havia sido a melhor. Disse ainda que não havia experimentado, em todas as suas viagens marítimas, tanta consolação como nesta. Depois de tantos anos que não assistia à Santa Missa, ele não só vinha participar da mesma conosco, mas, fazia-se de sacristão, preparava a capela na coberta do navio, acendia e apagava as velas.

Ao anoitecer, era sempre ele o primeiro a nos convidar para cantar os louvores a Nossa Senhora. Todos os passageiros de 1.^a classe aprenderam aquele nosso canto que começa assim: “Eu quero amar Maria”, e o Sr. Comandante do navio o acompanhava ao harmônio, tão bem que nem parecia estarmos em alto mar, mas em nossa casa.

Ainda uma coisa: Fiquem bem atentas, arregalem os olhos, abram bem os ouvidos e a senhora, Madre Assistente, leia isto em alta voz para que todas ouçam. Escutem: No dia em que atravessamos a linha do equador, houve uma belíssima festa. Primeiramente o disparo de 10 tiros de canhão; depois, todos os passageiros de 1.^a e 2.^a classe assistiram à Santa Missa e nós todas, depois de haver cantado: “Oh! minha alma, que fazes?” (Anima mia, che fai?) fizemos a comunhão. Em seguida, café e recreação até às 11 horas. Depois... escutem bem em silêncio, pois o mais bonito está aqui... Depois se preparou uma mesa no convés e todos os passageiros, bem como os oficiais, puseram em cima algum objeto para fazer uma rifa em benefício do hospital de Buenos Aires. Por isso, também nós, como passageiras, tivemos que pôr alguma coisa; assim, umas colocaram uma medalha, outras um terço, algumas puseram santinhos e a Madre pôs uma cruzinha recortada em papel vegetal. Depois começou o sorteio, que durou mais ou menos quatro horas. Não vou contar todos os pormenores, pois me alongaria demais. Digo apenas que depois de passados todos os objetos, chegou a vez da cruzinha. Alguma Irmã será capaz de adivinhar quanto deram de início? Ninguém responde? Pois respondendo eu: Um deles disse: — Cinco francos! Outro: — Dez; um

terceiro: — Quinze; um quarto: — Vinte! Finalmente subiram até 45 francos. E era uma cruzinha que, por vinte soldos, teria sido bem paga e até muito caro! Felizes os doentes do Hospital de Buenos Aires, que deverão agradecer o sorteio da cruz de Ir. Madalena Martini!

Teria ainda muita coisa a dizer-lhe, mas vejo que o papel está acabando e por isso devo resumir. Depois de uma viagem de vinte e quatro dias ouviu-se um disparo de canhão. “Que há?” — “Chegamos a Montevideú.” Às nove horas da manhã vimos aproximar-se um barco no qual estavam Pe. Agostinho Mazzarello com um senhor. Descemos no barco e, chegando à cidade tomamos uma “charrete”, ansiosas de encontrar logo as nossas Irmãs. Às 12 horas os cavalos param. “Onde estamos?” “Na casa das Irmãs”, respondem-nos. De fato, divisamos uma pequena casa no meio do bosque e depois, as Irmãs, que correndo vinham nos encontrar. Fizeram todos os cumprimentos possíveis, à moda italiana e americana e seguiram-se dois dias de festa. E agora basta. Não sei se já sabem que Ir. Madalena Martini não ficou aqui, mas seguiu no mesmo dia para Buenos Aires. Aqui estamos: Ir. Filomena, Ir. Josefina, Ir. Vitória e eu.

Madre, tenho um monte de coisas ainda para dizer-lhe, mas o papel acabou... Paciência! Escreverei outra vez. Por isso, recomendo-me às suas fervorosas orações e respeitosamente me digo no Coração de Jesus,

02 de fevereiro de 1879,

Sua grata e humilde filha,

Irmã Virgínia.

OUTRA CARTA DA MADRE AO PADRE LEMOYNE

Enquanto D. Bosco vem de Roma a Turim, a Madre, com uma de suas cartas tão queridas, chega ao Pe. Lemoyne, ainda em Mornese e sempre mais sozinho.

Viva Jesus!

Revdo. Senhor Diretor.

Muito lhe agradeço pelas cartas da América, as quais teve a bondade de me enviar. Oh! como ficaria mais contente se pudesse vê-lo pessoalmente, em vez de receber uma carta! Paciência! Melhor uma carta do que nada. Espero porém, de poder em breve falar-lhe, enquanto isso, reze sempre por mim que preciso muito.

Estou satisfeita com a melhora de sua mãe, tenha confiança que Deus ouvirá as nossas orações e lhe restituirá bem depressa uma saúde robusta e durável.

As Irmãs de todas as casas unem-se a mim para augurar-lhe Boas Festas de Páscoa com as mais escolhidas bênçãos do Coração de Jesus Ressuscitado. Queira Sr. Diretor, transmitir nossos augúrios também ao Pe. José e ao Sr. Mestre e recomendar-me às suas orações.

Pe. Cagliero está ainda em Turim e espero que logo virá aqui ou a Mornese.

Ir. Maria vai sempre mais se aproximando do Paraíso; o médico disse que não passará desta semana; peço-lhe orações por ela. As outras, graças a Deus, estão bem de saúde; quanto ao espírito, há sempre alguma cabecinha que dá um pouco de trabalho, mas não são coisas graves. O resto lhe direi pessoalmente.

Estamos fazendo aqui uma pobre semana Santa sem funções, sem nada. As Irmãs a toda hora exclama: "Ah! Mornese! Mornese!" Mas Deus aceita o coração, não é verdade? E pensando nisto nos consolamos.

De novo lhe auguro Boas Festas e, pedindo-lhe sua paternal bênção, me professo sua.

Nizza, 9 de abril de 1879,

Humílima filha em Jesus ⁽¹⁵⁾

Ir. Maria Mazzarello

Meu bom Pai, coragem! Esteja alegre, eu me recordo sempre do senhor!...

(O pós-escrito é do próprio punho da Madre.)

SEMANA SANTA E AQUISIÇÃO DO JUBILEU

Neste ano, primeiro da fundação de Nizza, não se realizam no CONVENTO as funções da Semana Santa.

Irmãs e alunas internas não deixam, porém, de ir à Igreja Paroquial para as funções, as visitas ao santo sepulcro e a adoração à Santa Cruz, bem como para as práticas estabelecidas por ocasião do Jubileu, proclamado pelo Pontífice Leão XIII, no 1.º aniversário de sua eleição à Cátedra de Pedro.

(15) Original no Arquivo Geral FMA.

IMPRESSIONES DO POVO

A respeitosa devoção das religiosas e das educandas, umas e outras já em bom número, é imitada e seguida pelos fiéis, durante a participação às sagradas funções.

Também o traje das alunas constituiu um motivo de atenção: uniforme de lã azul-celeste escuro, igual ao de Mornese, ao qual se ajustou um mantelete preto, proposto pela Diretora do Educandário de Turim, Ir. Elisa Roncallo, segundo o uso dos Institutos daquela cidade. Tal mantelete tem um corte especial, que permite cruzar na frente e passar como um cinto que caí atrás, formando um laço. Um modesto chapéu preto de aba redonda, mas não muito larga, lhe dá maior graça. Por isso enquanto as jovens passam, ouve-se dizer: "Como estão bonitas! Olhem como sabem se apresentar bem! Fazem honra ao seu colégio "MADONNA" (Nossa Senhora) e a toda Nizza! Não demorará muito que serão centenas estas alunas!"

FRUTOS DE ENCORAJAMENTO

As previsões do povo encorajam as Irmãs e as educandas, que cada vez mais se propõem de merecer os elogios que lhes são dirigidos.

Todas compreendem que Nizza não é Mornese; portanto, as Irmãs não deixam de administrar freqüentes instruções de atitudes simples, mas educadas, de acordo com as exigências das famílias e da sociedade de onde provém o maior número de alunas. As meninas por sua parte, estão dispostas a praticar voluntariamente as normas de civilidade que, enquanto as melhoram externamente, ajudam também a virtude e as elevam na própria condição social.

IRMÃ CAPPELLETTI DEIXA O EXÍLIO TERRENO

Na segunda Festa da Páscoa, 14 de abril, morre em Nizza a Ir. Maria Cappelletti de 25 anos; serena na morte, como fora em sua vida exemplar e ativa, embora de saúde debilíssima. Quantas recordações de alegre obediência e de perfeita observância!

É o primeiro túmulo que se abre em Nizza Monferrato, e o povo volve um olhar atônito e interrogativo a estas Irmãs lacrimosas atrás de um humilde caixão, não conhecendo certamente o perfume deste lírio em botão.

A MADRE ENCONTRA-SE COM O FUNDADOR

Depois da Páscoa, a Madre volta a Turim; apresenta a sua relação a D. Bosco e ele lhe dá informações sobre as Irmãs, especialmente as da França.

O bom Pai fala dos projetos sobre a casa de Saint-Cyr, de limitar-se exclusivamente ao orfanato feminino e repete quanto já disse sobre tal lugar: "Será uma sementeira de vocações que um dia se espalharão por todas aquelas colinas circunvizinhas."

Ao fazer certas propostas de fundação no Piemonte, acrescenta: "Por ora será bom aceitar os cursos infantis que nos querem confiar; mas que haja sempre condição de se poder manter também um oratório festivo e uma sala de trabalho para as jovens do povo.

Segundo as orientações recebidas, a Madre se dirige a Chieri para distribuir conforto, voltando depois a Turim, levada pelo seu coração de mãe e superiora.

Entretanto, chegaram os particulares das últimas horas da Ir. Gariglio; o sofrimento que a querida Irmã havia encontrado em La Navarre, qual lâmina a lhe desgastar o espírito, o coração e o seu delicado físico, se convertera em tríplice palma de martírio oferecida a Deus com amor e reconhecimento.

Voltando a D. Bosco, a Madre lhe fala com a alma reconfortada e lhe assegura que as Irmãs de Chieri estão vivendo sim, momentos tristes pelo que está sofrendo o pobre Pe. Bonetti; mas que estando todas, principalmente a Diretora, sobrecarregadas de trabalho pelo grande número de jovens que freqüentam o oratório, não têm tempo para pensar no "temporal" que as ameaça e por isso, as deixou discretamente serenas.⁽¹⁶⁾

O fundador a escuta e o seu semblante parece dizer: "Louvemos o Senhor! Por tantas outras coisas estamos sofrendo também nós e quanto! mas permaneçamos nas mãos de Deus que é Pai." Depois pensa na América e indaga: "Tem tido notícias de Buenos Aires? Aqui está uma carta de Ir. Martini; leia-a também à comunidade e depois m'a devolva. Ficará um ou dois dias conosco?"

Com a bênção do fundador, a Madre volta entre as suas Irmãs, já ansiosas de poder dizer-lhe tantas coisas de si mesmas e das próprias atividades sempre crescentes.

(16) Anexo (Allegato) n.º 1, a).

IRMÃ MADALENA MARTINI A DOM BOSCO

A carta de Buenos Aires constitui argumento de leitura em comum e oferece também um interessante panorama da vida missionária.

Transcrevemo-la por inteiro:

Reverendíssimo Pai em J.C.

somos verdadeiramente felizes por poder chamá-lo com o doce nome de Pai e receber de seu terno coração os mais sinceros sinais de paternal afeto.

Quando pensamos (e não podemos deixar de fazê-lo frequentemente), no último adeus e na santa bênção, que o Sr. com tanta caridade nos deu, no dia de nossa partida de Gênova para a América, o nosso coração não pode deixar de reconhecer nisto o grande amor de um Pai que tudo faz para aliviar as penas das pobres filhas em Jesus Cristo. Oh! Queira Deus ouvir as nossas preces e conservá-lo ainda por muitos anos!

Como o Sr. nos predisse na manhã antes de partirmos, a nossa viagem, graças a Deus e a Maria Santíssima Auxiliadora, nossa poderosa Mãe, foi boa, embora não isenta dos incômodos a que toda pessoa está sujeita nestas longas e fatigosas viagens de mar. Mas isto agora é passado. Chegamos às margens do rio da Prata e tivemos a consolação de rever as nossas queridas e boas Irmãs que nos precederam de um ano em Villa Colón, próximo de Montevideu; encontramos-as todas felizes e contentes, plenas de santo júbilo por nos reverem.

Quatro de nosso grupo ficaram na República Uruguaia, pois foram destinadas a uma nova casa, que daqui a alguns dias se abrirá em "Pueblo de Las Piedras". Nós prosseguimos a viagem até Buenos Aires e agora já estamos morando na pequena casa para nós preparada, perto do colégio e da Igreja de S. Carlos. Quanta diferença, porém, entre esta Igreja e o templo de Maria Auxiliadora de Turim! Oh! como se gozava aos pés de Maria Santíssima, desse caro santuário que consideramos sempre nosso! Mas também aqui Jesus Sacramentado se digna morar conosco e para nós em uma pequena capela que temos em casa e onde, cada manhã, se celebra a Santa Missa.

Graças a Deus, gozamos boa saúde e estamos também alegres, até lhe digo que estamos contentíssimas por termos sido destinadas a estas missões, ainda mais que temos a felicidade, como na Itália, de sermos dirigidas pelos nossos Reverendos Superiores Salesianos, os quais são verdadeiramente cuidadosos e solícitos para conosco.

As nossas Irmãs e companheiras de missões, na República vizinha, têm muito trabalho em meio das meninas. Quanto a nós, nossa maior ocupação, por enquanto, é cuidar da roupa do colégio; mas trabalha-se para abrir logo uma escola para crianças, neste bairro populoso, e isto é vivamente desejado pelas famílias argentinas, espanholas e italianas.

Resta-nos somente corresponder a esta grande Graça de sermos escolhidas por Deus, entre tantas que desejavam ser mandadas para estas longínquas terras, a fim de salvar tantas jovens das garras dos lobos ferozes. Por isso nos recomendamos fervidamente às suas eficazes orações. Oh! Como é confortante, para mim e minhas Irmãs, saber que o nosso Pai D. Bosco, mesmo de longe, sempre nos acompanha com suas orações e nos considera sempre como suas filhas!

Podemos verdadeiramente nutrir a esperança de revê-lo ainda? Nós o desejamos e esperamos, embora, à nossa esperança se una algum temor, por causa da debilidade de sua saúde. Entretanto, espero ter a felicidade de revê-lo ainda neste vale de lágrimas.

Despeço-me, em união com todas as minhas boas Irmãs e, implorando humildemente sua paterna bênção, me professo com todo o respeito.

Buenos Aires, 4 de março de 1879

Do Revmo. Pai em J.C.

Humílima e afma, filha

Ir. Maria Madalena Martini — FMA ⁽¹⁷⁾

AS IRMÃS DE TURIM À MADRE

Também da recente visita a Chieri, a Madre tira motivo para perguntar à Diretora, Ir. Catarina Daghero, e às Irmãs se não se deixaram vencer em fervor pelas de Chieri, na novena e festa da Imaculada, do Natal e nas solenidades de abertura do ano. De todas obteve a mesma respostas: fogo no oratório de Sta. Teresa; e fogo também no de Sant'Angela Merici. Se lá Pe. Bonetti acendeu nas almas o fogo do amor, aqui o Diretor, Pe. Cagliero, com seus ótimos coadjutores, afervorou um número não menor de corações. As oratorianas estão aumentando sempre e as "Filhas do Sagrado Coração" são um verdadeiro auxílio para as Irmãs; certamente serão também muito agradáveis a Deus. Assistem as companheiras no pátio e são chefes de

(17) A carta foi publicada no Boletim Salesiano de junho de 1879, ano III, n.º 6, pág. 8.

bancos na igreja. Frequentemente conseguem trazer ao oratório muitas meninas, afastando-as dos bailes públicos; trabalham com zelo para impedir as más leituras e as companhias perigosas. Talvez algumas entre elas possam chegar a ser ótimas Filhas de Maria Auxiliadora.

— Já disseram estas coisas a D. Bosco? — Pergunta a Madre.

— Oh! Se já lhe dissemos! E ele... percebemos pelos seus olhos que ele ficou muito contente. Uma vez as meninas o viram passar com o Pe. Bonetti e correram ao seu encontro, rodeando-o alegres como boas e queridas filhas. O bom Pai, parando um momento ao portão de entrada, conversou com elas:

— Minhas filhas, Nossa Senhora lhes quer muito bem! Fiquem certas de que muitas e muitas jovens se reunirão a vocês para serem suas companheiras de jogo e de outras coisas ainda!

D. Bosco nos quer bem e também a nossa Diretora, sabe, Madre? Imagine que, aproximando-se o dia de Sta. Catarina "das castanhas" (*) ficamos todas preocupadas com os preparativos de uma bela festa e fazíamos vigília até alta noite, a senhora compreende com que receio de sermos descobertas. Pe. Cagliero soube disto e foi dizer a D. Bosco que nós parecíamos loucas e que nos proibisse de fazer a festa... acrescentando: "Há muito trabalho em casa e tão pouca saúde!"

Sabe o que D. Bosco respondeu?

— "Oh! Pobres filhas... mas deixe-as fazer como querem!"

E no dia de Sta. Catarina D. Bosco também mandou o seu presentinho e os seus augúrios à nossa Diretora.

A estas boas notícias se juntaram outras, motivos de conforto para a Madre: a união das Irmãs entre si e com a Diretora, o empenho geral de progredir na perfeição religiosa e de aprender do venerado fundador e de seus filhos a arte de conduzir ao bem tantas almas: além disso a confirmação do êxito de D. Bosco na França, em Lucca e em Roma, a participação das humildes Filhas de Maria Auxiliadora às glórias dos Salesianos, que alcançaram recentemente a nomeação do Cardeal-protetor!

A MADRE EM LANZO, TURIM E NIZZA

O dever da caridade leva a Madre até Lanzo, fazendo-se acompanhar pela boa Irmã Maria Cagliero que não se acha bem de saúde.

(*) Nota da tradutora: Sta. Catarina "das Castanhas". A Santa é celebrada a 25 de novembro, mês das castanhas na Itália.

Como em todas as casas do mesmo gênero, também em Lanzo as poucas Irmãs e a Diretora estão inteiramente ocupadas pela manhã na cozinha e a Madre fica com elas, ajudando quanto pode; depois vai à sala de trabalho para consertar a roupa das Irmãs. E com que gosto vai remendando, pensando de aliviar aquelas pobres Irmãs tão ocupadas!

À tarde, fala às Irmãs, à medida que vão ficando livres; na hora da conferência recomenda a prática da caridade, a franqueza, a união dos corações, a compreensão recíproca.

Insiste sobre a observância da pobreza, vendo que já estão providas do necessário; e à cozinheira, Ir. Catarina Saettone, recomenda de não pôr queijo na sopa da comunidade, por espírito de mortificação e de pobreza religiosa.

Os três dias marcados para Lanzo passam depressa demais, para as Irmãs e para a Madre, felizes aquelas pela bondade e exemplo de santa atividade desta querida Superiora, que ainda se sentia pesarosa de não poder fazer mais para todas que dela esperavam conforto e auxílio.

Passando ainda rapidamente por Turim, apressa-se a chegar a Nizza, onde termina a carta começada no dia nove, para as Irmãs de Villa Colón.

NOTÍCIAS PARA AS IRMÃS DE VILLA COLÓN

Viva Jesus!

Caríssima Ir. Angelina (Vallese)

Imagino a consolação e a alegria que vocês tiveram ao ver as Irmãs que o Senhor lhes mandou: terá sido grande, certamente, e as terá levado a pensar naquela grande festa que faremos quando estivermos todas reunidas no Paraíso. É verdade que a distância que agora nos separa é grandíssima, mas consolemo-nos; esta vida é tão breve, logo chegará o dia em que nos encontraremos na eternidade se tivermos observado com exatidão as nossas Santas Regras. Embora o mar imenso nos separe, podemos ver-nos e estar perto a cada instante no coração Sacratíssimo de Jesus; podemos rezar sempre umas pelas outras, assim os nossos corações permanecerão unidos.

Teria tantas notícias para dar, mas para não ser muito longa lhes digo que a nossa pobre Irmã Lucrécia morreu no dia 11 de março, às oito horas da manhã. Eu estive em Mornese alguns dias antes e lhes asseguro que fiquei edificada pela sua paciência e resignação.

Escreveram-me de Mornese que sua morte foi digna de inveja. Mas é bom que se saiba que ela foi paciente e resignada sempre, por isso é que teve uma tão bela morte. Se quisermos que a nossa morte seja assim, preparemo-nos desde agora.

Algumas de vocês conheceram o sapateiro de Mornese (Carlos Merlo), pois bem, também ele morreu no dia 20 do corrente. Agora temos aqui em Nizza Ir. Maria Cappelletti, que se pode dizer, está agonizante; o mesmo se diga de Ir. Maria Gariglio, que está em La Navarre, França; quando vocês receberem esta, é quase certo que ambas já terão ido se encontrar com Ir. Lucrécia e as outras Irmãs que as esperam no Paraíso. Vocês rezarão por todas, não é verdade?

Vocês já devem saber, pelas Irmãs, que não estou mais em Mornese e sim em Nizza. É preciso sempre fazer sacrifícios enquanto estamos neste mundo; façamo-los de boa vontade e alegremente; Deus tomará nota de tudo e a seu tempo nos dará um belo prêmio.

Estive em Alássio e vi sua irmã que está otimamente bem de saúde e é também muito boa. Ela me encarregou de saudá-la e de lhe dizer um mundo de coisas por ela. Agora desejaria dizer uma palavra a cada Irmã, mas não sei se devo começar a escrever às recém-chegadas ou às primeiras... Que me dizem? Começarei pelas novas.

Esta carta foi começada em Nizza e agora devo terminá-la em Turim. Encontrei aqui as Irmãs todas bem e me encarregaram de lhes apresentar suas afetuosas saudações. Ir. Mariuccia Mazzarello não está muito bem. Em Chieri encontrei Ir. Carmela que está um pouco "muffita" (abatida); as outras estão todas fortes e alegres; também as de Lanzo e Biella. Todas me encarregaram de lhes dizer mil coisas da parte delas. Ir. Rosina saúda de modo particular a sua irmã.

Agora voltei a Nizza e aqui vou terminar a carta. À Ir. Virginia não escrevo nada, porque respondo à parte a sua carta.

Começo com a Ir. Filomena. Você está alegre? Fique sempre assim, não é? Unida estreitamente a Jesus, trabalhe para alegrá-Lo, somente a Ele, esforçando-se de se fazer cada dia mais santa, ficará sempre alegre. Viva Jesus! Não se esqueça de rezar por mim.

Irmã Vitória, escreveram-me que para você tudo está sempre bom; estou contentíssima; trabalhe bastante para ganhar o Paraíso; não desanime nunca e jamais diga: mas... Você é professa mas, lembre-se de que deve ser como noviça. Deve portanto, conservar unidos o fervor de noviça com a virtude sólida que devem ter as professoras. Reze por mim e esteja certa de que eu não a esqueço jamais em minhas pobres orações.

E você Ir. Josefina, lembra-se ainda das promessas feitas no dia da Imaculada? Não se esqueça nunca; comece a cada dia a ser verdadeiramente humilde, a rezar de todo o coração e a trabalhar com reta intenção. Fale pouco, pouquíssimo com as criaturas, ao contrário, fale muito com Deus. Ele a fará verdadeiramente sábia. Reze por mim.

E Ir. Ângela Cassulo, é sempre cozinheira? De tanto estar perto do fogo já deve estar acesa de amor de Deus, não é verdade? E a pobreza é sempre observada? Sua irmã é muito boa. É cozinheira em Torrione e reza sempre em sua cozinha. Neste verão espero que fará a profissão. Reze por ela e por mim.

Irmã De Negri, já sabe bem o francês? Estudando as línguas deste mundo, estude também a linguagem da alma com Deus. Ele lhe ensinará a ciência de se fazer Santa, que é a única verdadeira ciência. Os seus parentes estão bem; eles me deram um salame para lhe mandar, mas como você está tão longe, pensei de ficarmos com ele. Você lhes escreva logo agradecendo, sim? Seja uma boa Irmã de Maria Auxiliadora e reze por mim, por suas irmãs, por seus pais e por todos os seus parentes.

Irmã Terezinha Mazzarello. Você já está santa? Espero que esteja ao menos meio santa. Trabalhe sempre para agradar somente a Jesus, pense no Paraíso e dê bom exemplo em tudo. Já lhe disse que sua irmã está bem e a saúde.

Irmã Gedda, como está? Espero que continuará bem para trabalhar e tornar-se santa. Conserve alegres as Irmãs e reze por mim.

Irmã Joana, está estudando sempre, não é? Creio que há de estudar também o modo de se fazer santa. Lembre-se de que para conseguir ser santa e sábia é preciso falar pouco e refletir bastante. Falar pouco com as criaturas, pouquíssimo das criaturas e nada de nós mesmas. É preciso estarmos recolhidas em nosso coração se quisermos ouvir a voz de Jesus. Fique, pois, recolhida e humilde e será uma grande santa. Não me esqueça em suas orações.

Agora, ainda falta a minha querida Irmã Laura: o que lhe direi? Dir-lhe-ei que, sendo a primeira Filha de Maria Auxiliadora americana, é preciso que com suas orações obtenha, para tantas outras daí, a mesma graça que o Senhor lhe fez. Se não pudermos nos encontrar neste mundo, encontrar-nos-emos no Paraíso. Entretanto, vivamos unidas no coração de Jesus e rezemos sempre uma pela outra.

Quantas alunas vocês têm? Saúdem a todas por mim e digam-lhes que, embora não as conheça, quero-lhes muito bem e rezo para que cresçam boas, dóceis, obedientes, etc., etc., enfim, de tal maneira,

que sejam a consolação do Coração de Jesus, de seus parentes e de suas Mestras.

Ao voltar de Turim tive a notícia de que a pobre Ir. Gariglio havia morrido no dia 1.º de abril; também ela teve uma morte resignadíssima.

Cada Irmã gostaria que eu lhes dissesse uma palavrinha por ela, mas como isto ficaria muito longo, deixo que os Anjos da Guarda lhes levem os recados e por eles mesmos vocês mandem as respostas.

Estejam sempre alegres num amor recíproco no Senhor, rezem por todas as suas Irmãs. Sinto não ter-lhes escrito de próprio punho, mas desta vez não pude mesmo. Escrevi à Ir. Virginia, doutra vez escreverei às outras; mas cada uma de vocês me escreva alguma vez. Quando a Diretora me escrever, juntem à carta algum bilhete.

(Até aqui a caligrafia é de M. Emília Mosca.)

Coragem, minhas boas Irmãs! Jesus deve ser toda a força de vocês. Com Jesus os pesos se tornam leves, as fadigas suaves, os espinhos se convertem em doçura... Mas é preciso vencer a si mesmas, se não tudo se torna insuportável e a malignidade, como pústulas, se abrirá em seus corações.

Rezem por mim que no coração de Jesus me firmo sua

Nizza Monferrato, 9 de abril de 1879

Afma. em Jesus, a Madre

Irmã Maria ⁽¹⁸⁾

O EXTREMO SOFRIMENTO DE IRMÃ RICCI

O pressentimento da Madre torna-se realidade: em Mornese está para morrer Ir. Margarida Ricci e a Madre se apressa para ir vê-la antes da viagem que não tem retorno.

A 21 de abril desaparece a querida Irmã, jovem também esta, de apenas vinte e sete anos de idade e seis de vida religiosa; alma de oração, de silêncio e de humildade.

Quanto sofrimento e quanta preocupação das superiores por estas mortes tão freqüentes!

Consternadas, mas não atemorizadas, as Irmãs repetem serenamente: "Se o bom Deus a quis, estará bem assim!"

Mas, eis uma confortante carta de Ir. Josefina Vergniaud, colorindo de azul o céu das Irmãs da querida Mornese.

(18) Original no Arquivo Geral FMA.

IRMÃ VERGNIAUD DE BUENOS AIRES

Minha Caríssima Madre Superiora, não estou mais em Villa Colón, ou seja na Vila de Colombo, não estou aí mais; desci para Buenos Aires, isto é, nos bons ares do “Mar del Plata” que quer dizer mar de prata, em um “palácio” que, conforme me disseram, ninguém descreveu ainda.

Cabem a mim, as notícias menores, mais amenas, a mim que, para afastar toda tristeza inútil, me propus de ser a nota mais alegre da comunidade.

O nosso palácio aqui é chamado de “ranchinho”, mas nós o batizamos como “a cabana de Belém” onde a chuva só não entra quando não chove. O compartimento contíguo à cozinha serve de refeitório, sala de trabalho, de recreio, de lavanderia, etc., e em certas horas, também de sala de aula.

Posso contar uma grossa?

O Sr. Diretor, Pe. Costamagna, (oh! se soubesse como ele fala bem de Mornese agora que está longe de lá! Todas santas, tudo santo em Mornese!)... o Sr. Diretor quando vem para nos ensinar o espanhol — ele sabe que não temos tempo para isto! — então se põe logo a explicar mesmo que estejamos fazendo qualquer trabalho. Se nos encontra ao tanque, lavando roupa, pega uma cadeira, vira um pouco as costas, e sério, sério começa a desfiar verbos e palavras em castelhano e a corrigir nossas expressões, perguntas e respostas. E nós também, curvadas sobre o tanque ou ajoelhadas perto do banco que serve de batedor, sérias, sérias também a enfiar as mãos na água, a bater, a bater e retorcer roupas e trapos. Que paciência a do nosso professor! E que dureza em nossa cabeça! Certamente, para nós seria mais fácil o nosso idioma italiano que o espanhol; assim como, para lavar, gostaríamos mais do riozinho de Mornese e não deste pingó d'água, não muito límpida do tanque.

Oh! nem se fale da água! A que bebemos também é tirada de um poço, tão turva e contendo certos minúsculos seres vivos ou não vivos, que nos faz hesitar se bebemos ou não; mas quando não se tem outra melhor...

Algumas vezes, no trabalho junto ao tanque, somos tomadas pelas saudades do apostolado; e então: “Venha para cá, tremendo lençol, deixe-se lavar muito bem, porque só você, tão pesado e tão estragado, pode presentear-nos com um grande pecador de primeira qualidade!” “Venham aqui, meias sem número e vocês, camisas e jaquetas estraçalhadas; vocês, lenços sem cor e sem medida... Ve-

nham, venham, para se colocarem em bom estado, pois através de vocês, esta noite haveremos de levar outras tantas almas ao Senhor! . . .” Que tal, não é bela a nossa indústria? . . . Tão bela que a saudade se vai embora da alma.

Para o recreio, quando o tempo está bom, vamos ao ar livre, na pequena área de que dispomos; mas, para não nos torrarmos sob os raios do sol, quando eles caem sobre nossas cabeças, refugiamo-nos na estreita sombra, perto do muro, onde o espaço é tão reduzido que nos obriga a ficar em fila, uma atrás da outra, face a face, ou de costas, como melhor nos pareça, e desta maneira conversamos, rimos, fazemos meias e tricô, mas também nos tornamos meninas com o célebre canto criado expressamente para nós: “A bela lavadeirinha / que lava os lencinhos / para os pobrezinhos / dá um salto / mais outro dá / olha para cima / olha para baixo / faz careta / como está?” Isto nos dias de semana, pois aos domingos e dias santos, temos, por felicidade, umas vinte meninas com as quais fazemos exercícios de língua, de ouvido e de missão salesiana. Os Superiores daqui compreendem aqueles momentos de doença missionária . . . chamada melancolia (? . . .) e nos consolam repetindo o que o bom Pai D. Bosco já dizia em Mornese: Isto é, que bem depressa teremos tantas e tantas meninas que não saberemos onde colocá-las.

Mas a última notícia é a maior, já que se deve sempre terminar com o doce: veio visitar-nos o nosso Arcebispo, Dom Aneyros, e se mostrou tão contente que não acabava de dizer: “D. Bosco me fez verdadeiramente um grande presente, mandando-me as Irmãs. Nossa Senhora quis completar assim a obra dos salesianos, que é a sua obra! Eu as abençôo, queridas filhas, com ambas as mãos; estou tão alegre com a presença de vocês aqui e por saber que algumas jovens já vêm passar uma meia hora com vocês aos domingos, que de agora em diante cantarei também eu em latim, como vocês cantam: SANCTA DEI GENITRIX, SANCTA VIRGO VIRGINUM!”

Depois nos explicaram porque o Arcebispo nos dissera aquelas últimas palavras: nunca havia se adaptado à pronúncia do latim dos italianos; estava muito apegado à sua pronúncia espanholada.

(Seguem saudações e afetos . . .)

A MADRE ÀS IRMÃS DA NOVA CASA DA LAS PIEDRAS

As notícias americanas dão à Madre motivo de aproveitar a tranquilidade das colinas nativas, para fazer-se viva entre as Irmãs da nova casa, que supõe já esteja aberta no Uruguai.

Viva Jesus, Maria e José!

Minhas Caríssimas Irmãs,

Vocês estão sozinhas em La Piedras, não é verdade? Como vão indo? Estão alegres? Têm muitas alunas? Amam o Senhor, mas amam mesmo de coração? Trabalham só para Ele? Espero que todas me responderão com um belo sim. Então continuem a estar alegres, a amar o Senhor. Façam de modo a espezinhar o amor próprio, fazê-lo frigir todinho; procurem exercitar-se na humildade e na paciência. Sejam muito caridosas, amem-se umas às outras.

Tenham muita confiança em Nossa Senhora. Ela as ajudará em tudo. Observem a santa Regra, mesmo nas coisas pequeninas, que são o caminho que conduz ao céu. Conservem o mais que puderem o espírito de união com Deus, estando na sua presença continuamente.

Você, Ir. Joana, que está como vigária, esteja atenta, dando bom exemplo e fazendo tudo com muita prudência e somente com o fim de agradar a Deus, assim um dia estaremos contentes.

E Ir. Filomena, você está sempre alegre como aqui? Ama muito o Senhor? Fica zangada quando o fogo não acende? Tenha paciência e procure acender-se de amor divino. Esteja alegre e reze por mim.

E você Ir. Vitória, agora já sabe o espanhol? Ainda fica aborrecida por não aprendê-lo logo? Coragem! Pouco a pouco conseguirá tudo. Procure aprender a amar o Senhor e a vencer a si mesma, depois todas as outras coisas virão facilmente; seja sempre humilde, alegre e reze por mim.

Coragem, minhas boas Irmãs, estejam alegres e se façam santas e ricas de méritos depressa, pois a morte chega como um ladrão. Em pouco tempo morreram quatro Irmãs: Ir. Lucrécia, Ir. Maria Gariglio, Ir. Maria Cappelletti e Ir. Margarida Ricci. Estarão já no Paraíso, mas rezemos se por acaso não estiverem ainda.

Recordem-se sempre de mim e também de suas Irmãs, especialmente daquelas que no dia de Maria Auxiliadora farão a vestição; são umas dez ou doze.

Eu não me esqueço nunca de vocês; sejam boas. Ir. Joana, sua irmã está bem e a saúde, reze por ela.

Recebam as saudações de todas, especialmente de sua
Mornese, 30 de abril de 1879

afma.

A Madre Mazzarello ⁽¹⁹⁾

(19) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

O PRIMEIRO MÊS DE MAIO NA CASA DE NIZZA

O mês de maio começa com um pequeno aborrecimento para a casa da "Madonna" de Nizza: o Diretor, Pe. Chicco não está e por isso fará apenas duas pregações por semana. Entretanto se desejava tanto começar, a partir deste ano, a fazer o mês de Maria Auxiliadora de 23 de abril a 24 de maio, conforme a indicação do Boletim Salesiano. Mas, paciência! Teremos Pe. Cagliariero!

As Irmãs recordam saudosamente o mês mariano de Mornese, com as pregações diárias de Pe. Lemoyne, mas que fazer? Procuram aumentar, em si mesmas, com todos os meios, o amor a Nossa Senhora.

Madre Henriqueta, desde sua transferência para Nizza, pressentira que o quadro de Maria Auxiliadora projetado para ser colocado no grande altar central daquela ampla igreja do ex-convento, teria dado uma sensação de distância para suas boas alunas, habituadas em Mornese a porfiarem em bondade, a fim de serem escolhidas para adornar o altazinho de Nossa Senhora e conservar acesa a lâmpada nos dias a Ela consagrados.

Por isso, de acordo com a Madre, tinha-se proposto a arrumar um dinheirinho, servindo-se de suas mesmas assistidas, para adquirir uma pequena estátua da Imaculada, enquanto se preparava na Igreja o altazinho para colocá-la em destaque. A quantia crescia cada dia, mas quando o Diretor Geral, que se oferecera para comprar a estátua na França, esteve lá em meados de janeiro, verificou que tinha muito que juntar para chegar a cem liras!

— Não tenham medo, minhas filhas! Vocês façam o possível e se ainda faltar, Pe. Cagliariero dirá a Nossa Senhora: "Agora, pense a Senhora!"

Assim havia concluído o bom Diretor e Nossa Senhora lhe mandou 12 liras e 20 centésimos, para arredondar a importância; assim a pequena estátua da Imaculada chegou a Nizza, mas ficou escondida até o momento em que pudesse ser recebida com maior solenidade.

Chegando o mês de maio, a estátua resplandece agora entre luzes e flores e corações ardentes, de modo a continuar o fervor mornesiano que se temia ter ficado naquelas abençoadas colinas.

De tal modo o amor de Maria se reaviva nas alunas e nas Irmãs que já se conta obter a conversão de uma jovem hebréia da cidade.

A MADRE VOLTA DE MORNESE O CARDEAL PROTETOR DA CONGREGAÇÃO SALESIANA

Com as Irmãs, postulantes e internas que partem de Mornese em grupos de duas ou três cada vez, a 6 de maio, volta também a Madre. Ela tem o coração apertado por deixar lá as suas queridas Irmãs doentes, algumas postulantes e as pouquíssimas Irmãs, indispensáveis para cuidar das doentes e da casa.

O afeto de quem as acolhe em Nizza alivia o pesar da separação e também a leitura do Boletim Salesiano com a notícia de que as Irmãs estão incluídas no privilégio do Cardeal Protetor, é de conforto para toda a comunidade.

— Vamos reler, vamos reler Irmãs, esta bela notícia, disse a Madre. E a Irmã, em voz alta, relê em pleno refeitório o artigo: “O CARDEAL PROTETOR DA CONGREGAÇÃO SALESIANA.”⁽²⁰⁾ Seguem outras reportagens que, dia a dia, aumentam o ardor pelo bem; e se as páginas do Boletim Salesiano são lidas aos poucos, é só por espírito de mortificação também nas alegrias espirituais e para prolongar os argumentos queridos, como: “A nova tentativa de uma entrada nos Pampas da Patagônia. — D. Bosco, alvo de homenagens principescas na cidade de Lucca.”⁽²¹⁾

NOVENA A MARIA AUXILIADORA ANNETTA BEDARIDA

A festa de Maria Auxiliadora é fixada para o dia 1.º de junho, solenidade de Pentecostes e festa de N. Senhora das Graças; a novena preparatória marca um crescente fervor nos corações.

No dia 21 apresenta-se à Madre a senhorita Annetta Bedarida, conhecida e amiga da Terzano e da Ravazza. A sua família é uma das mais notáveis entre as israelitas da cidade, conhecidas por sua operosidade, mas também pela intransigência para com a religião católica: natural, portanto, que não fosse bem vista a simpatia de Annetta pelo catolicismo e as suas frequentes visitas ao Colégio. Desta vez a jovem está resolvida a não voltar para casa, porque quer fazer-se cristã e os seus não lhe dão licença.

— É mexer em casa de maribondo, diz a Madre. E, para evitar o pior, condescendendo com o pensamento da jovem, ela a acom-

(20) Boletim Salesiano, maio de 1879, ano III, n.º 5, pág. 3. O artigo está transcrito no anexo n.º 2, italiano.

(21) Anexo (Allegato) n.º 3, cf. MB XIV, 61.

panha com uma outra Irmã até Turim, onde poderá conseguir, mais livremente e com segurança o seu intento.

No dia seguinte eis que chega ao Colégio o irmão e um primo da jovem; querendo a todo custo a sua Annetta; põem em rebuliço o parlatório, vociferam, ameaçam.

Na manhã seguinte vêm os Agentes de segurança pública para uma visita domiciliar, persuadidos de que a jovem estivesse escondida em algum ângulo da casa; mas não a encontram e conseguem apenas assustar as Irmãs temerosas pela Madre, que tendo confiado a corajosa jovem às Irmãs de Turim, volta imediatamente a Nizza para tranqüilizar a comunidade.

Por que temer? A jovem tem 22 anos, é livre de fazer o que quer e os bons têm obrigação de ajudá-la.

Mas na cidade há um grande falatório: uns a favor, outros contra as Irmãs; a maioria contra, naturalmente pelo velho costume de atribuir aos religiosos as mais odiosas ações.

No dia 23, início da novena de Nossa Senhora, todas se reúnem numa oração impetratória e no dia 24, Madre Henriqueta Sorbone e a postulante Felicina Ravazza são chamadas pelo Juiz da cidade, para informar sobre Annetta Bedarida; a primeira, porque sendo professora de trabalho teve oportunidade de estar com a jovem fugitiva; a outra, porque havia escrito, dando-lhe o mau conselho de abrir os olhos e o coração à verdadeira lei do Messias.

Ouvindo que a moça está em Turim, o pai se dirige para lá, a fim de convencê-la; mas o Diretor Geral informa que a jovem não cedeu.

Oh! que primeiro dia da novena se passou em Nizza! Mas não importa; a tempestade não é senão um motivo a mais para intensificar a oração e superar todo o temor com os cantos de confiança na grande Mãe de Deus e do Instituto.

A MADRE CONFORTA IRMÃ PACOTTO

Entre as angústias do momento, não fica esquecida Ir. Josefina Pacotto, que em Mornese sofre por mil motivos.

A querida Superiora Geral procura dar-lhe conforto, escrevendo-lhe:

Viva Jesus, Maria e José!

Minha sempre querida Ir. Josefina,

Primeiramente lhe digo que tenho recebido sempre os seus bilhetes... Mas, perdoe-me se demorei tanto a responder-lhe duas linhas.

Minha querida, não tenho um momento de tempo; tenha tanto que fazer e tenha paciência, mesmo agora, se lhe escrevo pouco, uma outra vez serei mais extensa.

Diga-me, pois, se as suas postulantes são boas, se têm sempre uma grande vontade de se tornarem santas e se desejam que a sua vida se consuma toda por Jesus. Recomendando-lhes sempre que pensem para que fim se fizeram, ou melhor, vieram para a vida religiosa; diga-lhes que não pensem somente em vestir um hábito preto, mas é preciso revestir-se do hábito de todas as virtudes necessárias a uma religiosa, que deseja chamar-se esposa de Deus. Trabalhem para obter um espírito de mortificação, de sacrifício, de obediência, de humildade, de desapego de tudo que não é Deus. Basta! Dê coragem a todas de minha parte e diga-lhes que rezem sempre por mim e por todas.

E Você, Ir. Josefina, agradeça que estou longe, se não lhe puxaria as orelhas! Você não sabe que a tristeza é causa de muitos males?

Para estar alegre é preciso ir avante com a simplicidade, não procurar satisfações, nem nas criaturas nem nas coisas deste mundo. Pense só em cumprir bem o seu dever por amor de Jesus e não pense noutra coisa. Se for humilde e tiver confiança n'Ele, Ele fará o resto. Portanto, não esteja a choramingar pelos cantos, pense que o tempo de criança já passou, é preciso criar juízo e dar bom exemplo.

Quanto à Madre Vigária, fique certa de que ela sabe compadecer-se de você; tenha toda confiança e lhe diga tudo; e se alguma vez lhe parecer que ela não lhe dá crédito, não importa, tome esta humilhação com simplicidade, far-lhe-á bem à alma. Esteja, pois, alegre, coragem, ajude a Madre Vigária e ambas procurem infundir nas postulantes um bom espírito e façam-nas todas santas.

Saudações às Irmãs, postulantes e meninas, e todas rezem muito por mim e estejam alegres. Um "Viva Jesus" a todas, mil bênçãos de Jesus e creia-me a sua
(maio) 1879

Afma. Madre Mazzarello ⁽²²⁾

A INUNDAÇÃO DO BELBO

Enquanto os jornais de todos os tipos anunciam o rapto de Annetta Bedarida por parte das Irmãs de D. Bosco e por motivo de religião e se ameaça, em altas vozes, de incendiar o convento, se a fugitiva não voltar para casa e não abandonar toda a idéia de se fazer cristã, o rio Belbo, pelas chuvas abundantes, vai enchendo, trans-

(22) Original autêntico no Arquivo Geral F.M.A.

borda de seu estreito leito e alaga as estradas vizinhas, subindo a dois metros de altura. Os moradores ribeirinhos devem abandonar suas casas às pressas e muitas famílias — homens, mulheres e crianças de colo, meninas e meninos, batem à porta do colégio, implorando socorro.

A Madre logo dispõe que sejam acolhidos com a máxima caridade, e com maior cuidado faz preparar uma modesta refeição para todos, com aquele pouco que se tem em casa. Não bastando a sopa, recorre à polenta e mesmo aos pedacinhos de pão que a mortificação de uma ou outra Irmã colocou na gavetinha da mesa.

Seu olhar mais solícito é para as mulheres e as crianças, cuidando para que sejam as primeiras a terem alguma peça de vestuário mais urgente um colchão para a noite.

Felizmente o clima ameno da estação permite aos homens repousarem fora dos quartos e corredores, envolvidos em uma coberta, em cima de uma leve camada de palha; mas as mulheres e as crianças pequenas são todas recolhidas na sala do parlatório, onde a Madre as acolhe e consola e pede às Irmãs de verificarem que ninguém sofra pelo frio ou por medo.

As primeiras a serem socorridas são talvez aquelas mulheres que, umas noites atrás, estavam gritando com toda a fúria embaixo de nossas janelas: “Pobres meninas, vocês vieram para morrer aí dentro? Voltem para suas casas... que morram estas Irmãs!...”

Mas, que importa? Ao contrário, justamente a estas é preciso oferecer as melhores vantagens da caridade cristã, para lhes aliviar o sofrimento e fazê-las aceitar a prova como mensagem divina.

Quando baixam as águas da enchente dos dias 26 e 27, os vários homens acolhidos e socorridos e as quarenta e mais mulheres que no colégio passaram também a noite, ficam conhecendo melhor as Irmãs e a Madre, da qual tecem os melhores louvores, enquanto ela repete com gratidão: “Verdadeiramente, tudo concorre para benefício daqueles que temem o Senhor.”

SEGUNDA NUVEM DO TEMPORAL

Nas primeiras horas do dia 31, o Pe. Cagliero chega a Nizza. N. Senhora o traz em tempo, pois já se faz sentir nova nuvem do temporal.

Soube-se na cidade que em breve, no colégio ocorrerá a vestição religiosa de Felicina Ravazza, de Maria Terzano e de algumas outras companheiras; então se começou a espalhar malignamente o boato de

que, especialmente a primeira era vítima de insinuações, por parte das freiras. Isto bastou para reatizar o fogo sectário.

O Vice-prefeito de Acqui, o procurador do Rei e duas outras autoridades civis do município julgam seu dever intervir pessoalmente e se apresentam no Colégio, para um interrogatório em plena regra às jovens candidatas à vestição. Antes de interrogar Maria Terzano, seu pai é submetido a um minucioso interrogatório e declara, sem nenhuma consideração, que é um absurdo tal modo de proceder, pois ele não conseguiu fazer a filha desistir de se tornar Irmã e Irmã de D. Bosco, pelo único motivo de querer ser Irmã entre aquelas Irmãs a todo o custo!

Levada diante daquele respeitável grupo de senhores, a filha não treme, nem se comove. Já havia dito à Madre: "Fique tranqüila a meu respeito; eu não tenho nenhum medo de dizer a verdade."

E a diz inteira, em poucas palavras, e em tom que não admite réplicas. Depois dela, passam as outras cinco candidatas à vestição do dia seguinte e cada uma delas, com igual franqueza e liberdade, diz claramente o próprio pensamento.

Após o interrogatório, ainda uma visita cuidadosa por toda a casa, sendo guia o mesmo Pe. Cagliero, que não deixa de dizer, naquele modo todo seu:

— Os senhores viram? Não há nenhuma opressão, nem subterfúgios aqui dentro. E agora, poderão sair daqui mais tranqüilos do que quando entraram.

— Sim! Sim! Mas amanhã a função será feita a portas fechadas, e para evitar qualquer inconveniente para as Irmãs, mandaremos alguns guardas-civis para oportuna vigilância.

— Como quizerem, lembrando-se, porém, de que na própria casa cada um faz o que quer e como lhe apraz!

A comissão parte menos afoita que de início, mais atenciosa para com o Instituto, contente pelo convite de estar presente às funções do dia seguinte.

PRIMEIRA VESTIÇÃO RELIGIOSA NO COLÉGIO DE NIZZA

Tendo saído aqueles senhores, o Diretor Geral dispõe que se enviem convites às famílias das candidatas à vestição, aos benfeitores da casa e às principais autoridades da cidade.

É este o primeiro encerramento do mês mariano que as F.M.A. celebram em Nizza, na igreja da "Madonna delle Grazie" (Nossa

Senhora das Graças) depois da expulsão dos pobres frades; é a primeira vestição religiosa que se faz aí e ainda, para duas primeiras vocações da cidade, pelas quais D. Bosco atendeu ao pedido do benemérito Pe. Bisio e do Sr. Terzano, para que as funções fossem em Nizza e não em Mornese.

É pois uma cerimônia que revela a santa liberdade dos filhos de Deus, mesmo se a tempestade tenha se desencadeado para atemorizar os pusilânimes somente; portanto... portas fechadas para quem não vem ou vem para perturbar; portas escancaradas não, mas abertas a todos os bem intencionados. E depois... olho atento, ou melhor, critério, atitude educada e conveniente para cada caso; e confiança em Nossa Senhora!

Pela manhã do dia 2 de junho, segunda festa de Pentecostes, bem antes da hora marcada, a igreja está cheia de fiéis. Todos devotos durante a Missa cantada pelas Irmãs, alunas e postulantes. Em seguida apresentam-se ao altar as postulantes: Ana Brunetti, Ernesta Farina, Maria Stardero, Matilde Villata, com as já conhecidas Felicina Ravazza e Maria Terzano. A elas são dirigidas as palavras rituais que precedem a tomada do santo hábito. O Pe. Cagliero preside a toda a função como delegado de D. Bosco, fazendo o discurso de ocasião e referindo-se com franqueza ao ocorrido recentemente, explica o fim do Instituto, o valor moral e civil da religiosa, a liberdade de que cada um deve gozar em sua própria casa e enfim, dando ele mesmo a resposta: "O que fazem aqui dentro as Filhas de Maria Auxiliadora? — Fazem o que querem... fazem 'manobras'." (23)

Um sermão tão original agrada às pessoas de bom senso e desperta fervor. Assim que, na véspera cantadas da tarde, a afluência dos fiéis é maior do que de manhã, quase não havendo lugar para todos.

Os dias que se seguem são de tanta tranquilidade para as Irmãs, que permitem à comunidade gozar as notícias da América, trazidas pelo Diretor Geral e pela carta afetuosíssima de Ir. Virgínia Magone em resposta à da Madre. (24)

(23) Esta expressão de linguagem militar usada de modo voluntariamente impróprio, quer indicar um adiestramento empenhativo para uma missão a favor do próximo.

(24) Não se conserva o texto desta carta que M. Mazzarello remeteu à Ir. Virgínia, anexando-a à de 9 de abril endereçada à Ir. Ângela Valesse para a comunidade.

UMA SEGUNDA CARTA DE IRMÃ MAGONE

Exibindo seus conhecimentos de língua espanhola, nas primeiras palavras, assim se exprime Ir. Virgínia:

Viva Jesus y María!

Mi muy querida Madre Superiora,

Recebi sua caríssima carta. Oh! que grande prazer experimentei quando a Diretora me disse: "A querida Madre Superiora lhe escreveu." Eu estremeci de alegria e depois as lágrimas me saltaram dos olhos, de tanta comoção. Que bondade de mãe! Não esquece suas filhas mesmo as piores. Sim, consola-me pensar que além de u'a mãe no céu, tenho ainda u'a mãe na terra, que pensa em mim, reza por mim e se preocupa comigo a ponto de me escrever tão belas coisas e tão lindas recordações!

Sinto-me na obrigação de agradecer-lhe por todo o bem que me fez, desde pequenina, quando me tomou aos seus cuidados e me ensinou tantas coisas bonitas. Se não fosse a sua grande bondade, quem sabe onde eu estaria agora... talvez perdida para toda a eternidade! Ao contrário, a sua tão grande caridade me livrou dos perigos e me ensinou a via do céu.

Agora é meu dever caminhar por ela. Infelizmente, devo confessar que até agora fiz pouco caminho, porém não desanimo. O Senhor é muito bom e espero que me tornará boa também, pois eu desejo muito. Não é verdade, Madre? Renovo agora meu bom propósito e com a ajuda do Senhor espero fazer um pouco de bem.

Entretanto, lhe peço, minha Revma. Madre, que me perdoe de todos os desgostos que lhe dei, que foram certamente muitos e grandes. Sim, eu os reconheço agora, agora que não posso mais remediar... Espero que a sua grande bondade já terá estendido um véu sobre as coisas passadas e não as recordará mais. Acredite, Madre, eu me lembro ainda do primeiro aborrecimento que lhe dei, quando estávamos ainda na paróquia de Mornese! E depois, todos os outros que lhe fui dando em seguida, de vez em quando me vêm à memória. Perdoe-me, pois, que também eu possa esquecer e ficar tranqüila.

Minha reverenda Madre, terei ainda a felicidade de tornar a vê-la? Escute esta: uma noite sonhei que a senhora tinha vindo à América. Imagine a satisfação que experimentei! Eu estava tão contente, que nem tinha palavras capazes de exprimir a alegria de meu pobre coração. Mas, no mais belo do sonho, eis que o sino me acordou e fiquei decepcionada, encolhida como um cão quando apanha. Com tudo isto não vá pensar que eu esteja descontente por ter vindo para

a América; não, ao contrário. Estou contentíssima, até mesmo desejaria esta sorte para a Revda. Madre Superiora e também para todas as Filhas de Maria Auxiliadora e este é meu augúrio especial para aquelas que se preparam para vir.

Ó Madre Assistente, coragem, faça companhia à Madre Superiora e venham logo as duas. Não tenham medo do mar. É verdade que algumas vezes é preciso “pagar-lhe o tributo” mas não importa; terminado isso, fica-se muito bem. É tão agradável apreciar as ondas, como montanhas de água, caindo de um lado e aparecendo do outro. Isto diverte e ao mesmo tempo faz ver a grandeza de Deus. Não se vê senão céu e água. A gente tem a impressão, a cada momento, de que o navio vai se despedaçar e nos jogar no meio das ondas. Mas não, pois Deus é o senhor dos mares e ordena-lhe e ele nos deixa chegar felizmente ao porto. Assim fez conosco e assim fará certamente com vocês. Venham e farão a prova.

Madre Ecônoma como está? Ah! se viesse à América, não teria mais que quebrar a cabeça para comprar a carne. Aqui há tanta e custa tão pouco, que se dá até aos cães. Oh! Madre Ecônoma, já que lhe dei tanto trabalho, eu lhe peço, não se esqueça de mim em suas fervorosas orações.

Irmãs todas que me conhecem, vocês se recordam ainda de Ir. Virgínia? Sim, querida Irmãs, lembrem-se de mim em suas orações e me recordarei também de vocês diante do Senhor. Peçam a Jesus para que me dê a virtude necessária para atrair almas ao seu amor e eu lhe pedirei que conceda a todas vocês a graça de virem para a América. Está bem? Sim, eu me sinto contente e penso que vocês ficariam também com esta bela graça, e maior não poderia Deus fazer para uma filha de Maria Auxiliadora.

Caríssima Madre Superiora, agora volto outra vez à senhora e lhe peço perdoar-me a liberdade que tomei, de dizer algo às Irmãs, sem pedir a sua licença. Entretanto, com isto não entendo deixá-la de lado, não, isto não farei jamais.

Agora se me permite, lhe contarei algumas maravilhas da América. Primeiramente lhe direi que aqui há um vento tão forte, que a nossa casa até parece com o navio em alto mar, um pouco vai para a direita, um pouco para a esquerda, de modo que a cada momento se tem a impressão de que vai cair. Mas até agora, um braço a sustenta, e parece-nos mesmo um milagre! Se não fosse porque temos o Santíssimo Sacramento em casa, a esta hora, quem sabe já estaria desmoronada. Consola-nos, porém, o pensamento de que, se a casa

cair, nós ficaremos embaixo dela com Jesus e com Jesus estaremos muito bem e iremos para o céu.

Há poucos dias fomos dar um passeio pelo campo. Vimos muitas casas feitas com paredes de barro, que aqui chamam de "ranchos". Lá dentro mora uma pobre gente que, infelizmente, vive como os animais. Queria lhe contar ainda alguma coisa, mas até me repugna, e digo somente que sentimos uma grande compaixão destas pobres criaturas.

Nós, as três mornesinas unidas, enviamos, com licença da Madre Diretora, uma carta ao nosso bom Pároco, dando-lhe notícias de nossa viagem e como estamos aqui na América. Ir. Denegri e Ir. Teresa escreveram também aos parentes. Eu escrevi uma vez à minha querida mãe, mas não recebi nenhuma resposta até agora.

Minha Reverenda e querida Madre Superiora, agora termino. Antes, lhe agradeço vivamente por tudo que fez por mim, também por sua prezada carta. Com o auxílio do Senhor farei o possível para pôr em prática todos os seus conselhos. Nunca se esqueça de mim, em suas fervorosas orações e me recomende também às da Madre Ecônoma, Madre Assistente, Madre Henriqueta e de todas as Irmãs. Aceite mil saudações de todas estas boas Irmãs, que me encarregaram de lhe dizer muitas belas coisas mas a falta de tempo e de papel não me permite escrever mais.

Quando tiver ocasião de escrever a Borgo S. Martinho, tenha a bondade de unir às suas também as notícias desta carta, para a sua irmã, Madre Felicina.

No coração adorável de Jesus, sou a
maio 1879

Sua humilde e grata filha
Ir. Virgínia Magone

COMENTÁRIO DA MADRE

As duas palavras de comentário da Madre sublinham a cândida afetuosidade da filha:

"Vocês ouviram, queridas Irmãs? Quanta humildade! E quais os grandes desgostos que vocês pensam ter me dado aquela pobre filha? Bobagens, diremos nós; coisinhas de nada e que, apenas acontecidas, foram reparadas com muitas lágrimas e tantas promessas de-
veras eficazes. Mas, compreende-se, que tanto mais se adianta na virtude, mais intensa é a luz que ilumina a própria alma; e onde há mais luz mais se enxergam as fraquezas, as pequenas misérias da

nossa pobre natureza. Por isto é que os santos se julgavam grandes pecadores.

Por caridade, Irmãs, estejamos atentas aos pequenos defeitos; na hora da morte, vistos à luz de Deus, oh! como nos perturbarão! Fiquemos atentas, muito atentas às pequenas virtudes; elas nos tornarão muito santas, logo santas, de verdade!"

A MADRE EM MORNESE E EM TURIM

No dia 5 se faz o encerramento do mês mariano em Mornese. O Diretor Geral, a Madre e Irmã Roncallo vão até lá, levando um raio de sol para todos os corações.

Mas o Pe. Cagliero é o primeiro a voltar, porque se faz necessário um rápido entendimento em Turim, por causa da jovem Bedarida, que continua sempre motivo de preocupação.

Todos sabem que ela se porta muito bem na luta que os seus lhe moveram, continuando a pedir o batismo, mesmo conhecendo a persistência da família em negar-lhe a licença; mas não parece ter chegado o momento de satisfazê-la.

Apenas chegado à sede, o Pe. Cagliero comunica à Madre a necessidade de sua presença em Turim, onde suas filhas a desejam demais: alguns membros da Segurança Pública repetiram os ataques à futura neófita e não faltam novas visitas dos parentes, especialmente do pai.

Inicialmente, Annetta tinha usado termos claros e precisos, mas depois desceu à lamúrias e choramingas que faziam desconfiar. Talvez... uma abertura de coração com a Madre, pela qual a jovem manifestava tanto amor e confiança, pudesse satisfazer a todos...

A Madre volta, pois, de Mornese no dia 18 com algumas postulantes, depois faz a viagem de Nizza a Turim, com a oração nos lábios e no coração.

Chegando, escuta, reanima, mas antes de dar um passo definitivo, julga conveniente esperar o consentimento do pai de Annetta, que era o mais disposto a satisfazer a filha.

Também o Pe. Cagliero julga mesmo necessário prolongar a prova de preparação e instrução religiosa da catecúmena. D. Bosco o aprova.

Em Turim se combinam também os próximos exercícios espirituais e tendo obtido outras desejadas respostas do Fundador, a respeito da abertura da casa de Cascinette, a Madre volta a Nizza mais tranqüila, não obstante o acréscimo de preocupações, de trabalhos e

de despesas, confiando sempre mais na Divina Providência e encontrando plena correspondência no espírito de sacrifício de suas filhas.

Encoraja mestras e alunas a se prepararem para os próximos exames, enquanto ela vai e vem de Nizza a Mornese e vice-versa, acompanhando cada vez alguma jovem que deixa a amada casa, enquanto se prepara a separação definitiva.

Todo este movimento de pessoas e coisas, quanto mais sofrido, tanto mais vibra como promessa de desabrochamento e de vida para a incipiente Congregação, correspondendo à idealização surpreendente do Fundador.

AS PROFESSORAS EM GÊNOVA

Entretanto, uma recente legislação escolar, que impõe às professoras com diploma para o curso elementar, um exame de habilitação para o ensino de ginástica, nas escolas públicas e particulares do Reino, vem exigir uma nova mobilização das Irmãs. Sampierdarena se presta ao escopo. A bondade paterna do Diretor, Pe. Paulo Álbera, oferece uma oportuna hospitalidade, para as candidatas aos exames de habilitação, junto às boas senhoras que trabalham na rouparia dos salesianos. Por isso pelos fins de junho todas as candidatas às provas partem para Gênova: Ir. Madalena Morano, Ir. Adele David, Ir. Rosa Daghero, Ir. Carolina Sorbone.

NOVO ENTUSIASMO MISSIONÁRIO

Em Nizza os dias prosseguem com relativa calma, permitindo meditar na exortação do missionário apostólico Monsenhor Antônio Belásio, pronunciada na Igreja de Maria Auxiliadora e publicada no Boletim Salesiano. ⁽²⁵⁾

Na Igreja de Maria Auxiliadora, cheia de devotos, aludindo ao convite divino: “Ide por toda a terra e pregai o Evangelho a todas as criaturas”, explanava o trabalho apostólico executado pela Igreja, no curso dos séculos, e aludia especialmente ao apostolado dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, entre centenas de rapazes e moças. E concluía “Salesianos, olhai o vasto campo que está diante de vós; lourejam as messes, curvam para a terra as espigas maduras e pujantes... Avante! Espalhai-vos pelo mundo afora a ceifar. Embora sejais os últimos a chegar, abundante será a vossa colheita; de novas conquistas se enriquecerá a Igreja por meio de vós e novas

(25) Boletim Salesiano — junho de 1879 — Ano III, n.º 6, págs. 2-5.

festas preparará o céu! Ide e pregai o Evangelho a toda criatura! “São expressões que acendem, nos ânimos, um novo desejo de abraçar o mundo inteiro e chegar ao máximo grau de potencialidade apostólica.

Todo o ex-convento da “Madonna” se animou em um crescente zelo e generosa abnegação.

FESTA ONOMÁSTICA DA MADRE VOZES DIVERSAS

Neste clima se celebra a 16 de julho a festa onomástica da Madre, espontânea manifestação de afeto filial por parte de toda a comunidade, que ama sincera e ardentemente a sua superiora e mãe. Bem o demonstram as palavras referentes a Madre Mazzarello.

A postulante Carmelinda Dianda, que chegara apenas há um mês a Nizza, um belo dia conta: “Eu ouvi duas senhoras de Lucca, muito relacionadas com D. Bosco, falarem sobre a Madre; ele mesmo lhes dissera que a superiora das Filhas de Maria Auxiliadora era uma Santa. Eu cheguei a Nizza com esta convicção e até hoje não fui desiludida, ao contrário! Na primeira semana que aqui passei, quando a Madre me encontrava ainda tristonha pela separação apressava-se a dizer-me: “Fique tranqüila; pense que você é a primeira postulante da Toscânia; será portanto o grão de mostarda que abrirá o caminho a tantas outras, e teremos muitas casas em sua terra, e entre as muitas Irmãs que para lá irão mandaremos também você.”

No dia que recebi a primeira carta de casa comecei a chorar. A Madre me olhou séria e me disse umas palavrinhas... um pouco enérgica e... se foi! Mas depois mandou me chamar e, toda humilde e afetuosamente materna, me pediu perdão pelo modo com que me havia tratado; depois me consolou tanto que me fez, não só esquecer a repreensão, mas até sentir-me feliz por ter uma Madre tão santa. Porque, para mim, estas são cousas de santos!”

Depois que em comunidade se havia lido e comentado o discurso de Monsenhor Belásio, até a vivacíssima Irmã Maria Terzano sentiu o ardente desejo de ir para as missões. Porém... aquele seu caráter tão pronto... e sua linguinha tão solta... não teriam sido um obstáculo para alcançar a sua meta? A boa religiosa, entretanto, se arma de coragem para expor o seu pedido à Madre, e esta lhe responde: “Está bem, eu a mandarei à América se por um mês souber moderar suas palavras!” Mas com toda a boa vontade Ir. Terzano não conseguiu vencer a prova e sofria até fisicamente. A Madre então não demorou a procurá-la dizendo: “Basta por ora. Se for preciso você será man-

dada assim mesmo à América.” Como não amar e estimar cada vez mais uma tal Superiora?

Também Felicina Ravazza, da turma das últimas vestições, tem suas belas passagens a contar: A Madre compreende que me custa ficar parada e sem falar muito tempo. Um dia destes me surpreendeu a conversar em tempo de silêncio. “Está bem, me disse, já que você é tão tagarela, por penitência, durante oito dias dará duas voltas, correndo pela vinha. Logo compreendi que aquilo não era castigo, mas um ato de benevolência para comigo e sinto que a amo cada vez mais. Assim quando me chama para pedir algum servicinho sem importância ou então me pergunta: “Felicina você está contente de ter vindo aqui conosco?” E depois repete-me sempre com um tom mais carinhoso: “Veja como se está bem na casa do Senhor. Seja esperta e afaste o tentador todas as vezes que lhe puser na mente suas história!”

Um dia a Madre passou pela sala de trabalho, deu um olhar ao que estávamos fazendo, depois saiu. Passados alguns minutos mandou me chamar e com maternal bondade me perguntou: “Felicina, parece que você não está de bom humor, sente-se mal? — Não, Madre. Então está com fome? . . . Espere-me aqui. Foi e voltou logo, pobre Madre! Tirou com cuidado, de baixo de sua manga dobrada, mais larga, um pedaço de pão com queijo, dizendo-me ‘Tome, *tugnaca*,⁽²⁶⁾ coma isto e esteja alegre!’ Depois, por vários dias seguidos, me mandou merendar. Ah! Eu não sei onde possa se encontrar uma Madre mais santa do que a nossa! E não digo isto só pela atenção que tem para comigo, não! Não! Pois bem sei que faz o mesmo com as outras, especialmente com as novas postulantes; para estas manda a melhor parte do almoço, o pão mais fresco e, quando é possível, também mais abundante, com uma delicadeza e cuidados verdadeiramente maternos.”

NOTÍCIAS INTERESSANTES

O Boletim Salesiano de julho traz a notícia sobre a raiva dos protestantes contra a obra salesiana masculina e feminina de Bordighera-Vallecrósia, bem como sobre a participação das Filhas de Maria Auxiliadora às festas onomásticas do Pai e Fundador, e narra os feitos de Pe. Tiago Costamagna e companheiros de missão na Argentina-Patagônica. Tudo isto é, para a Madre e suas filhas, mo-

(26) TUGNACA — palavra em dialeto mornesino com significado afetuoso = tontinha, tolinha.

tivo de humilde reconhecimento para com Deus, a Auxiliadora e D. Bosco e de um zelo mais intenso no apostolado.

A MADRE À IRMÃ VALESE SOBRE A CASA DE LAS PIEDRAS

Chegam notícias também do Uruguai; a Diretora Ir. Ângela Valse, enquanto comunica a fundação de Las Piedras ocorrida a 13 de abril, manifesta alguma apreensão por aquela casa, onde o pessoal não é, segundo o seu parecer, como seria necessário. Ir. Valse escreve assim, mas de outras fontes chegam notícias satisfatórias e a Madre responde:

Viva Jesus e Maria e S. José!

Minha querida Ir. Angelina,

não tenha medo que suas cartas me aborream; ao contrário, fico muito contente que você me dê notícias de tudo o que diz respeito a você e às Irmãs. Pode escrever-me, pois, com frequência e cartas bem longas... pois estas me dão muito prazer!

É pena que a nova casa de Las Piedras não vá muito bem. Ir. Joana é muito jovem e insuficientemente madura para o cargo de Superiora. Mas você não deve se espantar; convença-se de que defeitos haverá sempre. É preciso corrigir e remediar tudo que se pode, mas com calma, e deixar o resto nas mãos de Deus. Também não se pode fazer muito caso de certas coisinhas; às vezes, preocupando-se de bagatelas, deixam-se passar as coisas grandes. Dizendo isto, não quero que você pense que deve desprezar as pequenas faltas, não é isto que quero dizer. Corrija, advirta sempre, mas em seu coração compadeça e use caridade para com todas. Veja, é preciso estudar o natural de cada uma e saber tratá-la a seu modo, para sair-se bem; é preciso inspirar confiança.

Com Ir. Vitória use muita paciência, para levá-la pouco a pouco a adquirir o espírito da Congregação. Ela não pode tê-lo ainda, pois esteve muito pouco tempo em Mornese. Parece-me que, se você souber levá-la, ela se sairá bem. Assim também a respeito das outras; cada uma tem os seus defeitos; é preciso corrigi-las com caridade, mas não pretender que não os tenham ou que se corrijam de uma só vez, isto não! Com a oração, a paciência, a vigilância e a perseverança, pouco a pouco se conseguirá tudo. Confie em Jesus e ponha todas as suas preocupações no seu coração. Deixe que Ele faça, Ele acomodará tudo.

Esteja sempre alegre, de bom humor! Quando não souber o que fazer, recorra à Ir. Madalena (Martini) e faça tudo o que ela disser depois fique tranqüila. Vocês têm também um bom Diretor, por isso não devem ter nenhuma preocupação. É só obedecer-lhe, não acha, Ir. Angelina?

Você me disse que tem muito trabalho e isto me alegra, pois o trabalho é o pai das virtudes. Trabalhando, os “grilos” escapam e a gente fica sempre alegre. Mas enquanto lle aconselho o trabalho, recomendo também de ter cuidado da saúde e assim, a todas, peço que trabalhem sem nenhuma ambição, mas só para agradar a Jesus. Gostaria que instilasse no coração dessas queridas Irmãs o amor ao sacrifício, o desprezo de si mesmas e um absoluto desapego da própria vontade. Fizemo-nos Irmãs para assegurar o Paraíso, mas, para ganhar o Paraíso, são necessários sacrifícios; levemos a cruz com coragem e um dia estaremos contentes.

Gostaria de escrever uma palavra para cada Irmã, mas desta vez não tenho mesmo tempo; outra vez escreverei. Se você visse! Estamos com a casa em rebuliço; preparando tudo para os exercícios espirituais que começarão no dia 6 de agosto; logo depois haverá o retiro para as senhoras, ainda: estamos transportando a mudança da casa de Mornese para Nizza... Poderão, pois, imaginar quanto serviço! Tenham paciência desta vez! Escreverei a todas uma longa carta depois dos retiros.

Diga você uma palavra, por mim, a cada Irmã, encorajando a todas; que se queiram bem como verdadeiras Irmãs, tenham todas muita caridade, pensem no Paraíso, onde estaremos um dia todas reunidas.

Apresente meus respeitosos cumprimentos ao nosso Revdo. e bom Diretor e ao de Las Piedras; penso que seja Pe. Beauvoir. Saudações a cada uma das Irmãs, em modo particular às novas.

A você novamente recomendo que esteja alegre, bem como à Ir. Virgínia, Ir. Joana, Ir. Vitória, Ir. Filomena — a levadinha, Ir. Teresinha, Ir. Honorina, Ir. Cassulo e às demais.

Não esqueça nunca as suas Irmãs da Itália e da França em suas orações. Fiquem certas de que nenhuma de nós se esquece de vocês. Todas lhes mandam mil saudações, começando da primeira até a última. Os pais e parentes de vocês estão todos bem e também nós,

exceto Irmã Maria Mazzarello, que está mal. Deus abençoe a todas, juntamente com a sua

afma. em Jesus

Nizza, 22 de julho de 1879

Madre Maria Mazzarello ⁽²⁷⁾

IRMÃ MARIA MAZZARELLO DE TURIM AO CÉU

No dia 4 de agosto Ir. Maria Mazzarello, — também ela de Mornese — faz os votos perpétuos na casa de Turim, em preparação ao céu. Consagrada ao Senhor antes dos 18 anos, difundia sempre ao seu redor o exemplo da mais delicada humildade e obediência.

Recuperando-se de uma crise mortal, dá esperança ainda de alguns dias de vida; mas quando a Madre chega com Ir. Elisa Roncallo, antecipando expressamente a sua ida a Turim, encontra Ir. Maria já no caixão.

Ela havia morrido no dia 6, festa da Transfiguração, sem um gemido, sem sombra de pena, reclinando suavemente a cabeça nos braços da Diretora, Ir. Catarina Daghero.

— Já vou para o Paraíso! — disse poucos instantes antes de morrer — e rezarei pela senhora!

A Madre chora; sua homônima, sua conterrânea, sua aluna desde pequena, era-lhe por tantos motivos muito querida filha.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM TURIM

Na manhã do dia 8, algumas outras Irmãs partem de Nizza para Gênova, para unir-se às Irmãs que estão prestando exames lá. À tarde do mesmo dia iniciam-se em Turim os exercícios espirituais, pregados pelo Diretor Geral e pelo Monsenhor Belásio. Não se faz ainda o retiro em Nizza, porque o local, mesmo desocupado pelas alunas, não é suficiente, enquanto que em Turim, tendo o Oratório em frente, pode-se obter emprestado o material indispensável com a mais paterna e fraterna caridade.

A Madre conversa com todas as Irmãs, mas trata de modo diferente Ir. Maria Succetti, que vem de Alássio. Ela não se achava muito bem com a Diretora, boa, piedosa, mas muito exigente, um pouco agressiva no trato, talvez, justamente por ser tímida.

Algumas vezes Ir. Maria deixara escapar palavras de descontentamento e a Madre sabendo, quando em visita àquela casa, já lhe

(27) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

havia advertido, pedindo de não recair, pois os votos perpétuos estavam perto, que se esforçasse de fazer algo a mais para merecê-los.

Chegando a Turim para os santos exercícios, Ir. Succetti tentou várias vezes aproximar-se da Madre, que sempre a fazia esperar, dizendo: "Espere, já sei o que me quer dizer. Mandarei chamá-la depois, já sei... já sei!" E chegou a tarde da véspera dos votos e nada de novo para a pobrezinha. Ir. Maria vai ter com a Diretora da casa, Ir. Catarina Daghero, pesarosa, pensando que as Superiores estivessem descontentes com ela; entretanto, fica sabendo que seu nome está entre aquelas que serão admitidas aos votos perpétuos. Toda a nuvem se desfaz e Ir. Maria sente-se a criatura mais feliz da terra.

No dia da Assunção encerram-se os exercícios espirituais com a bela função de treze primeiras profissões, duas renovações e nove profissões perpétuas. O venerando Fundador, sempre paterno, sempre pronto a multiplicar-se pela alegria das filhas, recebe os santos votos e dá as lembranças:

"Vida de oração, trabalho, humildade, vida oculta; sacrifício só para Deus e pelas almas, à imitação da Mãe Celeste nesta terra, para poder participar mais abundantemente de sua glória no céu." Eis as palavras esculturais do amado pai, que deixa em todas um mais vivo desejo de perfeição e de apostolado.

Irmãs e Diretoras voltam logo para as próprias casas, a Madre depois de ter consolado e reanimado em seus santos propósitos a boa Annetta Bedarida, que os parentes há algum tempo deixaram em relativa tranquilidade, volta também para Nizza, onde no dia 18 se iniciarão os exercícios espirituais para as senhoras.

NOTÍCIA NO BOLETIM SALESIANO

O Boletim Salesiano de agosto já anunciou os exercícios espirituais com esta notícia:

Para satisfazer ao pedido de muitas moças e professoras, como também de algumas senhoras, desejosas de passar alguns dias em santo retiro espiritual, para o bem de suas almas, serão realizados tais exercícios no Conservatório de Nossa Senhora das Graças dirigido pelas nossas Filhas de Maria Auxiliadora, em Nizza Monferrato.

O início será na tarde do dia 18 do próximo mês de agosto e término na manhã do dia 27. A pensão será de 20 liras (para as professoras haverá redução: 15 liras).

Os ares salubres do campo, o lugar ameníssimo e solitário constituem um oásis para o espírito cansado e necessitado de repouso.

Portanto, às nossas cooperadoras que quiserem tomar parte, solicitamos que façam chegar o seu pedido antes do dia 14 de agosto, à Superiora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, em Nizza Monferrato ou a D. Bosco, Via Cotelengo, 32 — Turim.

N.B. Nizza Monferrato é estação ferroviária da linha Alessandria-Cavallermaggiore.

PARA O ONOMÁSTICO DE LEÃO XIII

A Madre retorna à casa de Nossa Senhora das Graças levando o eco das palavras de D. Bosco e de seu amor ao Papa, comunicando logo que, em Turim, para a festa de S. Joaquim, dia 16, todos estão convidados a rezar segundo a intenção do Santo Padre, para lhe obter as graças que ele mais deseja. “Esta tarde, diz a Madre, vamos reler à mesa tudo o que traz o Boletim Salesiano deste mês, sobre este assunto, e todo o nosso dia de amanhã, inclusive o trabalho de preparação para o retiro das senhoras, tudo seja um VIVA O PAPA! VIVA LEÃO XIII! Não disse D. Bosco em seu Boletim que, especialmente em nossas Casas, devemos nos preparar para celebrar este onomástico como filhos afeiçoados?

PARA O RETIRO DAS SENHORAS

As senhoras chegam em bom número; umas noventa.

Entre elas há algumas professoras e em todas se nota um grande desejo de progredir na virtude, mas também de conhecer o espírito das Irmãs. É preciso ver como pendem dos lábios dos pregadores: Pe. João Cagliero e Monsenhor Belásio.

Para providenciar a hospedagem de tanta gente, de modo satisfatório, tendo ainda as alunas em casa, foi necessário o sacrifício de toda a comunidade. Seguindo o exemplo da Madre, cada uma cedeu o que tinha de melhor para o seu uso; há quem dorme em sacos de palha, no sótão, quem procura se acomodar nalgum ângulo da casa onde ninguém passa. Pratos, copos, talheres... tudo está a serviço das retirandas.

Ao Pe. Cagliero, que observava que a casa não estava em condições de hospedar tantas pessoas, D. Bosco respondera, assegurando-lhe: “Fique tranquilo, você verá que a Madre sabe dar arrumação a tudo. É MAZZARELLO e tem à sua disposição não só os meios

(mezzi), mas também os mezzarelli (= os donos dos meios) em tais circunstâncias!” (28)

A Madre, às Irmãs, disse simplesmente: “Por alguns dias ninguém morrerá se faltar alguma coisa; nestas horas é preciso ser desprendidos e criativos e virão os frutos benéficos em favor das exercitandas e, quem sabe, quantas vocações poderão surgir daí!”

Ela bem sabia que podia falar assim. Em Mornese, quando não havia cama para todas, as Irmãs não faziam a troca, dormindo em noites alternadas no depósito de feno, protegendo-se do frio em colchões ali improvisados? E não era sempre a Madre a primeira entre aquelas generosas criatura? Agora aí está o fruto maravilhoso dos sacrifícios que semearam lá no campo nativo.

FUNDAÇÃO DE CASCINETTE

Devendo-se abrir no dia 20 a casa de Cascinette, perto de Ivrea (29) a Madre, que já estivera à disposição das senhoras, atende agora com todo o coração de mãe e superiora, às Irmãs que deverão partir.

É pródiga de conselhos e de carinhosos cuidados para com Irmã Ana Oberti, que será a Diretora, e para com as duas Irmãs que com ela formarão a minúscula comunidade.

DOM BOSCO EM NIZZA

O dia 21 é de festa em Nizza pela chegada de D. Bosco, esperado pelas senhoras que o procuram sem interrupção e ele não demonstra o mínimo sinal de cansaço. Ocupa-se primeiramente das exercitandas, escutando a cada uma, depois recebe as Superiores, as Irmãs e algumas educandas.

Foi-lhe apresentada também uma juvenzinha de 12 anos, Teresa Pentore, que, persuadida de encontrar-se diante de um santo, lhe fala de vocação religiosa. O bom pai a olha sorrindo, pergunta quantos anos tem e lhe responde: “Você é muito criança ainda. Quando tiver mais idade, Pe. Cagliero a atenderá.”

D. Bosco reserva ainda algum tempo para visitas a benfeitores de Nizza e à noite, depois das orações da comunidade na capela,

(28) Do depoimento do Cardeal Cagliero (Roma — Maio 1918) — Arquivo Geral FMA.

(29) Os convênios relativos estão conservados no Arquivo Geral das FMA.

dirige a todas a sua palavra de conforto e exortação; dois minutos, mas que tesouro de amor de Deus e de zelo pelas almas!

EXORTAÇÕES DE SANTO, EXORTAÇÕES DE PAI

Em um destes sermõesinhos, ele assim lhes fala: "Há pessoas ricas de bom coração e de muita piedade, que deixam por testamento uma parte de seus bens para obra de beneficência. Coisa muito boa e santa; entretanto, é preciso notar que no Evangelho não está escrito: 'Deixai, ao morrer, o supérfluo para os pobres', mas 'dai o supérfluo aos pobres'. Como vocês estão vendo, a coisa é bem diferente..."

D. Bosco, sempre preocupado, paternalmente, pela saúde precária das Irmãs, assim lhes fala, entre outras cousas: "Terreno não lhes falta; sujeições de vizinhos aqui não há; exercitem-se pois, as Irmãs jovens e necessitadas de movimento, em carpir e ordenar a vinha e o jardim. Este é um exercício muito útil para a saúde."

Falando apenas à comunidade das Irmãs, ele ainda faz outras paternas recomendações: "Escrevam sempre aos seus pais, não os deixem sofrer com um prolongado silêncio. Isto faz mal a vocês e a eles e pode ser causa de impedimento a tantas vocações. Se, ao contrário, as suas famílias tiverem notícias mais freqüentes de vocês, se sentirão satisfeitas de tê-las dado ao Senhor, aproveitarão de suas piedosas palavras farão seus amigos e conhecidos lerem suas cartas e estes por sua vez permitirão às filhas de serem Irmãs."

SANTO AFETO DA MADRE

Em um desses dias Madre Mazzarello estava diante de D. Bosco, quando, com a ingenuidade de uma criança, pega-lhe o braço, aperta-o afetuosamente ao coração e lhe diz: "Pai, nós lhe queremos muito bem!" D. Bosco, surpreendido com este ato insólito da Madre, olha-a nos olhos, com uma complacência tão paterna, que se lia nesta expressão o encontro de duas almas santas.

Ir. Josefina Quarello, que entrava justamente naquele momento, disse mais tarde à Madre: "Como a senhora fez isto, Madre?" Como a dizer: "Que coragem, fazer assim!" E a Madre simples e bondosamente: "Eu fiz mal?"

Enquanto D. Bosco está em Nizza chega também Dom Sciandra. Administra primeiramente a crisma na Igreja de S. João. Depois acompanhado pelo clero da cidade se dirige ao Colégio para encon-

trar-se com D. Bosco e alegrar-se vendo a Igreja tão bem restaurada e aberta ao culto.

Recebido com júbilo pelas Irmãs, entra na Igreja e se comove até as lágrimas, ao dirigir a todas, exercitandas e Irmãs, palavras de suma complacência, de pastoral exortação, de congratulações vivíssimas para com D. Bosco.

Prosseguem então os exercícios espirituais das senhoras que conversaram com D. Bosco, algumas se confessaram mais de uma vez e gozaram também da presença da Madre, sempre entre elas nesses dias, com Madre Henriqueta e Madre Emília.

No dia 26 participam da Missa solene e da comunhão geral, encerrando-se os exercícios com as fervorosas palavras do Monsenhor Belásio e do Pe. Cagliero.

À tarde, um entretenimento de despedida e distribuição de prêmios às alunas, com a presença das boas senhoras, como se fazia em Mornese. Elas prometeram mandar novas meninas e voltar em maior número no ano seguinte.

PARTIDA E CHEGADA

D. Bosco retorna com Monsenhor Belásio, e aos poucos, também as senhoras e as alunas se retiram na tarde de 27. Mas no dia 28 começarão os exercícios espirituais para as Irmãs, e se repete a questão dos dormitórios.

Chega de Mornese, para pregar os novos exercícios, o Diretor, Pe. Lemoyne, em substituição ao Pe. Bonetti, que ficou em Turim por sérios compromissos.⁽³⁰⁾ Em Mornese, para as pouquíssimas que lá ficaram estará por enquanto o Pe. José Campi e a tudo o mais que eventualmente faltar, suprirá a terna Mãe do Céu.

EPISÓDIOS DE FAMÍLIA

As Irmãs chegam a Nizza para os exercícios. Umas cem. É maravilhoso vê-las tantas assim, juntamente com a querida Madre, com o Pe. Cagliero, com o bondoso Diretor Pe. Lemoyne, com as últimas notícias do Pe. Costamagna. Estar em Nizza e ao mesmo tempo viver de Turim, de Mornese, da América, que maior alegria se poderia desejar?

Entre as presentes estão algumas de Bordighera; não parece verdade poder conhecer diretamente, através delas, os motivos que sus-

(30) Anexo (Allegato) n.º 1 b).

citaram as reações dos protestantes como foi publicado no recente Boletim Salesiano. ⁽³¹⁾ Que fazem as Irmãs e os salesianos? Dão aula, catecismo, entregam-se às obras beneficentes em largo campo, sem contar nem medir sacrifícios.

Além disso, apenas chegada a estação favorável, começaram também as Irmãs, com as meninas, a reunir material no terreno destinado à construção da nova Igreja, por várias horas nos dias festivos. Os protestantes as ridicularizavam e as insultavam, dizendo: "Que pretensão! Saiam daqui! Que bela Igreja vai surgir neste lugar só com o trabalho de vocês!" Elas porém, nada respondiam e continuavam a trabalhar. Depois vieram os homens, os carros e os jumentos. E agora já reuniram material suficiente para bem depressa construírem a Igreja.

Que fazem então? Trabalham todo o dia e parte da noite com falta de tudo menos de apetite. E nós ainda acrescentamos: "e de fervor", com Nossa Senhora nos lábios e Jesus no coração, elas se tornam instrumento de bem para as meninas e por meio delas para os pais criteriosos.

O que fazem os salesianos, nem tempo têm para ver e para saber; apenas vêem e sabem que a sua esfera de apostolado se expande continuamente, o que é sinal de que não dormem.

Nos recreios, o interesse comum se volta para as últimas chegadas de Gênova, onde foram prestar exames.

"Oh, *Deo gratias et Mariae* — exclama Ir. Carolina Sorbone. Estava tão contente de ver que tudo tinha ido bem, que, voltando para casa, depois da bela notícia, escrevi com letras bem grandes num pacote que levava: "Graças, meu Jesus!" No trem, um senhor que estava de frente para mim, olhando o pacote, pôs-se a ler em voz alta: "Graças, meus Jesus", imaginem! Foi uma risada geral. Mas eu continuava a cantar no meu interior: Graças vos dou, meu Jesus. Sim, dou-vos graças, pois não irei mais para o exílio de Mornese!... Sim, vocês devem saber que a nossa querida Madre, quando nos mandou para fazer exame, ao despedir-se, nos disse: 'aquela que não for aprovada, em vez de voltar para cá, irá para o exílio de Mornese!'

As outras tomaram isto por brincadeira, mas eu não... A promessa ficou gravada aqui na mente e no coração. Mas agora graças a Jesus e Maria a minha pobre cabeça conseguiu acertar e me saí bem!"

(31) Boletim Salesiano de julho de 1879, ano III, n.º 7, págs. 1 e ss.

De outra coisa bonita falavam as Irmãs: daquela estatuazinha branca de N. S. de Lourdes, no altarcinho da esquerda para quem entra na Igreja.

— Quando chegou?

— Oh! que chegada!... Estávamos todos sobressaltadas pelo caso da Bedarida e o que se pôde se fez. Enfim, a Imaculada ali está. Educandas e Irmãs diante dela vão rezar com o maior fervor, especialmente por ser este o ano jubilar do dogma da Imaculada Conceição, em que se esperam graças especiais. Ainda mais: a Imaculada foi a primeira devoção de D. Bosco, das primeiras Irmãs de Mornese, de quase todas as filhas de Maria Auxiliadora, que se recordam de terem sido meninas envoltas em seu cândido manto e nesta feliz lembrança revivem os anos de sua piedade juvenil.

Depois de tantos meses de trabalho intenso nas diversas casas, estas horas de união fraterna são de grande conforto, pelas queridas notícias de caráter familiar. A Madre goza com isto e participa de tudo como de um meio efficacíssimo para sentir-se em família e experimentar todo o encanto do espírito religioso salesiano.

COMEÇAM OS EXERCÍCIOS

No dia 28 de agosto, ao sinal estabelecido, as Irmãs se reúnem para as palavras de abertura desta semana de retiro espiritual.

“O nosso bom pai, Pe. Cagliero, fará as palestras de instrução — diz a Madre — confessará, falará em particular com cada uma e se ocupará de todos os nossos interesses, para nos comunicar o seu ardor apostólico salesiano. O Diretor, Pe. Lemoyne, fará as meditações, o que nos fará pensar que estamos ainda em Mornese. Entretanto, Mornese agora é aqui e nós devemos ser mais santas aqui do que em Mornese, pois já passou um ano, portanto muitas graças a mais para darmos conta. Tomemos a sério o dever de aproveitar das novas luzes que receberemos nestes tão desejados e preciosos dias”.

Durante o período do retiro também a Madre se multiplica: recebe em particular as Irmãs, prepara aquelas que deverão fazer os votos trienais e perpétuos, sem deixar de prestar o seu costumeiro auxílio na sala de trabalho, na lavanderia e na cozinha onde, quando vê entrar alguma Irmã mais dedicada aos estudos, diz brincando: “Eh! Venha, sim, venha! Mas vocês, com toda a ciência que têm, não saberão nunca limpar a couve ou descascar batatas com tanta rapidez como faço eu, que sempre fiz este trabalho como simples camponesa”.

Os pregadores insistem sobre o relacionamento das Filhas de Maria Auxiliadora com Deus, com a Santíssima Virgem, com os Superiores, com as Irmãs, com o próximo, não só o que está mais perto, mas com o próximo mais distante.

E se alguma hesita em empreender caminhos mais altos: Avante! Vamos! — Exclama o Pe. Cagliero — não precisa tantas pausas e suspiros na oração! Não temos tempo a perder e temos tanta coisa a fazer para nós e para os outros. D. Bosco quer gente viva e não meio morta! Vocês querem bem a N. Senhora, minhas filhas? Amam a Jesus? Pois bem, coragem! O Paraíso existe e é para quem trabalha com os talentos recebidos, como exigem razão, religião e amor de Deus! Avante!”

MAIS NOTÍCIAS SOBRE O CASO “BEDARIDA”

De Turim chegam notícias não muito boas de Annetta Bedarida. O irmão dela, pensando que estivesse sozinha na luta, também pela ausência do Pe. Cagliero, no dia 25 de agosto foi visitá-la. Conversou longamente com ela, chorando e esconjurando, e Ana, enfraquecida, quase vencida, se deixou levar, a ponto de escrever algumas linhas ditadas por ele, pedindo para ser tirada da casa onde se encontrava.

Logo se imaginam as conseqüências! Entretanto, tendo percebido em tempo o engano, ela suplicava que a ajudassem para remediar o que fizera.

A pedido de D. Bosco, a condessa Corsi levou-a para sua casa, pronta a servi-lhe de mãe e salvá-la.

Como acabará a história?

PE. CAGLIERO APRESENTA AS PRIMEIRAS CONSTITUIÇÕES IMPRESSAS

Na última parte da instrução de quarta-feira, dia 3, véspera do encerramento dos santos exercícios, o Pe. Cagliero quer dar o máximo realce ao ato que se realizará amanhã, pela primeira vez no Instituto: a distribuição solene na Igreja, dos livrinhos das santas Regras ou Constituições, desta vez somente para as professoras. O argumento é introduzido com um pouco de história: São as Constituições primitivas, dadas por D. Bosco às primeiras Irmãs do Instituto; as Constituições com os sucessivos e convenientes retoques de D. Bosco, desejados pelas primeiras Irmãs e Superiores, com apoio na experiência e nas circunstâncias; Constituições posteriormente

aprovadas pelos diversos Bispos das Dioceses onde se abriram casas do Instituto, especialmente depois do precioso trabalho de revisão das mesmas, feito por D. Bosco em Ovada, em agosto de 1875. Continuam sendo Constituições ainda manuscritas, das quais se tem uma única cópia para cada casa; Constituições desejadas por todas as Irmãs, para tê-las consigo e para maior proveito espiritual.

Enfim, “Eis, — exclama o Pe. Cagliero — eis o belo livro impresso: as suas Constituições! Querem saber quantos pensamentos e preocupações, quantas orações e suspiros, este livrinho de ouro custou a D. Bosco? Só no Paraíso saberão, minhas filhas, só no Paraíso!” E cada vez mais animado em seu grande coração de apóstolo, continua: “O que é este livro, minhas filhas? É o Evangelho das Religiosas. O Evangelho de vocês, sobre o qual vocês serão julgadas na hora da morte e no juízo universal, diante de todos os povos! Que são as Constituições de um Instituto, do Instituto de vocês, minhas filhas? São a expressão da vontade de Deus! A observância das Constituições é o cumprimento da vontade de Deus! Viver da vontade de Deus é viver em comunhão com Deus. Se é verdade que a vida religiosa deveria ser uma contínua comunhão, deveria ser também uma contínua vida de conformidade com a vontade de Deus. Como Deus está no tabernáculo, onde se conservam as Sagradas Espécies, assim está nas Constituições. Se uma cópia das Constituições fosse guardada no Tabernáculo, vocês compreenderiam melhor que Jesus vive nas Constituições, como na Hóstia consagrada. O livro das Constituições deveria ser beijado, como se beijaria uma partícula sagrada; e quando se descuidam as Regras se deveria fazer um ato de reparação como faz o sacerdote quando, por infelicidade, deixa cair por terra um fragmento da Hóstia consagrada. Uma religiosa não deveria jamais ficar sem as Constituições, como uma casa religiosa deve fazer o possível para nunca ficar sem o Santíssimo Sacramento.

Feliz a religiosa que vive na observância da Regra como vive da Santa Comunhão!

Portanto, cada uma de vocês, Filhas de Maria Auxiliadora e do nosso Pai comum D. Bosco, faça de modo que ao se encerrar cada dia possa repetir, beijando o livro da Santa Regra: ‘Louva, ó minha alma, o Senhor até a morte!’ São palavras que encontrarão na página de rosto do seu livro de ouro”. São o augúrio do venerando Pai D. Bosco, às suas boas Irmãs, Filhas de Maria Auxiliadora. ⁽³²⁾

(32) Da relação de Madre Henriqueta Sorbone. Para o texto das Constituições: V. Anexo (Allegato) n.º 4.

À tarde, grandes preparativos para a vestição e profissão amanhã. Em momento oportuno, as candidatas circundam a Madre para uma breve palestra, em que ela recomenda de pensarem bem no passo que estão para dar; de agradecerem ao Senhor pelo hábito religioso que se preparam a receber e conclui: “Na Comunhão de amanhã lembrem-se de fazer estes pedidos:

1. O dom da saúde para poder trabalhar muito e fazer o bem à juventude;
2. A graça do remorso pelas menores imperfeições;
3. A graça de serem muito sinceras nas confissões e de fazê-las sempre bem.”

AS EXERCITANDAS NA HORA DO RECREIO

Quando na recreação falta a Madre (nem sempre ela consegue desembaraçar-se de suas ocupações), a conversa das Irmãs é sempre uma narração daquilo que se fez, do que se faz e do que se quer fazer pela própria santificação e para o bem das almas. Tais conversas são favorecidas pelas exortações gerais ou particulares, pelo desejo de fazer tesouro de tudo que lhes sugere D. Bosco ou a Madre; depois há a grande alegria de se encontrarem juntas sob o mesmo teto, revivendo os abençoados dias de Mornese... Revelam-se assim tantos tesouros de virtude e de santa emulação.

Em Nizza, como em Mornese, a mais evidente expressão de espírito humilde e mortificado é sempre a Madre.

— Você viu? O quarto dela é o último das pequenas repartições do primeiro andar; e para não se dar o luxo de dormir sozinha e não querendo também dar ocasião a comentários, escolheu por companhia uma das Irmãs menos dotada e simples, explicando que a trocará com freqüência. Não permite que ninguém lhe preste serviço, e consegue ficar sem colchão, cedendo o seu para a companheira do quarto. Continua a passar o dia na sala de trabalho, com suas agulhas, tecendo meias, enquanto vai atendendo Irmãs, noviças e postulantes que desejam conversar com ela.

— A Madre expressou o que ela mesma vive, quando nos repetiu que, se agirmos com simplicidade e com espírito de abandono na Divina Providência, o Senhor fará até milagres para nos livrar de alguma penosa consequência de nossas faltas. Confirmando isto, ela me contou um fato, que julgou uma imprudência sua, cometida em 1876, em Mornese, e que poderia ter tido penosa consequência se não fosse a intervenção da Divina Providência que tudo remediou:

Duas minhas Irmãs, postulantes, ⁽³³⁾ afetadas de uma doença cutânea infecciosa, deviam voltar para casa e sem mais foram mandadas, sem a preocupação do que poderia acontecer. Chegando a Gavi, lá pelas seis da tarde, em novembro, o chefe do trem não queria deixá-las partir, dizendo que em Milão só chegariam à meia-noite e não saberiam onde refugiar-se.

Neste momento aproxima-se um simpático velhinho, como S. José — disseram depois as minhas irmãs — animando-as: “Podem seguir tranqüilamente, que a Providência as ajudará.” Seguiram e depois de duas estações, subiram no mesmo carro dois soldados que além de serem uma companhia segura durante a viagem, chegando a Milão as acompanharam até a casa de uma boa família e voltaram de manhã para conduzi-las de novo ao trem que devia levá-las à destinação.

Meu pai pensou em tomar satisfação com a Madre, por não lhe ter comunicado aquela viagem, mas ao saber que as filhas foram tão protegidas, acabou agradecendo ao Senhor e confirmando a afirmação que ouvimos ontem à noite: “Quando se age com simplicidade e confiança na Divina Providência, tudo acaba bem!”

— Certamente a Madre não terá se esquecido de confiá-las ao Anjo de Guarda e a S. José, pois nada faz sem eles!

— É verdade! E com eles, pelo que se vê, está fazendo milagres também com aquela sobrinha resmungona. A menina nem parece mais a mesma aqui em Nizza. Bem se vê que estes ares lhe fazem bem à alma e ao corpo. Quantas sacudidas de ombro e respostas atrevidas lá em Mornese, para a própria Madre, quando lhe pedia de fazer alguma coisa na cidade: “Sempre eu?! Não sou só eu que existo neste mundo! Mande também as outras! Eu já estou cansada!”

— Como? Ela tinha coragem de responder assim para a Madre?

— Sim, senhora! E a Madre: “Seja boa, vá e assim terá merecimento; ao contrário, está desobedecendo, sabe? “E ela com ares de insolência: “Quem me está pondo na ocasião de desobedecer? Não me mandem mais na rua e verão que eu também saberei ser boa!”

— Ah! Se tivesse respondido assim para mim...

— Ao contrário, a Madre, sempre terna e paciente: “Olhe, se você for, lhe darei um belo presente, e você ganhará o Paraíso”. A menina se acalmava e pouco depois ia fazer o que lhe fora mandado.

(33) Relação de Ir. Domingas Telinelli.

— Não pense, entretanto, que a Madre a trate sempre com luvas de pelica. Algumas vezes usa certas palavras... e sabe aplicar-lhe alguns castigos...

— Mas é lógico! Se a Madre é mãe, é também superiora e mestra e deve agir com firmeza, quando se faz mister, especialmente com a sobrinha, que está sob seus cuidados por caridade, e mais necessitada de se formar bem em tudo, mesmo para bom exemplo das companheiras, que não tardariam a imitá-la nos caprichos e insolências, se por ser sobrinha da Madre, fosse sempre tratada com açúcar e mel!

— Não estamos neste perigo, certamente! Logo a Madre, cair no “nepotismo”? Se para com todas as meninas, alunas ou não, sua delicadeza deixa passar certos defeitos da idade e se mostra até indulgente — contanto que não se trate de mentiras ou subterfúgios — esteja tranqüila, que o único privilégio para a sobrinha é o de querer formá-la sem nenhuma pieguice. Bem sabemos o que aconteceu quando a menina, embora com um simples uniforme xadrezinho, se exibia entre as companheiras, orgulhando-se por ser sobrinha da Madre superiora e por ter, além disso, um belo rostinho!

— Oh! Se nos lembramos! Logo que a Madre soube, levou-a à cozinha e pintou-lhe o rosto com fuligem de panela e, trazendo-a depois junto às companheiras, apresentou-a num tom meio sério e meio de caçoada. — Eis aquela que se julga tão bonita!

— E quando lhe pôs aquela enorme touca na cabeça e o vestido do avesso? Também isso, nem é preciso dizê-lo, ela fez só para ajudar a sobrinha a combater toda a ambição e vaidade!

— Tudo bem. Mas com isto, quem sabe não perderá a estima da menina?

— Não. Ela lhe quer bem assim mesmo, pois compreende muito bem que a trata desta maneira para corrigi-la. Só que a coitadinha tem um gênio difícil!...

— Mas, já melhorou e a Madre deve estar bem satisfeita, pois já sofreu muito por esta querida criatura. ⁽³⁴⁾

— O que mais custa mais vale, é o que nos repetem sempre, logo...

(34) Relação de Ir. Elisa Marocchino. Tendo entrado como postulante em Nizza só em janeiro de 1881, Ir. Elisa se recordará, após longo tempo, de muitos testemunhos e narrações recolhidos das Irmãs que nestes anos viveram com Madre Mazzarello.

— As meninas de Nizza querem bem à Madre como as de Mornese?

— Ah! Se lhe querem bem! Desejariam tê-la sempre com elas no recreio. E que festa quando a encontram pelos corredores!

— Afinal, a Madre é sempre a mesma. Recebeu-as em Nizza como em Mornese, mesmo que nem todas possam pagar a pensão e as despesas ocorrentes; interessa-se de cada uma e recomenda que todas, sem parcialidade alguma, sejam bem tratadas. Cuida sempre para que sejam instruídas e educadas segundo a própria condição, para que depois se conservem boas cristãs e sejam capazes de ganhar honestamente o pão da vida. Quanto às Irmãs encarregadas da assistência, ela quer, a todo custo, que sejam como verdadeiros anjos da guarda. As meninas não têm juízo, é verdade, mas compreendem logo quem lhes quer bem de fato e sempre sabem corresponder com afeto cordial e sincero.

Algumas Irmãs se interessam de saber se em Nizza, como em Mornese, todas vão à sala de trabalho, para pôr em ordem a própria roupa.

— Sim, é o mesmo costume. A Madre é boa, mas, firme. Quando estabelece uma coisa para a boa ordem e o bom espírito da casa, não transige. A Madre assistente gostaria de fazer alguma exceção para as mais necessitadas de estudo, mas a Madre: “Não, não! É necessário que toda Irmã aprenda a fazer um pouco de tudo e sinta de não estar na Congregação para se fazer servir.” E freqüentemente repete à professora de trabalho “Cuide bem que todas, sem exceção, se exercitem em consertos, remendos, costura, porque é assim que deve ser.”

— Parece ter feito muita impressão em todas, uma de suas últimas “boas-noites”.

Uma postulante, auxiliar na sala de trabalho, sentiu remorso de ter ficado com alguns novelos e retalhos de tecido de encomendas e se acusou à Madre. Esta louva a sua sinceridade. Mas, às Irmãs reunidas disse sem muitos preâmbulos: “Estas são coisas contra a retidão e contra a justiça. Não são permitidas nem mesmo sob o pretexto de que somos pobres! E o mau exemplo? Deveria dizer isto só para uma ou duas, mas digo a todas para que o fato, mesmo que tenha sido feito por ignorância, não se repita em nenhuma de nossas casas.” Foi como um “talho de foice”, pois algumas, que não encontravam nenhum mal nisto e haviam caído no engano, compreenderam a lição, concluindo: “A nossa Madre nos forma na retidão e na sinceridade. Benditas sejam as suas firmes palavras!”

Outras vezes suas palavras severas parecem ter ferido alguém.

— Está bem, concordo que devemos pedir ao Senhor a delicadeza de consciência, mas... o que ela disse — “que não aconteça de servir-nos da mesma comunhão para cobrir nossas tra-móias...”

Um coro espontâneo se levanta contestando: “Ela tem razão, sim! Se não ouvimos a voz da consciência nas pequenas coisas, como insiste a Madre, podemos caminhar mal, não obstante a comunhão diária.” (35)

ENCERRAMENTO DOS EXERCÍCIOS

No dia quatro de setembro, às 8:30 da manhã, embora seja quinta-feira, há grande movimento em casa. Desde a estação ferroviária, pelas ruas da cidade até o colégio, nos pátios internos há um insólito burburinho: gente que se reúne para a função anunciada, bela e comovente, de 15 jovens que fazem a vestição, 14 emitem os primeiros votos, uma os renova e 4 fazem os votos em perpétuo. Às candidatas, com exceção das noviças, foi entregue o livrinho das Constituições do Instituto.

Preside à função e dá as lembranças o mesmo Pe. Cagliero, que motiva suas palavras em duas próximas festas: o Patrocínio e a Natividade de Maria Santíssima. O amor à Santíssima Virgem é argumento muito querido ao Diretor Geral, por isso ele diz: “Minhas filhas, não haja nenhum medo em seu coração! Se o nome de Maria faz fugir o maligno num abrir e fechar de olhos, a confiança no patrocínio de Maria é a torre forte contra todas as insídias do inimigo infernal. Não é Maria a torre de Davi? E Davi foi um rei guerreiro e vencedor. Vocês, que são Filhas de Maria Auxiliadora, são outras tantas combatentes pela causa de Jesus Cristo e das almas. Refugiem-se na torre inexpugnável, invencível de sua mãe, invocando ‘Maria!’ e a Santíssima Virgem será no mesmo instante sua auxiliadora e sua vitória. E para que não lhes falem as forças, sejam vigilantes e constantes em conservar a arma da oração, nutrindo-se todos os dias com o Pão Eucarístico.”

O canto do TE DEUM e a bênção solene encerram estas horas de verdadeira alegria, deixando os corações cheios de admiração pelo dom concedido por Deus às famílias das jovens vocacionadas.

(35) Relação de Ir. Rosa Cordara, Ir. Paulina Orlandi, Ir. Josefina Pacotto, Ir. Inês Ricci, Ir. Elisa Marocchino e outras.

Ao sair da Igreja, algumas Irmãs, entre as mais reflexivas e ponderadas, se perguntavam porque as Constituições devem ter custado preocupações, anseios e orações ao querido Pai, como o Diretor Geral lembrara em suas pregações.

— D. Bosco — dizem — não é sempre guiado por Nossa Senhora?... E se é... Será que também de D. Bosco encontram o que falar?

— É que as contradições estão na ordem do dia para os Santos e D. Bosco é um grande santo!

— Verdadeiramente D. Bosco está num período de grandes provações: são provas para ele, responsável e fundador de duas famílias religiosas; prova para seu querido Pe. Bonnetti, que tem sido o nó de uma longa questão levada até o supremo tribunal de Roma; ⁽³⁶⁾ prova para o Instituto das FMA que quase não se quereria reconhecer como dependente do próprio fundador. ⁽³⁷⁾

A Madre, com certeza, sabe alguma coisa, mas se cala. D. Bosco continua a ter muita confiança em sua potente Auxiliadora.

Ao meio-dia, com poesias e palavras de ocasião, o almoço tem um caráter festivo e familiar.

À tarde, a Madre convida todas as Irmãs — exercitandas e comunidade — para irem à vinha e experimentarem juntas as primícias das ricas alas e ela mesma distribui os pãezinhos para a merenda, acompanhando-os com uma palavra materna e cuidando que todas se sirvam das uvas. Como se sabe, a merenda não era costume entre as Irmãs, salvo para as de saúde mais delicada, por isso, poder servir-se à vontade, como recreação e prêmio não era coisa para se desprezar.

UMA “BOA-NOITE” QUE NÃO SE PODE ESQUECER

A hora de folga passou depressa, vindo logo o trabalho e o silêncio até à noite.

(36) Anexo (Allegato) n.º 1c).

(37) Em março deste mesmo ano, 1879, D. Bosco apresentando à Santa Sé a 1.ª relação trienal sobre o estado moral e material da Congregação Salesiana, havia incluído também a referente às FMA, como parte integrante da mesma obra fundada em benefício da juventude. As Regras ou Constituições do Instituto impressas no ano precedente designavam de fato as FMA como *agregadas à Sociedade Salesiana*. O Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, entre outros destaques feitos sobre tal relação, havia pedido em abril alguns esclarecimentos sobre a dependência das FMA dos Superiores Gerais da Sociedade Salesiana. D. Bosco lhe havia respondido em 3/8/1879. V. MB — XIV, 762, 222, 226-227.

À hora da boa-noite, num diálogo familiar e formativo, a Madre pergunta:

— Então, queridas Irmãs, vocês se divertiram bastante hoje?

— Espero, entretanto, que cada uma tenha feito alguma mortificação, pensando na oferta a ser apresentada a Jesus na Comunhão de amanhã cedo, pois ir à Comunhão com as mãos vazias não é louvável para uma boa religiosa.

Silêncio geral. De repente, uma se põe de pé e faz sua humilde acusação:

— Então, Madre, como eu não me lembrei de fazer nenhuma mortificação, não poderei fazer a santa comunhão amanhã?

— Bem. Não quero dizer isso; faça tranqüilamente a comunhão. Mas eu acho que é preciso pensar mais, especialmente quando Deus nos dá alguma satisfação; devemos agradecer-lhe e dar-lhe em troca algum ato de renúncia, embora pequenino. Se porém, nos faltar ocasião, então devemos nos lembrar de pôr maior empenho espiritual no trabalho que estivermos fazendo. Nós sempre dizemos que temos muito trabalho, mas lembremo-nos da recomendação de D. Bosco: as Filhas de Maria Auxiliadora não se contentem de ser numerosas, mas sejam Irmãs de peso, responsáveis, não trabalhando como mercenárias, pagas por hora, executando o serviço só para evitar aborrecimentos, mas sua atividade seja fruto de um trabalho espiritual, visando à correção dos próprios defeitos. Santifiquem o trabalho com a reta intenção. A atividade material consiste em não perder um minuto de tempo, preenchendo bem o dia e ensinando as meninas também a ganharem a vida desta maneira, à imitação de D. Bosco que por amor de Deus não descansa nunca. Boa coisa é portanto marcar, também para as alunas, todos os dias a própria tarefa na sala de trabalho.

Acabo de ler, — continua a Madre — na última página do Boletim Salesiano deste mês ⁽³⁸⁾ um artigo cujo título me chamou a atenção “A VIDA DIÁRIA DO PAPA”. Leiam também vocês esta página. Verão como o Papa não tem repouso! Se ele trabalha tanto, porque nós havemos de trabalhar menos? Na falta de outras coisas, seja, pois, o nosso trabalho de cada dia feito de tal modo, que nos sirva de oferta para a comunhão do dia seguinte.

(38) Boletim Sal., setembro 1879, ano III, n.º 9, pág. 8.

PADRE LEMOYNE FICA EM NIZZA

As Irmãs retornam para suas casas nos dias 5 e 6, para atender ao "oratório" de domingo. Não voltam Madre Petronilla e Ir. Pacotto, sendo que esta fica como mestra de noviças. O Diretor, o Pe. Lemoine fica definitivamente em Nizza, enquanto que o Pe. Chicco, que estava em Lanzo para os exercícios espirituais, foi transferido para Cremona.

ANNETTA BEDARIDA PUBLICA A SUA HISTÓRIA

No dia 7, o jornal "UNIDADE CATÓLICA" publicava uma carta de Annetta Bedarida, transcrita também no Boletim Salesiano. ⁽³⁹⁾

Prezadíssimo Sr. Diretor, vejo que a imprensa se apoderou de um fato que me diz respeito. Para que não aconteça que se espalhem notícias falsas ou inexatas sobre o meu caso, pediria que V. Senhoria me fizesse a gentileza de publicar, em seu conceituado jornal, a seguinte declaração.

Eu sou uma israelita de Nizza Monferrato. Desde maio do corrente ano deixei a casa paterna com a intenção de me fazer cristã. Há três anos já havia imaginado isto, mas não sabia como realizar tal desejo. Manifestá-lo aos parentes seria inútil e temerário; fugir de casa não me atrevia, por não saber onde refugiar-me. Eis que as Filhas de Maria Auxiliadora de D. Bosco vêm morar em Nizza, minha cidade natal, e eu, depois de ter pensado e repensado me lancei em seus braços. A fim de gozar da minha liberdade e preparar-me dignamente para receber o batismo, eu quis ficar em Turim, com as mesmas Irmãs, que caridosamente me deram hospedagem. Os parentes sabendo de minha fuga e pensando ter sido um ato de violência, denunciaram o caso ao poder judiciário. Por isso, poucos dias depois que eu estava hospedada neste lugar, apresentou-se-me o Inspetor da Segurança Pública para interrogar-me e eu lhe declarei, sem rodeios que, livre e espontaneamente, havia procurado refúgio junto às religiosas de D. Bosco e aqui desejava morar para fazer-me cristã. Depois disto, por uns três meses deixaram-me bastante tranqüila; recebi visita de alguns parentes, especialmente de meu bom pai, a quem assegurei toda a minha afeição e as minhas orações.

Depois de algum tempo de instrução cristã, eu pensava de poder receber logo o batismo e solicitei-o para o dia 24 de junho e mais tarde, para 15 de agosto, mas o Sr. teólogo, Pe. Cagliero, que com

(39) Bol. Sal., novembro 1879, ano III, n.º 11, pág. 6-8.

muita caridade me instrua, aconselhou-me a esperar um pouco, a fim de me preparar melhor para o grande ato.

Neste interim (25 de março) vem visitar-me meu irmão, e os superiores da casa, que nunca me fizeram a mínima pressão física ou moral, me deixaram a sós com ele, por várias horas. Foi nesta ocasião que eu cometi uma fraqueza. Vendo meu irmão chorar e insistir para que eu voltasse para casa, fiquei comovida e o meu coração neste instante me traiu. Meu irmão, aproveitando a ocasião, me fez escrever em uma folha de papel, algumas palavras que ele mesmo foi ditando, para levar à autoridade pública, a fim de que me fizesse sair daquela casa, como se eu estivesse retida por força. Eu não deixei, entretanto, de observar-lhe que ele estava me levando a fazer uma coisa que não estava certa; mas ele insistia e eu, com mão trêmula, escrevi aquelas poucas linhas, deixando-as em suas mãos sem imaginar as consequências e ainda, para contentá-lo, prometi sair com ele. Tanta era a minha confusão e comoção que quase não dava conta do que estava fazendo. Mas o Deus de meus pais me ajudou. Poucos minutos depois, sentindo-me livre, entrei em mim mesma; reconheci que havia agido mal e, diante de meu irmão e duas testemunhas, propositalmente chamadas pelo professor Pe. Bonnetti, retratei aquilo que havia feito, declarando que antes de sair eu queria ter um pouco mais de tempo para refletir seriamente. Meu irmão, então, saiu desgostoso e, com o meu escrito na mão, recorreu à autoridade pública, para conseguir que eu saísse de meu refúgio. Mas desde a manhã seguinte, 26 de agosto, eu, prevendo o golpe, e para evitar novas preocupações e injustos aborrecimentos às pobres Irmãs, saí do colégio e fui para a casa de uma senhora que me serve de mãe.

Naquele mesmo dia, meu irmão com um primo e um companheiro em companhia do Juiz, se apresentaram à casa das Irmãs e, não me encontrando, foram embora depois de terem provocado graves desgostos e preocupações aos que me hospedaram. No dia seguinte, 27, tendo sido avisado, chegou ao Oratório S. Francisco de Sales, o procurador do Rei, a quem apresentando-me declarei a minha vontade firme e livre de permanecer onde estava e me recomendei aos seus cuidados para que tutelasse a minha tranqüilidade. O meu interrogatório foi lavrado em uma ata por mim assinada. Feito isto, o procurador se despediu convencido de que eu não estava sob nenhuma pressão.

Eu pensava que tudo estivesse terminado, mas me enganei; no dia 3 do corrente mês de setembro, desde manhã bem cedinho, guardas da Segurança Pública, uns de uniforme, outros à paisana,

rodearam a casa onde eu estava hospedada e a um certo momento ouvi bater à porta, parecendo querer arrombá-la. Não foi aberta, mas que cada qual pense o que se passou em mim. Basta dizer que tendo acordado aterrorizada, senti fortes convulsões, de tal modo que a custo recobrei a calma. Enquanto isto, aqueles guardas ali colocados, o falatório do povo, bem ou mal informado, atraíram centenas de outras pessoas ao local, dando a impressão de um assalto à casa em que eu morava. Certamente eu nunca teria pensado que, para fazer-me católica, provocaria semelhantes distúrbios e sentiria tanto aperto no coração! Mas, repito, Deus me ajudou e me deu tanta coragem que por mim mesma não teria.

Isto não é tudo ainda. Às nove horas da manhã, mais ou menos de repente, surgiram à minha frente dois senhores que se apresentaram como o Prefeito de Turim e o Procurador Geral e me expuseram o escopo de sua vinda. Quiseram falar a sós comigo. Recolhi todas as minhas energias e invocando em meu coração o auxílio do céu, comecei por lembrar àqueles senhores, representantes da autoridade pública, que eu já havia respondido a dois interrogatórios pelo mesmo motivo, sendo um deles há poucos dias, pelo Procurador do Rei e que por isso não podia compreender que fosse ainda necessário ser submetida a um terceiro. Os dois senhores, depois de terem ouvido qual era a minha vontade, e que eu tinha estado sempre livre como até agora, e que o escrito de alguns dias atrás havia sido arrancado por meu irmão, sem que eu pudesse prever os efeitos, mandaram chamar a minha família, isto é, o pai, o irmão e a irmã.

Seria alongar-me demais se eu ainda expusesse aqui o que se disse, tanto de uma parte como da outra. O que me desconcertou mais foi ouvir, da boca do Prefeito de Turim, o augúrio que ele fez à minha família, — que eu voltasse junto aos meus para aliviar-lhes o sofrimento. Naquele momento eu pensei que também ele fosse um israelita. Devo, porém declarar que ambos me trataram com muita delicadeza, principalmente o Procurador Geral, que com sábio e ponderado raciocínio observou a meus parentes que eu, sendo maior, gozava, por lei, do direito de ser deixada livre na escolha de minha religião.

Entretanto, parecia que desagradasse, especialmente ao Sr. Prefeito o fato de não poderem tirar-me desta casa e, apesar de meus protestos, afirmando que não tinha sofrido, nem sofria qualquer violência, ele procurou persuadir-me, sugerindo-me com insistência que convinha que eu sáisse e fosse hospedar-me em qualquer outro Instituto.

— Eu não conheço outros, respondi, a não ser os de D. Bosco.

— Ficaré a meu cargo procurar um de seu gosto, por exemplo, o das Filhas dos Militares, respondeu-me o sr. Prefeito.

— Mas, que necessidade tenho de trocar de domicílio? Eu aqui não estou mais com as Religiosas e não há nenhum motivo para suspeitar que eu queria me fazer cristã por conselho delas.

— Mas aqui, a senhorita se encontra junto a pessoas relacionadas com o Instituto de D. Bosco e ainda, a vida que deve levar aqui não é conforme a sua condição. Eu quero, ao contrário, encontrar um lugar que lhe ofereça todas as comodidades. Também seus parentes querem assim. Não é verdade? Perguntou, dirigindo-se aos meus parentes.

— Sim, respondeu meu pai; estou disposto até a pagar a devida pensão.

Concluiu-se, enfim, que o sr Prefeito teria procurado o Instituto e depois me teria comunicado. Agora estou esperando o que irá acontecer.

Mas antes de terminar esta narração quero perguntar: Em nosso Governo, uma jovem de maior idade, que deseja mudar de religião e tenha várias vezes declarado, diante da autoridade pública, que sua deliberação não sofreu nenhuma violência e se encontra, livremente, na casa de um cidadão para se instruir, esta jovem — digo — tem ou não o direito de ser deixada livre e tranqüila? Se tem, por que então, de uns dias para cá, outra coisa não se faz senão torturar-me com interrogatórios sem interrupção, como se quisessem fazer-me cair em contradição? Por que esta insistência para que eu troque de residência, como se aqui eu não estivesse livre, enquanto estou perfeitamente livre? Por que sitiar a casa em que estou, cercando-a de guardas? Alguns dizem que os policiais foram postos aí para assegurar a minha liberdade, mas outros afirmam o contrário, que esperam que eu saia para sequestrar-me e por isso, por medo de um atentado, eu não ouse sair, nem para um passeio, como fazia antes. Querem que se pense que eu seja uma vítima dos padres e das freiras, mas, com o pretexto de liberdade, eu sou afinal vítima sim, mas de outras pessoas! Paciência! Será isto uma boa preparação para o meu batismo.

Bondoso Senhor, perdoe-me este distúrbio. Entretanto, na esperança de uma benigna compreensão, subscrevo-me com toda estima e gratidão,

De V.S. prezadíssima

Turim, 4 de setembro de 1879

Serva devotíssima

Annetta Bedarida

Sabe-se de fonte segura que, tendo sido imposto à senhorita Annetta Bedarida mudar de domicílio, com o hábil pretexto de não prejudicar D. Bosco e suas instituições, negou-se-lhe o direito de escolher a casa para se hospedar e foi acompanhada para junto da senhora Ferraris, hebréia, diretora de alunas-mestras.

A rede foi lançada com arte e o peixinho ficou preso nela.

Conseguirá libertar-se?

AINDA UMA MERENDA NA VINHA A MADRE ÀS MISSIONÁRIAS

Cada vez que no refeitório se lêem notícias missionárias, publicadas no Boletim Salesiano ou recebidas por carta das Irmãs de além-mar e também do Pe. Costamagna, a Madre escreve, por sua vez às filhas distantes.

Um dia, entrando na sala de trabalho, disse: Parem um pouco de trabalhar e vão procurar a CININA (tesoureira), peçam-lhe um pãozinho e depois... todas a procurar um cacho de uva que mais lhes agrade, para chupá-lo em paz!

Imediatamente se cumpriu a ordem. Mas a Madre e Ir. Rosália Pestarino, que é a sua secretária, quem as viu?

Uma vez entre os vinhedos, as Irmãs se põem reciprocamente alertas contra a tentação do momento, lembrando-se muito bem da lição sobre o ato de renúncia voluntária para a comunhão do dia seguinte; mas agora há outra coisa! A Madre disse: "Procurem o cacho que mais lhes agrade"... Portanto... um cacho só! E quem tiver vontade de pegar um outro, deverá pedir licença? Certamente a Madre não proibiu de servir-se à vontade, mas ela tem por método que se mortifique a gula ou que se mortifique o amor próprio.

Justamente neste dia, 11 de setembro, ela escreve à Ir. Ângela Valse e às missionárias do Uruguai:

Viva Jesus!

Minhas caríssimas Irmãs,

Angelina, o meu desejo seria, neste momento, escrever a cada uma em particular, consolando-as e encorajando-as, mas tenham paciência, desta vez não posso mesmo. Estejam contentes com duas palavras que lhes digo de coração.

Nós fizemos os exercícios espirituais e agradecemos ao bom Jesus por nos sentirmos todas com uma firme vontade de nos fazermos santas. Pobrezinhas! Quantas vezes nos lembramos de vocês e rezamos para que não somente nós, mas também vocês, tenham esta vontade, como espero, e assim, possamos nos encontrar um dia todas unidas no Paraíso. Coragem, pois, minhas queridas Irmãs, coragem! Cada dia que passa nos aproximamos mais da eternidade. Tudo passa, não é verdade?... mas os méritos não passarão jamais.

Minhas boas Irmãs, queiram bem umas às outras! Oh! Quanto me consola quando recebo notícias das casas e fico sabendo que há caridade e que obedecem voluntariamente, que estão apegadas à observância das Constituições! Oh! Então o meu coração exulta de consolação e continuamente suplico bênçãos para vocês todas, para que possam se revestir verdadeiramente do espírito do nosso bom Jesus e, portanto, fazer todo o bem para si mesmas e para o caro próximo, tão necessitado de ajuda. Sim, mas como era o espírito do Senhor?... (Eu lhes digo aquilo que tantas vezes e tão cordialmente nos repetiu o Pe. Cagliero), aquele espírito *humilde, paciente*, cheio de *caridade*, mas daquela caridade própria de Jesus, pela qual Ele tanto sofreu por nós e quis sofrer até quando? Coragem pois, imitemos o nosso querido Jesus em tudo, mas especialmente na humildade e na caridade, está bem?

Rezemos por mim também, para que possa também eu fazer assim. Estejam alegres, sim? E sempre alegres! Não se ofendam jamais; ao contrário, percebendo que alguma precisa de conforto, ajudem-na logo e se consolem, sendo de auxílio umas para com as outras.

Ir. Filomena, esteja alegre, sim? Tanto você como Ir. De Negri me escreveram e agora desejariam a resposta da carta, não é? Escreverei de outra vez. Procurem, entretanto, ser sempre boas, dar bom exemplo e chegará um dia em que ficarão satisfeitas, não somente, mas recompensadas pelos pequenos atos feitos e sofridos por amor do querido Jesus. Por isso, trabalhemos deveras para nos fazermos santas, rezemos umas pelas outras, pela perseverança de todas no serviço de nosso esposo Jesus e de nossa querida Mãe Maria.

Meus cumprimentos ao Sr. Diretor a quem muito peço orações.

As Irmãs todas, todinhas, as saúdam afetuosamente e esperam revê-las e abraçá-las um dia no Paraíso. Coragem, pois, minhas queridas Irmãs em Jesus Cristo, pensemos sempre que tudo passa, por isso nada nos perturbe, pois tudo serve para alcançarmos a verdadeira

felicidade. Estejam certas de que nós não as esqueceremos nunca, nunca e eu serei sempre em Jesus e Maria a sua

Nizza, 11 de setembro de 1879

Afma, Madre

Ir. Maria Mazzarello

N.B. Enviem a carta aqui anexa às Irmãs de Las Piedras. Recordem-se da pobre Ir. Rosália.⁽⁴⁰⁾ Querem saber ainda uma notícia que por certo as alegrará? Adivinhem quantas eram as senhoras que fizeram retiro?... Mais de 90. Foi uma coisa que consolou muito o nosso coração. Mais ainda eram as Irmãs, nos exercícios espirituais. Com frequência íamos em espírito até aí; vejam, pois, que vocês não ficaram esquecidas, oh! não. Bem ao contrário, fiquem então alegres, não é?

Virgínia, coragem, sim? Faça-se logo santa, uma daquelas santas bem humildes, alegre com todas e cheia de caridade consigo mesma e com o próximo. Reze sempre por mim, sabe? Nós aqui temos uma bela Imaculada, e várias vezes vou ajoelhar-me ao pé da estátua e pedir graças para vocês, especialmente para aquelas que se recordam de mim.

Fiquem sempre alegres, portanto. E viva Maria!

Pe. Lemoyne, que agora está aqui como Diretor, apresenta a todas suas cordiais saudações e se recomenda às suas orações. Ele também não as esquece em suas orações tão fervorosas e também todas nós de Nizza, estejam certas.⁽⁴¹⁾

MADRE MAZZARELLO ASSISTE O PAI AGONIZANTE

No dia 22, Madre Mazzarello parte com urgência para Mornese onde seu pai está bem grave. É dolorosa a notícia, mas seu coração faz logo um ato de aceitação: "Senhor, seja feita agora e sempre a vossa santíssima vontade."

Junto ao leito do querido enfermo não poderia ter sido mais carinhosa filha e devotada religiosa. Prepara o moribundo para receber os santos sacramentos, dispondo-o ao passo extremo, com a leitura e oração dos agonizantes e quando percebe que sua alma voou para seu Deus: "Ajoelhemo-nos, ela diz, e rezemos; é esta a hora do juízo."

Depois ela mesma preparou o corpo do amado pai para a câmara mortuária, enquanto ia recordando aos presentes tudo que ele fizera para o bem de todos.

(40) A mesma que escreve, sob ditado de Madre.

(41) Original no Arquivo Geral FMA.

Retém as lágrimas, mas a sua oração é toda um pranto de impetração pela alma que deixou o exílio; para os entes queridos, que soluçando pedem conforto e amparo.

As poucas alunas e Irmãs do Colégio, às antigas companheiras da "Imaculada", aos mornesinos todos que a cercam com afetuosa atenção ela recomenda o tão querido extinto para que, com orações e boas obras, apressem o seu ingresso na pátria dos santos.

Chegando a Nizza no dia 26, pede a todas a mesma caridade, recordando especialmente a indulgência plenária quotidiana, que se pode alcançar como pertencente à família de Maria Auxiliadora, recitando o rosário diante do Santíssimo Sacramento, bem como as outras preciosas indulgências, como se lê cada mês no Boletim Salesiano; por exemplo, a jaculatória: "Bendita seja a Santa Imaculada Conceição, etc." enriquecida justamente agora de novas indulgências.

DO SOFRIMENTO AO PROVEITO ESPIRITUAL

A dor vivíssima, que estimula o fervor da Madre, não a impede de fazer sorrir quem está ao seu lado. Devotíssima do Crucificado, das santas chagas de Deus e das dores de Maria Santíssima, freqüentemente recorre a esta devoção para ter conforto, alívio e coragem. Sempre a primeira a entrar na Igreja e a última a sair, atraía a comunidade à casa do Pai, para aí experimentar, na fusão dos espíritos, as doçuras de uma família que compensa ao infinito aquela que se deixou para seguir a própria vocação.

Sempre na presença de Deus, não só durante a meditação e a oração, mas também durante as ocupações a que atende com serenidade e afetividade edificantes, é modelo vivo para quem está ao seu lado.

Ê tanta a sua fé ao receber os santos sacramentos que, sem o saber, comunica a sua fome e a sua sede de Jesus e da divina graça também às meninas.

O seu coração, rico de caridade, tem tesouros para todos, mesmo se estranhos ou pouco empenhados na vida cristã.

MORTE DE DOM GALLETTI

No dia 5 de outubro, festa do Rosário, volta para o Pai a grande alma de Dom Eugênio Galletti, Bispo de Alba.

Durante a grave doença de D. Bosco, em Varazze, em 1871, ele foi um dos primeiros a se oferecer como vítima pela sua vida; e esta vítima evidentemente foi agradável e aceita, pois desde aquele mo-

mento, D. Bosco começou a melhorar e Dom Galletti a sentir os sintomas de uma doença incurável.

A Madre, que aproveita todas as circunstâncias para levar a comunidade ao reconhecimento, diz com ternura filial: “Como estará amargurado o nosso bom pai e quanto nós, FMA, devemos a este bondoso Bispo! Rezemos, rezemos, Irmãs, pela alma dele. Rezemos para que D. Bosco possa ter outros semelhantes amigos e benfeitores de suas obras. É um dever de reconhecimento e de justiça.”

“NÃO PERCAMOS TEMPO: FAÇAMO-NOS SANTAS”

D. Bosco, por sua vez, não é menos pródigo em paternas atenções para com a Madre; e quando do estrangeiro chegam belas e consoladoras notícias das Irmãs, não deixa de transmiti-las a Nizza logo na primeira ocasião. Assim aconteceu com a carta do Pe. Costamagna, de 19 de agosto, que entre outras coisas diz o seguinte:

“Não teria jamais imaginado que as nossas Irmãs pudessem nos ajudar tanto em uma missão. Verdadeiramente não se teria feito todo o bem que se fez às senhoras e às meninas sem a colaboração das Irmãs. Às suas aulas de catecismo participavam, além das crianças, também muitíssimas senhoras, que pendiam de seus lábios como o fariam com um pregador. Enquanto nós, sacerdotes, estávamos presos no confissionário, as quatro Irmãs ficavam instruindo os penitentes a uma certa distância e eles chegavam tão bem preparados que alguns não retinham as lágrimas.

O nosso almoço e o nosso jantar eram preparados pelas Irmãs bem entendido! E tudo isto escrevo para repetir o antífona: “Mande-nos, mande-nos, mande-nos... o quê? Dinheiro? Não! Pois D. Bosco é pobre e nós não somos gastadores. Mande-nos padres, Catequistas e Irmãs, isto, sim!”⁽⁴²⁾

— Oh! Queridas Irmãs, comenta a Madre. Que belas coisas! Que belas coisas! E nós tão mesquinhas! Basta. Não percamos tempo e façamo-nos logo santas e bem santas como nos quer D. Bosco, para estarmos prontas ao trabalho que a Providência nos prepara, tanto na pátria como nas missões!

A MADRE AS FILHAS DO URUGUAI

Também de Villa Colón e de Las Piedras chegaram notícias e a Madre responde à Ir. Valese e à Ir. Joana Borgna; não esquece o seu

(42) Boletim Sal. Novembro 1879. ano III, n.º 11, pág. 3-4.

querido extinto, mas o deixa — certamente para mortificar seu coração, como último pensamento.

Viva Jesus, Maria e José.

Minha boa Ir. Angelina e Irmãs todas.

As notícias que vocês me deram pela carta do mês de setembro consolaram muito meu coração.

Fiquei contente especialmente por terem feito o santo retiro. Lembrem-se, entretanto, de que não basta fazê-lo; é preciso pôr em prática com coragem e perseverança, os bons propósitos que naquele tempo o Senhor se dignou inspirar a todas. Também fiquei sabendo, com satisfação, que o Pe. Costamagna, nosso antigo e bom Diretor, de vez em quando lhes faz uma visita. Pobres filhas, assim lhes parecerá estar vendo alguém de Mornese, não é?

Minha boa Ir. Angelina, coragem, esteja alegre e faça também que essas boas Irmãs estejam alegres; o Senhor lhes quer muito bem: cabe a vocês querê-lo também, não é verdade?

Agora passo a falar-lhes de nós. Graças ao bom Jesus, estamos todas bem, exceto as pobres Irmãs Justina e Albina que, se pode dizer, estão em agonia. Ir. Albina está aqui em Nizza e Ir. Justina (Calcagno) está em Mornese. As outras estão todas alegres e cheias de boa vontade, para fazer grande bem e invejam a sorte de vocês. Temos 32 postulantes, 50 Irmãs e 30 alunas internas. A casa de Mornese está quase toda aqui em Nizza. Lá em Mornese estão apenas cinco Irmãs e Pe. José, mas esperamos que em breve as teremos todas aqui, pois aquela casa será vendida. Estamos muito contentes com esta troca de Mornese para Nizza. Então, minhas boas Irmãs, quando vocês quiserem me fazer uma visita, não é mais para irem a Mornese, mas venham aqui a Nizza. Pobres filhas! Estamos longe demais para fazer isto! É melhor irmos ao Coração de Jesus e lá poderemos dizer tudo umas às outras.

Eu lhes asseguro que todas as manhãs estou com vocês no Coração de Jesus e lhe falo na Santa Comunhão, pedindo para cada uma tantas coisas! Estão contentes com esta maneira de visitá-las? Façam vocês assim também, não é? Estou contente com a boa vontade de todas as Irmãs daí; procurem perseverar sempre mais. Recomendo a todas muita confiança com o confessor e com a Diretora. Se houver esta confiança, tudo andarás bem.

Aproximamo-nos da festa da Imaculada. As nossas Constituições recomendam que a celebremos com grande solenidade. Mas além disso, deve ser uma das mais belas festas para nós que somos Filhas de Maria.

É preciso plantar belas flores em nosso coração, para depois fazer um lindo ramalhete e apresentar à mui querida Mãe, Maria Santíssima. É preciso que nestes dias, que ainda nos restam, exercitemos-nos deveras em todas as virtudes, mas especialmente na obediência e na mortificação. Não deixemos passar nenhuma ocasião sem mortificar-nos em alguma coisa, especialmente dominando a nossa vontade, sendo exatas na observância das nossas Constituições. Façamos com fervor a Comunhão todas as manhãs.

Por ocasião dos retiros acendemos o fogo em nosso coração, mas se de vez em quando não removermos as cinzas e não colocarmos lenha, ele se apagará. Agora é tempo próprio para reacendê-lo. Na festa da Imaculada e depois no Santo Natal é preciso que nos afoveemos tanto, tanto a fim de nos mantermos fervorosas até a morte. Tenhamos pois, todas, a maior boa vontade. Pode ser que para alguma de nós seja esta a última vez que celebramos tão bela festa.

O tempo passa para todas e na hora da morte ficaremos bem contentes de tê-la celebrado bem e com fervor. Então nos recordaremos das pequenas mortificações feitas e oh! que consolação experimentaremos! — É preciso combater e expulsar o amor próprio e assim o nosso coração estará tranqüilo naquela hora. Vamos mesmo nos colocar todas com verdadeiro empenho e boa vontade? Então respondam-me: “Sim.” Ir. Virgínia, Ir. Ângela Cassulo, Ir. Gedda, Ir. De Negri, Ir. Teresina Mazzarello, Ir. Laura, noviça; Ir. Vitória, que nunca me escreve, e a levinha Ir. Filomena, estará sempre alegre? E Ir. Joana? Estarão todas em Las Piedras? Estejam todas atentas, hein? O que mais lhes recomendo é que todas sejam exatas na observância das Constituições, pois já sabem que isto basta para nos fazer santas. Jesus não quer outra coisa de nós. Se é verdade que O amamos, demos-lhe este prazer, alegremos o seu Coração que tanto nos ama.

Digam-me ainda: Vocês se querem bem umas às outras, com caridade recíproca? Espero que sim. Mas também nisto há sempre o que aperfeiçoar. Então para contentar nossa Mãe, Maria Santíssima, tenham caridade umas com as outras, ajudem-se mutuamente nos trabalhos, saibam corrigir-se com doçura e receber com bons modos as advertências de quem quer que seja. Coragem, minhas filhas, esta vida passa depressa e na hora da morte ficam apenas as boas obras; o importante, pois, é que sejam sempre bem feitas. Os caprichos, a soberba, a vaidade de querer saber mais que os outros e não se submeter a quem não é do próprio gênio, na hora da morte serão motivo de grande confusão.

Pobres Irmãs! Já as terei aborrecido bastante... Mas, uma coisa ainda: recomendo-lhes mais uma vez, grande confiança com a Diretora, bom exemplo entre vocês e as meninas, paciência longânime e doçura sem medida. Ainda outra coisa lhes recomendo: estar sempre alegres, jamais a tristeza, que é mãe da tibieza!

Agora lhes peço uma caridade especial, rezar pela alma de meu pai que passou desta vida para a outra no dia 23 do mês de setembro, às 7:30 h. da manhã. Tive a consolação, quase por um milagre, de estar presente lá para assisti-lo. Espero que já esteja no Paraíso, entretanto, rezem por ele, sim?

Ir. Angelina, Ir. Teresina, Ir. Cassulo, tenho notícias dos parentes de vocês, estão todos bem. Também os de Ir. Virgínia e de Ir. De Negri. Espero que seja assim também para os pais de Ir. Vitória e Ir. Filomena.

Agora, minha querida Angelina, não me falta senão dizer-lhes que tenham bastante coragem e não sejam de coração pequenino, mas tenham um grande e generoso coração, sem tantos temores, entendem? Saudações às nossas queridas Irmãs. Estejam todas alegres. Meus respeitosos cumprimentos ao Sr. Diretor, recomendando-me às suas orações.

Deixo-as em companhia de Jesus e de Maria. Sou a sua
Nizza, 20 de outubro de 1879

afma. em Jesus, a Madre
Ir. Maria Mazzarello.

P.S. — Desejam que eu vá visitá-las, mas se os Superiores não me mandarem, não poderei ir — toca a vocês fazerem-se obedecer pelos superiores.⁽⁴³⁾

V.J.M.J.

Minha caríssima Ir. Joana,

Recebi com prazer a sua carta e estou mesmo contente com as notícias que me deu. Gostei de saber que já fizeram o retiro. Agradecemos a Deus por tão grande graça. Fiquei também satisfeita sabendo que as meninas se confessaram e fizeram a comunhão. Tudo isto é muito bom. Não perca a coragem quando ouvir dizer que o mundo fala mal de vocês e das professoras de nossa escola, ou de freiras ou de padres ou de quem for. Se o mundo fala assim é sinal de que somos de Deus. O inimigo tem raiva de nós e, por isso, mais coragem ainda devemos ter.

Não lhe vou dar notícias da casa, pois escrevi à Diretora, Irmã Angelina, uma longa carta e ela as transmitirá, aliás poderá pedir

(43) Original no Arquivo Geral das FMA.

para ler a carta. Esqueci-me, entretanto, de lhe recomendar uma coisa e você então lhe dirá: que estejam atentas com a saúde de todas; se faltar isto não poderemos fazer nenhum bem, nem para nós, nem para os outros.

Diga-me um pouco, querida Ir. Joana: Você está sempre alegre? É humilde? E como trata as Irmãs? Com doçura e caridade?

Minha querida, recomendo-lhe que seja de bom exemplo às suas Irmãs. É preciso que você seja modelo de virtude em todas as circunstâncias, principalmente na observância das Constituições, se quiser que o barco vá adiante bem e que as meninas a respeitem e tenham confiança em você.

Não estou a lhe fazer uma repreensão, pois sei que você faz tudo o que pode para o bom andamento das coisas. Mas eu lhe recomendo estas coisas porque me preocupam muito. Coragem, Ir. Joana, minha querida filha. Façamos um pouco de bem enquanto é tempo; esta vida passa depressa, na hora da morte estaremos contentes pelas mortificações, lutas e resistências feitas contra o nosso amor próprio. Recomendo-lhe de não esmorecer nunca, embora sentindo-se carregada de miséria; se em tudo colocarmos a nossa boa vontade, verdadeira, resoluta, Jesus fará o resto. Os nossos defeitos, se os combatermos com boa vontade, nos ajudarão a ir avante na perfeição, desde que tenhamos verdadeira humildade. E as meninas, são muitas? Lembre-se de lhes dar bom exemplo com belas maneiras. Diga-lhes um "Viva Jesus" em meu nome e que rezem uma Ave-Maria por mim; eu me recordo delas todas as manhãs, na Santa Comunhão.

Diga também às Irmãs de rezarem muito por mim, por toda a nossa Congregação, pelos Superiores que tanto se cansam por nós.

Sua Irmã está bem, é alegre e parece que se esforça para ser boazinha; ela lhe envia lembranças e se recomenda às suas orações. Esteja tranqüila que estou cuidando dela.

Esteja sempre alegre, encoraje todas as outras; cuide de sua saúde e seja humilde. Apresente meus respeitosos cumprimentos ao Revdo. e bondoso Diretor, recomendo-me às suas fervorosas orações. Escreva-me quando tiver ocasião. Deus a abençoe e a faça toda sua. Em seu sacratíssimo Coração, creia-me sempre.

Nizza, 20 de outubro de 1879

Afma.

a pobre Irmã Maria Mazzarello ⁽⁴⁴⁾

(44) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

EM ASTI, EM VEZ DE COMPRAS, MÉRITOS

Parece manifestar-se uma melhora na saúde de Ir. Albina Frascarolo. Aproveitando, pois, esta oportunidade, a Madre vai até Asti, levando consigo Ir. Felicina Ravazza, para comprar uma seda necessária a um certo trabalho e para lhe dar também um pouco de distração depois das penosas impressões pela sorte da amiga Annetta Bedarida.

A mesma Ir. Felicina é quem conta: “Já tinha ido inutilmente a Alessandria, e a Madre vendo-me ainda preocupada, disse-me: “Venha, vamos juntas a Asti.” Durante a viagem me fez rezar sempre e quando acontecia de se ver à distância alguma igreja, ela me dizia: “Procuremos ver o tabernáculo com os olhos do espírito e saudemos Jesus que lá está prisioneiro por nosso amor.” E com intensos suspiros parecia que quisesse voar até lá.

Antes de descermos do trem me entregou o seu relógio de bolso — Felicina, você sabe cuidar dele melhor do que eu, tome.

— Oh! Madre, que é isso? Respondi confusa.

— Fique quieta. Como lhe falta a simplicidade! Veja, se você fosse simples, teria obedecido sem dizer nada. D. Bosco diz que, ao Senhor e a Maria Auxiliadora muito agradam as religiosas simples. E você não é ainda!

Percorremos as ruas da Asti de cá para lá por três horas seguidas e nada encontramos do que procurávamos. De vez em quando a Madre me dizia: “Que fazer? Paciência! Ofereçamos a N. Senhor este nosso aborrecimento e assim servirá para o céu. Cada passo e cada palavra seja um ato de amor de Deus, com a intenção de salvar uma alma.” Faltavam poucos minutos para a partida do trem e nós, que não tínhamos nos lembrado de olhar a hora, nos encontrávamos bem longe da estação. Apressamo-nos então mas, com toda a nossa boa vontade, o trem já havia partido.

A Madre não se perturbou. Ficou um momento em silêncio e depois disse: “O Senhor via e já sabia disto; e vê também quanto me aborrece não poder estar em casa esta noite. Paciência! Que Ele pense em nós, já que assim o permitiu. Vamos, o bom Deus guiará os nossos passos; vamos em companhia de Maria Santíssima e de S. José quando procuravam albergue. Avante! Em nome de Deus!”

Passando em frente de uma padaria, a Madre compra um pouco de pão; mais adiante, umas maçãs, e eu olhava admirada por vê-la tão calma, pois já chegava a noite e não sabíamos onde passá-la. Depois de termos caminhado um bom tempo sem destino, a Madre me disse: “Sabe? Aqui em Asti moram três jovens que não puderam

continuar conosco por falta de saúde. Vamos procurá-las. Elas devem morar numa espécie de hospital de um certo Sr. Cerrato, que iniciou uma obra de beneficência para os pobres abandonados.”

Indaga de cá, procura de lá, até que uma velhinha nos acompanha à residência do Sr. Cerrato na avenida Alfieri.

Quanta alegria das três ao ver a Madre! Nem falavam de comoção, apenas olhavam, parecendo ter medo que desaparecesse. Depois de alguns momentos, a Madre quebrou o silêncio e disse sorrindo: “Vocês poderiam nos hospedar por esta noite? Chamem o Sr. Cerrato e peçam-lhe permissão para isto.” Permissão?... O Sr. Cerrato veio agradecer-lhe por ter procurado a sua humilde casa e logo quis levar-nos para conhecer as suas dependências, para que a Madre tivesse oportunidade de dizer uma palavrinha aos doentes, fazer uma pequena conferência às seis postulantes, dar conselhos a ele e coragem às três “filhas” para prosseguirem.

Verdadeiramente humilde a casa. Um tugúrio! Os asilados eram oito: três velhinhos imobilizados, duas crianças, duas mulheres tuberculosas e uma com câncer, roendo-lhe o rosto há cinco meses e exalando um mau cheiro insuportável. A Madre sentou-se ao lado da doente, falou-lhe por longo tempo dos sofrimentos de Jesus na cruz, do purgatório, do prêmio eterno e a fez chorar de consolação e de conforto. Em sua comoção ela elevava as mãos aos céus e bendizia a Deus que lhe mandara aquela graça. Antes de deixá-la, a Madre se aproximou bem dela e lhe disse: “Quando estiver no paraíso, reze por mim. Diga ao Senhor que me ajude a salvar a minha alma e que eu lhe recomendo as pessoas que me são caras.”

Descemos sem dizer palavra e nos trazem uma sopa fervendo. Mas quem teria vontade de comer depois do que se viu e se fez junto daqueles doentes? E a sopa? “Capelletti” (espécie de pasteizinhos), muito cozidos, engruvinhados... Que repugnância! Entretanto, a Madre os comia tranqüilamente. Eu devia imitá-la! Mas, num momento em que ficamos sozinhas, a Madre, rápida como um relâmpago, despeja o meu prato no dela e me dá um daqueles pãezinhos comprados: “Olhe, eles têm a mesma forma deste posto à mesa; ninguém vai perceber; coma depressa e fique quietinha!” Eu, de boca aberta, maravilhada ante tanta agilidade e por ter sido compreendida sem proferir uma palavra, devia parecer uma “ochina” (*) Recuperando-me,

(*) *N. da R.*: OCA — gansa (feminino de ganso) — em italiano tem o sentido figurado de “pessoa tola”. É esse o significado do termo neste texto: “Tolinhã” (no diminutivo).

procurei fazer o mesmo com a Madre e trocar-lhe ao menos o pão, mas foi inútil.

Terminado, eis novamente o Sr. Cerrato, depois uma a uma, as três antigas "filhas" que permanecem um bom tempo conosco. A última se chama Jacinta; que alegria ela manifestou quando a Madre lhe disse que poderia voltar a Nizza, que seria aceita para uma nova experiência! Mais feliz, entretanto, era a Madre por ter podido transmitir àquelas almas tristonhas a abundância de sua caridade.

As onze horas eles, finalmente, nos deixam sozinhas, para um pouco de repouso e eu me preparo para passar o resto da noite em uma cadeira, porque havia uma cama só e eu esperava deixá-la para a Madre. Mas ela preparou o leito, arrumando os lençóis para dois lugares e eu tive que obedecer, vencendo todo o constrangimento. A Madre não tirou o hábito e rezou baixinho a noite toda. Eu estava acordada, mas com os olhos bem fechados, e percebia que a cada hora ela me cobria (já começava a esfriar durante a noite) e não se preocupando consigo mesma, repetia baixinho: "AGIMUS! Sim, obrigada, Senhor!"

De manhã, após a comunhão, despedindo-nos daquelas pobres "filhas" partimos. No trem, a Madre continuou a rezar e pelas poucas palavras que disse percebia-se que ela estava contente. "Perdemos a viagem e não conseguimos o que procurávamos, mas o Senhor pensou por nós. DEO GRATIAS!" Tinha verdadeiramente cumprido uma missão."

IRMÃ ALBINA FRASCAROLO VAI PARA O CÉU

A 28 de outubro, Ir. Albina Frascarolo troca esta terra pelo céu, sua única aspiração.

Ao aproximar-se o momento extremo, fixando o olhar em um dado ponto, ela disse inconsolável: "Para mim aquela cruz, ó Jesus, para mim que pequei, não para vós que sois inocente!"

Esforçava-se para ir na direção daquele ponto, como para abraçar a cruz; e não se aquietou senão quando lhe puseram nas mãos o crucifixo que estava pendurado à parede. Então ela o colocou no ombro direito, como se finalmente lhe tivesse sido dada aquela cruz tão desejada e dizendo: "Assim está bem, Jesus!" deixou esta terra.

POBRE BEDARIDA!

O mês de novembro teve início com uma grande tristeza. Annetta Bedarida, coagida por sua nova conselheira cedeu e voltou com os

parentes, que felizes a levaram para fazer uma longa viagem a fim distraí-la e compensá-la das angústias passadas.

Madre Mazzarello fica inconsolável e atribui a si a culpa desta desistência. Entretanto, que poderia ter feito a mais? E que poderiam ter feito a mais os salesianos? Pe. Bonetti desafiou todo perigo. Pe. Cagliero estava disposto até a ir para a prisão. Pe. João Francesia recorda: "Nós estávamos em Lanzo para os exercícios espirituais e D. Bosco estava conosco. Quando soube como andavam as coisas disse ao Pe. Cagliero:

— Você ouviu o que está acontecendo em Turim?

— Sim, caro D. Bosco!

— Você seria capaz de ir ao Oratório e esta noite, no Santuário de Maria Auxiliadora, com os ritos próprios e diante de testemunhas batizar a Bedarida?

— Se o Sr. achar bom, irei logo. Mas amanhã vá me procurar na cadeia nova!

Dizendo isto, o futuro apóstolo da Patagônia se levantou, para executar o que D. Bosco lhe pedia.

Eu estava presente, ouvi o pedido e vi o ato de obediência, ficando bem consternado com as possíveis e graves conseqüências.

(...) Recorda-se ainda como os hebreus de Bolonha ficaram exasperados contra o Papa, por ter acolhido o jovem Edgard Mortara, batizado por uma empregada quando estava em perigo de morte.

Enquanto o Pe. Cagliero partia abençoado por D. Bosco, eu subia para a minha cela, onde, não me envergonho de dizer, rezava para que Deus impedisse o que eu temia como um grande desastre.

Naquela ocasião o Pe. Cagliero, mesmo depois dos quarenta anos, era ágil como uma lebre e apenas cheguei ao quarto, já o vi na calçada, depois na ponte do Gesso, enfim na entrada da estação; via a fumaça da máquina e ouvi o apito... O trem partia sem ele, que teve que voltar atrás. Respirei de alegria; mas talvez, nunca como naquela tarde ele sentiu de ter chegado atrasado.

Voltando a Lanzo e tendo ido contar o que acontecera a D. Bosco, ouvi estas palavras: "Com estes homens se vencem tantas batalhas! O Senhor hoje não quis de nós senão a boa vontade." (45)

A Madre reza, sofre e se preocupa; Superiores e Irmãs intensificam seu fervor e mortificação. Mas os hebreus não desistem de seus propósitos.

(45) G.B. Francesia — Sr. Maria MAZZARELLO i primi due lustri delle FMA (S. Benigno Canavese — Livr. Sal. Editora — 1906) 315-16.

TAMBÉM IRMÃ ADELAIDE CARENA VAI PARA O CÉU

Ir. Adelaide Carena, apesar de ser um verdadeiro colosso na aparência, foi atacada de uma grave enfermidade que, todavia, não lhe tira o bom humor, nem a impede de continuar com suas interessantes saídas. A boa Irmã oferece todo o seu sofrimento segundo as piedosas intenções da Madre, cujas delicadas atenções, unidas às do confessor, conseguem fazê-la superar o medo do terrível momento reservado à justiça eterna.

A graça dos santos votos perpétuos, emitimos no dia 16, lhe proporciona a mais suave calma.

No dia 19, com o doce nome de Maria Auxiliadora nos lábios, Ir. Carena vai unir-se às Irmãs que já estão na eternidade dos justos.

RECOMENDAÇÕES DA MADRE

As apreensões que assaltaram e atormentaram a moribunda, Ir. Adelaide, deram à Madre argumento para as suas recomendações sobre a pobreza: "Façamos tudo que pudermos para economizar; somos pobres, fizemos o voto de pobreza, não desperdicemos nada. Se vocês acharem no chão um barbante que ainda possa servir, um botão, uma agulha, um alfinete, recolham-no. Quando descerem as escadas, levistem o hábito, para que não se estrague a barra. Também não deixem cair no chão as migalhas de pão, o pão representa a graça de Deus e não deve ser desperdiçado ou jogado, se quisermos o auxílio da Providência. Habituem também as meninas a estas coisas."

À Madre Assistente que, de acordo com sua fineza de trato, havia ensinado as internas a passar a lâmina da faca usada num pedaço de pão, para deixar depois no prato e não beber até a última gota do vinho agüado do copo, diz com simplicidade a boa Madre: "Não, isto não! Isto não é para as nossas meninas; não temos as de elevada condição. É bom que elas conheçam estas regras de boa educação, para algum caso especial na vida, mas praticamente... as nossas internas precisam ser formadas mais na simplicidade, educadas, sim, mas sem perder de vista a economia."

Também sobre a obediência ela repete com veemência: Estejamos atentas, por caridade, a obedecer com espírito de fé; em nossa obediência ponhamos tanta fé, a ponto de ser quase impossível ter pensamentos mesmo de leve, contrários aos das superiores."

Durante uma de suas últimas conferências, segundo o costume, ela interrogou uma ou outra que dissesse o que pensava sobre o andamento da casa; uma das Irmãs, com boas maneiras se eximiu de res-

ponder e a Madre: "Ah! Você não se interessa pelo bem geral? Isto é um mal para uma Filha de Maria Auxiliadora.

O nosso bom Pai D. Bosco costuma dizer: "No fim da vida se recolhe o fruto das boas obras." Nós vemos isto em nossas queridas Irmãs que, tão freqüentemente, nos deixam para ir para a eternidade. Pois bem, reflitamos de nossa parte se vivemos uma vida de satisfação ou de mortificação e demos a nós mesmas a resposta!"

MORTIFICAÇÃO E POBREZA PARA SI MESMA E PARA AS FILHAS

Imagem! Justamente a Madre a examinar-se sobre o espírito de mortificação! Madre Petronila afirma que desde menina 'a Maria' costumava dizer: "Somente com a mortificação se pode conservar a castidade", portanto, nada concedia de supérfluo ao seu corpo, ao contrário, desejaria fazer penitência se lhe tivessem permitido.

Ir. Clara Preda acrescenta: "O mesmo princípio sempre insinuou às suas filhas. Para duas Irmãs, que sofriam de uma inflamação, havia determinado que tomassem todos os dias um pouco de leite fresco, mas para que não ficasse prejudicado o espírito de mortificação, aconselhou que juntassem ao leite um pouco de vinagre; e eu, que o servia, fazia isto com a maior fidelidade.

Mas nem por isso ela deixa de praticar as necessárias atenções maternas, especialmente para as mais jovens, às quais proíbe de se privarem de alimento, já bastante escasso, e repete: "Vocês têm amor próprio? Mortifiquem-no, pedindo aquilo que lhes for necessário."

ÚLTIMA CARTA DE IRMÃ VIRGÍNIA MAGONE

Uma carta de Ir. Virgínia Magone para a Madre deixa entrever outras do Uruguai para Turim. A carta foi escrita no outono, entretanto já lembra o Natal. Infelizmente já se começa, também na América, a falar de doenças!

Viva Jesus menino!

Reverendíssima Madre Superiora,

Todas as Irmãs da Itália e da França ⁽⁴⁶⁾ tiveram a sorte de vê-la uma ou duas vezes neste ano, não é verdade? E as pobrezinhas da América foram esquecidas! Como a senhora pode resistir ainda, sem lhes fazer uma visita? Tenha compaixão de suas filhas distantes,

(46) As da França tinham vindo para os exercícios espirituais. A Madre não esteve na França durante o ano de 1879.

sim tenha... Deixe as noventa e nove ovelhas e venha procurar aquelas que há muito tempo estão fora do redil amado. Eu estou certa, minha reverenda Madre, que se a senhora soubesse quanto os nossos corações se alegram quando falamos ou pensamos na senhora, oh! certamente não deixaria de vir aumentar em nós esta consolação com uma sua visita. A senhora dirá (parece-me até ouvi-la): "Iria com muito gosto, mas como posso deixar tantas por tão poucas?" Reverenda Madre, não lhe digo de vir para ficar sempre aqui, isto não. Seria impossível. Mas, fazer-nos apenas uma visita é coisa fácil e razoável. E então? Não tem vontade de nos rever? De ver o lugar onde estamos, a casa e tantas outras coisas? Venha, pois, venha consolar suas filhas americanas.

No ano passado, por ocasião do Natal a senhora me deu uns confeitos, dizendo-me de conservá-los até a sua vinda aqui. Guardei-os até agora, mas se não vier logo eles vão se estragar... E depois, quer que eu lhe diga uma coisa? Tenho em mente que morrerei muito em breve, pois tenho uma tosse que me atormenta e não quer deixar-me. Por isso, se a senhora não vier logo, tenho receio de não vê-la mais. Se eu for para o Paraíso antes de sua visita à América, irei encontrá-la em Nizza, hein? Mas não chegou ainda a hora para mim, pois tenho tantos pecados e devo fazer penitência antes de morrer.

Minha Reverenda Madre, queira ter a bondade de rezar por mim, a fim de que eu me converta de uma vez. Vim para a América, para salvar a minha alma e a dos outros e ainda não consegui fazer nada de bom. As outras Irmãs são humildes, obedientes, cheias de caridade e de doçura e eu sou o oposto. Ah! Se visse Ir. T.M. ⁽⁴⁷⁾ como é boa e exata na observância das Constituições! É um prazer vê-la, me causa inveja! As outras também são muito boas, somente eu sou sempre má, sou uma ingrata aos benefícios que me faz o Senhor. Ah! Minha Reverenda Madre, peça a Jesus que me troque o coração. Aproximamo-nos do Natal e por isso lhe pediria um presente, isto é, dar um beijo ao menino Jesus por mim e ao mesmo tempo dizer-lhe uma palavrinha em segredo; o que lhe deve dizer, deixo que a senhora pense.

Perdoe-me, Reverenda Madre, se tenho coragem de lhe mandar esta folha tão mal escrita. Que fazer? Hoje estou com febre e por isso, não podendo estar sentada à mesa, é preciso não escrever ou então escrever da cama, como estou fazendo. Sinto não poder dizer-lhe

(47) Ir. Terezinha Mazzarello.

tudo que desejaria, mas não importa. O que não posso dizer agora, se Deus quiser, hei de dizê-lo em outra vez.

E, se por acaso não lhe pudesse mais escrever, desde já eu lhe auguro boas festas, bom fim de ano e feliz Ano Novo! O mesmo faço a todas as Madres, a todas as Irmãs, a todas as Filhas de Maria Auxiliadora e em particular àquelas que têm boa vontade de vir à América, principalmente às mornesinas, começando da Madre Superiora, Madre Vigária, Madre Econômoma, Madre Felicina de Borgo S. Martinho, Madre Rosália, Ir. Rosina de Biella, Ir. Carlota Pestarino, Ir. Bodrato, Ir. Teresina Mazzarello, Ir. Areco e todas aquelas cujo nome não me recordo mais. Da Madre Assistente embora não seja de Mornese me recordo bastante e também me recordo do trato que fizemos na tarde da festa de S. Pedro. E a senhora se lembra também? Queira ter a bondade de dizer a Jesus uma palavra por esta pobrezinha.

Minha Reverenda Madre Superiora, peço-lhe que tenha a bondade de recomendar-me às fervorosas orações das Irmãs e especialmente de Madre E. ⁽⁴⁸⁾ Agora, de qualquer jeito devo terminar, porque a Diretora quer escrever do outro lado. Portanto, Madre, me perdoe e se digne abençoar-me.

Sua pobre filha

Ir. Virgínia.

VIAGEM DA MADRE A TURIM

No sábado, dia 23, a Madre e M. Henriqueta vão a Turim, para voltarem após dois dias. Novidades? Não se fala, mas se imagina.

Passar um 24, um domingo, em Turim, quando já se iniciou regularmente o ano na escola e no oratório... para a Madre isto quer dizer muito! Quer dizer entreter-se com Maria Auxiliadora em sua Igreja, assistindo às funções participadas magnificamente por centenas de meninos de D. Bosco; quer dizer poder aproximar-se das Irmãs com mais folga do que nos dias de semana; quer dizer verificar a frequência das jovens nos pátios, nas aulas de catecismo, na capela da casa. Quer dizer, enfim, conhecer e fazer-se conhecer mais nas várias atividades de apostolado dos dias festivos. De fato, a Madre e M. Henriqueta voltam a Nizza com muito boas e apreciadas notícias.

(48) Madre Henriqueta Sorbone.

NOTÍCIAS QUERIDAS E ÚTEIS

Contam as Irmãs que também este ano, segundo o costume, D. Bosco lhes mandou em um gracioso cestinho, os primeiros cachos de uva "frágola" recolhidos pessoalmente da parreira que se estende até à janela de seu quarto; é uva reservada unicamente aos benfeitores do Oratório.

Contaram que as escolas estão sempre mais freqüentadas com alunas contribuintes e alunas gratuitas, atendidas especialmente pela Diretora, por Ir. Maritano, Ir. Brusasco, as quais devem aprender com o Padre Bonetti, que se presta com muita caridade, o que deve ser ensinado cada dia. À tarde vão à sala de trabalho. Ir. Catarina — a Diretora — acrescenta que recebeu no ano passado uma visita do Inspetor escolar acompanhado do Pe. Durando, salesiano, conselheiro da escola. A Diretora, por acanhamento, não conseguiu dizer uma palavra: mas Pe. Durando conseguiu que ela fizesse uma bela figura. Que felicidade ter Padres e Irmãos tão bons e tão vizinhos!

Madre Henriqueta apoderou-se de todas as normas que pôde obter de Ir. Catarina, e que ela por sua vez recebera da caridade dos Superiores, como orientação e norma didática educativa: horário para a distribuição das disciplinas nas classes de escola noturna; trechos de bons autores, formativos e inspirados em princípio de fé, para ditados e exercícios de memória das meninas mais adiantadas; máximas fundamentais para assistência e formação, em perfeita harmonia com o pensamento de D. Bosco.

Madre Assistente sabe muito bem aproveitar de tudo isto para as suas novas mestras e assistentes. ⁽⁴⁹⁾

AS FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO SE DÃO A CONHECER E SE FAZEM APRECIAR

A Madre e Madre Henriqueta trazem ainda novas informações sobre a associação das 'Filhas do Sagrado Coração' do Oratório de Turim. Além do pequeno "Regulamento" próprio da Associação, introduziu-se o "livrinho dos nove ofícios" com a "Coroinha do Sagrado Coração", constituindo um tesouro para as associadas.

De acordo com os Nove Ofícios iniciou-se uma nova prática de outro tipo: cada aluna inscrita não só sirva de auxílio na assistência às oratorianas, na igreja e fora, mas se encarregue também de um grupinho especial de companheiras: nove para cada uma — para lhes fazer o maior bem possível.

(49) Anexo (Allegato) n.º 5.

As conferências para as associadas são quinzenais; revezam-se o Diretor, Pe. Cagliero, Pe. Bonetti e a Diretora. Os vários sacerdotes: Pe. Leveratto, Pe. Marchísio com Pe. Cagliero e Pe. Bonetti, encarregados do Sagrado ministério entre as oratorianas, atendem às confissões, às vezes até às dez horas da noite. As novenas para as festas principais do ano são de comunhão quotidiana para as 'Filhas do Sagrado Coração', embora a missa seja celebrada bem cedinho. As festas maiores são sempre coroadas com a comunhão geral das oratorianas.

A todas, sem exceção, se oferece depois uma apreciada merenda: pão com salame e, se dá certo, também "mentiras doces", graças à generosidade de benfeitoras e benfeitores conhecidos ou não.

Pe. Cagliero não recebe individualmente as meninas, mas quando elas o cercam, no pátio, permanece prazerosamente a falar-lhes de D. Bosco, de Nossa Senhora e de vários argumentos sempre muito apreciados. D. Bosco também passou algumas vezes para ver tanta juventude, e suas poucas palavras foram sempre recebidas como um precioso tesouro. Assim fizeram também com a Madre, quando se colocou entre elas, domingo, para uma saudação, um encorajamento, uma exortação ao bem.

OUTRAS DUAS CARTAS DA AMÉRICA

D. Bosco recebeu duas cartas: de Ir. Vallese e de Ir. Joana Borgna e gentilmente as deixa por alguns dias com a Madre, para que pudesse lê-las à comunidade, com o fim de animar a todas para as obras do Instituto. Apresentamos o texto das mesmas:

Mui Revdo. e prezadíssimo Pai D. Bosco,

Perdoe-me se venho importuná-lo com esta minha carta. Depois de tanto tempo que não o vejo mais, sinto-me como que atraída por mão invisível para pegar na pena e dar-lhe algumas notícias minhas e de nossa casa de Villa Colón.

Saiba, pois, que nós todas estamos bem de saúde. Estamos também contentes, alegres, mas desejamos, talvez um pouco demais, o dia feliz de poder rever o 'nuestro querido Padre' nesta terra estrangeira. É verdade que não merecemos tão grande favor, mas esperamos que seu bondoso coração não resista às tão calorosas instâncias que lhe fazem tantos seus filhos e filhas da América.

Quanto às práticas de piedade nós estamos bem atendidas. Temos todas as manhãs a Missa em nossa capela; podemos nos confessar cada semana e fazer a santa comunhão todos os dias. Que o Senhor nos conceda sermos menos indignas de uma tão grande graça!

Todos os meses fazemos o dia de retiro prescrito pelas Constituições e nessa ocasião as três Irmãs de Las Piedras também se unem a nós. O nosso bom Diretor Pe. Lasagna nos faz a conferência costumeira e nos anima ao bem.

Nos dias santos, a nossa capela, por falta de igreja nos arredores, fica repleta; todos se encantam com o nosso belo quadro de Maria Auxiliadora e louvam esta nossa Mãe caríssima.

As nossas escolas até agora não são tão freqüentadas como as de Las Piedras, mas esperamos que o sejam com o tempo. Além da instrução às meninas, nós atendemos a vários trabalhos e à lavanderia do colégio de Villa Colón, sempre cheio de muitos meninos.

Por aqui são raríssimas as vocações ao estado religioso. Entretanto, já temos uma jovem noviça e uma postulante. Esta já passou dos 25 anos fixados pelo nosso regulamento e por este motivo não deveríamos aceitá-la; mas, pensamos de fazer uma exceção, em vista de sua virtude e da escassez de pedidos. Temos fundada esperança de que ela será um dia uma verdadeira Filha de Maria Auxiliadora.

Eu porém, meu bom pai, sinto-me tão incapaz... Imagine que tenho de dirigir duas casas: esta de Villa Colón e a de Las Piedras... e pensar que não me sinto preparada para governar sequer uma... Peço-lhe, pois, que reze muito por mim. Espero também que nos mandem Irmãs sadias e santas, entre as quais uma que carregue a minha cruz, para que, em vez de mandar eu tenha só que obedecer, pois me parece ser mais fácil ir para o céu pelo caminho da obediência, do que pelo comando. Mas, se faça em tudo a Santa vontade de Deus e dos meus superiores.

Entretanto, nosso bom pai, digne-se aceitar as felicitações e os augúrios pelas festas natalícias e de bom término e começo de ano. Queira também rezar ao Menino Jesus, que venha nascer em nossos corações trazendo o fogo do seu divino amor, queimando tudo que não lhe agrada. Nós também rezamos e rezaremos muito, muito mesmo, pelo senhor.

Confiando enfim, no belo Coração de Jesus me professo de
V.S. Revma.

Villa Colón, 20 de outubro de 1879

Humílima filha

Ir. Ângela Valesse ⁽⁵⁰⁾

(50) Cópia no Arquivo Geral das FMA. A carta foi publicada no Boletim Salesiano de janeiro de 1880, ano IV, n.º 1, pág. 7-9.

Reverendíssimo e caríssimo Pai em Jesus Cristo.

Peço-lhe perdão, ó querido Pai, se demorei tanto a lhe dar algumas notícias sobre a nossa casa de Las Piedras. Isto se deve em parte ao meu descuido e em parte ao excesso de trabalho que temos de fazer aqui. Agora estou lhe escrevendo a intervalos e mais à noite que de dia.

Começo por dizer-lhe que me fizeram 'vigária' desta casa, não pelos meus méritos, mas para que fizesse exercitar a paciência às duas boas Irmãs que vivem comigo. A ótima nossa Diretora, Ir. Ângela Vallese, sendo também Diretora da casa de Villa Colón, fica lá a maior parte do tempo. Ela vem aqui fazer-nos uma visita a cada oito dias e fica conosco todo o tempo que pode, orientando-nos e aconselhando-nos. Se puséssemos tudo em prática seria bom, mas eu sou sempre aquela Ir. Joana... Que Deus me perdoe e não permita que eu faça algumas das minhas.

Na ocasião em que o Exmo. Sr. D. Jacinto Vera, Bispo de Montevideu, e o Pe. Costamagna vieram para as missões nesta paróquia, nós também fizemos os exercícios espirituais, mas não tão tranquilamente como fazíamos em Mornese. Todos os dias devíamos ir à Paróquia dar catecismo às meninas e em outras horas devíamos preparar os jovens para a confissão e comunhão. Esperamos que Deus tenha abençoado esta nossa hora de caridade e que os nossos exercícios não lhe tenham sido desagradáveis.

O Pe. Costamagna, que pregava na Paróquia e nos fazia as devidas conferências, deixou também belas lembranças às meninas de nossa escola e lhes ensinou vários e belos cantos, que compôs durante a sua viagem à Patagônia. Ele partiu, deixando-nos todas animadas. Verdadeiramente agora estamos com grande vontade de nos tornar santas, mas não basta bem começar, é preciso perseverar. Muito confiamos na proteção de Maria Auxiliadora, nossa Mãe terníssima, e nas orações de nosso bom Pai D. Bosco.

Deus está abençoando cada dia mais os nossos pobres esforços e nos tem mandado muitas meninas. É esta uma das maiores consolações que experimenta o meu coração e o de minhas Irmãs. Asseguro-lhe que as meninas formam a nossa delícia, embora algumas nos façam provar pequenos bocados um tanto amargos. Em geral, porém, elas nos querem muito bem e quando terminam as aulas ou os trabalhos, em vez de irem para casa, querem ficar ainda conosco. Temo às vezes de cometer alguma desobediência, porque não as mando embora com pontualidade na hora estabelecida. Que fazer? Elas

pedem que as deixemos ficar e eu não tenho coragem de contrariá-las e assim passam as horas.

O senhor me perguntará: Como empregam o tempo estas meninas que têm tão pouca vontade de ir para casa? E eu lhe respondo: Embora as meninas aqui na América não gostem muito de trabalhar, as nossas estão sempre trabalhando: umas na costura, outras fazendo tricô, bordados em tela, redes e assim por diante. Enquanto estão trabalhando rezam o terço, que as maiores se encarregam de dirigir. Também cantam os louvores que lhes ensinamos em espanhol e até em italiano, como este:

“Sei pura, sei pia,
sei bella, ó Maria,
ogni alma lo sà
Che Madre più dolce
il mondo non ha” (*)

Agora que se aproxima o mês de Maria (em algumas partes da América o mês de Maria se celebra em novembro, por ser primavera), estamos ensinando as meninas a cantar as ladainhas, a ‘Ave maris stella’ etc. Outras vezes lhes narramos pequenos fatos ou as exortamos a serem boas, obedientes aos seus superiores; freqüentemente lhes recomendamos que fujam das más companhias e não dêem ouvido aos malignos e ímpios em fato de religião; enfim, dizemos a elas tudo de bom que sabemos. Elas têm um boníssimo coração, sabe? E ao ouvir as nossas narrações, às vezes se enternecem e até choram de comoção.

Todos os meses elas se aproximam dos sacramentos. Nesta ocasião o nosso Revdo. Diretor, Pe. Luís Lasagna, do Colégio de Villa Colón, vem até aqui para confessá-las e lhes fazer uma preparação adequada.

Não somente as meninas de nossas escolas tomam parte a estas funções, mas também as das escolas municipais, embora tenham de superar não poucas dificuldades. Pobrezinhas! Há algumas que quase não se aguentam de pé e freqüentemente estão aqui conosco. O Senhor as abençoe e as faça todas suas.

Estamos em um país muito bom, entretanto, não faltam tribulações. Uma destas nos veio por parte do Inspetor do Departamento Escolar que, contrariamente à liberdade de que se goza nesta Re-

(*) A tradução adaptada em português é a seguinte: Tão pura, tão pia / és bela ó Maria; / quem não saberá / Que Mãe tão amável / no mundo não há.

pública, queria ingerir-se em nossas escolas particulares e exigir de nós como o faz nas escolas municipais. Sabendo disto, o nosso Diretor foi pessoalmente ao presidente da República, que, ouvindo-o, perguntou:

— De quem é a casa onde funciona a escola?

— É minha, Senhor Presidente.

— Então fique tranqüilo; ninguém tem direito de perturbá-lo.

Assim o Inspetor teve que desistir de suas pretensões. Como nós só queremos fazer o bem à juventude, esperamos que Deus tome a nossa defesa e ficamos tranqüilas.

Todos os domingos vamos à Paróquia dar catecismo às meninas e é consolador para nós, poder dizer-lhe que vemos, ao nosso redor, também senhoras de idade a nos escutar.

Além destas ocupações, devemos atender à cozinha dos salesianos adidos à paróquia, cuidar da lavanderia, consertar e passar a roupa da igreja.

Para todos estes trabalhos nós somos somente três Irmãs e lhe asseguro que, apesar da maior boa vontade, nem sempre conseguimos atender a tudo.

Já pedimos uma Irmã para nos ajudar, mas os Superiores não sabem onde ir buscá-la, pois em Villa Colón o pessoal é escasso e em Buenos Aires as Irmãs estão para abrir uma nova casa na extensíssima paróquia de La Boca. Mande-nos o senhor, meu Revdo. Pai, Irmãs de Turim ou de Nizza e lhe ficaremos muito gratas. Oh! Se tantas boas jovens que estão por este mundo afora, soubessem o grande bem que poderiam fazer nestes países a tantas pobres meninas, estou certa de que fariam de tudo para se consagrarem ao Senhor e voar em nosso auxílio. O bom Deus as inspire e lhes conceda esta vocação.

Como não estou certa de lhe poder escrever novamente antes do Natal, aproveito esta ocasião para augurar-lhe Boas Festas, bom fim e bom início de ano, em nome também das minhas boas Irmãs que são Ir. Vitória Cantú e Ir. Laura Rodríguez, nossa primeira Irmã americana.

Oh! Queira Deus conceder-lhe tantos e tantos anos de vida feliz em meio de seus filhos! Queira também nos conceder a graça de ver V.S. aqui nestas terras. Nós o esperamos no próximo ano de 1880, juntamente com a Madre Geral, conforme sua promessa às Irmãs que daí vieram ultimamente.

Peço-lhe apresentar nossos cumprimentos às nossas Irmãs Turinenses e dizer-lhes que nós rezamos sempre por elas e por isso, troquem conosco, em recompensa, suas fervorosas orações.

Agora termino para não abusar de sua paterna bondade e todas nós três lhe pedimos que alcance para nós a graça de nos tornarmos santas.

Perdoe-me a má caligrafia e me creia nos Sacratíssimos Corações de Jesus e de Maria.

Las Piedras, 15 de outubro de 1879

Sua pobre filha
Ir. Joana Borgna ⁽⁵¹⁾

CORAÇÃO DE MÃE PARA QUEM ESTÁ LONGE

Das respostas e das exortações da Madre às Irmãs distantes, não há senão dois escritos sem data, que pertencem sem dúvida a estes dias. Um é dirigido a Buenos Aires, onde, como já escreveu o Pe. Costamagna, se preparam para a casa de La Boca, caso já não estivessem lá; outro é endereçado ao Uruguai. Do primeiro falta todavia o início

As Irmãs da América,

Coragem, minhas queridas filhas, esta vida passa depressa e na hora da morte ficaremos contentes pelas mortificações que tivermos feito. Não desanimem de modo algum por causa dos próprios defeitos; coloquemos de nossa parte toda a boa vontade, uma vontade verdadeira, resoluta e Jesus fará o resto. Tenham todas grande confiança no confessor e na Superiora.

Dêem bom exemplo às postulantes e às meninas que o Senhor lhes manda. Trabalhem sempre só para Deus se quiserem sair-se bem e alcançar merecimento. Vocês ainda estão todas juntas? Quando se separarem estejam atentas para que não se separe o espírito; conservem-se sempre unidas de coração. O que se faz em uma casa, faça-se na outra se quiserem manter sempre o espírito de nossa Congregação. Recomendo-lhes especialmente de rezarem; rezem muito e de coração, rezem por mim, pelos Superiores, por todas as suas Irmãs. Eu peço sempre que comunhem por vocês e as suas Irmãs o fazem de coração. E vocês fazem assim também por nós?

Oh! Quantas coisas lhes escreveria ainda, mas o papel acabou. Vão ao Coração de Jesus e ouvirão tudo o que eu desejaria dizer-lhes.

(51) Também esta carta foi publicada no Boletim Salesiano de janeiro de 1880. Ano IV, n.º 1, pág. 7-8.

Vocês estão desejando um retrato meu, não é? Eu o mandaria de boa vontade, mas ainda não tenho. Ferrero finalmente me disse que não providenciou porque nenhum superior lhe deu ordem ainda. Se o fizer mandarei pelas primeiras Irmãs que forem para aí.

O Senhor as abençoe a todas, minhas queridas filhas. e as faça todas santas como eu desejo. Rezem por mim.

Viva Jesus e Maria!

A Minha boa Irmã Vitória (Cantú) não direi nada? Oh! Sim. Quero recomendar-lhe a alegria, a obediência e trabalhar sem afã, ter uma grande confiança na Diretora e no confessor. Jamais tristeza, que é a mãe da tibieza. Tenham coragem em tudo e façam que estejam alegres essas queridas, queridíssimas Irmãs. Tenham cuidado da saúde e trabalhem sempre para agradar a Jesus. Com este pensamento na mente, tudo será leve e fácil de fazer, não é, minha boa Ir. Vitória? Recomendo-me muito à oração de vocês e rezem também por todas, sim?

Que Jesus a faça toda sua, juntamente com a sua
Nizza, (novembro-dezembro) 1879

Afma. em Jesus e Maria
Ir. Maria Mazzarello ⁽⁵²⁾

SUS! VAMOS A NOSSA SENHORA DAS NEVES (alla MADONNINA)

Os últimos dias quentes do chamado “verão de S. Martinho” permitem uma saída recreativa e... útil. Falta dinheiro e não há provisões em casa; querendo evitar um desgosto às Irmãs e tornar, possivelmente, menos sensível a penúria do momento, a Madre combina confidencialmente com algumas delas, chegando a uma solução: Pegam um pouco de castanhas, quanto baste para dissimular a situação penosa e todas, Irmãs e meninas, vão a um pequeno Santuário — não muito perto nem muito longe da casa — provavelmente o de Nossa Senhora das Neves — sobre uma ridente colina, entre vinhedos e bosques.

Lá chegando, a Madre manda todas catarem lenha, com o pretexto de não sofrerem a troca de temperatura, mais fria do que em baixo e bem rígida; e ela, recorrendo à bondade dos colonos ali de perto, acende o fogo para cozinhar as castanhas.

(52) Original no Arquivo Geral FMA.

No momento propício ela mesma faz a distribuição; convida a beberem no fresco e límpido riacho vizinho e depois de algumas fervorosas AVE MARIAS no pequeno santuário e o canto de um louvor à Virgem, todas voltam para casa cansadas, mas alegres, com disposição mais para dormir do que para jantar. Era isto que se queria!

“QUERIDAS FILHAS, REZEM À PROVIDÊNCIA”

Entretanto, para aumentar o número daquelas que sabem controlar-se nas provas e na fé, antes de ir para o repouso, a Madre reúne a comunidade e fala: “Queridas filhas, rezem à Providência que venha em nosso auxílio, porque não sei como poderemos amanhã prover o necessário para a nossa parca refeição!”

Todas se põem a consolá-la, assegurando-lhe que, por um dia de jejum, não sofrerão, satisfeitas de terem ocasião para fazer penitência.

Na manhã seguinte, ao entrarem no refeitório para o almoço, as Irmãs só encontram um pouco de sopa e a boa Madre: “Hoje, queridas filhas, devemos estar contentes por sentirmos que somos verdadeiramente pobres e não deixaremos nem mesmo perceber que tivemos ocasião de nos mortificar.”

Pobre e querida Madre, tem muito que fazer para levar avante a sua numerosa e crescente família, entretanto ela põe todo o seu grande coração para não fazer as Irmãs sofrerem muito, especialmente as menos afeitas à vida de sacrifício, franciscana pela pobreza e salesiana pela serena alegria.

“E DEPOIS... QUER IR PARA A AMÉRICA?”

A noviça, Ir. Ernesta Farina, quebra por um descuido o melhor lampião da casa. Consternada se põe a chorar, temendo uma severa repreensão. E a Madre, ao contrário: “Oh! Que grande coragem! Chorar por tudo isto? E depois diz que quer ir para a América? Mas vá, deixe disto...” O consolo materno faz secar rapidamente toda lágrima.

NOVENA DO JUBILEU

No dia 29 inicia-se a novena em preparação à festa da Imaculada. Este ano ocorre o primeiro jubileu da definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria Santíssima e é a primeira novena da comunidade de Nizza, diante da estátua da Imaculada de Lourdes.

Pela primeira vez se prepara a recepção das melhores alunas internas entre as Filhas de Maria, e a solenidade mariana será a primeira celebrada pelo Pe. Lemoyne, na nova casa-Mãe e na Igreja do ex-convento de N. Senhora das Graças.

Tudo isto concorre para intensificar o fervor das Irmãs e das alunas.

No sermãozinho de ocasião o Diretor faz uma introdução recordando a soleníssima cerimônia celebrada em Roma, na Igreja de São Pedro, no dia 8 de dezembro de 1854 pela proclamação do novo dogma mariano.⁽⁵³⁾ Depois traça em largas linhas o culto da Imaculada, sobretudo nestes últimos vinte e cinco anos, em Lourdes e em todo o mundo católico; faz um rápido comentário do hino TOTA PULCHRA e sugere, enfim as práticas de amor filial mais intenso à Imaculada Mãe de Jesus e nossa.

O Diretor, desta maneira, alcança o duplice escopo de predispor a comunidade a uma festa jubilar e de acender o fervor das alunas, que serão escolhidas como as primeiras "Filhas da Imaculada" na Casa de Nizza.

A MADRE ÀS IRMÃS DE BORGIO S. MARTINHO

No início de dezembro a Madre escreve às Irmãs de Borgio São Martinho.

Viva Maria Imaculada!

Eis que nos aproximamos da bela festa de nossa Mãe, Maria Santíssima Imaculada. Sei que vocês estão desejando muito uma palavra minha e eu estou pronta a atendê-las, animando-as a fazer bem a novena, com todo o fervor possível e com a exata observância das Constituições.

Portanto, é preciso que todas nos empenhemos, especialmente nestes dias tão belos, para praticar sinceramente a verdadeira humildade e combater a todo custo o nosso amor próprio; a suportar reciprocamente com caridade os nossos defeitos. É preciso também que façamos com entusiasmo e fervor as nossas práticas de piedade, especialmente a Santa Comunhão, esforçando-nos por ser exatas às nossas Constituições, praticando melhor os nossos votos de pobreza, castidade e obediência. Se assim fizermos, Nossa Senhora estará con-

(53) Anexo (Allegato) n.º 6. V. Boletim Salesiano — dezembro de 1879, ano III, n.º 12, pág. 1-2. Cf. também "La Madonna di Pio IX", in Galantuomo, 1879, pág. 35-36.

tente conosco e nos obterá do Senhor todas as graças de que necessitamos para nos fazermos santas.

Nestes dias, recordemo-nos de renovar os bons propósitos feitos no santo Retiro espiritual; rezemos muito pelos nossos queridos Superiores, pelas necessidades da querida Congregação e não nos esqueçamos das Irmãs falecidas.

Portanto, coragem, trabalhem por Jesus, de boa vontade e fiquem tranqüilas, pois tudo quanto fazem e sofrem lhes será pago no Paraíso.

Sejam sempre alegres no Senhor. Sou a sua

afma. Madre

Ir. Maria Mazzarello ⁽⁵⁴⁾

FRIO INTENSO E CASOS DE VARÍOLA

Nestes mesmos dias, Ir. Elisa Rancallo comunica à mãe: “Em Nizza, além do frio intenso, grassa também a varíola; já nos vacinamos todas. Se o frio refizer as forças eu me tornarei saudável como um peixe.”

Frio e o espantinho da varíola! Que dirá a Madre a Nossa Senhora, que fará para manter a coragem das filhas?... O que ela faz todas sabem. Continua a encontrar-se, e talvez com maior frequência que de costume, onde o trabalho é mais pesado e cansativo; também ela a se congelar junto ao tanque de lavar roupa, em algumas horas, ao relento; também se ocupa em procurar o melhor modo de cobrir no leito ou fora dele aquelas que quase não têm o necessário; e é sempre a primeira a dizer e repetir, em tom de amável encorajamento:

“Avante, filhinhas! O bom Deus vai embelezar suas almas e premiar os seus sacrifícios.”

Além disto se juntam os preparativos para as novas vestições e profissões. A Madre econômica está preocupada; a Madre trabalha, reza e sorri.

CHEGADA DO PE. CAGLIERO

No dia 5 de dezembro chega o Diretor Geral para realizar as funções da festa da Imaculada, dedicando-se primeiramente a confessar, escutar, alegrar Irmãs e meninas.

A Madre se mostra satisfeita, com uma alegria nova estampada no semblante, recorda as graças, que se seguiram, após o abençoado

(54) Original no Arquivo Geral FMA.

dia em que ela mesma recebeu a sagrada medalha da Imaculada, depois o hábito de Filha de Maria Auxiliadora, na profissão religiosa e, com certeza, implora para estas suas meninas e filhas as mesmas graças celestes.

FESTA JUBILAR DA IMACULADA

No dia 8 se executa o canto da assim chamada "Missa de São Luís;" cantadas são também as "Vésperas" e o "Tantum Ergo". As primeiras inscritas à Pia União das Filhas de Maria são 22; as novas, 15. As novas professoras 8, e 4 as profissões perpétuas.

Entre as novas professoras, encontra-se Ema Ferrero, agora completamente transformada.

Entre as admitidas a vestir o hábito religioso, acha-se a condessinha Amália de Meana, que durante o postulado foi de edificação pelos seus cativantes atos de humildade. Natural de Turim, é de Nizza por escolha, por causa de sua habitação campesina a meia hora do colégio; a par da educação recebida em família, une a simplicidade e o porte robusto adquirido na vida do campo, ao ar livre, onde transcorreu a maior parte de sua juventude.

Ela se entendeu logo muito bem com Madre Mazzarello, ambas espíritos fortes, almas irmãs no esforço de ir diretamente a Deus. A Madre não lhe poupou observações particulares, nem correções públicas, às vezes tão somente por deficiência de ordem caseira, bem compreensíveis nela. A jovem, acostumada a ser em tudo a primeira e a comandar, não voltou atrás diante da prova, ao contrário, confiou ainda mais decididamente em quem a plasmava segundo os desígnios de Deus.

As lembranças tradicionais são dadas pelo Diretor Geral e a comemoração da tarde é uma bela conclusão da festa da Imaculada, sendo que o fervor perdura ainda nos dias seguintes, graças à presença e às palavras de D. Cagliero.

ANNETTA BEDARIDA VEM CHORAR SUA DESVENTURA

Logo que passou a festa da Imaculada, eis que a pobre Annetta Bedarida, de volta de sua viagem de . . . recreio, vem confessar a sua fraqueza e chorar a sua desventura. Sua rede agora está mais emaranhada e quanto a Madre sofre também com isso!

NOTÍCIAS E “FLORES” PARA O NATAL

Para a próxima novena do Natal, D. Bosco, por meio do Pe. Cagliero, manda a Nizza uma cópia das “flores” (práticas espirituais) por ele organizadas para os sacerdotes e alunos de suas casas; e o bom Diretor Geral, em seu nome ajunta um trecho da última carta do Pe. Costamagna a D. Bosco:

“Ante-ontem, as nossas Irmãs foram, animadas, para a nova casa de La Boca. Não encontraram por enquanto nenhuma oposição, porque, graças à Divina Providência, as quatro ou cinco Sociedades Maçônicas lá existentes estão em desavença entre si e, como “*omne regnum in seipsum divisum desolabitur*” eles se acham como leões sem garras, não tendo forças para nos atacar. Deo gratias!”⁽⁵⁵⁾

— “Deo gratias”, mesmo! — Diz logo com alegria a Madre, e com entusiasmo beija aqueles escritos de verdadeiros santos apóstolos, lendo-os vagarosamente.

NOVENA DO SANTO NATAL

Para os Religiosos e alunos das Casas Salesianas elaborada por D. Bosco: 13 de dezembro de 1879

A solenidade do Santo Natal deve excitar em nós os seguintes efeitos e resoluções:

1. Amor a Jesus Menino com a observância de sua santa lei.
2. Suportar os defeitos do próximo por amor do Menino Jesus.
3. Esperança na infinita misericórdia de Deus e firme propósito de fugir do pecado.
4. Reparar o escândalo com o bom exemplo, em homenagem ao Menino Jesus.
5. Por amor a Jesus Menino fugir da imodéstia mesmo em pequenas coisas.
6. Em obséquio ao Menino Jesus examinar-nos se nas confissões passadas tivemos o arrependimento com suas características.
7. Se mantivemos os propósitos feitos nas confissões passadas.
8. Revisão das confissões da vida passada, como fará depois Jesus Cristo em seu divino tribunal.
9. Decidir-se a amar Jesus e Maria até a morte.

(55) Carta de Pe. Costamagna de 6/11/1879. Original no Arquivo Central Sal. Publicada, no Bol. Sal. de janeiro/1880, ano IV, n.º 1, pág. 9-11.

10. Festa do Santo Natal: Comunhão e freqüência à mesma para o futuro.

Com augúrios de bênçãos celestes por parte de seu amigo

Sac. João Bosco ⁽⁵⁶⁾

AUGÚRIOS FILIAIS

Em preparação à festa de Natal a comunidade de Nizza manda seus votos a D. Bosco:

Viva Jesus Menino!

Revdo. e caríssimo Pai,

Não há coisa mais agradável que poder manifestar a V. Revma. quão grande seja a veneração e o amor que lhe professamos, nem há ocasião mais propícia do que o Natal para lhe dar disto um verdadeiro testemunho.

Ó Revmo. e nosso bom Pai, permita, pois que nós, suas humildes filhas, lhe apresentemos, expressos nos melhores votos de felicidade, os sentimentos de nossa alma. Desejaríamos fazê-lo mais com os fatos do que com as palavras mas devemos confessar que não somos capazes. O pensamento, porém que nos consola, é que o Sr., nosso bom Pai, vê e conhece o nosso pobre coração e saberá muito bem nos compreender.

Os augúrios de prosperidade que apresentamos a V. Revma., pelas próximas festas do Natal, são um pequenino sinal de nosso reconhecimento ao senhor. Nosso vivo desejo é consolar seu paterno coração em compensação de tantas aflições que vem sustentando neste mundo maligno, especialmente neste ano; por isso, ó bom pai, procuraremos com a nossa boa vontade e com a ajuda de Deus, nos tornarmos tais como o seu coração deseja. Queremos, sim, fazer-nos santas e assim sermos a delícia de Jesus e juntamente a satisfação de quem tanto se cansa pelo nosso bem. É verdade, nada são as nossas forças, mas o Divino Infante nos ajudará. Os nossos votos, pois, são férvidos, para que V. Revma. veja coroada de êxito toda sua benemérita e santa empresa e possa ver espalhado por toda a parte o bom odor de Cristo.

O Meninozinho Jesus, esperamos, não olhará os nossos deméritos e nos atenderá.

Queira V. Revma. aceitar estes nossos pobres mas sinceros augúrios, enquanto nós, implorando sua benigna compaixão, todas pros-

(56) Cf. MB XIV, 362-83.

tadas a seus pés com respeito lhe beijamos a paterna mão, com a qual
lhe pedimos abençoar-nos, pois somos felizes de nos considerar,
Nizza, 22 de dezembro de 1879

de V.S. Revma.
Humílimas Filhas em J.C.
As Irmãs Professas ⁽⁵⁷⁾

A Carta vai apostilada pelo Pe. Lemoyne:

Caríssimo Pai,

Mil agradecimentos pela feliz lembrança que D. Bosco tem sempre por nós: as "florinhas", nós as praticamos com a intenção de celebrarmos santamente a novena do Natal como é seu desejo. Li também em público a circular pedindo orações para se alcançar do Senhor um feliz êxito na abertura da Missão da Patagônia. Esteja certo de que Nizza Monferrato saberá elevar uma nuvem de incenso agradável à Virgem celeste.

A Associação de Maria Imaculada foi solenamente instituída entre as alunas internas e será também fonte de fervorosas orações.

Aproveito a ocasião para lhe apresentar os meus augúrios, como o borbulhar de um coração que, penso, não será o último em amar Dom Bosco e com a ajuda de Deus, espera não lhe dar nenhum desgosto, mas, ao contrário, tornar alegres, por quanto lhe for possível, todos os dias da vida do mais amante e amado entre os pais.

Creia-me em J.C.

Seu afmo. filho
Sac. João Batista Lemoyne

A SENHORA PASTORE

Não foi esquecida a Senhora Pastore, sempre benévola benfeitora. A Madre assim lhe escreve:

V. Jesus Menino!

Caríssima Senhora,

Como são belos estes dias! Eles nos enchem o pobre coração de insólita alegria, pois que Jesus Menino nos vem visitar com as mãos plenas de graças. Ele é todo amor e toda bondade, para nos amar e nos aproximar de si.

Quantas graças lhe pedirei para a senhora, minha querida dama! Para a senhora que sempre colabora para o bem de nossa pobre

(57) Original no Arquivo Central Salesiano.

Congregação. Rezarei e farei rezar àquele Jesus, que prometeu não deixar sem prêmio mesmo um copo d'água dado por seu amor, para que recompense, ainda nesta vida, com o cento por um, a sua caridade. Que Ele a abençoe em todas as suas obras, afastando de seu caminho todos os males e conservando-a ainda por muitos e muitos anos em ótima saúde.

Reze a senhora também pela minha alma; rezemos reciprocamente ao pés do Menino Jesus, para que nos tenha sempre unidas em seu coração aqui na terra, e se digne reunir-nos no céu por toda a eternidade.

Todas as Irmãs, especialmente as suas conhecidas, me encarregaram de lhe fazer os mais afetuosos augúrios, extensivos às boas senhoras que fizeram os exercícios espirituais no verão próximo passado.

Eu lhe desejo as mais eleitas bênçãos, e no Coração de Jesus serei sempre

Afma. Irmã

Ir. Maria Mazzarello ⁽⁵⁸⁾

DELICADEZA DE CORAÇÃO MATERNO

Um belo cesto de frutas chegou da Ligúria para a postulante Luisa Desirello. “É Jesus Menino que manda! — exclama a Madre — Ele bem sabe como passamos aqui. Venha, venha Luisa; sinta que perfume vem deste cesto! Abra-o você mesma, sirva-se com liberdade, sirva-se bem de doce e de fruta, para você e suas companheiras! Sim, festejem o Menino Jesus e fiquem alegres!”

A postulante comovida corre para as companheiras e conta-lhes as impressões, ainda vivas, que experimentou quando chegou a Nizza e a Madre foi pessoalmente encontrá-la no locutório, continuando depois com mil atenções para com ela e recorda o seu cuidado em colocar-lhe o xale por causa do frio intenso, jamais experimentado na Ligúria, e enfim a sua insistência para que fosse à cozinha, para tomar alguma coisa quente, antes de deitar, e assim poder dormir bem e passar a noite tranqüila.

É apenas uma a contar tudo isto, mas todas as que escutam podem dizer o mesmo.

(58) Original no Arquivo Geral FMA.

O NATAL DE JESUS, ALEGRIA DOS CORAÇÕES

Missa cantada à meia-noite; primeira comunhão de quatro pequenas internas e homenagem de toda a comunidade, participando do banquete Eucarístico.

Outras duas missas são celebradas pelo Diretor, na manhã do dia 25.

A tarde foi reservada para a comemoração ocasional, com a honrosa presença de pessoas beneméritas da cidade e de alguns parentes próximos de Irmãs e alunas.

Não basta o Menino Jesus ser assim recordado e comemorado neste Natal. Ele quer também ser festejado com a notícia de que no dia 15, antecipadamente ao previsto, oito missionários e quatro Irmãs partiram de suas casas do Uruguai e da Argentina para a Patagônia. Foram sem conta os “vivas” de alegria e entusiasmo.⁽⁵⁹⁾

AS IRMÃS DE BORDIGHERA

No dia de João Evangelista, a Madre pensa em Bordighera e responde às suas queridas filhas:

Viva Jesus Menino!

Minhas Caríssimas e boas Irmãs:

Ir. Adele David, Ir. Maria Cassulo, Ir. Carlota Negri (professas)

Ir. Josefina Armelonghi (noviça)

Recebi a carta de vocês e lhes agradeço pelos augúrios e orações em minha intenção, tão agradáveis ao meu coração.

Jesus as recompense com dardos de seu amor e eu, de minha parte rezei ao terno Menino Jesus por vocês. Estão contentes? Passei-as todas em minha memória, repetindo os nomes: Ir. David, Ir. Carlota, Ir. Josefina e Ir. Marieta. Pedi-lhe que lhes dê sua santidade. Sua humildade e desapego de si mesmas; amor ao sofrimento e aquela obediência pronta, cega, submissa que Ele tinha para com seu Eterno Pai, para com São José, Maria e que praticou até a morte de cruz. Pedi-lhe que lhes dê caridade e aquele desapego total de tudo que não é Deus, a paciência e uma perfeita resignação à vontade divina.

Ó minhas queridas Irmãs, quantos exemplos de belas virtudes podemos colher olhando Jesus no presépio! Meditem sobre isto e verão o fruto que tirarão daí; será grande se o fizerem com humildade.

Desejo-lhes um bom ano, repleto de graças e bênçãos celestes.

(59) Boletim Salesiano — Janeiro de 1880. Ano IV, n.º 1, pág. 4.

Queridas Irmãs, comecem bem o ano, pensem que para algumas poderá ser o último que começamos, pois quem sabe se chegaremos ao fim? É preciso que estejamos sempre preparadas, tendo as nossas contas em dia, assim a morte não nos causará medo.

Coragem na guerra contra o amor próprio, combatamos este terrível inimigo, que nos faz perder o fruto das boas obras.

Tenham todo o cuidado necessário; estejam sempre alegres, sadias de alma e corpo. Rezem com fervor, também por mim, não é? E pelas nossas Irmãs. Não se esqueçam daquelas que já foram para a eternidade e também daquelas que estão na América.

Ir. Carlota, agradeço-lhe pelo bilhete que me escreveu; fiquei contente de saber que você está alegre e tranqüila. Deus a abençoe e você continue sempre a ser boa e a dar bom exemplo às suas Irmãs.

Sua irmã está alegre, vai indo bem e a saúde. Reze por ela e por mim, sim? Coragem! Brevemente irei vê-las.

E você, Ir. Josefina, sempre levadinha? Estou contente que você esteja sempre alegre. Continue sempre a ser obediente e humilde se quiser fazer logo a profissão, sabe? Eu lhe dou a tarefa de manter alegre Irmã Marieta. Reze por mim e por todas.

Ir. Marieta, você vai ficar zangada comigo, porque a deixei por último, não é mesmo? Mas alegre-se, pois eu lhe quero muito bem, não a esqueço nunca. E você reza por mim? Está obedecendo à sua Diretora? Espero que sim. Sua irmã Angelina está bem.

Ir. Madalena Martini me escreveu que vão mandá-la para a Patagônia. Reze por ela e por todas. Deus a faça toda sua.

Agora, coragem a todas e de modo especial a você Ir. Adele. Tenham cuidado com a saúde. Saudações ao sr. Diretor, recomendando-me às suas fervorosas orações. Digam muitas coisas bonitas às meninas e à Sra. Letícia, que tenha coragem, que estou rezando e fazendo rezar por ela.

Nós aqui estamos bem, exceto Ir. Angelina Delodi e Ir. Maria Stardero, que estão com varíola. Rezem por elas e por mim, que estou precisando muito.

Renovo os meus agradecimentos e creiam-me, aos pés de Jesus Menino, a sua

Nizza, 27 de dezembro de 1879

Afma. Madre

a pobre Ir. Maria Mazzarello ⁽⁶⁰⁾

(60) Desta carta não se possui (no Arq. Ger. FMA) senão uma transcrição. O original, tendo ido, não se sabe como, para a Argentina, ficou irrecuperável.

ÚLTIMO DIA DO ANO

Com a função do dia 31 de dezembro se encerra um ano rico de trabalho, de preocupações, de sacrifícios, de graças e de conforto, na maior parte vistos somente por Deus. O canto solene do TE DEUM, depois das ardentes palavras do Diretor, dispõe melhor a receber a bênção do Santíssimo, como prenúncio de um ano novo, todo empenhado no amor de Deus e das almas.

Após o jantar, faz-se a reunião da família, para os augúrios ao Diretor e à Madre. Irmãs e meninas se alternam em alocuções e poesias de circunstância; todas sentem estar na casa de Nossa Senhora, antegozando as alegrias do céu e todas bendizem D. Bosco, que as acolheu com coração paterno, para fazerem parte de sua família e dividirem com ele o programa: DA MIHI ANIMAS, COETERA TOLLE.

ANO 1880

O ano se abre belo e promissor, porque a casa conta com quarenta e três postulantes, todas animadas de muito bom espírito.

Na manhã do Ano Bom, invocam-se as bênçãos de Deus, com missa cantada; à tarde, o Diretor faz um sermãozinho fervoroso, seguido da renovação das promessas do batismo e da bênção do Santíssimo.

IRMÃ FERRETINO EM BIELA

No dia 3 de janeiro — primeiro sábado do ano — Biella se alegra com a visita da Ecônoma, Ir. Ferretino, e de algumas Irmãs, que vêm substituir as outras, que já trabalhavam naquela casa com louvável abnegação e com o pensamento e o afeto sempre voltados para a querida comunidade de Nizza Monferrato.

A MADRE FAZ SUAS AS RECOMENDAÇÕES DE DOM BOSCO

Entretanto, o venerável fundador se prepara para a viagem à França e como, pela bondade dos superiores, certos desejos e necessidades suas não são um segredo para a Madre, esta os faz próprios e os recomenda vivamente às orações das filhas:

“O nosso bom Pai D. Bosco quer que as leituras Católicas entrem em todas as famílias cristãs; façamo-nos apóstolas também nós para isto, conforme as ocasiões que o Senhor nos der.

D. Bosco disse aos seus cooperadores que está precisando de Irmãos Coadjuutores, para tantos trabalhos apostólicos menos indicados para os sacerdotes; rezemos e se pudermos dizer alguma palavra para os alcançarmos, não deixemos de fazê-lo.

D. Bosco sugere aos benfeitores de se unirem às orações que se fazem em suas casas para obter graças e auxílios da Providência.

Para isto aconselha rezar: Três Pai Nossos, Ave-Marias e Glória ao Pai com as jaculatórias: Sacratíssimo Coração de Jesus, tende piedade de nós; Maria Auxiliadora dos cristãos, rogai por nós. E fazer algumas comunhões e obras de caridade. Não fiquemos atrás, não façamos menos que os leigos para o nosso bom Pai. Cada uma procure o modo e o meio de satisfazer a este desejo de D. Bosco que para nós é o desejo de Deus e de Nossa Senhora.”

As filhas não esperam que o pedido se repita e enquanto cresce em seus corações a veneração e o reconhecimento para com D. Bosco, vai aumentando também em suas almas o fervor da piedade e a generosidade no sacrifício.

NOVAS PREOCUPAÇÕES

As Irmãs não sabem, mas a Madre está a par de algumas sérias preocupações de D. Bosco por certos pedidos de Roma a respeito do relacionamento entre as duas famílias salesianas.

A situação é ainda difícil: só a intervenção divina pode ajudar a superar todo obstáculo. ⁽¹⁾

DOM BOSCO VAI A NICE ATRAVÉS DA LIGÚRIA

Entre os dias 12 e 14 do mês D. Bosco deixa Turim, indo pela Ligúria; pára algumas horas em Alássio e chega a Nice.

As Irmãs do litoral poderão tão-somente beijar-lhe as mãos em sua rápida passagem; mas saber que ele está ali, é o suficiente para compensá-las de tantos sacrifícios!

A MADRE EM QUARGNENTO

Quase contemporaneamente a Madre vai a Quargnento, onde permanece por uns dois dias sem fazer muita conta do frio, que no dia anterior fizera Ir. Elisa Roncallo escrever: “Querida mamãe, este ano o frio está terrível! Ainda bem que temos os aquecedores, que trazem um pouco de calor às salas de trabalho e de aula!”

A MADRE JUNTO À POSTULANTE COM VARÍOLA

A Madre volta a Nizza em tempo para impedir, diríamos, que a morte levasse a postulante Teresa Facelli. Poucos dias antes ela fora maternalmente impedida do despropósito de voltar para casa, depois de nem duas semanas de sua chegada a Nizza.

(1) Anexo (Allegato) n.º 7 e 7b. V. nota 37, pág. 69.

Atacada pela varíola, ficou tão mal que chegou a receber os últimos sacramentos. Ao chegar a Madre, a enfermeira que está junto da doente, com um grande suspiro lhe diz: "Ah! Madre, esta manhã fiquei sozinha aqui quando esta quase que se vai!" Mas a Madre com firmeza lhe responde: "Não, não! esta filha não vai morrer ainda, esteja tranqüila." Depois se coloca ao lado dela, como só ela mesma sabe fazer; manda escrever a D. Bosco pedindo uma bênção especial e a postulante se refaz, melhora, fica fora de perigo. A Madre com sua fé em Maria Auxiliadora e em D. Bosco canta vitória.

E o educandário de Nossa Senhora das Graças negou à varíola a vítima que teria sido a primeira de uma série...

IRMÃ AGOSTINHA CALCAGNO VAI PARA A ETERNIDADE

Mas... a senhora morte derrotada de uma parte se vinga de outra, levando de Mornese a boa Ir. Agostinha Calcagno, que se vai serena como viveu nos quatro anos de vida religiosa. Deixa a terra no dia 28 de janeiro, quarta-feira; os seus exemplos de mortificação, de obediência, de pobreza, de lento martírio entre as dores destes últimos meses são e serão a sua preciosa herança para as Irmãs que a pranteiam e rezam a ela com confiança.

A Madre conheceu esta sua filha ainda criança, seguiu-a em sua juventude pura, acolheu-a entre suas filhas na flor de seus vinte anos e agora já não existe mais. Quanto ela sente!

Entretanto, consegue ainda encorajar as outras Irmãs e mesmo que sua saúde precária sofra abalos, ela não se cuida. É sempre a primeira na Igreja, no trabalho, na recreação.

A MADRE NA LAVANDERIA

Em Nizza, a roupa se lava em casa, mas não há tanques cobertos, aliás, nem mesmo um tanque descoberto! Os frades não precisavam disto e a casa não está ainda em condições de fazer despesas deste gênero, por isso se levam grandes baldes para perto da bomba e se lava a roupa no pátio. A Madre precede a todas, lava mais do que todas, mesmo que o frio intenso lhe congele as mãos e, quando é hora de merenda e a convidam com algum pretexto para ir lá dentro de casa, ela com finura responde: "Daqui a pouco. Deixem-me merendar o que ganhei, depois irei." E logo pega a sua tigela, como qualquer outra das presentes, recebe o seu quinhão de castanhas cozidas, come-as ali em pé, observando bem se as mais jovens e as

mais robustas têm pão suficiente e se as mais fracas vão ao refeitório, para tomar alguma coisa mais aceita pelo estômago.

Durante o exaustivo trabalho é observado o silêncio, interrompido somente por alguma jaculatória, que sai mais do coração que dos lábios. Como na sala de trabalho, assim na lavagem da roupa, só se dispensa o silêncio por uma meia hora depois das dez da manhã. Se neste tempo alguma, distraidamente diminui o ritmo do trabalho, a Madre intervém prontamente: "Irmãs, falem só com a boca e não com as mãos! Esta meia horinha é mais para o descanso do espírito que do corpo! Hoje para nós é dia de colheita! O paraíso é belo! Vamos apostar para ver quem sabe alcançar mais merecimentos?"

Algumas ficam a lavar somente uma ou duas horas, devendo depois ocupar-se em outras coisas. Se a Madre está presente, ao primeiro toque do relógio ou do sino logo ela adverte: "Podem ir, podem ir, que aqui estou eu que as substituo!" Naturalmente, com tais exemplos, qualquer trabalho com ela se torna agradável e meritorioso. ⁽²⁾

COISAS BELAS EM LU

As queridas Irmãs de Lu sentem cantar o coração com as belas notícias do dia 2 de fevereiro, dia da purificação de Maria Virgem e da apresentação de Jesus ao Templo.

Realizou-se a bênção da capelinha, consagrada à Sagrada Família, sendo celebrada a primeira missa, em honra de S. Francisco de Sales. Neste dia realizou-se também na casa a conferência anual dos cooperadores salesianos com uma afluência jamais imaginada de sacerdotes e pessoas da cidade e dos arredores. ⁽³⁾ Ainda: numerosas comunhões, canto das vésperas, bênção do Santíssimo... e tantos louvores a D. Bosco, à sua obra, às Irmãs: não cabem em si de alegria. Impossível não comunicar isto às Irmãs de Nizza. E Nizza se alegra com eles em fraterna comunhão, com acentos de vivo reconhecimento à Auxiliadora e a D. Bosco.

SOLENE INSTALAÇÃO DA "VIA SACRA"

O dia 17 de fevereiro traz ao colégio Nossa Senhora das Graças um outro acontecimento. Apesar da devoção que todos professam

(2) Da relação de Ir. Feliciano Ravazza, Ir. Luízinha Boccalatte, Ir. Maria Genta, Ir. Delfina Guido e várias outras contemporâneas.

(3) Cf. Boletim Salesiano de março de 1880, ano IV, pág. 2-5.

à Paixão do Senhor, foi preciso se resignar até hoje com a renúncia ao exercício da Via Sacra, tendo como consequência inevitável, a saudade da inesquecível Mornese. Mas o Diretor, Pe. Lemoyne, não se conformou com aquela pobreza e providenciou, especialmente entre os membros do comitê Católico da cidade, o auxílio necessário para atingir a importância da compra dos belos quadros de expressão tão viva, que agora se contempla.

O Bispo Diocesano Dom Sciandra concede a faculdade de se fazer a ereção canônica; o missionário apostólico Pe. Ricci é delegado para realizar as funções rituais e muitos cidadãos de Nizza participam da cerimônia.

Quantas recordações queridas vêm então se entrelaçar entre o presente e o passado do ex-convento de Nossa Senhora das Graças! ⁽⁴⁾

A sagrada função tem lugar às 14.30 h, com a presença de quase todos os sacerdotes da cidade, à frente dos quais estavam o vigário Pe. Bísio, Mons. Verri, vigário de Incisa, os salesianos Pe. Sala e Pe. Belmonte, diretor de Borgo S. Martinho; e depois tanta gente que a igreja ficou lotada.

O delegado, Pe. Ricci, diz algumas palavras explicando a origem da Via Sacra e as indulgências ligadas a este santo exercício; em seguida se inicia a procissão. Uma aluna leva a cruz, acompanhada por outras com lâmpadas e velas; seguem as Irmãs levando os quadros das “estações”, depois os dez sacerdotes e o pálio, debaixo do qual o missionário leva a relíquia do sagrado madeiro de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A cada estação se executa o canto de uma estrofe do “STABAT MATER” e se conclui com o “TE DEUM”, musicado pelo Pe. Cagliero e cantado pelas Irmãs e alunas. No final, a bênção solene com o Santíssimo e o beijo à relíquia da santa cruz.

PROTEÇÃO DE SÃO JOSÉ

Com esta bela função fica aberto o mês de São José, já invocado como “ecônomo” do Instituto e neste ano também como enfermeiro e médico, porque em Nizza como em todo o Piemonte continua a grassar a varíola.

São já mais de trezentas as vítimas na cidade; entre nós se verificou somente o caso de algumas Irmãs e alunas atacadas por simples varicela, tanto que as pessoas externas não se persuadem de que o

(4) Anexo (Allegato) n.º 8.

colégio de Nossa Senhora tenha ficado ileso e algumas chegam ao absurdo de pensar que também entre nós tenha havido mortes pela epidemia e que as vítimas tenham sido sepultadas em casa!

Não sabem como é potente o nosso protetor S. José, ao qual confiamos todas as pessoas da casa.

EM CAMINHO PARA A SICÍLIA

Na manhã seguinte, 18 de fevereiro, é a partida para a primeira fundação na Sicília. As destinadas são: Ir. Úrsula Camisassa, diretora, Ir. Rita Cevennini e Ir. Virgínia Piccono.

A duquesa de Cáracaci lhes confiará a direção do orfanato feminino, que vem mantendo há algum tempo. ⁽⁵⁾

Sicília é Itália, mas com o pedacinho de mar que a separa do continente faz parecer que está no fim do mundo, e tanto as que partem como as que ficam, têm a impressão de que se trata de ir para a América.

A Madre tem sido e continua a ser bondosíssima para com elas. Chamou-as das casas onde estavam, para tê-las alguns dias ao seu lado; com reuniões especiais e conferências particulares, santamente as predispôs para a missão de mães e irmãs junto às órfãs que lá encontrarão recomendando-lhes também a humildade e submissão para com a duquesa, em tudo o que não for contrário às Constituições e ao espírito do Instituto. Cercou-as de atenções, recomendando-lhes de terem cuidado da saúde e de se amarem e se sustentarem como verdadeiras Irmãs; assegurou-se de que não lhes faltasse o necessário no próprio enxoval e hábitos; forneceu-lhes também algum material para os primeiros trabalhos de costura e outros similares. Enfim, exortou-as a fazerem generosamente o desapego de tudo e de todos, por amor a Deus, que as recompensaria com um aumento de virtude neste

(5) A vinda das Irmãs para o Orfanato de Catânia, há muito tempo solicitada pela duquesa de Cáracaci, fora definitivamente marcada para o início de 1880 com uma carta ao Pe. Bonetti (28/12/1879) na qual ela fixava as seguintes condições:

- * Reembolso das despesas da primeira viagem das três Irmãs, do Piemonte à Sicília;
- * Pensão anual de 1.000 liras para as três Irmãs conjuntamente, se se adaptarem à alimentação das órfãs e 1.500 liras se se mantiverem às próprias custas;
- * Fica compreendido o direito de usufruir dos móveis, da roupa não pessoal, da iluminação, da água e do combustível ao uso do orfanato e de ter assegurado o serviço religioso. (Original no Arquivo Geral FMA).

mundo e com o prêmio no outro. Ao despedir-se chora juntamente com elas.

A comunidade inteira as acompanha em espírito, prodigalizando-lhes religioso afeto e fervorosas orações. Na estação foram confiadas ao Pe. Sala que as acompanhará até Roma; de lá o procurador geral dos salesianos, Pe. Dalmazzo, se incumbirá de guiá-las até a meta.

Salesianas de D. Bosco, gozam também elas de redução ferroviária, bem como na viagem por navio de Nápoles a Messina. Nossa Senhora certamente as precede e lhes prepara o terreno e as almas que serão o campo e o fruto de sua missão. ⁽⁶⁾

PARA O 2.º ANIVERSÁRIO DE LEÃO XIII

Na tarde do dia 19, o Diretor Pe. Leymone prepara a comunidade para a celebração do 2.º aniversário de elevação de S.S. Leão XIII ao sólio pontifício, comentando o convite de D. Bosco a todos os seus, como foi publicado no Boletim Salesiano. ⁽⁷⁾

A jornada é toda oferecida pelo Papa, segundo as suas santas intenções: missa, comunhão e uma oração especial pelo Sumo Pontífice, pela manhã; canto do TE DEUM e solene bênção do Santíssimo Sacramento, à tarde. São sempre belas e proveitosas para o espírito estas repetidas expressões de amor e de devoção ao “doce Cristo em terra”.

DOM BOSCO NA FRANÇA

Do venerável Pai D. Bosco, na França, chegam poucas mas consoladoras notícias: no dia 6 de fevereiro esteve em Saint-Cyr, para onde logo irão as Filhas de Maria Auxiliadora; dia 7, em La Navarre, onde deve ter encontrado muita pobreza, a julgar pelo que escreveram as Irmãs: “A visita de D. Bosco e do Pe. Cagliari nos trouxe um grande bem, não só espiritual, mas também material. Nós e eles estávamos todos comovidos. Antes de nos deixar D. Bosco nos dirigiu umas afetuosas palavras de encorajamento para perseverarmos na vocação e no fervor.”

Toda a França fala dele; ele passa “fazendo o bem”. No dia 24, recebe-o a cidade de Nice, onde nossas Irmãs o acolhem em um filial encontro, embora seja somente por alguns minutos.

(6) Da relação de Ir. Úrsula Camisassa e Ir. Carolina Sorbone.

(7) Boletim Salesiano de fevereiro de 1880. Ano IV, n.º 2., pág. 6.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA PATAGÔNIA

Enquanto Ir. Ferretino vai a Mornese para tratar de questões relativas à transferência daquele abençoado berço lá deixado, chegam notícias da América que alargam o coração e reacendem os ardores missionários: salesianos e Irmãs estão na Patagônia desde 20 de janeiro. Ir. Angela Vallese, Ir. Joana Borgna, Ir. Angela Cassulo, Ir. Catarina Fino são as primeiras FMA e as primeiras Irmãs chegadas à Terra dos “sonhos misteriosos” entre os índios e as tribos a conquistar para o reino de Deus. ⁽⁸⁾

— Sim, nós gozamos com os seus triunfos — observa a Madre — mas pensamos em seus sacrifícios para chegar até lá? Nós nos entusiasmos para segui-las; entretanto, que fazemos para ajudá-las a enfrentar tantos perigos que certamente as circundam? As almas não se salvam só com palavras e entusiasmo, mas com mortificação e renúncia do próprio “eu”, com virtudes sólidas, minhas queridas Irmãs! Quem quer entrar na competição? Quem quer se preparar para as missões com os meios que o Senhor nos manda aqui em nossa pátria?

A quem responde — “Eu, eu”, a Madre propõe: “Então, *brichett à la prova!*”. ⁽⁹⁾ Começemos a fazer uma boa quaresma penitenciando o amor próprio, dando golpes de cegos aos nossos defeitos mais visíveis e mais contrários aos deveres do bom exemplo. Eu as ajudarei e vocês me ajudarão: todas dispostas?

— Todas! Todas, Madre querida!

EXERCÍCIO PRÁTICO E COMUM DE HUMILDADE

Eis-nos, pois em pleno exercício. Ir. Luízinha Arecco, como se sabe, além de sair-se bem em tudo, canta maravilhosamente. Um dia está recebendo elogios por haver tirado do embarço uma outra Irmã muito confusa em acompanhar um belo TANTUM ERGO na igreja; a Madre teme que ela se ensoberbeça e lhe diz na presença da comunidade: “Que você pensa de ser? Se nós também tivéssmos estudado como você talvez cantássemos e tocássemos melhor ainda! A jovem professa ficou vermelhinha, mas agradeceu sorrindo, sem nada dizer, nem no momento, nem depois.

(8) O jornal de Buenos Aires “A América do Sul” do dia 13 de janeiro anunciava assim a expedição: “...será a primeira vez desde que o mundo existe, que se verão Irmãs naquelas remotas terras austrais...”

(9) Expressão proverbial usada como exortação e desafio para provar com os fatos a própria capacidade.

Ir. Marieta Rossi, hábil bordadeira, mostra um pouco de repugnância para ir lavar os pratos e arear as panelas; e a Madre: “Ah! sim! para você fazer melhor ainda os bordados de sua própria perfeição, ficará neste trabalho por quinze dias ainda.” A mesma Irmã não dissimula uma certa complacência pelos seus bordados tão perfeitos, e a Madre: “Será melhor que você vá para a sala de trabalho comum, onde há muita roupa velha para remendar.” E a deixa lá por bastante tempo, até que a Irmã arrependida a procura e promete retificar sua intenção de trabalhar e procurar em tudo somente a vontade de Deus. Depois disto ela voltou logo ao seu bastidor para bordar.

Se alguma demonstra de não gostar muito da companhia de uma co-irmã, pouco simpática ou doentia, diz logo a Madre: “Bem, bem por quinze dias você ficará perto dela, tanto nos trabalhos como na recreação. Eu a acompanharei apenas com o olhar, para ajudá-la a conseguir a vitória.”

À Madre não escapa quem se preocupa de fazer bela figura no vestir-se e a chama:

— Diga-me um pouco: você gosta muito deste hábito, não é?

— Sim, Madre, muito!

— Então, vamos fazer assim: você vai trocá-lo com este que trago aqui. E lhe apresenta um outro bem velhinho, quase reduzido aos últimos termos... A Irmã se mostra penalizada.

— Como? — acrescenta a Madre — Não pensa você que Jesus vestiu uma roupa pior do que esta?

Cheia de benignidade e de compreensão para quem se acusa para emendar-se ou como exercício de humildade, a Madre não suporta os rodeios do amor próprio e a tendência a fazer recair sobre os outros as conseqüências desagradáveis. Nestes casos assume o tom da severidade: “Estas são como os escribas ou fariseus! Ou se emendam ou saibam que não estão bem na casa do Senhor e tomem outro caminho, se preciso for.”

Na comunidade já se conhecem estas frases cortantes da querida Madre e cada qual está atenta a não merecê-las, nem mesmo em particular. ⁽¹⁰⁾

Se alguma chega tarde à capela, quando já se começou a oração em comum, sem precisar que ninguém lhe diga, ajoelha-se no meio da igreja e fica ali até o fim, porque a Madre não cansa de repetir que as postulantes e as noviças devem aprender das professoras a con-

(10) Da relação de Ir. Elisa Marocchino.

siderar a pontualidade como um dever religioso; a advertência cessará quando todas compreenderem bem que a exceção se faz somente por exigências de trabalho ou por motivo de saúde.

Uma noviça, ao entrar na igreja para as orações da noite, pensa ter enxergado alguma cousa preta no chão e grita bem alto: "*Ahi! bargnif!*" (Ai de mim! o demônio!), provocando hilaridade e um pouco de desordem entre as companheiras. Violar assim o silêncio rigoroso? Para a Madre isto não vai! E com um sinal da mão e um olhar significativo indica-lhe que beije o chão, como já havia mandado fazer a duas outras alguns dias antes, por terem trocado algumas palavras, quando a comunidade estava entrando na igreja para a última saudação do dia a Jesus Sacramentado.

Na semana passada, o fato ocorreu com outras duas noviças que não faziam silêncio enquanto iam para a visita ao Santíssimo. O sino já havia tocado e não era a primeira vez que as duas amiguinhas faziam isto, tendo sido já avisadas. A boa Madre agora julgou melhor fazê-las parar tacitamente, convidando-as depois a ajoelharem-se no meio do corredor e beijarem o chão, justamente enquanto passava a comunidade que, sem se maravilhar, continuava a se dirigir para a igreja. ⁽¹¹⁾

Este ato de beijar o chão e ajoelhar-se por humilde penitência era costume em Mornese, sob a direção do jovem diretor Pe. Costamagna, que queria formar uma comunidade perfeita ao máximo; por isso também a Madre, embora mais moderadamente, usava esta maneira de fazer com finalidade formativa.

Poder-se-ia pensar que um tal modo de corrigir e de fazer renunciar a si mesma não fosse aceito por todas e que até algum coração pudesse fechar-se ou ficar tentado a se aproximar menos da Madre! Ao contrário, todas estão persuadidas de que ela só procura a perfeição de cada uma e nenhuma vai se deitar sob penosas impressões, sendo sempre ela que procura ocasião de fazer desaparecer qualquer nuvem. Além disso, cada uma vê com os próprios olhos como a Superiora Geral impõe antes a si mesma tudo que propõe às filhas.

Uma vez, ao anoitecer, a Madre havia dito algumas expressões bastante fortes a uma Irmã, no momento em que ia dar o sinal para o silêncio rigoroso. Quando todas se retiraram para o dormitório, ela foi de mansinho perto da cama daquela Irmã e, ouvindo-a soluçar baixinho debaixo das cobertas, disse-lhe ao ouvido: "No fique tris-

(11) Relação de Ir. Elisa Marocchino e de outras.

te, que eu gosto de você e o que fiz é para o seu bem!” A Irmã se tranqüilizou, enquanto a Madre se retirou talvez para agradecer a Jesus que lhe tinha sugerido de preferir a caridade ao silêncio. ⁽¹²⁾

Em outra ocasião lhe aconteceu de fazer de repente uma advertência de “fogo” na presença de uma noviça. Pouco depois, encontrando-a: “Eu fiz mal — pergunta serenamente — em dizer o que disse e como disse? Que lhe parece? Poderei fazer a comunhão amanhã? Veja, eu quero muito bem àquela filha, que pode se tornar uma grande santa e o que lhe disse em sua presença, foi somente por dever e para obter um bem maior. Reze por mim.” ⁽¹³⁾

Durante a semana a Madre entrou na cozinha enquanto estavam fazendo a polenta e ela a provou, tirando um pedacinho da colher de pau com que a mexiam; mas, sentindo logo o remorso se prepara para a reparação. Espera que a comunidade esteja toda no refeitório e antes de começar a oração da bênção da mesa, mostra a colher de pau dizendo: “Querem saber como sou mortificada?... Não soube esperar este momento e lá na cozinha me servi de polenta, tirando um pouquinho daqui. Por caridade, rezem por mim, queridas Irmãs!” ⁽¹⁴⁾

Não muito tempo faz, a Madre estava com fortes dores de dente.

— Oh! será que vou precisar mesmo de dentista?

Pega um alicate e procura se arranjar sozinha, repetindo: “Tudo é pouco, tudo é nada para o Senhor!”

Não conseguindo, chama uma Irmã das mais corajosas, pedindo-lhe o favor de lhe servir de “arranca-dentes”. A outra procura dissuadi-la, raciocina como uma filha com a própria mãe, mas em vão. “Tudo é pouco, tudo é nada para o Senhor, minha querida!”

Tendo sido vã também a segunda tentativa, ela inventa uma terceira: amarra um barbantino ao dente dolorido, prende sua extremidade a uma cadeira na qual faz senter-se a Irmã, enquanto ela com um puxão canta vitória! Que importa se a dor é atroz e o sangue jorra sem parar? “Como seria belo derramar todo o sangue por Jesus!” ⁽¹⁵⁾

Nestes dias Ir. Felicina Ravazza queria tirar-lhe da mão a vasoura, para que não se ocupasse daquele trabalho. “Mas deixe-me fa-

(12) Relação de Madre Henriqueta Sorbone.

(13) Relação de Ir. Henriqueta Gamba.

(14) Relação de Ir. Jacinta Morzoni.

(15) Relação de Ir. Catarina Daghero.

zer isto, minha bela! Pobre é ignorante como sou é isto que me vai bem! As professoras e estudantes, ao contrário, têm cousas mais importantes para fazer!” ⁽¹⁶⁾

Deve-se pôr em ordem as fossas negras e no grupo que disto se ocupa, acha-se em primeiro lugar a Madre, desde as primeiras horas da noite até às primeiras horas da manhã; a varíola, diz ela, persegue mais as jovens que as velhas... E ela está tão guregna ⁽¹⁷⁾ que nem as doenças vão atrás dela!

São episódios que suscitam a estima e a imitação das almas simples e retas. A eles se juntam a delicadeza de coração, toda própria da Madre, para cada uma de suas filhas, sejam postulantes, noviças ou professoras, ou mesmo suas pequenas filhas do internato, do oratório, das aulas de trabalho. Atos e palavras de bondade, com que ela conquista até os temperamentos mais difíceis e lhe dão entrada livre nos corações, dobrando as vontades mais resistentes.

A quem vai se acusar por ter cedido à tentação de comer um pãozinho fora de hora por estar com fome, ela se apressa a dizer: “Esteja tranqüila, isto não é nenhum mal.” E enxuga-lhe, quando ocorre, as lágrimas da confusão e do pesar, assegurando-lhe que avisará à Madre ecônoma de colocar alguma coisa a mais à mesa e termina quase sempre assim: “Quando você estiver com fome, venha comigo, que alguma coisa acharemos.” ⁽¹⁸⁾

Alguém se acusa de ter feito um estrago?

— Agora não pense mais nisso. Todo o seu desgosto deixe-o comigo; pronto, fique tranqüila! ⁽¹⁹⁾

Percebe que alguma está toda molhada e friorenta após um dia de lavagem de roupa ao ar livre? Ela não está em melhores condições, mas às filhas manda para a cama, faz tomar alguma coisa quente, enquanto para si mesma nem sonha o menor cuidado. ⁽²⁰⁾

Se percebe que alguém está chorosa ou triste por faltas que não sabe ou não ousa dizer: “Não desanime. Olhe, eu também sou assim.

(16) Relação de Ir. Felicina Ravazza.

(17) Guregna: expressão dialetal piemontesa que quer dizer — resistente, dura.

(18) Relação de Ir. Delfina Guido.

(19) Relação de Ir. Maria Genta.

(20) Relação de Ir. Delfina Guido

Caio tal e qual, mas com um pouco de coragem e a graça de Deus, vamos adiante e chegaremos a nos santificar. ⁽²¹⁾

A quem facilmente cai no defeito de exagerada timidez, alguns meses antes a Madre teria dito o seu: “Vá lá, você é mesmo uma *tugnac*” (bobinha), mas desde que soube que algumas ficavam sentidas, não usou mais esta expressão e se nota o cuidado que tem de não fazer brincadeiras de mau gosto. ⁽²²⁾

Também em Nizza acontece com certa frequência que experimentem o estímulo de um pouco mais de apetite. Uma Irmã de belo caráter, se apresenta um dia à Madre:

— Não agüento mais de fome!

— Cante então, que eu cantarei com você!

Entretanto, a Madre dá uma voltinha, busca de lá e de cá e volta com alguma coisa para satisfazer à Irmã que, inutilmente, tentava com canto sustentar o seu físico enfraquecido. ⁽²³⁾

UMA VISITA DO PADRE CAGLIERO

Enquanto se vive a quaresma neste clima de trabalho espiritual comunitário, pelo fim do mês chega a Nizza o Diretor Geral, Pe. Cagliero, festejado como sempre.

Vem com notícias da França, com a perspectiva da próxima fundação em Saint-Cyr e com o elenco geral do Instituto para o ano corrente, que lhe fora entregue pelos salesianos de Sampierdarena. Pela primeira vez aparecem os traços biográficos das Irmãs falecidas durante o ano precedente: cinco professoras e duas noviças; estas morreram na própria família como Filhas de Maria Auxiliadora no desejo.

PRIMEIROS TRAÇOS BIOGRÁFICOS DAS IRMÃS FALECIDAS

Estes traços biográficos eram já esperados com impaciência, desde o momento em que D. Bosco falara de suas vantagens e do dever de sua apresentação. Se às suas filhas não havia mandado diretamente o módulo próprio para recolher as notícias de suas queridas extintas, como fizera com os salesianos, ⁽²⁴⁾ é porque julgara que o Pe. Cagliero e o Pe. Lemoyne já teriam pensado. De fato isto aconteceu.

(21) Relação de Ir. Ermelinda Rossi

(22) Relação de Ir. Henriqueta Sorbone.

(23) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

(24) M. B. XIV — 390/91.

Naturalmente, o Pe. Cagliero em Nizza não deixa escapar ocasião para comentar o que pensa e diz D. Bosco; assim, todas, professoras, noviças e postulantes sabem que tais notícias sobre as falecidas do Instituto não são uma novidade salesiana, mas um santo costume de quase todas as famílias religiosas, porque a recordação dos que se foram é uma eloqüente lição sobre como se deve viver para bem morrer, como se deve fazer uso dos meios comuns para a conquista da perfeição pessoal, como Deus seja pródigo de graças para com quem sabe aproveitar dos seus dons no tempo útil. Estes acenos nos mostram também como é doce e suave a passagem da terra ao céu, para quem viveu sempre segundo o dever do próprio estado, e como na hora da morte tudo quanto é transitório torna-se um nada e todas as imperfeições tomam uma cor diferente da que geralmente têm quando não são vistas pelo prisma da santidade de Deus. Do exemplo dos mortos nos vem também nova luz sobre as características de cada modelo de santidade, sobre a observância das Constituições, sobre a conveniência de se estar preparados para a grande chamada. É preciso pois, ler atentamente os traços biográficos e tirar proveito deles. Quem vier depois de nós dirá: "Como estas, também nós, e se elas fizeram, por que não podemos fazer também nós?"

ÚLTIMOS ARROUBOS EUCARÍSTICOS DE IRMÃ EMA FERRERO

O primeiro dia de março nos leva de Nizza Monferrato a querida Ir. Ema Ferrero.

Não foi uma doença longa, mas de muito sofrimento, com horas e horas de delírio em que ela manifestava aquilo que sempre ocupara seu pensamento. "Seja louvado e agradecido a cada momento o Santíssimo e diviníssimo Sacramento", repetia sem cessar e qualquer coisa que se lhe dissesse ou perguntasse não obtinha senão uma profunda inclinação da cabeça e a sua inconsciente resposta com a mesma jaculatória.

Nestes últimos dias, interrogada em um momento de plena lucidez se preferia viver ou morrer, respondeu: "Tanto faz; se vivo, vivo por Jesus e se morro, morro por Ele." Nesta mesma manhã havia recebido o santo viático; ficara sem sentidos até àquela hora, mas apenas Jesus Eucarístico tocara a sua língua, voltou a si e recolhida fez com fervor o agradecimento.

A tarde foi perturbada pela recordação de suas imprudências juvenis e a tentativa a levou até a arrepender-se de ter feito o *ato*

heróico de caridade ⁽²⁵⁾ pelas almas do purgatório. Mas à palavra do Pe. Cagliero, que lhe sugeria de abandonar-se inteiramente à misericórdia divina, renovou seu ato heróico generosamente. Sofria muito. O Pe. Cagliero lhe perguntou se ela queria ir para o céu e gozar de Jesus para sempre. A resposta foi um afetuoso: "Sim, Padre!" Fixou o crucifixo que ele lhe mostrava, inclinou a cabeça e expirou.

Agora já terá recebido o prêmio de todos os bons exemplos que deu à comunidade, desde sua conversão e especialmente, do grande amor a Jesus Sacramentado que soube cultivar em seu coração.

DUPLA CARIDADE DA MADRE

Depois de todo o cansaço pela assistência mais que materna prestada por tantos dias à Ir. Ema c, não obstante a tristeza que invadiu seu coração, a Madre passou a noite inteira em uma cadeira, porque, pensando que Ir. Paulina Orlandi, doente, teria ficado impressionada se ficasse na mesma enfermaria onde morreu Ir. Ema, à noitinha a trouxe para o seu quarto, fazendo-a repousar em sua própria cama e ali ficando ao seu lado para lhe fazer companhia.

DOM BOSCO EM BORDIGHERA PARA O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DA IGREJA DE MARIA AUXILIADORA

Chega de Bordighera a consoladora notícia de que no dia sete de março se realizou a bênção da pedra angular da igreja de Maria Auxiliadora, com a presença de Dom Filipe Allegra, bispo de Albenga e de Dom Baragini, bispo de Ventimiglia. D. Bosco dirigiu a todos comoventes palavras de agradecimento, não se eximindo no final de ficar à porta para receber o óbolo de outros auxílios necessários. Choviam as ofertas, grandes e pequenas, pois o bom pai agradecia e invocava as bênçãos celestes com palavras delicadas até por uma única moedinha recebida.

A MADRE EM TURIM, CHIERI, CASCINETTE E BIELLA

A Madre soube que o Pe. Rua, tendo voltado de Sampierdarena, teria gostado de se encontrar com ela para combinar alguma coisa importante, em Turim. Ela toma então o trem com destino a Valdo-

(25) O ato heróico de caridade consiste na vontade, expressa com qualquer fórmula, de oferecer pelas almas do purgatório todas as obras satisfatórias, por nós cumpridas em vida, e as de outros aplicadas para nós em vida e depois da morte.

co. Depois de uma breve visita a Chieri, vai até Cascinette, onde não faltam dificuldades e dá uma chegadinha até Biella, agarrando assim, como se diz, “vários pombos com uma só fava”.

Na viagem, sentindo uma grande fraqueza, resolve chegar até um bar para comprar um pouco de pão e fruta. Ir. Pacotto que a acompanha observa-lhe que isto talvez, como Irmãs... E ela: “Qual nada! Fazer o mal é que não fica bem”. Faz a sua comprinha, servindo-se em seguida tranqüilamente da modesta provisão, depois de ter dado a melhor parte para a vizinha.

Ir. Pacotto conta ainda um detalhe.

A chegada da Madre, as Irmãs de Cascinette estavam em passeio e ela então se dirige à paróquia para uma visita de praxe ao Reitor.

A irmã dele, mal a viu, pode-se dizer, apressa-se a procurar as Irmãs e encontrando por primeira Ir. Cordara, põe-se a gritar: “Rosa, Rosa, chegou a Madre!”

Irmã Rosa, encarregada das tarefas de rua, veste-se como coadjutora e parece aos olhos das pessoas externas mais ou menos como a serva da comunidade, por isso, de bem poucos ela recebe o querido título de Irmã, o que a faz sofrer.

Também desta vez, aquele modo de chamá-la lhe fere o coração, mas pela inesperada e alegre notícia, não faz muito caso e num minuto já se encontra na casa do Reitor, aos pés da Madre e beija-lhe a mão.

A Madre, que certamente teria preferido uma entrada e uma saudação mais religiosa, olha-a afetuosamente e lhe diz: “Oh! Irmã Rosa, oh! minha filha, como você está cansada!”

O Reitor a olhara admirado e depois dissera às nossas Irmãs que lhe parecia impossível que a Madre, tão austera, fosse capaz de ser tão amável e terna, acrescentando: “É uma Sta. Teresa a vossa Madre, uma verdadeira Sta. Teresa!”

O Reitor acha que a Madre é austera! Sim, porque ele queria que as Irmãs, nas solenidades, fossem à paróquia para preparar as refeições festivas e algumas vezes também tomassem parte a elas e mais outras coisas. A Madre, porém, não cede; já respondeu que isto não convém, que as nossas Irmãs não são para estas cousas! E se tornam inúteis as novas insistências do Reitor.

A respeito dele, a Madre falou com as Irmãs e com outras pessoas, que é amabilíssimo, um sacerdote modelo na piedade, no fervor e no porte. Ir. Pacotto então lhe perguntara: “Se a senhora o

estima tanto, por que não o contentou em nada?" e escutou esta resposta: "Porque os seus pedidos podem dar lugar a abusos e os abusos são difíceis depois de se tirar! E você esteja atenta a não deixar entrar nem mesmo um só por sua culpa."

Por sua vez o Reverendo, depois deste encontro com a Madre, falando de Ir. Cordara ou dirigindo-se a ela dizia sempre bem claro: "Ir. Rosa", e, com isto, ela se sente tão feliz quanto antes se entristecia.

Nestes mesmos dias Ir. Rosa ouviu da Madre estas palavras: "Você é sempre a primeira a ser recordada, pela manhã em minhas orações, porque está mais em perigo do que as outras, e cada tarde eu a tenho tão presente que me pergunto: "Quem sabe como terá passado o dia a minha querida Ir. Rosa?"

Que mais se pode desejar para que esta visita seja abençoada?

A MADRE NÃO ADMITE EXCEÇÕES

No dia 19, festa de S. José, logo seguida da comemoração de Nossa Senhora das Dores, a Madre está em Nizza.

Ela não se sente bem de saúde, por isso, à mesa, lhe é oferecido algo diferente e meio copo de vinho aguado, como em casos idênticos ela aconselha que se faça com as outras. Entretanto, ela mesma não aceita, ao contrário, rejeita tudo com palavras firmes: "Ai de nós superiores, se dermos exemplos destes! E ainda mais na semana santa! Posso fazer a menos, obrigada!"

A MADRE À IRMÃ PICCONO

Na quarta-feira santa ela escreve à Irmã Virgínia Piccono:

V.J.M. e S. José!

Minha boa Ir. Virgínia.

Você está alegre? Está bem de saúde? Pobrezinha! Há de ter sofrido muito na viagem, mas espero que agora já esteja restabelecida.

Coragem, esteja alegre e faça estar alegre também a Madre (diretora) ⁽²⁶⁾ e Ir. Rita. v

Que é que vocês fazem aí? Ensinam trabalhos de agulha ou dão aula? Bem! Qualquer que seja a ocupação de vocês não errarei nun-

(26) Este título de Madre, depois que o Pe. Cagliero voltou da América foi dado também à Diretora.

ca dizendo-lhes que sejam humildes, pacientes, caridosas, obedientes e exatíssimas na observância das Constituições.

Estive em Ivrea e vi sua boa mestra, ⁽²⁷⁾ Madre Vigária, que me perguntou por você, me pediu de lhe dizer tanta coisa, me mostrou o lugar onde você aprendeu trabalhos com ela. Estavam lá também algumas de suas companheiras e amigas e todas me pediam notícias suas, recomendando-se às suas orações.

Você me escreveu contando ter visto tantas coisas belas em Roma, mas, minha boa Ir. Virgínia, no Paraíso veremos coisas mais belas ainda, não é verdade? Coragem, esta vida é breve e neste breve tempo procuremos adquirir tesouros para o Paraíso. Não desanime nunca por qualquer contrariedade que possa ter. Confie sempre em Jesus, seu querido Esposo, e em Maria Santíssima, nossa querida Mãe, e não tenhamos coisa alguma. Diga tantas coisas às meninas daí, de minha parte; peça-lhes orações segundo a minha intenção.

As Irmãs de Chieri a saúdam; para lá mandamos Ir. Rosa Daghero. Lembre-se sempre de rezar pelas suas Irmãs e especialmente por mim. Eu não a esqueço nunca em minhas pobres orações.

Esteja sempre alegre no Senhor; sou a sua

Afma. em Jesus

a Madre

Ir. Maria Mazzarello ⁽²⁸⁾

Nizza, 24 de março de 1880

Escreva-me logo.

IRMÃ CATARINA DAGHERO SERÁ DIRETORA DE SAINT-CYR

Em Turim, Ir. Caterina Daghero desde a última visita da Madre, ficou sabendo de sua nova destinação e, conforme a ordem recebida, se prepara em silêncio para a próxima partida para a França.

De Saint-Cyr ela sabe algumas particularidades, por exemplo: que deverá confiar uma obra que vem se mantendo entre miséria e desordem, e que é oferecida a D. Bosco pelo mesmo sacerdote Tiago Vincent, ao qual se deve também a fundação de La Navarre; sabe que terá muito que fazer com as “terciárias” que até agora tiveram uma direção interna e administrativa capaz de desanimar até as almas

(27) Ir. Piccono tinha sido aluna de outras religiosas.

(28) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

mais heróicas. Nem o Diretor geral soube esconder-lhe certas penosas situações da colônia de La Navarre. Mas, não é tanto isto que, por enquanto, lhe dá calafrios e sim, o saber que deverá fazer uso da língua francesa.

Já faz alguns meses que ela vem desfolhando, com outras Irmãs da casa, as páginas de uma pequena gramática elementar; mas uma coisa é compreender algumas expressões, outra é sustentar uma conversa! Por isso, de vez em quando, ela se afasta da comunidade para se dedicar ao estudo e para arrumar o seu pobre enxoval. As lágrimas que lhe caem dos olhos nestes momentos, por sorte, só Deus as conta!

Não obstante seu silêncio com todas, a coisa vai se manifestando igualmente e as Irmãs... Perder a sua Diretora, que as amava tanto e que as acompanhou como irmã e como mãe! A perturbação é tal que elas põem em sobressalto até algumas senhoras mais achegadas aos superiores e ao mesmo D. Bosco, ao qual já escreveram: Se for preciso dinheiro para evitar que Ir. Catarina vá embora, nós estamos prontas!

A resposta de D. Bosco é sempre a mesma: "Falta-nos até um centavo, mas no momento não há outra que saiba um pouco de francês e possa exercer o cargo de que só ela é capaz. Não ficará muito tempo na França. Voltará logo para cá.

IRMÃ DAGHERO DE TURIM A NIZZA

Nos últimos dias do mês, Ir. Catarina Daghero, frustrando a afetuosa atenção das Irmãs e das oratorianas, deixa Turim e segue para Nizza a fim de tratar dos últimos entendimentos com a Madre.

Esta, à sua chegada, sente o coração apertado e para evitar uma forte comoção para ambas, se limita a dizer-lhe:

— Oh! Você aqui?

— Sim, Madre, o Pe. Cagliero me mandou em nome de D. Bosco.

— Bem. Por enquanto vá com a roupeira e faça algum serviço de que ela precisar. Se não a encontrar faça qualquer outra coisa, você está em casa, depois nos veremos.

Ir. Catarina obedeceu prontamente e por dois ou três dias, nada de novo e ninguém a chama; assim que ela continua trabalhando silenciosamente, pensando nos seus casos e na vontade de Deus.

A MADRE À IRMÃ MARASSI

Entretanto, a Madre escreve à Irmã Pierina Marassi, que ficou no lugar de Ir. Daghero:

Viva Jesus!

Minha caríssima Ir. Pierina e Irmãs todas,

Vocês estão alegres? Estou certa de que a partida de sua Diretora lhes terá feito sofrer, mas coragem, minhas queridas; vocês sabem muito bem que a vida não foi feita para estarmos sempre juntas, isto faremos no Paraíso.

Agora, Ir. Pierina, cabe a você dar bom exemplo, vigiar para que as filhas observem as Constituições; que se queiram bem, não alimentem afeições particulares, que nos afastam muito do Senhor e do espírito religioso. Procure que não haja inveja. Você deve dar bom exemplo a todas, para que nenhuma possa dizer: Ela quer mais bem àquela... fala-lhe mais, compadece-se dela mais freqüentemente... etc. Fale a todas, ame a todas, tenha confiança em todas o mais que puder, mas atenta sempre que o coração não se prenda senão ao Senhor. Aconselhe-se sempre com os nossos Superiores, não descuide jamais o bem por respeito humano, advirta sempre e compadeça-se dos defeitos de suas Irmãs. Faça com liberdade o que for requerido pela caridade.

Recomendo-lhe ainda uma coisa: Não faça caso se acontecer algumas vezes que os Superiores precisem ocupar mais uma que outra, como seria o caso de Ir. Maritano ou Ir. Laurentoni... Você jamais fique a julgar sobre o que eles mandam, não diga que a Diretora é você, e que deveriam depender de você. Os superiores são sempre superiores a nós, e o que fazem é sempre bem feito. Por isso, se você se encontrar em tais ocasiões, deixe que façam e lembremo-nos de que o Paraíso não se conquista com satisfações e por sermos preferidas, mas se conquista com a virtude e com o sofrimento.

Minha boa Ir. Pierina, não era necessário que eu lhe dissesse isto, pois sei que você tem bastante conhecimento, mas é só para lhe dar um conselho.

Tenha, pois, coragem, mande-me logo suas notícias e as da casa, fique alegre e faça também que as Irmãs estejam alegres.

E você, Ir. Teresa, está mesmo alegre? Queria só ver... Com seu exemplo procure conseguir a alegria também no meio das outras. Coragem! e como boa Irmã ajude a todas a trabalharem pelo Senhor,

com animação recíproca pelo bem espiritual e temporal. Rezem muito por mim, sim? Eu não as esqueço nunca, estejam certas.

Desejaria dizer uma palavra a cada uma em particular, mas tenham paciência, por hoje não posso mesmo, ficará para outra vez, não é? ou então irei vê-las logo.

Fiquem todas alegres, também Ir. Adelaide, que seja a boazinha. Façam uma aposta para ver quem se santificará mais depressa, especialmente pela humildade e caridade. Quando eu for por aí, vocês vão me contar quem se fez mais santa. Ir. Pierina, mande-me o enxoval da nova postulante que veio com a Ir. Catarina.

Adeus, minhas queridas Irmãs, rezemos e amemo-nos mutuamente todas no Senhor e creiam-me sempre a sua

Nizza, 31 de março de 1880

Afma. Madre, no Senhor

a pobre

Ir. Maria Mazzarello ⁽²⁹⁾

IRMÃ CATARINA DAGHERO DE NIZZA A SAINT-CYR

A 1.º de abril — dia das mentiras —, Madre Mazzarello disse à Ir. Catarina:

— Você ainda está aqui?

— Madre, espero suas ordens.

— Ah! prepare-se, pois, para ir para a França. Pe. Cagliero já lhe terá dito tudo, não é? Em Alássio encontrará quem vai esperá-la à estação; depois o Diretor de Alássio pensará em lhe dar as companheiras para a nova casa. Eu aqui não saberia mesmo quem indicar. Quando Irmã Sampietro sarar, ela irá; agora está muito resfriada.

E Ir. Catarina parte, sozinha, no dia dois de abril.

Vão encontrá-la à estação a noviça Ir. Alexandrina Hugues, que já sabe que deverá ir com ela para a França, e Ir. Telésio. Esta que esperava encontrar-se com Ir. Sampietro, indaga a razão de sua ausência. — ‘Está muito resfriada — responde Ir. Catarina — a Madre me disse que em seu lugar irá uma Irmã de Alássio.’ E acrescentou sorrindo: “Quem sabe não será uma destas que veiram me esperar?”

(29) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

Em Alássio. o Diretor, rendendo-se somente diante da necessidade e das duas grossas lágrimas da recém-chegada, além da noviça, Ir. Alexandrina que sabe francês, cede também Ir. Henriqueta Telésio, que o deverá aprender.

Ele, já eleito Inspetor da Ligúria e da França, parte com elas e estas com a maior simplicidade, lhe pedem de subir no mesmo camarote “para senhoras”.

O chefe do trem observa que o sacerdote não pode ficar ali, pois o camarote é exclusivo para senhoras; é preciso pois, renunciar à companhia ou ao camarote privilegiado. Naturalmente, as Irmãs renunciam a este e assim fazem a viagem todos juntos. Padre Ceruti não pára em Saint-Cyr onde chegam no dia quatro; descerá na volta.

BAÚ FORNECIDO

Tendo partido Ir. Catarina, chega a Nizza um baú muito bem fornecido, com todo o bem de Deus, em tecidos para roupa de igreja.

Já que em Turim se sabia que Ir. Catarina em Saint-Cyr teria encontrado uma extrema pobreza, uma das Irmãs e ela muito afeiçoada foi com o procurador do Oratório e lhe pediu que fornecesse alguma coisa para a Igreja de Saint-Cyr. À resposta do bom salesiano: “Eu não posso fazer isto sem falar com os superiores” ela ficou um pouco embaraçada, e depois: “Então, vá pedir a licença.”

Pe. Rua, primeiro responsável na ausência de D. Bosco, escuta paternalmente, depois, abrindo os braços exclama: “Oh! bendito filho, neste caso D. Bosco te diria que entre nós, salesianos e as Irmãs, não há ainda nada em separado. Aquilo que é nosso é delas, e o que é delas é nosso. Por isso vai: coloca em um baú tudo o que encontrar que seja útil àquelas pobres Irmãs e remete-lhes livremente.”

Assim o baú foi bem fornecido, mas o endereço não foi certo indo a provisão para Nizza Monferrato. Madre Mazzarello, que não poderia ter esperado coisa melhor, fez usar tudo alegremente, como providência vinda do céu.

PROFECIA?

Quando o baú ficou vazio é que se descobriu o equívoco. Alguém lembrou então que a tão pobre diretora de Saint-Cyr com este acontecimento permanecia em sua pobreza. Mas a Madre responde: “Não nos preocupemos. Ir. Catarina não ficará nem um ano naquela casa!”

Seriam estas palavras um conforto, para ela e para as outras Irmãs de Turim?

De Turim chegaram já algumas notícias, certamente não saídas dos lábios de Ir. Catarina.

As Irmãs pareciam inconsoláveis, tanto que antes de sua partida, Pe. Cagliero lhes fizera uma conferência *sui generis*, começando assim: "Venho em nome de D. Bosco, ao qual eu escrevi que vocês estão desesperadas e ele me respondeu: 'Eu também estou pesaroso; se houvesse outra que apresentasse as condições que o caso requer, com muito gosto se trocaria; mas, vá fazer-lhes uma conferência e diga-lhes que Ir. Catarina vai ficar pouco tempo na França.'

Por isso, eu e vocês estamos aqui para fazermos todos juntos a vontade de D. Bosco, que é a de Deus. Acabemos com tantas lágrimas!"

As meninas maiores do Oratório fizeram a ronda ao redor da casa, mesmo durante a noite, para surpreendê-la na hora da partida; e que balbúria na estação! Por sorte que lá estava o Pe. Cagliero para acabar com tanta dramatização e evitar que se jogassem no chão para não deixá-la passar.

A MADRE VAI FECHAR A CASA DE MORNESE

Em continuação ao sacrifício imposto ao seu coração, a Madre parte para Mornese: ela mesma vai fechar a casa, que lhe é tão querida e que desejaria conservar a todo o custo. Mas... "Assim quer Dom Bosco e assim seja," diz ela a si mesma e às Irmãs.

Ela vai, principalmente, porque lá está a pobre Irmã Hortência Negrini acamada há quatro anos, e que deverá ser trazida em carruagem.

A Madre não deixa Mornese sem saudar as duas Arecco; uma, como enlouquecida, arrasta-se pelo quarto todo sujo; a outra trabalha um pouco, roída pelo remorso que a punge, sem lhe dar ensejo de reentrar em si mesma. Se não fosse pela benévola ajuda do pároco e da Maccagno, morreriam de fome.

A Madre sai de lá com o pranto na garganta e com séria reflexão: "Quão grande coisa é a vocação! Que conta se deve ao Senhor!"

No dia 12 volta a Nizza. Chega desfigurada, pois, quis ela mesma segurar sempre a Ir. Hortência na carruagem, ora reclinada em seus joelhos, ora nos braços. E a doente, ao contrário, que se pensava não teria agüentado a viagem, parece bastante descansada.

O PRANTO DO CORAÇÃO

O triste momento sugere à Madre Emília Mosca, intérprete de todas, de nos deixar esta “página do coração”.

“Transferida a casa-mãe para Nizza Monferrato, haviam ficado em Mornese algumas Irmãs doentes, entre as quais, Ir. Hortência Negrini, que jazia presa ao leito há quatro anos, sem poder fazer o mínimo movimento por causa de uma asma muito grave.

Sendo muito difícil e dispendioso prover o necessário para aquelas pobres Irmãs e também, precisando-se de dinheiro para a restauração da casa de Nizza Monferrato, foi necessário aceitar a proposta de vender aquele nosso querido colégio ao Município, se o quizer, para alguma obra de seu interesse, ou a particulares caso o Prefeito dê uma negativa.

Fez-se em comunidade uma novena de orações a Maria Auxiliadora para obter a graça de poder transportar as doentes, e a Madre Geral foi buscar as Irmãs que lá ficaram. Ir. Negrini foi colocada com o maior cuidado em uma carruagem e depois de um dia inteiro de viagem chegou a Nizza sem nada ter sofrido. A Madre, na mesma tarde exorta a comunidade a agradecer a Maria Auxiliadora que tão admiravelmente se dignou acompanhar as queridas enfermas.”

O abandono daquele nosso pobre colégio — contam as recém-chegadas — faz muita impressão na cidade. O Município ainda não se pronunciou; os mais exasperados calam-se ou dizem despropósitos; os outros sacodem a cabeça, limitando-se a dizer: “Eh!... veremos como isto vai acabar...”

Continua Madre Emília: “Para nós, Irmãs, é uma grande pena ter que nos privar de uma tal casa, onde nasceu o Instituto, onde transcorreram os primeiros anos da vida das Irmãs na simplicidade, caridade e fervor de espírito digno dos antigos anacoretas. Quão doces e queridas recordações ali se deixam! Mas, Deus assim dispôs, o sacrifício foi cumprido e Mornese já está abandonada.”

Também Ir. Rosália Pestarino, natural de Mornese, e uma das primeiras Filhas de Maria Auxiliadora, não deixa de confiar ao papel os seus sentimentos:

“12 de abril de 1880! Dia de funesta memória porque assinala o fechamento — e talvez para sempre — da caríssima casa de Mornese, casa que estará sempre esculpida em noss'alma por ter sido o berço do Instituto e a primeira em fervor e perfume de vida religiosa. Quantos milagres da divina Providência nós ali vimos, tanto na

ordem espiritual como na material! Naquela doce capela, quantas graças, quantas recordações! As vestições das primeiras Irmãs, as profissões, os votos perpétuos... os propósitos, as sagradas promessas!...

E agora está deserta aquela casa, que já foi habitação de umas duzentas consagradas a Jesus!... deserta aquela capela na qual tão bem ressoavam os louvores do Senhor!

Tudo abandonado... tudo esquálido como a miséria! Pobre Mornese! Pobre nosso coração ao deixar um lugar tão querido e adequado pela sua solidão, a conciliar os pensamentos santos, o desprezo do mundo e as ascensões para a perfeição!

Mas, neste mesmo dia, São José, ao qual também tanto nos havíamos recomendado, nos deu uma prova de sua potente intercessão junto a Deus, obtendo-nos a graça assinalada e, humanamente impossível, de poder transportar de Mornese a Nizza uma querida Irmã enferma há muitos anos.

Ontem, pelo estado de extrema debilidade da doente, o médico e o pároco haviam negado absolutamente a licença de locomovê-la de seu leito, tanto que a pobre Madre Superiora estava muito preocupada, quando esta manhã (Oh! potência de oração e de confiança em Deus!) se vê Ir. Hortência tão aliviada que, sem nenhuma hesitação, é colocada na carruagem e logo se inicia a viagem.

A asma fortíssima que a atacava, a cada movimento por menor que fosse, hoje a deixou bastante calma e assim, entrando a doente no colégio de Nizza, pudemos dizer: — Graça! foi uma graça singular!

Seja sempre louvado, amado e agradecido o nosso querido S. José e depois de Jesus e de Maria seja ele o nosso apoio e o nosso amor na vida e na morte!”

CONFIANÇA EM SÃO JOSÉ AMPLIAÇÃO DO COLÉGIO DE NIZZA

Também em Nizza, São José foi eleito “ecônomo” da casa e a ele se confiou a saúde das Irmãs e das meninas e a tarefa de afastar do meio delas o pecado, bem como os elementos não convenientes, caso houvesse. A ele se deu ainda o encargo de desfazer os negócios prejudiciais à comunidade e de providenciar a respeito das vocações duvidosas e vacilantes.

Em Nizza, como ocorria em Mornese, Irmãs e não Irmãs costumam colocar cartinhas na altazinho do grande santo, para que inter-

ceda junto a Deus em favor de seus pedidos, ou para manifestar-lhe a própria devoção.

E o santo se compraz em lhes obter graças superiores às esperanças e aumento do fervor, da observância e da santa alegria em casa.

Este ano então, com a construção de uma nova ala do edifício, iniciada na primavera, como não intensificar a confiança no santo da providência? Se o número das bocas cresce, também as apreensões das superiores se tornam maiores, por isso é contínua a exortação: "Rezemos a S. José! Vamos entregar isto a S. José! Importunemos S. José!" É geral o filial apelo ao chefe da Sagrada Família, especialmente aproximando-se a festa do seu patrocínio.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DE SAINT-CYR

Chegam de Saint-Cyr as primeiras notícias com as primeiras impressões:

A estação, as Irmãs foram recebidas por duas terciárias do Pe. Vincent, com as quais, no coche guiado por elas mesmas, fizeram uma hora de trajeto, ao cair da noite e por uma estrada bastante solitária.

Acolhidas com alegria pelo Diretor salesiano, Pe. Ghivarello, pelo Pe. Vincent, pelas três órfãs e alguns adidos à colônia agrícola, foram levadas à capela da casa, pobre, mas bem limpa. Da capela ao pátio, depois ao pequeno quarto-escritório da Diretora; em seguida a uma saleta que serve de locutório e ao mesmo tempo de refeitório para os dois sacerdotes. Finalmente, chegaram ao refeitório da comunidade, onde lhes serviram uma sopa, pãezinhos e azeitonas e alguma coisa mais. Ao terminar foram conduzidas ao dormitório do qual se pode ver o mar.

As suas pobres malas já estavam colocadas no quarto da Diretora, também encarregada da rouparia.

A vida de comunidade vai correndo regularmente, começando desde o levantar; meditação lida pelo Diretor que, depois sobe ao altar para a celebração da santa Missa; orações em francês (oh! que francês!); cozinheira, uma certa Ir. Josefina, terciária, que as exercita bem na mortificação, preparando tudo "à francesa", assim ela diz.

Quando se pergunta ao Diretor como fazer algo, ele comumente responde: "Como quiserem, façam como vocês quiserem." Compreende-se que ele não quer interferir e prefere ver primeiro quais são os costumes das FMA.

Finalmente chega o Pe. Cerruti, que tem para as Irmãs palavras de ensinamento e de verdadeiro conforto e por isso, recomenda ao Pe. Ghivarello de não dizer mais às Irmãs: "Façam como quiserem!", mas de orientá-las como pai e irmão, a fim de tornar menos penosa a sua difícil posição.

O sacrifício maior para a Diretora é ter que esmolar como é costume e exigência do orfanato pobre, para não dizer paupérrimo! Já lhes aconteceu de chegar às onze horas sem ter coisa alguma para servir no almoço, nem mesmo um pouco de verdura; o pão se compra uma vez por semana, pedindo emprestado aos vizinhos quando falta antes do dia marcado.

Em um destes últimos dias, graças a Deus, tendo uma boa senhora nos doado uma sacola de favas frescas, pudemos fazer uma gostosa salada que ainda abriu mais o apetite. Apesar de tudo isto, a alegria não falta e à tardinha é tão bom nos reunirmos, trocarmos impressões e contarmos as aventuras do dia.

A MADRE EM TURIM — NOTÍCIAS AGRADÁVEIS

Em Turim, Ir. Massola, que está para morrer, mostrou o desejo de rever a Madre e esta parte para lhe fazer uma breve visita, que lhe dá também o ensejo de consolar as Irmãs que ficaram sem a sua Diretora.

De Turim, leva a Nizza as notícias do amado pai, D. Bosco, que no dia 5 de abril foi recebido em audiência particular pelo Santo Padre, abençoado com todos os seus filhos e filhas e muito confortado depois do doloso incêndio e do furto acontecido no dia 31 de março em Roma, no quarto por ele ocupado, na rua Tor de'Specchi, enquanto ele se encontrava em Nápoles.

Ela leva também algumas notícias da entrada dos nossos missionários na Patagônia pelo rio Negro.

São comunicações do Pe. Fagnano (chefe da expedição) a Pe. Bodrato, de janeiro próximo passado; há bastante argumento para que se celebre a proteção divina sobre os missionários, que são a admiração de todos pela sua piedade, sua coragem e pelo exercício de um grande zelo. Desembarcaram à tarde do dia 20; já se encontram em casa própria, ainda que faltando muita coisa para arrumar e já começaram a catequese de crianças, jovens e adultos.

MORTE DE IRMÃ MASSOLA

No dia 21 deixa esta terra a alma ingênua e pura de Ir. Maria Massola. Era uma das mais robustas, da vestição de Mornese e era a edificação da comunidade pelo seu contínuo recolhimento. Dizem que sua saúde foi prejudicada pelo excessivo temor de ofender o bom Deus. A Madre não deixa de tirar daí argumento de instrução para a comunidade, exortando as Irmãs a terem confiança na bondade divina e acrescenta: “Sejamos também simples em tudo. Vejam: o que vou dizer foi a pedido dela. Ir. Massolo não podia morrer tranqüila se não tivesse podido acusar-se, também comigo, de ter provocado alguns golpes de tosse para ser por mim compadecida. Simplicidade, Irmãs, simplicidade em tudo e sempre!”

A MADRE NA LIGÚRIA

Em Alássio continua-se a esperar uma Irmã que ocupe o lugar deixado por Ir. Henriqueta Telésio; fica decidido por isso que vá Ir. Sampietro, começando assim a desapegar-se de Nizza e da Madre, para prosseguir depois para Saint-Cyr, local de sua destinação.

A própria Madre a acompanha no dia 22.

Em Cantalupo, durante uma parada para baldeação do trem, a Madre aproveita para confortar Ir. Sampietro, desolada pela separação de Nizza. Ela lhe dá alguns conselhos práticos e exorta-a à fortaleza de espírito. Oferece-lhe uma imagem que tira do próprio livro de orações, onde escreve a sua maternal lembrança: “Se fores fiel a Jesus, serás feliz na vida e na morte.”

O SEGREDO DE IRMÃ ELISA RONCALLO

Ir. Elisa Roncallo aproveita desta viagem para enviar uma de suas cartas à mãe, porém ela escreve à parte um pequeno segredo, que só mais tarde irá depor nas mãos da Madre:

Mamãe querida.

A Madre Superiora vai lhe levar uma carta minha quando, de volta de Alássio, passar por Sampierdarena.

Desejaríamos fazer um altar a S. José e se a senhora pudesse ajudar, juntando aos poucos... Se for possível mande o que recolher antes que a Madre Superiora passe por Sampierdarena.

Tenho necessidade de papel; veja se...

Nizza, 22 de abril de 1880.

Trata-se pois, de uma piedosa e agradável surpresa; e Ir. Elisa é especial em fazer seus pedidos à mãe para isto ou para aquilo.

RETORNO A NIZZA

CARTA À IRMÃ SAMPIETRO

Tendo cumprido a sua tarefa em Alássio, onde ficou por quatro dias, a Madre vai visitar as Irmãs de Bordighera, que não acabam nunca de lhe contar as festas e as graças do dia 17 de março próximo passado; depois retorna a Alássio, deixando lá Ir. Sampietro e segue para Nizza.

No fim do mês escreve à filha que fica em pranto:

Viva Jesus e Maria!

Minha peraltinha Ir. Sampietro.

Você já está alegre? Não chora mais?... Pelo contrário, agora estou alegre e com muita vontade de me fazer santa! Assim está bem, procure continuar a ser humilde.

Logo estaremos na época dos exercícios espirituais e assim você poderá rever a todas. Fique alegre e tenha coragem; reze por mim e pela Madre Ecônoma. Temos muito receio de que o Senhor a leve. Quanto isto me entristeceria! Paciência!

Falta-me o tempo e termino. Coragem e reze com fervor. Jesus a abençoe e a faça toda sua juntamente com a sua

Afma. Madre ⁽³⁰⁾

MÊS MARIANO

CARTA ÀS IRMÃS DE PATAGONES

Maio, como se sabe, é o mês de Nossa Senhora; tempo portanto, de renovado fervor, tanto para as Irmãs como para as alunas, sempre numerosas e boas.

No dia 4 a Madre escreve às Irmãs de Carmen de Patagonas:

Viva Jesus, Maria e S. José!

Sempre caríssimas Irmãs Angelina, Cassulo, Joana, Catarina.

Oh! como vocês estão longe, pobres filhas, mas, coragem, pois estão bem perto do meu coração!

Sim, eu lhes asseguro que as tenho sempre presentes em meu coração; digo-lhes que vocês são sempre as primeiras em minhas orações. Gostei de saber que estão contentes aí e que já têm uma interna e doze meninas que freqüentam a casa e que também nos dias festivos há muito que fazer, sendo muitas as meninas que vão para o catecismo. Fiquei mesmo contente, sabendo que estão trabalhando

(30) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

tanto para a glória de Deus e para a salvação das almas. Saibam corresponder à grande graça que o Senhor lhes deu. Procurem com o exemplo e com o trabalho atrair muitas almas ao Senhor.

Minhas mui queridas Filhas, recomendo-lhes de se amarem com caridade recíproca, compadecendo-se dos defeitos umas das outras, avisando-se com bondade quando for o caso. Tenham cuidado também da saúde. Pensemos que a vida que temos não é nossa, pois a entregamos à comunidade; por isso cuidemos dela a serviço da glória de Deus.

Você, Ir. Angela Cassulo, está alegre? Sua irmã está bem e a saúde. É tão boa! Reze por ela e por mim. Coragem!

E você, Ir. Joana, ⁽³¹⁾ já está santa? Já faz algum milagre? Está rezando por mim? Esteja alegre, sim? Sua Irmã está começando a ser boa e está bem. Tenha coragem e seja sempre humilde; tenha confiança com a sua Diretora, ajude-a em tudo, sim?

Você, Ir. Catarina, ⁽³²⁾ está alegre, humilde, obediente? Confie sempre em sua Diretora e fique alegre. Jamais nenhum "grilo", não é Ir. Catarina?

E você, Ir. Angelina, ⁽³³⁾ cuide da uva, pois irei logo saboreá-la... Mas irá preparar-me só um pouco de uva? Prepare também alguns pêssegos. Sua irmã, Ir. Luisa, irá brevemente para a América, partirá na primeira ocasião.

Vocês desejam saber também notícias gerais da nossa Congregação, não é verdade? Pois bem, vou dá-las de todo o coração:

A Casa de Mornese agora foi mesmo deixada; lá está apenas o Padre José para ver se a vende. Pobre casa! Não podemos pensar nela sem sentir um espinho no coração... Agora estamos todas aqui em Nizza Monferrato. Somos um belo número: 150, entre alunas internas, postulantes e Irmãs. Não vou descrever a casa, seria muito longo. Temos uma grande e bela igreja, devota e bem arrumada. Atualmente estão construindo um pavilhão para as educandas e esperamos que fique logo pronto.

Quanto ao mais, as nossas casas aqui na Europa vão sempre crescendo. Há poucos meses, três Irmãs partiram para a Sicília. Depois outras quatro foram abrir uma nova casa na França, uma em Ivrea. As três últimas foram para dar aulas e cuidar do Orfanato.

(31) Ir. Joana Borgna.

(32) Ir. Catarina Fino.

(33) Ir. Angelina Valse.

Todas vão de boa vontade e trabalham de todo o coração para a glória de Deus e para o bem das almas.

Agradecemos deveras ao Senhor que nos faz tantas graças e que se serve de nós, pobrezinhas, para fazer um pouco de bem.

Coragem, queridas Irmãs, façamos o bem enquanto temos tempo! Não desanimem nunca, em qualquer dificuldade que possam se encontrar. Digam sempre: "Jesus será toda a nossa força" e com Jesus os pesos se tornam leves, as fadigas, suaves, os espinhos se converterão em doçura. Mas, atentas, não é? é preciso vencer a si mesmas, se não tudo se torna pesado, insuportável e a malignidade voltará como chagas vivas em nosso coração.

Digam-me: vocês estão rezando por mim e por todas as Irmãs? Aqui não as esquecemos nunca, façam o mesmo também vocês.

De saúde, graças a Deus, estamos todas bem.

Digam muitas coisas por mim a essas boas meninas, que sejam realmente boas.

Todas as Irmãs, as postulantes, as alunas me encarregam de dizer-lhes um milhão de coisas; também o Sr. Diretor as saúda. Fiquem alegres, rezem por mim e escrevam logo.

Deus as abençoe e as faça todas d'Ele juntamente com a sua Nizza, 4 de maio de 1880

Afma. em Jesus, a Madre

Ir. Maria Mazzarello — Viva Jesus e Maria ⁽³⁴⁾

FLORESCIMENTO DE VOCAÇÕES EM NIZZA

Em toda esta carta se sente a Madre, uma mãe que dá as notícias minuciosas da família e se interessa de cada filha distante em particular. Verdaderamente os interesses de seu coração são o rápido desenvolvimento do Instituto, o incremento das obras, o consolador número de novas vocações, o consolidar-se do espírito religioso; fala por isso de boa vontade a corações abertos, que alimentam os mesmos ideais, movidos pelas mesmas aspirações.

A partir de 1.º de janeiro deste ano já entraram 15 postulantes, cheias de boa vontade e com indícios de belas esperanças. A última chegada ⁽³⁵⁾, por exemplo, não cansa de repetir: "Oh! que Madre boa, excelente, temos aqui!"

(34) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

(35) Maria Genta, chegada a Nizza a 4 de maio.

Acompanharam-na os pais, mas no momento de deixá-la, a mãe foi tomada de uma forte convulsão de pranto que Madre Mazzarello julgou seu dever dizer à jovem: “Em consciência eu não posso deixar você ficar aqui agora, tenho receio de que sua mãe, pela angústia, adoeça seriamente. Volte para casa com ela, ao menos por uns quinze dias, depois retornará!”

Assim ficou decidido; e sendo quase meio dia, antes de partir, entraram num restaurante perto da estação para almoçar. Mãe e filha choravam sem parar e o pai as olhava tristonho; tanto que o hoteleiro tomou a liberdade de perguntar que desgraça lhes havia acontecido. Sabendo o motivo, o bom senhor se maravilha, porque — diz ele — também tenho uma sobrinha naquele colégio e ela se acha tão bem que não cansa de elogiar aquelas Irmãs de D. Bosco. E esta, pode-se dizer, é a opinião comum da cidade.

A estas palavras cresceu no coração da querida mãe o arrependimento por não ter lá deixado a filha e recomeçou a chorar ainda mais forte. Então o pai decidiu voltar ao colégio e pedir, se fosse possível hospedar a mãe a filha por aquela noite.

— Oh! sim, responde delicadamente a Madre, não somente por esta, mas por oito noites se quiser! Por isso os três refizeram o caminho chorando. A mãe, porém, de modo diferente: Já não pensa de levar a sua Maria, tendo visto que aqui ela terá outra mãe, e a filha não deseja coisa melhor neste mundo, uma vez que o pai está também contentíssimo de tudo e de todas, mas especialmente encantado com a Madre!

ENCONTRO DA MADRE COM D. BOSCO EM TURIM

A casa de Valdoco recebe festivamente D. Bosco que, cansadíssimo, mas muito alegre, volta para os seus no dia 7 de maio, pouco depois do meio-dia.

Desta vez a ausência foi mais prolongada, mas certamente, compensada pelos bons frutos.

No dia 10, Madre Mazzarello, acompanhada por Ir. Olímpia Martini, segue para Turim, desejosa de rever o venerado Pai; julga isto necessário, também para saber o que ele pensa das Irmãs que viu na França e na Ligúria; depois... as suas santas palavras, não são para ela luz, calor e conforto?

O acolhimento é sempre como o de um pai bondoso; não muitas notícias das Irmãs, pois ele pensa que Pe. Cagliero já tenha dito bastante senão tudo, entretanto... Sim, as Filhas da Auxiliadora

trabalham, satisfazem a todos e se santificam; nota-se que Nossa Senhora provê a todas, mesmo materialmente: a generosa Senhora Jacques, de Marselha, fez uma bela oferta, especialmene para elas. Isto é de conforto para ambos porque as pobrezinhas de La Navarre e Saint-Cyr... embora não querendo preocupam até mesmo à noite!

D. Bosco não deixa de dar também notícias americanas, embora sejam depois publicadas no Boletim Salesiano; fica satisfeito de poder dizer desde já que, conforme correspondência da Argentina, as nossas missionárias que foram para Carmen de Patagones são consideradas como "a glória de seu sexo e da Religião;" já abriram um colégio para as meninas índias; e suportam o tormento dos mosquitos de dia e de noite.

Pe. Lasagna, entre outras muitas e belas coisas, escreve sobre Ir. Virgínia Magone de modo consolador. Ela está gravemente enferma, mas a sua sorte é invejável.

NOTÍCIAS DE IRMÃ MAGONE E DAS CASAS DO URUGUAI

A Madre sai do escritório de D. Bosco muito consolada e alegre, porque, graças ao bom "advogado" Pe. Cagliero, poderá fazer ler também às Irmãs uns tópicos da carta que lhes dizem respeito mais diretamente; é preciso fazer frutificar tudo o que ajuda a promover o bem.

É o bom Pe. Lasagna, Diretor, quem escreve:

.....
"Antes de tudo, para satisfazer à ternura com que nos ama, lhe direi que todos os seus queridos filhos e todas as suas boas filhas, que enviou às longínquas plagas do Uruguai, para estender o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo, gozam boa saúde, exceto a pobre Irmã Virgínia Magone, que há cinco meses vai se consumindo lentamente e se aproxima a grandes passos do termo de suas fadigas.

Eu nunca vi, em minha vida, uma alma que aguardasse a morte iminente com tanta serenidade e com tanta alegria! Eu vi com meus próprios olhos e não é um exagero, fruto de entusiasmo religioso, como o do profeta que exclamava: LAETATUS SUM IN HIS QUAE DICTA SUNT MIHI; IN DOMUM DOMINI IBIMUS (Alegrei-me com o que me disseram: iremos para a casa do Senhor).

Esta bela alma está sempre alegre, sempre tranqüila, fala a todos de sua morte certíssima, sorrindo; pede e se encarrega de levar aos céus os recados a S. José, a Maria Auxiliadora, a Jesus Cristo. Todas

as vezes que me levam àquele abençoado quarto, volto pasmado. Um dia, vendo que com mãos macilentas fazia uns cândidos lírios, perguntei: — Que está fazendo, minha filha? — Ora esta! Vejo que estou piorando, então me apresso a fazer algumas flores que o senhor terá a bondade de mandar colocar no meu caixão, quando me levarem ao cemitério.

Eu tive que virar o rosto para esconder as lágrimas e não escandalizar aquela bela alma, pois isto ela me dizia sorrindo e brincando com o mesmo entusiasmo de uma noiva que preparasse com as próprias mãos a grinalda nupcial. Alonguei-me um pouco com estes pormenores, porque o seu conhecimento fará bem a muitos corações irresolutos, como agora está fazendo a mim (...).

Quem não invejaria a sorte de Ir. Virgínia? Eu a invejo e espero ter a mesma. Também eu sou filho de Maria Auxiliadora e de D. Bosco e, quando chegar a minha hora, eu tenho o direito de esperar uma morte tranqüila nos braços de Jesus e de Maria. (...)

Também o colégio feminino de Las Piedras, dirigido pelas nossas Irmãs de Maria Auxiliadora vem aumentando e sempre florescente. Está pronta a capela interna, onde se adora a Jesus Sacramentado, mas já se deve pensar em novas construções, para poder satisfazer ao crescente número de alunas. Ao lado da paróquia, há uma antiga capela, que já estava entregue aos poderes públicos e consegui obtê-la do governo para fazer do edifício uma escola paroquial, reclamada por muitas famílias e verdadeiramente necessária.

As Irmãs de Villa Colón, encontrando-se também mal acomodadas na primeira casa de aluguel, mudaram para uma casa pequena e bonita, em meio a um vasto terreno para elas comprado. Agora é preciso construir a parte da escola e capela, para receber alunas e fazer maior bem; aqui também, novas construções e novas despesas!

.....

Seu afmo. filho

Pe. Luis Lasagna ⁽³⁶⁾

A MADRE DE VOLTA A NIZZA

Seria uma grande alegria para a Madre passar a festa de Maria Auxiliadora em Turim, mas deve contentar-se de participar, no San-

(36) Carta de Villa Colón, 3 de abril de 1880, publicada no Boletim Salesiano de julho de 1880. Ano IV, n.º 7 — pág. 4-6.

tuário, de algumas funções de Pentecostes e dos primeiros dias da novena, porque Ir. Negrini não quer esperar para mais tarde a sua ida para a eternidade. Há ainda preparativos para as novas vestições religiosas e para a festa de Maria Auxiliadora em Nizza, no dia 30 de mês e é bom que ela lá se encontre para providenciar a tudo.

Por isso, a Madre está de novo no trem, no dia 20, com uma agradável surpresa: leva consigo as 10.000 liras apresentadas como dote de Ir. Olímpia, que servirão magnificamente para as urgentes e grandes despesas de construções em Nizza.

Logo ao chegar, a Madre se põe ao lado do leito de Ir. Negrini, cujo rosto está iluminado de um suave sorriso; enxuga-lhe as últimas lágrimas de reconhecimento e amor e com sua ardente oração a acompanha até o último suspiro.

É o dia 21, início da novena de Maria Auxiliadora para a casa de Nizza.

Ir. Hortência já havia sofrido tanto que não se podia augurar-lhe de viver ainda; entretanto, como foi sentida por todas a sua morte! Interrogada nos últimos momentos se preferia ir para o paraíso ou ficar ainda conosco, ela respondeu: "Se é para sofrer, sim, desejo viver; mas ... como Deus quiser, como Deus quiser!" A sua heróica paciência foi a sua oração contínua e o Instituto pode gloriar-se de um membro tão precioso diante de Deus.

NOVENA DE MARIA AUXILIADORA

O Diretor Geral, Pe. Cagliero, tinha prometido à Madre de passar em Nizza todo o tempo da novena em preparação à grande festa do dia 30. Porém, não chega a tempo para a abertura e o Diretor, Pe. Lemoyne, que aí se acha para a função da tarde, faz reler para as Irmãs e alunas o que foi publicado no Boletim Salesiano do mês ⁽³⁷⁾ para a preparação da festa de Maria Auxiliadora. Sua pregação antes da bênção com o Santíssimo, apoia-se quase toda em dois pontos:

1 — temos necessidade de que Maria Auxiliadora estenda o seu manto sobre nós e sobre nossas famílias e nos proteja tanto na alma como no corpo; tenhamos para com ela, confiança, afeto filial, devoção.

2 — Natureza e coração porfiam entre si para honrar Maria Santíssima neste seu mês; preparemos também nós, místicas guirlandas de orações e de boas obras, para coroar a fronte da Santíssima

(37) Boletim Salesiano — maio de 1880 — ano IV, n.º 5, pág. 5-6.

Virgem, Mãe de Deus e nossa, e as nossas afetuosíssimas preces colocadas aos pés da augusta Rainha se convertam para nós em chuva de graças e de bênçãos.

PE. CAGLIERO EM NIZZA TRANSMITE A CONFERÊNCIA DE D. BOSCO SOBRE AS FMA

Os ânimos estão ardentes de fervor à chegada do Pe. Cagliero — dia 23 — tanto que a sua primeira saudação é a manifestação de regozijo paterno por se encontrar entre tanto entusiasmo mariano.

Com o Pe. Cagliero em casa, a música, o canto, as declamações, as candidatas que se preparam à vestição religiosa... tudo leva a prever que a festa será magnífica.

Em uma de suas palestras à comunidade, o Pe. Cagliero augura para si o dom de D. Bosco, a eficácia da palavra, para referir o que disse o bom Pai, ontem, em conferência a trezentas cooperadoras salesianas de Turim, a respeito das Filhas de Maria Auxiliadora. ⁽³⁸⁾

Dois os seus objetivos: aumentar o fervor da comunidade e conscientizar as alunas sobre o dom da vocação religiosa-salesiana, caso o tenham recebido do céu.

Depois da conferência, todas queriam confessar-se com Pe. Cagliero, para saber se estavam no caminho da perfeição; também as alunas, desejosas de saber se um dia poderiam chamar-se IRMÃS.

A JOVEM AFRICANA

Entretanto, Maria Auxiliadora oferece à comunidade uma jovem africana, uma daquelas que o Bispo missionário Dom Daniel Comboni consegue tirar do domínio dos negros para uma regeneração em Cristo. De vez em quando ele acompanha algum grupinho delas à Europa, para confiá-las a famílias católicas e a Institutos religiosos, a fim de que as recebam caritativamente e pensem em tudo, provendo para o seu futuro temporal e eterno.

Esta, que foi confiada a Madre Mazzarello, aparenta uns vinte anos de idade. É uma jovem robusta, com belos lineamentos, mas traz na face as cicatrizes de cinco cortes, que são a marca dos vários patrões aos quais ela havia sido sucessivamente vendida. Provavelmente já estivera em algum outro Instituto onde aprendeu os pri-

(38) A relação da conferência foi publicada no Boletim Salesiano de julho de 1880. Ano IV, n.º 7, pág. 9-10. Cf, MB XIV — 500-501.

meiros rudimentos da língua italiana, que entende pouco e fala um pouco — a seu modo — com todos os verbos no infinito.

Antes de ser levada para Nizza ficou um tempinho em Turim, onde as oratorianas se divertiam de boa vontade com ela e, às vezes, lhe davam, para que fosse boazinha, alguns cigarros que ela fumava com muito gosto.

A Madre a apresenta agora à comunidade, dizendo: “D. Comboni no-la confiou para que a tornemos boa”.

Depois, retirando-se a jovem, que logo será chamada habitualmente de “moura”, recomenda a todas de não lhe fazer perguntas indiscretas, mas de tratá-la com delicadeza e caridade, rezando para que o Senhor lhe conceda a graça de se fazer cristã.

A FESTA DE MARIA AUXILIADORA EM NIZZA MONFERRATO

Quem não está espiritualmente em Turim, no dia 24, participando das glórias da doce e Rainha em Valdoco?

Chegando o dia 30, domingo, toda Nizza está em festa. “Ao Colégio de Nossa Senhora, ao Colégio...” dizem todos uns aos outros e o Colégio está todo preparado com solenidade: igreja, pátios, pórticos, corredores. Pela manhã, Missa com motetes sagrados, comunhão geral e às nove horas é cantada a “Missa de Maria Auxiliadora”, em sua primeira execução. Em seguida, com a presença de uns nove sacerdotes, a função da vestição religiosa de 16 noviças.

À tarde, o canto das Vésperas solenes e à noitinha, no salão de teatro, representações cênicas com hinos, poesias, alocuções. Todos se regozijam com o altazinho feito especialmente para esta circunstância, onde se ostenta a bela Auxiliadora.

PE. CAGLIERO ENTUSIASTA DE NIZZA

Até o Diretor Geral se comove e repete de não haver jamais assistido a festa tão devota, tão ardorosa, tão comovente e ao mesmo tempo tão simples.

As superiores ele diz alguma coisa mais: que um dia como este, de expansão geral, entre os amigos e parentes convidados para a festa, põe em evidência o espírito do Instituto e de seus membros e ainda conquista vantajosas simpatias e vocações para as obras de Nossa Senhora e de D. Bosco. Diz de haver notado que a assistência, como D. Bosco a quer, conservou-se sempre atenta e que nos vários grupos

não se fizera outra coisa senão esparzir a boa semente de Cristo. “Estejam, pois, alegres, — ele conclui — Nossa Senhora está conosco!”

COMO AS NOVIÇAS FALAM DA FESTA

No dia seguinte, os comentários feitos aqui e ali em casa, lhe dão razão. Ouvem-se referências significativas de conversação entre os parentes e amigos.

— Mas então, você está mesmo bem aqui dentro? Nunca lhe passou pela cabeça de voltar para casa? Dizem que vocês vivem com muita dificuldade, levam uma vida dura, passam fome... E como é que você está assim tão alegre? Para as “experimentar”, não tratam vocês com severidade? Não as humilham em público? É verdade que vocês têm uma Superiora que parece muito severa, mas que é muito boa? etc. etc...

— Veja, mamãe, nos primeiros dias que aqui passei, senti, sim, uma certa tristeza que me impedia de fazer a recreação com as outras, e ficava de lado, um tanto mortificada, mas quando passava a Madre com um daqueles seus olhares que vão até o fundo da alma, para aí deixar um sorriso de Deus, acredite, toda a minha tristeza ia-se embora.

Há poucos dias quebrei uma tigela e pensei em ir me acusar com a Madre Ecônoma, quando estava com a Madre Geral. Esta, entretanto, me disse uma palavra tão simples e materna, que quase fiquei contente com o meu pequeno desastre!

Outro dia, a Madre havia colocado à porta da igreja a “florzinha” para se praticar; na hora do recreio perguntou a algumas a respeito da mesma. Incrível! Nenhuma de nós soube responder, e a Madre sofria pela pouca importância que, segundo ela, se dava às pequenas coisas. Não reprovou ninguém, mas no dia seguinte fixou no mesmo lugar esta outra prática:

“Examinemo-nos bem se a nossa vida é de mortificação ou de satisfação.” (39)

— Falando-se das próximas vestições, apresentei-me à Madre, para saber se podia esperar de ser admitida, e ela: “Queriam que eu a mandasse para casa por causa de sua rouquidão, um tanto preocupante, pois, poderia lhe causar alguma doença como a de Ir. Negrini, mas eu mandei escrever à sua professora e ao vigário de sua paróquia e ambos responderam que os seus pais gozam de ótima saúde.

(39) Relação de Ir. Maria Genta.

de e que você também é sadia, apesar de um pouco franzina. Prepare-se, pois para a vestição; depois, fará logo também a profissão." A minha felicidade de hoje eu a devo, portanto, a ela, que foi toda bondade para comigo. ⁽⁴⁰⁾

— Naturalmente, antes de falar de vestição, as superiores nos fazem sentir toda importância do passo; e nestes casos Madre Mazzarello faz também a sua parte. Em uma de suas exortações nos disse séria, séria: "Eu lhes recomendo de não formar, na vida religiosa, um pequeno mundo; cuidem, antes, de conquistar o espírito religioso que forma os santos e se não tiverem coragem de praticar a virtude segundo o espírito do Instituto, não pensem também de vestir o hábito."

Eu, que já lutava para decidir entre ficar e ir embora, aproveitei destas palavras para resolver: "Para casa, para casa logo, nem que seja para ir a pé!" Falei então à boa Madre que, depois de me ter escutado com muita paciência, me disse sorrindo: "Escute: para ir agora é muito tarde, nem eu teria uma pessoa para acompanhá-la; espere ainda alguns dias... depois, não só lhe permitirei de ir embora, mas eu mesma irei levá-la, está bem?"

Felizmente esperei e se não o tivesse feito, não estaria hoje aqui, entre as felizardas da vestição, mas quiçá nesta hora estaria em pranto! ⁽⁴¹⁾

CONFIDÊNCIAS FRATERNAS

As impressões de caráter geral acrescentem-se os pormenores de certos encontros de singeleza fraterna.

Ao aproximar-se da vestição fui atormentada por certas apreensões de espírito, que já me haviam preocupado anteriormente; então apresentei-me à Madre, dizendo-lhe:

— Eu não tenho instrução suficiente para fazer a vestição. Não sei nada vezes nada...

— Olhe, ela me respondeu, isto no importa. Também eu não sei escrever e peço à Madre Emília para fazer minhas cartas. Não precisamos ser professoras todas nós, mas cozinheiras, lavadeiras, arrumadeiras de casa, costureiras também podemos ser. O importante é fazer tudo por Jesus.

A sua resposta me deu ensejo de poder fazer hoje a minha vestição.

(40) Relação de Ir. Orsolina Marocco.

(41) Relação de Ir. Delfina Guido.

Estava quase para terminar o meu postulado sem ter escrito uma palavra e a Madre então:

— Você ainda não escreveu aos seus? Não lhes deu a bela notícia?

— Oh! Madre, eu não sei escrever uma carta!

— Mas, que é isto? Sente-se ali e escreva como souber.

Eu escrevi realmente como sabia e, como se vê, vocês de casa me compreenderam, pois estão aqui! Mas agradeçam à Madre que sabe fazer milagres até para as cabeças duras como é esta minha...

Esta manhã me mandaram à horta para aguardar as couves; a Madre passou por lá e, vendo-me com o hábito novo, de ontem, sorriu e me perguntou:

— Você não tem outro hábito mais usado para este trabalho?

— Não, Madre.

— Bem. Então vá ao dormitório e o primeiro hábito velho que você encontrar, pode pegar e vestir.

Fiz o que ela me mandou e é este o hábito com que eu estou agora e que já fez rir a muita gente... Mas afinal, foi a Madre quem me mandou procurar e vesti-lo e eu, com ele, trabalho sem a preocupação de estragá-lo, estou à vontade. ⁽⁴²⁾

Estou em Nizza há dois meses, mas não sei dizer quantas vezes experimentei a bondade da Madre. Ela compreende logo quando um pãozinho me faria bem, pois quando me encontra, achando-me um pouco pálida, logo me pergunta: — “Está com fome, não é? Espere que vou buscar um pouco de pão!” Vai logo e volta, dizendo-me ao entregá-lo: — “Vá comer este pãozinho tranqüila, lá na cantina, sem que ninguém a veja”...

Compreende ainda quando não estive atenta à meditação, pois não respondo logo às suas perguntas, e ela então troca de argumento, perguntando-me: — “Que horas são?” para que eu responda: “São horas de amar a Deus!”. Ela então acrescenta: “Amemo-Lo com todo o nosso coração.”

A bondade da Madre é tal que nem se pode dizer! Enxuga todas as lágrimas. Mais de uma vez ao encontrar-me um pouco triste, perguntou-me: — Que você tem? Em que está pensando? Tem alguma preocupação?” E se alguma vez eu precisei responder: — “Madre, eu não fui boa com uma companheira”, logo ela me encoraja a fazer

(42) Relação de Ir. Rosina Bertone.

um ato de humildade, acrescentando: "Assim você ficará mais contente e irá fazer a sua comunhão mais tranqüila." (43)

Anteontem fui buscar os meus sapatos novos, para calçá-los no dia da vestição e não os encontrei. Quase chorando fui contar o ocorrido à Madre, que me respondeu logo:

— Vá ao meu quarto, lá perto de minha cama você encontrará um par de sapatos ainda bom; penso que lhe servirá.

Vou e encontro um par de chinelinhos. Tive vontade de rir, mas pensando que são da Madre, experimentei-os e me serviram muito bem, mais ao coração que aos pés! (44)

A mim a Madre fez uma grossa! Ao dizer-me que fora admitida à vestição, lançou-se de joelhos aos meus pés. Até agora, quando penso, fico confusa e não sei dizer o que se passa dentro de mim. (45)

A VOZ DAS ALUNAS INTERNAS

A este florilégio, recolhido entre as postulantes e noviças, vão aqui reunidos também alguns pormenores das conversações das alunas internas entre si e com os familiares vindos para a festa.

— O que nos faz ficar tão contentes aqui dentro, nem sabemos dizer, mas o fato é que, depois de Deus e de Nossa Senhora, é a Madre que enche esta casa; ela faz vir o sol até nos dias de chuva, pelo bem que nos quer e demonstra de todos os modos.

— Eu penso que a Madre nos vê até no íntimo, porque o que ela nos diz sempre acontece. Se lhe perguntamos: "Qual de nós será religiosa? Sem pensar muito, sabe logo dar tais respostas que... Quem não se recorda da Angelini Piani, quando, com um chapeuzinho todo chique, veio dizer que queria ser Irmã? A Madre logo lhe respondeu: "Não, não... você com este chapeuzinho... não será Irmã!" Angelina conseguiu entrar, mas teve que sair por causa da doença da mãe e pretende voltar outra vez! (46)

— Não sei bem como acontece. A Madre parece severa e depois se mostra afável. Ao vê-la se compreende logo que deve ser muito observante e mortificada; entretanto, dela ninguém se aproxima sem

(43) Relação de Ir. Luízinha Boccalatte.

(44) Relação de Ir. Luíza Desirello.

(45) Relação de Ir. Teresa Facelli.

(46) Relação de Ir. Angélica Sorbone.

ser consolada pelo seu olhar, seu sorriso e sua palavra. Conosco, as jovens, é verdadeiramente mãe. ⁽⁴⁷⁾

— A mim, faz muita impressão ver a Madre com uma veste tão pobre mas tão ordenada. Parece que tem sempre ante os olhos a imagem da verdadeira esposa de Jesus e que não tenha outro desejo senão imitá-la. ⁽⁴⁸⁾

— As nossas professoras e assistentes, dir-se-ia que são flores escolhidas, pois a Madre coloca conosco Irmãs que sabem nos tratar tão bem, instruindo-nos verdadeiramente para a vida e assistindo-nos, amavelmente, em todas as horas do dia e da noite. Mas não nos permite denguiços e carícias, nem que nos satisfaçam em todos os nossos caprichos, porque diz que devemos crescer com o coração forte, capaz de nos fazer honra ao caráter cristão, seja formando uma família, seja “caindo na rede de Jesus” para nos fazermos Irmãs.

— Sem querer, eu ouvi um dia o que a Madre dizia a uma Irmã: “Eu lhe repito, as meninas mais pobrezinhas, também as do oratório e as alunas internas de pensão reduzida — ou grátis — especialmente se são órfãs, devem ser tratadas, não digo com carícias, mas com mais caridade do que as outras. Estas, geralmente, têm os parentes que as circundam de cuidados e afetos, enquanto que as mais pobres e aquelas que no têm pais, não ouvem outra palavra senão a da própria tristeza e humilhação. D. Bosco nos quer principalmente para as meninas pobres.”

Fiquei tão contente de ouvi-la falar assim, que tive vontade de correr para abraçá-la! ⁽⁴⁹⁾

Com tais panegíricos espontâneos e esculturais, é certo que o Instituto muito ganha; como também é certo que os parentes e conhecidos, que vieram para a festa de ontem, farão boa propaganda do educandário e das Irmãs do colégio de Nossa Senhora e de D. Bosco.

Também o Pe. Cagliero pode voltar a Turim satisfeito e consolar o venerando Pai, D. Bosco, com as belas impressões recebidas em Nizza, entre as Filhas de Nossa Senhora.

(47) Relação de Ir. Rosina Gilardi.

(48) Relação de Ir. Angelina Cairo.

(49) Relação de Ir. Júlia Gilardi.

UM PROGRAMA PARA O MÊS DE JUNHO

O Diretor, Pe. Lemoyne, recorda à comunidade: “Amanhã se inicia o mês de junho com Nossa Senhora das Graças⁽⁵⁰⁾ e nós que estamos nesta casa, que traz o seu nome, embora não façamos festa externa, vamos fazê-la na capelinha interna do nosso coração.

Quem de nós poderá dizer, como Sto. Afonso de Ligório: ‘Eu sou todo uma graça de Maria’? Junho é um outro mês de graças celestes. Sexta-feira, festa do Sagrado Coração de Jesus para todo o mundo; domingo, dia 6, é o aniversário do milagre do SS.Sacramento, e o dia 20 é dedicado à “Consolata”, festas muito solenes em Turim. E nós somos ligados a Turim, pois lá estão o nosso Pai, D. Bosco e a doce Mãe Auxiliadora.

O dia 21 é festa de S. Luís Gonzaga, protetor das nossas falanges juvenis e no dia 24 comemora-se S. João Batista — grande protetor da diocese de Turim — onomástico do nosso “Papai D. Bosco” e... também um pouco meu, não é verdade? Dia 29 é a festa de S. Pedro e S. Paulo, portanto, do Papa e de quem está com ele. Quem de nós não quererá viver este mês com a maior boa vontade e alcançar graças singulares? Coragem! e avante no fervor e na alegria, começando logo pelo tríduo de preparação à festa do Sagrado Coração de Jesus!”

A palavra do Diretor não caiu em terreno mal preparado; a Madre, ao dar a “boa-noite”, leva-a ao concreto: “Neste mês digamos mais freqüentemente: VIVA JESUS! não somente com os lábios, mas de coração, porque somos e queremos ser todas ardentes esposas de Jesus.”⁽⁵¹⁾

No dia 4, tendo sido feita com muito fervor a festa do Coração de Jesus, a Madre propôs uma prática muito aconselhada:

— O Coração de Jesus combina muito com as almas humildes; quem de nós não quererá estar entre elas? Portanto, de acordo: este será o mês dos atos de humildade bem mais acentuados que de costume.

Alguns são destacados e escritos em cartazes.

PORFIA DE HUMILDADE

A Madre dá uma de suas voltinhas pelo dormitório para verificar especialmente a ordem, da qual é tão zelosa. Encontrando algo

(50) Esta festa, segundo o calendário da época, era no início de junho.

(51) Irmã Rosina Bertoni.

que não está bem, serve-se da oportunidade para uma instrução. Ela tem em mãos uma listinha com nomes e anotações. Reúne professoras, noviças e postulantes. Explica que não pretende fazer uma conferência, mas apenas dizer que a ordem numa casa religiosa é o espelho do espírito que aí reina. Ora, tendo encontrado aqui e ali algo para remediar, julga seu dever ler os nomes daquelas que... O primeiro nome citado é o de uma noviça de família nobre, uma das mais conceituadas na estima geral da comunidade. Ao ser chamada ela se põe de pé e a Madre:

— Você está com o colchão descosturado. Como? Não é capaz de dar dois pontos?

— Tem razão, Madre, responde humildemente a noviça — vou costurá-lo o mais depressa possível. Obrigada.

Em seguida, algumas outras, e todas, estimuladas por um tal exemplo, mostram também filial acatamento ao receber a admoestação, o que foi de grande admiração para toda a comunidade.

É o momento de fazer a troca de quem lê na hora da refeição; levanta-se a Madre, para que todas façam a “florzinha” de escutar a sua leitura cansativa e conheçam o grau de sua instrução.

Um outro dia a Madre escreve uma de suas cartas a pessoa de certa posição; manda chamar a Madre assistente e pede que reveja o escrito.

— Madre, esta palavra se escreve com letra dobrada!

— É a mesma coisa. Olhe, sem a letra dupla faço mais depressa e economizo tempo e papel.

— Porém, Madre... troca o sentido!

— Oh! veja, para mim é a mesma coisa; e quem lê, sendo pessoa inteligente, compreende da mesma forma o que eu quero dizer e assim mais depressa me julgará uma ignorante.⁽⁵²⁾

A MADRE COMENTA A LEITURA DO BOLETIM SALESIANO

O Boletim Salesiano de junho, lido na comunidade em Nizza, acende nos ânimos o desejo de participar da festa de Turim no próximo ano, como fizeram este ano as meninas e as Irmãs de Chieri.

É evidente que se D. Bosco é tão favorecido pela Providência é porque procura só a glória de Deus na salvação das almas. A Madre procura ressaltar que se D. Bosco recomenda aos cooperadores

(52) Das memórias de Ir. Elisa Marocchino.

salesianos a salvação das almas e a santidade, muito mais ele entende de recomendar o mesmo às suas filhas, primeiras entre as primeiras cooperadoras salesianas; se D. Bosco, em suas conferências, faz conhecer as Filhas de Maria Auxiliadora e as suas obras, é porque as reconhece como parte de sua família.

Por isso, tudo que o Boletim diz e pede em nome de D. Bosco, cada Filha de Maria Auxiliadora deve considerá-lo como dirigido a si mesma, fazendo-se reconhecer, mais com as obras do que com as palavras, uma verdadeira Irmã Salesiana. E se, como Irmãs, não possuem dinheiro para dar a D. Bosco, devem dar orações, virtude e sacrifícios, como ele ensina aos cooperadores pobres de bolso, mas ricos de boa vontade. Tais são de fato as FMA. Só assim elas podem dizer-se filhas de um tão grande Pai! ⁽⁵³⁾

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DA GUERRA CIVIL EM BUENOS AIRES

Já na primeira quinzena do mês, o Diretor Pe. Lemoyne havia dito à Madre de rezar e fazer rezar segundo particulares intenções de D. Bosco, porque, pelos jornais, sabia-se que em Buenos Aires o momento era difícil, por causa de levantes políticos extraordinários e isto trazia preocupações também para os missionários.

Esta notícia foi pungente para o coração da Madre, assim que na proximidade da festa de D. Bosco ela é a primeira a dizer ao Pe. Lemoyne: “Vá também o senhor a Turim, leve o nosso humilde presente a D. Bosco, bem como os nossos augúrios e orações; passe com os salesianos a festa e, quem sabe, voltando nos possa contar alguma coisa também das nossas missionárias, pobrezinhas!”

Pe. Lemoyne não espera outra palavra e vai.

A MADRE AS IRMÃS DE CATÂNIA

Entretanto, a Madre com o espírito em Turim, escreve à Ir. Úrsula Camisassa.

Viva Jesus e Maria!

Mui bondosa Ir. Úrsula e queridas Irmãs.

Recebi as suas cartas e lhes agradeço de todo o coração pelos augúrios que me fizeram. Obrigada, ainda mais, pelas orações que

(53) De depoimentos verbais e escritos de Ir. Elisa Roncallo e Ir. Catarina Daghero.

fizeram por mim. O Senhor lhes pague e as cumule das mais escolhidas bênçãos, que de todo o coração lhes desejo.

Oh! sim, minhas boas e queridas Irmãs, se soubessem quanto penso em vocês! Não passa um momento em que minha mente não se encontre com vocês e quantas vezes sinto uma grande pena em meu coração, por não vê-las aqui pertinho! Mas paciência! Chegará o dia feliz em que estaremos para sempre unidas em espírito e em pessoa. Por ora continuaremos a nos encontrar só em espírito, mas falemos sempre por meio do Coração de Jesus; vocês lhe dirão tantas coisas belas por mim, quando se encontrarem unidas neste adorável Coração, principalmente quando O receberem na Santa Comunhão.

Eu lhes asseguro que rezo sempre por vocês todas e por cada uma em particular, principalmente nos felizes momentos em que recebo Jesus em meu coração. Peço-lhe sempre que lhes dê aquelas virtudes tão necessárias, que são: a humildade, a caridade, a paciência . . . Sim, minhas queridas filhas em Jesus Cristo, tenham coragem! Jesus lhes quer bem. É verdade que vocês têm algumas vezes, preocupações e penas, mas o Senhor quer que carreguemos a nossa cruz neste mundo. Ele foi o primeiro a nos dar o exemplo no sofrimento, portanto sigamo-lo com coragem e resignação. Estejam certas de que aquelas a quem Jesus permite maior sofrimento são as que mais perto d'Ele estão. Mas é preciso que tudo façamos com pureza de intenção, para agradar somente a Deus, se quisermos merecer as suas graças.

Como me entristece saber que vocês não estão muito bem de saúde. Tenham cuidado e procurem ter tudo que for necessário. Sei que aí faz muito calor; cuidem disto também do melhor modo que puderem. Aborreceu-me bastante saber que a Duquesa está um pouco agastada com vocês, pobres Irmãs, mas não há de ser nada, as rosas a seu tempo hão de florir, se bem que apareçam antes os espinhos. Assim aconteceu com vocês, não é? Estejam, pois alegres. As coisas deste mundo passam todas.

Esquecia-me de agradecer-lhes pelas 100 libras que me mandaram e que foram muito do meu agrado. Estou precisando tanto para despesas com pedreiros . . . obrigada, obrigada!

Agora lhes dou nossas notícias; estamos todas bem, graças a Deus, exceto a pobre Madre Ecônoma. Há uns vinte dias que está passando bem mal, e o médico já disse que a sua moléstia é difícil de sarar. Pobre Madre Ecônoma, rezem por ela; quanto me entristeceria se o Senhor a levasse, mas paciência!

Ir. Úrsula, escreva-me com mais freqüência. Saudações a todas, recomendo alegria e coragem. Diga tantas coisas em meu nome a essas boas meninas, peça-lhes uma "Ave Maria" segundo as minhas intenções.

Todas as Irmãs, postulantes e educandas as cumprimentam e lhes mandam um "Viva Jesus"; respondam!

Não deixarei de lhes escrever, mas estou no fim do papel, por esta vez termino aqui. Não sei se vão compreender esta carta, eu a escrevi sem fazer rascunho, mas vocês sabem que eu não sei escrever, por isso é preciso que a decifrem um pouco para entender.

Deus as abençoe e console a todas. Creiam-me sempre a sua

Afma. em Jesus e Maria
a pobre

Ir. Maria Mazzarello ⁽⁵⁴⁾

Nizza, 24 de junho de 1880

Apresentem meus respeitos à Senhora Duquesa.

PADRE LEMOYNE LEVA NOTÍCIAS DE VALDOCO

Ao voltar a Nizza, Pe. Lemoyne leva Valdoco consigo.

Transmite as grandes e belas notícias da festa onomástica do venerado Pai, que a todos dirigiu palavras para serem vividas e vividas para sempre. Certamente virão publicadas no Boletim Salesiano e então poderão ser divulgadas como sagrada recordação do pai amantíssimo.

"Entretanto, nós — diz o Diretor — comunicamos aos mais próximos tudo quanto recebemos nas casas de D. Bosco porque, enquanto outros vão para as missões da América à procura de almas para salvar, nós devemos ser a luz e o sal de Deus na pátria, onde também não faltam os inimigos de todo o bem. Assim nos quer D. Bosco, que não tem outro desejo senão o de povoar o céu de santos e deixar deserto o inferno.

Todos os filhos de D. Bosco devem ajudá-lo na regeneração da juventude; todos cooperarem para que as famílias e a sociedade sejam verdadeiramente cristãs; todos devem se mostrar formados à escola da doçura, da mansidão de São Francisco de Sales e todos procurem semear a boa semente no próprio campo para que produza flores e frutos de santidade." ⁽⁵⁵⁾

(54) Original autógrafo no Arquivo Geral das FMA.

(55) Relação de Ir. Elisa Roncallo.

Em voz baixa, o Diretor fala ainda à Madre que Nossa Senhora salvou D. Bosco de um novo atentado contra sua vida. Infelizmente se trata de um ex-aluno do Oratório, comprado pela maçonaria, mas tão afeiçoado a D. Bosco que não teve coragem de executar o mandato. Roído pelo remorso se lançou no rio Pó, mas conseguiram salvá-lo e agora D. Bosco está, com prudência, dando os passos oportunos para colocá-lo em lugar seguro, fora da Itália. Ainda uma vez se manifesta o coração de D. Bosco e a contínua proteção de Nossa Senhora sobre ele.

“Quanto à revolução de Buenos Aires — diz ainda a meia voz o Pe. Lemoyne — continuemos a rezar. Desordens e muitos perigos certamente há, mas Nossa Senhora está lá também. Confiemos nela.”

CARTA DE IRMÃ MADALENA MARTINI A DOM BOSCO

Pe. Lemoyne apresenta também a carta de Ir. Martini a D. Bosco, que trouxe emprestada, com a condição de devolvê-la logo, para ser eventualmente publicada no Boletim Salesiano.⁽⁵⁶⁾

É uma carta de augúrios e de notícias sumárias. A Madre faz copiá-la para a ler e usar como tema de exortações às Irmãs.

Reverendíssimo e diletíssimo Pai em Jesus Cristo.

Estamos em 1880. Nós, pobres filhas da América esperávamos a bela sorte de tê-lo entre nós neste ano, para festejar em sua presença o seu dia onomástico. Mas, é inútil esperarmos esta graça, devemos é fazer este sacrifício e ter paciência. Entretanto, não podemos deixar de augurar-lhe mil felicidades espirituais e temporais, muitos anos de vida para o nosso bem espiritual e o de muitas outras almas. Estes cordialíssimos votos nós lhos apresentamos também em nome de milhares de jovens americanas que freqüentam as nossas casas e que o estimam também como seu pai e sentem não poder conhecê-lo pessoalmente, mas somente pela fama.

Nós já lhe agradecemos e novamente o fazemos pelo favor de nos ter enviado a estes lugares. Quanto bem poderíamos fazer se fôssemos capazes! Quantas pobres meninas a salvar! Quantas pedras preciosas a engastar em nossa coroa!

Reze, ó bom Pai, para que possamos corresponder às graças recebidas e nunca percamos a coragem.

Não queremos ser indiscretas, mas desejaríamos fazer-lhe o seguinte pedido: se não puder mesmo vir visitar-nos pessoalmente, man-

(56) Relação de Ir. Luízinha Boccalatte — A carta foi publicada no Boletim Salesiano — Agosto/1880 — Ano IV — N.º 8 — pág. 6.

de-nos, ao menos por escrito, algumas de suas palavras, capazes como sempre de infundir em nossos corações a coragem pelo bem e o desejo da virtude. Sabemos que V.Revma. é assoberbado de mil afazeres, porém não podemos ocultar-lhe este nosso veemente desejo que esperamos seja satisfeito pela sua paterna bondade.

Não lhe serão desagradáveis, certamente, algumas notícias dos nossos trabalhos.

Da Patagônia temos boas notícias. As nossas Irmãs de lá nos escrevem que estão muito contentes de sua situação e alegres por já poderem dar aulas e instruir um bom número daquelas pobres meninas, preparando-as para os santos sacramentos.

As Irmãs de La Boca já contam com centenas de meninas matriculadas e o progresso, que elas fazem na virtude, nos faz crer que suas fadigas estão sendo abençoadas pelo Senhor. Um bom número delas, até bem grandes, foram admitidas à 1.^a Comunhão. Que suave consolação para elas e para nós! São alegrias que o mundo não pode dar e que nós mesmas não podemos exprimir, mas são tão grandes que nos compensam abundantemente dos sacrifícios feitos por amor de Deus e para o bem das almas. As pessoas do mundo que gozem de seus mundanos prazeres, nós não trocaremos jamais o mínimo dos nossos com o maior delas!

Em Las Piedras, já começaram as aulas, mas o número das meninas não é ainda satisfatório, embora já supere o do ano passado. Em Villa Colón, pelo reduzido número de Irmãs, vai-se avante como se pode.

Também em São Carlos o pessoal é escasso e não podemos atender a todos os trabalhos. Há um mês mais ou menos vieram duas postulantes, que dão boas esperanças, mas é pouca coisa para as necessidades presentes. Estas terras são estéreis de vocações religiosas e por isso lhe pedimos, ó Revmo. Pai, de apressar a expedição de outras Irmãs que nos ajudem. Que presente seria para nós se mandasse a nossa Revma. e queridíssima Madre Geral acompanhá-las!

Estou chegando ao fim da folha e devo terminar. Recomendo os meus parentes às suas orações. Imploro para mim e para todas as Irmãs americanas a sua paterna bênção e com todo o respeito me professo

De V.Rvma., nosso Pai,
Almagro, 5 de maio de 1880

Grata Filha em J.C.

Ir. Maria Madalena Martini

IRMÃ ELISA RONCALLO EM ALÁSSIO POR MOTIVO DE SAÚDE

Ir. Elisa Roncallo desde Pentecostes havia escrito à mãe de estar com as amígdalas inflamadas e talvez necessitando de banhos de mar. No dia 18 seguinte novamente escreve: "Obrigada, pelo papel que a senhora me mandou; talvez dentro de poucos dias ou no fim deste mês eu vá a Alássio, para tratamento das amígdalas que não melhoraram. Será que vocês aí, entre todos, poderiam pagar a minha viagem?... Esta ida a Alássio é bem cara para mim!..."

Agora, ao terminar o mês de junho, no mais forte do trabalho escolar, ela deve mesmo deixar Nizza e ir para a Ligúria. Quem a acompanha é a doentinha Ir. Terezina Mazzarello com uma educanda.

Chegando a Alássio, Ir. Elisa se comunica ainda com a bondosa mãe: "Estou em Alássio! Este ano a festa da Madre Superiora em Nizza não se celebrará no dia 6 de junho, como de costume, mas no dia 15. Como estou triste por não poder estar lá! A senhora vai lhe mandar um cesto de ameixas, não é?"

Compreende-se que a divina lição do "pedi e recebereis" foi bem compreendida por Ir. Elisa, e verdadeiramente os seus oportunos e freqüentes atos de humildade lhe conseguem outros tantos meios de caridade, único escopo que tem em vista, segundo os exemplos do venerando Pai, D. Bosco.

Abençoada criatura que sabe encontrar cooperadores e cooperadoras, embora humildes e escondidos, para aliviar das preocupações materiais as suas superiores, aumentar o número das jovens beneficiadas em casa e ajudar as vocações pobres; enfim, para atrair as oratorianas à freqüência do catecismo e enxugar tantas lágrimas entre as pessoas de toda condição, das quais se aproxima para levá-las a Deus.

Este seu modo de agir não é senão uma parte do programa de D. Bosco, exposto também na conferência por ele proferida em S. Benigno, no dia 4 de junho próximo passado. ⁽⁵⁷⁾

Durante a ausência de Ir. Elisa Roncallo, as alunas internas de Nizza estão agora sob uma guia mais direta de Madre Emília Mosca, auxiliada por Madre Henriqueta para disciplina geral e sala de trabalho e por Ir. Madalena Morano para as aulas.

(57) A relação sumária da conferência foi publicada no Boletim Salesiano de julho de 1880 — Ano IV, n.º 7, pág. 12-13 e em MB XIV, 540-542.

BORGOSÃO MARTINHO CELEBRA O TERCEIRO CENTENÁRIO DA PRIMEIRA COMUNHÃO DE S. LUÍS GONZAGA

As meninas estudam com verdadeiro aproveitamento, dando consoladoras provas de sólida piedade e, sobre várias dentre elas, parece que pousa o olhar de Deus chamando-as ao séquito da Rainha das virgens. Para isto contribuíram também as diversas e fervorosas reflexões, feitas pelos superiores e superiores, bem como pelas professoras sobre a figura de S. Luís Gonzaga, proposto este ano como modelo da juventude católica de todo o mundo, pela ocorrência do 3.º centenário de sua 1.ª Comunhão.

Borgosão Martinho fez a celebração solene a 1.º de julho, com participação extraordinária de cooperadores e cooperadoras monferrianos. Estava presente o Bispo diocesano, Dom Ferré, e também D. Bosco. As Irmãs escrevendo, em três linhas contam toda a solenidade, toda a alegria de seu espírito por terem podido ver D. Bosco, embora por pouco tempo, e deixam entrever também o acúmulo de trabalho que tiveram. Queridas Irmãs! Como são verdadeiramente generosas e infatigáveis no sacrifício oculto, especialmente nestas circunstâncias; e o querido Pai deve compreender, pois não deixa as Irmãs sem uma boa palavra e sem celebrar uma missa em sua capelinha.

RASGOS DE COMPREENSÃO MATERNA

Nestes dias de calor intenso, quem mais sente a prostração física é Ir. Pacotto, a qual já recebendo alguma coisa a mais nas refeições comuns, ainda goza do privilégio da merenda, como exceção. Entretanto é tal a sua fraqueza que quando acorda alta noite, entre onze horas e meia noite, sente-se desfalecer até de manhã, sem conseguir conciliar novamente o sono.

Manifestando à Madre esta sua penosa indisposição, faz também esta pergunta: “Não será uma tentação do demônio?” A Madre, olhando-a com bondade responde: “Não se preocupe, quando você acordar esta noite, vá à cozinha, procure lá algo que lhe possa fazer bem e tome em santa paz.”

— Mas... e a Comunhão?

— Deixe a mim este pensamento.

Entretanto, às 11 horas da noite, com uma leve batida à porta do dormitório vê-se entrar a noviça Ir. Lúcia Garino. É a ajudante da enfermeira; com uma lanterninha, uma xícara de leite e uma fatia de pão, dirige-se à Irmã, dizendo-lhe: “A Madre Superiora deseja

que a senhora tome tudo isto!" Tal caridade materna perdura até passar a fastidiosa prostração da querida Ir. Josefina.

Para outras que, especialmente, nos dias de vigília e de jejum, lá pelas 10 horas pedem para sair da sala de trabalho a fim de tomar um pouco de ar fresco, a Madre age de outra maneira: "Pobrezinha! Você precisa é de comer e não de ar fresco! Vá à cozinha e peça lá alguma coisa; depois poderá também dar uma voltinha se ainda sentir necessidade!"

AS IRMÃS DO URUGUAI

As seguintes cartas revelam também o coração materno que responde às filhas e Irmãs do Uruguai. ⁽⁵⁸⁾

Viva Maria, Jesus e S. José!

Minhas boas filhas, e sempre amadas filhas, em Jesus,
de Villa Colón e de Las Piedras,

É para mim um grande prazer receber cartas das Irmãs das diferentes casas, mas as cartas que recebo da América me fazem sentir um não sei quê, que não posso explicar; parece que o tempo e a distância em vez de diminuir, tenham ao contrário aumentado a santa e verdadeira afeição que sentia por todas vocês.

Imaginem, pois, quanto me foram gratos os seus augúrios! Sim, espero que o Senhor ouça as suas orações e me conceda todas aquelas virtudes que me são necessárias para cumprir bem o meu dever. Vocês me diziam que, não querem mais ser Irmãs só de nome, mas de fato. Bravo! Isto é muito bom! Continuem indo adiante assim, pensem que o tempo passa na América como na Itália, logo chegaremos àquela hora que deverá decidir de nossa sorte. Felizes nós, se tivermos sido verdadeiras Irmãs! Jesus nos receberá como um esposo recebe a sua esposa. Mas para sermos verdadeiras religiosas é preciso que sejamos humildes em todo nosso agir, não só com palavras mas com os fatos; é preciso sermos exatas na observância das Constituições; é preciso amar todas as nossas Irmãs com verdadeira caridade; respeitar a Superiora que Deus nos dá, seja ela quem for...

Mas, que estou fazendo? Sem perceber me pus a fazer-lhes um sermão, em vez de agradecer-lhes os belos augúrios. Como agradecimento pedi a toda comunidade que fizesse a comunhão por vocês, está bem assim?

(58) As cinco cartas que seguem, todas com data de 9 de julho de 1880 são autênticas e conservadas no Arquivo Geral das FMA.

Vocês desejam saber quando irei fazer-lhes uma visita. Gostaria de ir logo, mas enquanto não me mandarem não poderei ir. D. Bosco e Pe. Cagliero me prometeram que me deixarão ir, mas não sei quando... Cabe a vocês escreverem a estes superiores; depois fiquem tranqüilas, pois, se for vontade do Senhor irei mesmo. Mas se o Senhor permitir que não nos vejamos mais nesta vida, nos veremos no Paraíso, não é? Quando Vocês receberem esta carta, talvez nós já estejamos em retiro; rezem para que todas nós possamos fazê-lo bem. Se vocês quiserem vir... iremos encontrá-las em Gênova. Rezem também para aquelas — um bom número — que irão fazer a vestição nesta ocasião. Peço também orações pela Madre Ecônoma, que, como vocês já sabem, está bem doente. Até agora não melhorou nada! Só Nosa Senhora poderá curá-la. Rezem, pois, de coração! As demais, graças a Deus, vão todas bem, exceto ela. Nas outras casas também, em geral, estão bem.

Não vou contar toda a bela festa que fizemos em honra de Maria Auxiliadora, só lhes digo, numa palavra, que a celebramos com toda a solenidade. Tivemos dezesseis vestições, Missa e Vésperas cantadas. Parecia mesmo uma daquelas antigas festas, que fazíamos quando estávamos em Mornese; algumas de vocês ainda devem se recordar.

Termino porque quero ainda responder às Irmãs que me escreveram em particular. Coragem, minhas queridas e boas Irmãs. Recomendando-lhes que se estimem mutuamente, tenham confiança com a Diretora ou com quem lhe faz as vezes. Procurem fazer os seus trabalhos somente com o fim de agradar a Deus.

Apresentem os meus respeitosos cumprimentos ao Revdo. e bom Diretor e recomendem-me às suas fervorosas orações. Todas as Irmãs lhes mandam mil saudações e pedem orações; elas sempre rezam por vocês. Auguro-lhes todas as bênçãos do céu e me firmo,

Nizza, 9 de julho de 1880

Sua afma, Madre em J.C.
a pobre *Ir. Maria Mazzarello*
Viva Jesus, Maria e S. José! ..

Minha querida *Ir. Terezinha (Mazzarello)*,

Você está alegre? Continua feliz por ter ido para a América? Está bem? Ainda tem febre? Mande-a embora, pois você não pode ficar doente, precisa trabalhar muito, não é verdade? Já fez o retiro? Deve então estar toda cheia de fervor, sendo um exemplo de obediência, de caridade, de exatidão em tudo, não é?

Esteja atenta para não deixar que se apague o fogo que naqueles santos dias o Senhor acendeu em seu coração. Lembre-se de que não basta fazer bons propósitos, mas é preciso pô-los em prática, se quisermos que o Senhor nos prepare uma bela coroa no Paraíso. Coragem, pois, minha boa Ir. Terezinha, procure ser sempre humilde e sincera; reze muito, mas de coração; seja respeitosa com os seus superiores e com todos; faça seus trabalhos sempre como se fossem os últimos de sua vida e assim ficará contente.

Os seus pais estão bem, cumprimentam-na e pedem que reze muito por eles e assim também a sua irmã Rosina, que está sempre em Biela. Reze também por mim que não a esqueço nunca. "Felicina", isto é, a Diretora de Borgo S. Martinho, manda-lhe muitas recomendações. Fique alegre e faça também que as outras Irmãs estejam alegres, mas de modo especial a nova noviça.

Deixo-a no Coração de Jesus, que abençoe a você e também à sua Nizza, 9 de julho de 1880

Afma. Madre,
Viva Jesus, Maria e S. José!
a pobre Ir. Maria Mazzarello

Minha sempre querida Ir. Vitória (Cantù),

É a segunda vez que você me escreve, por isso é preciso mesmo que lhe responda. Não pense que a tenha esquecido, não; você está sempre presente no meu coração e lhe quero tanto bem, como quando você estava em Mornese comigo. Como gostaria de lhes fazer uma visita! Embora distantes, podemos, todos os dias, nos encontrarmos bem perto no Coração de Jesus e lá rezar uma pela outra, não é verdade, Ir. Vitória?

Você me disse que está contente e isto me consola. Você está num cargo em que pode adquirir muitos merecimentos, se for a primeira na observância das Constituições, se tiver uma grande caridade para com as Irmãs e se for muito humilde. Tenha, pois, coragem! É verdade que não somos capazes de coisa alguma, mas com a humildade e a oração teremos o Senhor perto de nós e quando o Senhor está conosco tudo vai bem. Não se canse jamais de praticar a virtude; ainda um pouco e depois estaremos no Paraíso todas juntas! Oh, que bela festa faremos então! Coragem, pois, e esteja alegre, fazendo ficar alegres também todas as Irmãs e as meninas.

De saúde, estão todas bem? Tenham cuidado para não ficarem doentes.

E Ir. Gedda está contente? Diga-lhe que a primeira vez que eu escrever novamente para vocês mandarei um bilhete a ela também. Entretanto, que ela tenha coragem e obedeça; reze por mim e me escreva também.

Ir. Vitória, lembre-se de rezar sempre pelas nossas Irmãs que passaram para a eternidade e não se esqueça nunca das necessidades da nossa querida Congregação.

Saudações de todas, especialmente de Madre Vigária e Madre Assistente. Rezem por mim que, no Coração de Jesus, me firmo sua Nizza, 9 de julho de 1880

Afma. no Senhor

Ir. Maria Mazzarello

Minha boa Ir. Laura Rodriguez,

Obrigada pelo bilhete que me mandou. Não a conheço pessoalmente e talvez neste mísero vale de lágrimas não teremos a consolação de nos conhecer, mas tenho firme esperança de que nos conheceremos no Paraíso. Oh! sim, lá em cima faremos mesmo uma bela festa a primeira vez que nos encontrarmos.

Você fez a santa profissão? espero que a tenha feito, não? Alegro-me com você pela graça recebida de Jesus. Minha boa Irmã Laura, tenha coragem para corresponder a uma graça tão grande. Procure manter-se sempre bem firme nos santos propósitos que terá feito no feliz dia da santa profissão.

Recomendo-lhe de ser sempre humilde, de ter muita confiança com as superiores e não perder jamais a alegria que o Senhor deseja; procure tornar-se agradável a Jesus. Reze por mim, que embora não a conheça a estimo tanto, tanto. Mando-lhe uma imagenzinha que guardará como minha lembrança. Coragem, pois, esteja sempre alegre e se santifique logo.

Deus a abençoe, faça-a toda dele, creia-me sempre sua Nizza, 9 de julho de 1880

Afma. no Senhor

a Madre, *Ir. Maria Mazzarello*

Viva Jesus e Maria!

Queridas e boas meninas (de Las Piedras)

Oh! quanto me agradou a querida e bela carta coletiva de vocês. Como são boas de pensarem em mim e de me apresentarem seus augúrios. Também eu, embora não as conheça, lhes quero muito bem

e rezo por vocês, a fim de que o Senhor lhes conceda também as graças e bênçãos que me auguraram. Rezem sempre por mim; eu também rezo sempre por vocês, para que o Senhor as faça crescer boas, devotas, obedientes.

Procurem estar sempre com as Irmãs, digam-lhes que lhes ensinem a amar o Senhor, a conhecer bem os deveres de boas cristãs. Evitem sempre as más companhias, procurando somente as boas.

Sejam muito devotas da Santíssima Virgem, nossa terna Mãe. Imitem as suas virtudes, especialmente a humildade, a pureza e o recolhimento; se assim fizerem vocês ficarão contentes na vida e na hora da morte. Desejaria muito ir fazer-lhes uma visita; rezem e, se for vontade de Deus, irei; mas se isto não acontecer, nos veremos no Paraíso e será muito melhor. Fiquem, pois, bem boazinhas para poderem chegar lá. Escrevam-me de vez em quando; as suas cartinhas muito me agradam! Queiram bem às suas professoras e assistentes e, principalmente, amem de coração a Jesus e a Maria.

Em agradecimento dos votos amigos que me fizeram, pensei em mandar, a cada uma, uma bela imagenzinha, mas como fazer? Vocês são tantas, que a carta ficaria muito pesada. Assim, desta vez, mando uma só para quem escreveu a carta, está bem? Quando eu for visitá-las, levarei um santinho para todas. Sejam boas e rezem por mim. Eu as saúdo a todas e no Coração de Jesus creiam-me sempre a sua Nizza, 9 de julho de 1880

Afma. Ir. Maria Mazzarello

NOTÍCIAS DA ARGENTINA

De Buenos Aires fazem saber que, justamente na ocorrência da festa de Maria Auxiliadora, houve acontecimentos bem importantes: profissão religiosa da primeira noviça americana, Ir. Laura Rodriguez; as duas primeiras vestições religiosas da Argentina, de Ir. Emília Mathis e de Ir. Mercedes Stabler, que são primas entre si; primeira distribuição das Constituições impressas, lá chegadas finalmente com os últimos missionários salesianos.

Pelo que escreveram, transparece a santa alegria experimentada naquele dia, ao beijar o querido livrinho, com os novos propósitos de perfeita observância.

Entretanto, não há notícias sobre o turbilhão da guerra civil, porque quando as cartas saíram de lá não havia chegado ainda o funesto junho...

Agora as notícias são de paz.

A Madre queria fazer uma grande festa, bem compreendendo como aquelas suas filhas estiveram entre dois fogos; mas... “é melhor não se alegrar ainda muito para não se correr o risco de alegrar-se muito depressa. Rezemos, ainda, que não fará mal nem aos vivos nem aos mortos durante tal motim.”

E toda a comunidade reza de verdade.

O DIA DA GRATIDÃO

O dia 15 de julho é o dia da gratidão. Em vez de celebrá-lo no dia seis, onomástico da Madre, adiou-se por motivos escolares e também para festejar juntamente o onomástico de Madre Henriqueta (15 de julho), e o de Madre Emília, porque na ocasião (em agosto), as educandas não estarão mais no colégio.

Madre Mazzarello se alegra e diz: “Muito melhor assim! muito melhor! Não sou eu sozinha que trabalho com estas meninas e é justo que cada Irmã e cada Superiora veja que seu sacrifício é compreendido e além do mais, isto educa as jovens ao reconhecimento.”

CARTA DA MADRE À NOVIÇA IRMÃ OTÁVIA BUSSOLINO

A noviça, Ir. Otávia Bussolino, se prepara em Turim, há bastante tempo e com grande fervor, para ser missionária. Pela sua excepcional piedade, pelo seu zelo e sólida virtude, pensou-se em lhe conceder com a graça das missões, também o singular privilégio da profissão perpétua, sem outro período de prova. Agora, ao aproximar-se do grande dia, ela escreve à Madre, apresentando as apreensões motivadas por sua humildade e a Madre solícitamente lhe responde:

Viva Jesus!

Minha boa Irmã Otávia,

A sua cartinha me deu tanto prazer! Fiquei contente de saber que você está bem, trabalhando e estudando, mas desejaria que estivesse também sempre alegre. Não é preciso pensar no futuro agora, pense somente em aperfeiçoar-se na virtude, nos trabalhos, nos estudos e depois, quando for o momento de fazer o sacrifício, esteja tranqüila que o Senhor lhe dará a força necessária para realizar a sua santa vontade. Embora você esteja em Turim, eu não a esqueço nunca e rezo sempre por você. Depois, esteja tranqüila que, de minha parte, estou contente que você faça os santos votos e creio que também estejam contentes todas as outras Irmãs. Prepare-se, pois, a fazê-los bem a fim de se tornar uma verdadeira esposa de Jesus Crucifi-

cado; tenha coragem, esteja sempre alegre e reze muito também pela Madre Ecônoma. Saudações a todas as Irmãs e à sua Diretora. Faça uma Comunhão pela sua Nizza, julho de 1880

Afma. em Jesus

a Madre

Muitas saudações de todas as Irmãs, mas especialmente da Madre Mestra e da Madre Assistente. ⁽⁵⁹⁾

ENCERRAMENTO DO ANO ESCOLAR

Dia 29, passada a preocupação dos exames finais, realiza-se a solene premiação. Presidem à cerimônia: o Pe. Cagliero, que fez o discurso de ocasião e o Pe. Celestino Durando; ambos ficaram satisfeitos pelo aproveitamento e seriedade das alunas. As principais autoridades da cidade, tanto eclesiásticas como civis, os parentes e conhecidos, convidados para a circunstância, voltam para suas casas glorificando o Colégio de N. Senhora onde há Irmãs tão preparadas e tão dedicadas ao verdadeiro bem moral e cultural de suas filhas.

No dia 30, o educandário de Nizza está quase vazio de alunas, porque todos os ambientes devem estar à disposição das senhoras que virão para o retiro espiritual, às quais já foi feito o convite pelo Boletim Salesiano. ⁽⁶⁰⁾

CHEGADA DAS RETIRANDAS A TURIM

Grande movimento, portanto na casa de Nizza; mas não menos em Turim, por motivo dos próximos exercícios espirituais das Irmãs.

Enquanto a Madre se põe em viagem para Turim, Ir. Zoé Bianchi e Ir. Angelina Sorbone se dirigem para Alássio, a fim de se prepararem melhor para os exames de nível superior, entre setembro e outubro.

As condições da Madre não lhe permitiriam de entregar-se logo e totalmente, como costumava fazer, ao atendimento das exercitandas recolhidas em Valdoco. Mas as Irmãs de Nizza pensam: "Ao menos lá descansará um pouco e não ficará fazendo os trabalhos pesados da casa; lá estará D. Bosco a exigir-lhe que se cuide um pouco mais!" Isto porque ela não tem passado muito bem neste último mês e não

(59) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA.

(60) Boletim Salesiano, julho de 1880, ano IV, n.º 7, pág. 3.

se concede nenhuma exceção, firme no seu princípio: Enquanto se pode, é melhor estar na vida comum.

O último dia de julho — sábado — foi marcado para a chegada das Irmãs exercitandas; o domingo seguinte é precioso para uma parada de oração ante o altar de Maria Auxiliadora e também para se dar início às visitas da “Porciúncula”, não faltando também as manifestações festivas entre as que chegam, a Madre e as Irmãs da casa.

Conforme o pensamento de D. Bosco, a Madre concede às exercitandas um pouco de distensão, permitindo a estas queridas Filhas uma troca de expansões e notícias, se bem que em voz moderada, para não perturbar quem reza na capela e recomendando que estejam bem atentas para não faltarem à caridade, mas tudo sirva para mútua edificação.

A noviça, Ir. Rosa Cordara — a vivacíssima Rosa — o que não faz e o que não diz ao rever a “sua” Madre! Havia-lhe acontecido uma “grossa”; devia, queria dizer-lhe logo, e sem pensar se o momento era ou não conveniente saltou da porta da entrada à do pequeno quarto da Madre. De lá saindo, ei-la no pátio a se expandir: “Como é boa a Madre! Sempre melhor! Eu pensava de tomar uma . . . e ao contrário ela me tranqüilizou! Eis o caso: Estava um Bispo na paróquia e a Irmã do Reitor desejava que ficássemos lá com ela, para ajudarmos na limpeza da igreja e no serviço da casa. Ora, esta não era nossa obrigação; tínhamos outros deveres . . . Para alguma coisinha, sim, poderíamos nos ter oferecido, mas nem pensamos; que fazer? Bem. A tal senhorinha repreendeu por isso a pobre Diretora que, toda mortificada, até se sentiu mal e de manhã quis que eu fosse com o Reitor pedir-lhe perdão. E ele bondoso: “Oh! como está a Diretora?” ao que eu respondi secamente: “Está doente pela repreensão de ontem. O Senhor deve saber que sua irmã lhe fez ontem uma séria observação porque não ficamos aqui a ajudá-la.”

O Reitor ficou pesaroso e eu, arrependida de ter falado.

Voltando a casa, naturalmente contei tudo à Diretora, que ficou muito aborrecida e então . . . também eu que fui tão imprudente, fiquei com um espinho na garganta. Basta! Eu não fazia senão suspirar por Turim e pela Madre e quando a vi, a abracei chorando e lhe contei tim-tim por tim-tim a minha história. Sabem o que ela me disse em sua calma admirável, depois de escutar-me? Minha filha, você teve na frente a observância das Constituições; não foi verdadeiramente um mal; poderia ser mais prudente, sim. Oh! as nossas Constituições, as nossas Constituições, acima de tudo!”

O RECREIO COM A MADRE

A recreação depois do almoço tem quase o caráter de uma comunicação familiar sobre o contínuo progresso dos dois Oratórios, de Chieri e de Turim, e das suas associações: Jardim de Maria no primeiro e Filhas do Sagrado Coração no segundo. Serviram de motivação as funções realizadas durante a manhã na capela da Casa: quanto fervor, quantas comunhões encerrando o exercício da boa morte e para alcançar as indulgências da Porciúncula. Isto demonstra o constante zelo das Irmãs, sob a orientação dos superiores. A mesma Madre faz perguntas em público, para que todas estejam a par dos acontecimentos de família e umas aprendam das outras a se santificar e a fazer o bem às almas.

Por isso nos dias dos santos exercícios se estreitam bem mais os vínculos da caridade fraterna e da afetuosa estima para com os superiores.

— Esta manhã o coração transbordava de alegria, vendo tantas jovens reunidas em nossa capela!

— Oh! deveras! Nenhuma de vocês se transportou em espírito até Chieri? Quem leu no Boletim de junho e especialmente no de julho, notícias do oratório de Chieri?

— Sim, sim! Lembramo-nos. Mas por que, Madre, aquela relação terminava falando de “guerra”? ⁽⁶¹⁾

Quem sabe alguma coisa do caso finge não entender e a Madre prontamente intervém: “E onde não há guerra? Quem não tem em sua casa? ⁽⁶²⁾

O “JARDINZINHO DE MARIA” EM CHIERI

— O “Jardinzinho de Maria” vai sempre bem em Chieri?

— O nosso Jardinzinho de Maria é ainda o que foi iniciado pela Diretora Ir. Rosália Pestarino e orientado pelo Pe. Bonetti. Cada grupo de 12 tem a sua “Rainha”. Sorteiam-se as florinhas cada mês e

(61) O Boletim Salesiano de julho de 1880, à pág. 10/11 no artigo “Celebrações edificantes no Oratório de Sta. Teresa”, apresentava uma ampla relação do mês mariano celebrado em Chieri e concluía com este breve comentário: “...Quanto a nós somos de parecer que o Oratório de Sta. Teresa terá uma sorte semelhante à do Oratório de São Francisco de Sales. Realmente, tendo tido e ainda tendo em comum a guerra, por que não terá em comum também a vitória?”.

(62) Anexo (Allegato) n.º 1 d.

para as nossas meninas isto vai às maravilhas! Talvez uma outra associação não desse tanto resultado. ⁽⁶³⁾

AS “FILHAS DO SAGRADO CORAÇÃO” EM TURIM

— Já aqui em Turim — acrescenta outra — está em pleno vigor a Associação do Sagrado Coração.

— Nós vimos esta manhã. Mas diga agora às Irmãs como funciona a associação.

— Assim: este ano, pelo número das “filhas” sempre aumentando, fizemos duas subdivisões: Aspirantes com menos de 15 anos, com fita verde; e “filhas” propriamente ditas, com fita vermelha. Todas recebem o regulamento da Associação, no qual há um resumo do que seja a piedade sincera e generosa e as normas principais de uma atividade zelosa e industriosa, para se fazer o bem, não só no ambiente do Oratório, mas também na família e na esfera de seus conhecidos.

Para a admissão entre as “filhas” o cerimonial é quase como o das profissões: canto do “Veni Creator”; o formulário das perguntas e respostas; a imposição dos distintivos e a apresentação do regulamento; o sermãozinho de circunstância; a bênção do Santíssimo e canto final de um louvor.

Depois das orações de Vésperas dos dias santos, quase todas as “filhas” ficam espontaneamente na igreja, para recitar em comum o seu ato de consagração diante da estátua do Sagrado Coração, iluminada por velas, adquiridas com o fruto de suas pequenas e espontâneas renúncias.

Este ano o Pe. Cagliero realizou uma bela inovação: escolheu doze entre as “filhas” mais exemplares, dando-lhes o título de apóstolas, para que façam no campo feminino o que a “Companhia da Imaculada”, cujo primeiro presidente foi Domingos Sávio, faz no campo masculino, especialmente aqui no Oratório de Valdoco. As apóstolas se conhecem entre si, mas não devem se dar a conhecer entre as demais companheiras; por isso a conferência especial para elas não tem nem lugar, nem dia, nem hora fixa.

Dizem que com este meio se conseguirão excelentes vocações.

(63) O texto do regulamento da associação está conservado no Arquivo Geral das FMA.

AS “FILHAS DE MARIA” EM BORDIGHERA E NIZZA

— Madre, e em Bordighera e Nizza como fazem com as Filhas de Maria?

— Em Bordighera, Ir. Adele David tenta manter as Filhas de Maria com um regulamento que ela mesma esboçou e que o Diretor de lá e o de Turim disseram de experimentar. ⁽⁶⁴⁾

Em Nizza já se tem a Pia União das Filhas de Maria como a de Roma; entretanto, é uma experiência. Os superiores já disseram que, com o tempo, se providenciará para que haja uma associação única para todas.

No entanto, minhas queridas Irmãs, conclui a Madre, façamos tesouro de tudo; não sei se aquelas que vierem depois de nós terão os auxílios que nós temos agora. Depois da visita ao Santíssimo, quem se interessar, vá ver por algum tempo o que se faz e como se faz entre estas meninas.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS — EXORTAÇÕES DA MADRE

O momento da reunião para o retiro anual, na tarde do dia 2 de agosto, já chegou. Pregadores do retiro são: o Diretor Geral, Pe. Cagliero e o salesiano Pe. Ascânio Sávio, os quais porfiam em instruir as almas simples e boas que os escutam e, nos respectivos confessionários, estão sempre à disposição das exercitandas. Pe. Cagliero, em nome de D. Bosco, as recebe também em diálogo particular.

No encerramento, há sete primeiras profissões, uma renovação e vinte e uma profissões perpétuas.

Muitas das participantes deste curso de exercícios espirituais guardaram por escrito as suas lembranças:

A nossa Madre, embora adoentada, não falta a nenhuma recreação. Nas breves reflexões das ‘boas noites’ nos faz recomendações práticas e persuasivas.

Disse-nos, por exemplo: “Por amor a Nossa Senhora das Neves, em cujo dia teve início o nosso Instituto, demos muito valor à castidade. Por isso, grande reserva nos olhares, no modo de nos despirmos e vestir-nos, não digamos uma só palavra que não seria dita entre os anjos; na cama estejamos deitadas e cobertas como desejaríamos ser encontradas se tivéssemos morrido; atentas especialmente quando estivermos doentes. À mesa evitemos a saciedade se quiser-

(64) Tal regulamento se conserva no Arquivo Geral das FMA.

mos refrear as paixões. Não deixemos que se aproximem muito de nós, nem mesmo as crianças pequenas — meninos ou meninas; evitemos os beijos, os abraços, o deixar-se levar pelas mãos ou abraçadas. Enfim, sejamos verdadeiras imagens de Nossa Senhora como nos quer D. Bosco.”

Enquanto a Madre fala, muitas de nós repetíamos baixinho: “É o seu retrato.”

Pe. Cagliero diz que o coração procura sempre fugir de toda a norma, não quer rédeas. E a ‘boa noite’ da Madre reforça: “Quando o coração encontra a verdadeira caridade em casa, entre as Irmãs e as Superiores, não procura outra coisa; mas se não existe esta caridade, ei-lo como um cavalo bravo. Caridade, pois, caridade! e seja esta a flor para apresentar a Jesus em cada Comunhão e a graça a ser pedida todas as vezes que vamos à capela fazer uma visitinha.

Algumas de vocês se entristecem porque não sentem o fervor da alma. Este não pode existir se falta o espírito de mortificação e de sacrifício. Na Comunhão de amanhã vamos pedir a Jesus que nos faça conhecer o motivo de certas nossas friezas de coração nas práticas de piedade; escutemos bem e remediemos.”

— A Madre — comenta-se — nos fez descobrir o seu segredo para sermos sempre fervorosas!

— A nossa Madre deve ter um coração de criança para com os superiores e com o confessor, pois não se cansa de recomendar a simplicidade nas confissões e a confiança com os superiores.

INFORMAÇÕES SOBRE A VIDA EM SAINT-CYR

Tinha sido sugerido às Irmãs de Turim que evitassem perguntas a respeito da casa de Saint-Cyr até o fim dos exercícios. Mas agora, a Madre pede à noviça Ir. Alexandrina Hugues para contar alguma coisa, para animar-nos a todas nós, ao espírito de pobreza e de sacrifício. A Irmã Hugues, com sua linguagem franco-italiana, conta: “Quando chegamos a Saint-Cyr, havia só três órfãs e cinco Irmãs terciárias, incluída aquela que até então tinha o cargo de superiora e que ainda faz todos os serviços para o Pe. Vincent, fundador do Orfanato. Fomos muito bem recebidas, especialmente pela Senhora Pobreza! Para comer era preciso ir procurar, mas não o que comprar, e sim, para pedir por caridade!

Assim haviam feito sempre as outras Irmãs e assim também nós deveríamos fazer! A pobre Diretora não sabia ainda falar o francês

e o compreendia muito pouco; por isso na primeira semana foi acompanhada à cidade mais próxima por uma Irmã terciária da casa, já conhecida por todos e muito boa para as nossas Irmãs. Para ir de trem, havia necessidade de dinheiro e nós não tínhamos. Então foi preciso ir vender um pouco de verdura para as famílias dos colonos vizinhos e com a importância ganha elas conseguiram chegar até à cidade. Fizeram muitas etapas, mas bem pouco dinheiro; apenas o suficiente para voltar para casa!

Uma senhora ao dar-lhes algum dinheiro lhes augurara um bom almoço. Mas como? A pobre Diretora sentiu tal aperto no coração que aquela senhora lhe perguntou: — Sente-se mal? — Não, respondeu a companheira, é que estamos ainda em jejum, e não sabemos como fazer uma refeição!

Então a boa senhora lhes ofereceu alguma coisa e elas continuaram a esmolar até à tarde. Assim puderam comprar o pão para a semana e mais alguma coisinha necessária, bem como pagar o trem.

A carne em Saint-Cyr só se vê aos domingos, matando-se um coelho. Ao açougue, fomos apenas para a festa de Maria Auxiliadora. Em nossa mesa temos apenas um pouco de feijão, batatas e bacalhau. Se servimos um ovo para a Diretora, quando percebemos que está muito cansada, logo ela passa para outra. Jamais se lamenta da nossa pobreza e é sempre a primeira no trabalho. Para ter alguma entrada a mais começou agora a cultura do bicho da seda, responsabilizando-se do trabalho quase sozinha. Conforme a estação se recolhem violetas e sempre-vivas, que crescem na colina; colhem-se azeitonas e amêndoas, para vender tudo isto e assim ter o necessário à vida.

No tempo das castanhas, já se sabe, uma das terciárias com sua charrete puxada por um burrinho, vai percorrendo as famílias vizinhas para pedir um pouco. E estas são as providências para o inverno. Assim também com o milho, um pouco de farinha de trigo e com frutas próprias da estação.

Encarregada da cozinha é a Ir. Henriqueta Telésio; ela me parece, é a que deve sofrer mais quando não tem o necessário. Um dia ela se sentiu mal e a Diretora foi substituí-la, mas pobrezinha, deve ter ficado bem atrapalhada, pois não sei quantas vezes subiu e desceu as escadas para ir perguntar à Ir. Henriqueta como se fazia tal coisa e poder enfim levar-lhe uma boa sopa.

Uma vez veio nos visitar o prefeito da Casa Salesiana de La Navarre. Que momentos passamos, pensando que ele ficaria para o

almoço! E que alegria quando o vimos partir! Verdadeiramente nada havia para lhe dar!...

A Diretora não está lá muito bem. Sofre com a umidade e depois de lavar a roupa sente fortes dores nos braços. Também os dentes lhe dão que fazer; e ainda dores de cabeça. Entretanto, os trabalhos mais pesados da casa, como a limpeza do assoalho, são sempre seus.

É muito estimada pelas órfãs, que agora são mais numerosas, e soube conquistar também as terciárias, que estão quase resolvendo a ser Irmãs como nós. O Diretor a mortifica freqüentemente, até mesmo diante de nós, por coisinhas de nada, mas quando ela não está, ele nos diz: "Queiram bem a esta Diretora, pois é uma alma santa, sabem? Eu a experimento assim, porque me parece que o Senhor a prepare para qualquer coisa de grande. Vocês a imitem o mais que puderem e a consolem com sua obediência. Nós estamos mesmo muito bem com ela e nem sei o que faremos para vê-la contente."

Não foram poucas as Irmãs de Turim que, enquanto Ir. Alexandrina falava, se comoveram até às lágrimas. A Madre se alegrava ouvindo os elogios de sua filha distante e antes de terminar a recreação nos disse: "Eu quis que vocês escutassem estas coisas, para que saibam que a virtude não consiste em ser bons quando tudo corre bem, mas especialmente quando nos falta o necessário e tudo vai às avessas; e que, o afeto para com as superiores não se manifesta por palavras, mas pelos fatos, como faz Ir. Catarina que sofre e reza, sofre a cala, sofre e sorri.

Agora, se deixasse contar também de La Navarre, Ir. Rosa Ferrari poderia nos entreter, quem sabe, por quanto tempo ainda, mas por hoje basta assim. Preparemo-nos todas a sofrer muito por Nosso Senhor Jesus Cristo, porque quem mais sofre mais ama e mais santa se faz." (65)

NOVA VOCAÇÃO ASSEGURADA POR DOM BOSCO

Um dia se apresenta à Madre uma certa Ursulina Rinaldi, mandada por D. Bosco. A Madre conta às Irmãs o que a jovem lhe disse: Ela não sabia decidir-se a fazer o pedido para ser Filha de Maria Auxiliadora, embora sentisse bem forte o chamado do Senhor. Vendo como as Irmãs tomam parte ativa aos jogos e às recreações das ora-

(65) Das diversas relações de Ir. Maria Maccagno, Ir. Maria Gastaldi, Ir. Luízinha Boccalatte, Ir. Delfina Guido, Ir. Sofia Miotti e outras contemporâneas.

torianas, ficou duvidando se resistiria ficar entre nós, por causa de um inchaço e uma certa dor no pé direito, após alguma caminhada ou algum trabalho em pé, a ponto de ficar, às vezes, até um dia de cama. Aconselhada pela boa Diretora, Ir. Pierina Marassi, certa manhã foi ter com D. Bosco na sacristia, onde ele estava confessando os jovens e lhe expôs o seu caso. D. Bosco a olhou de maneira significativa e depois lhe disse que ela precisava de mais energia de vontade, que seu mal não era nada e que ele estava precisando de boas Irmãs, para mandar bem longe. Pediu que ela se ajoelhasse para rezar com ele uma Ave Maria e lhe deu uma bênção acrescentando: “Apresente-se à Madre Mazzarello, que se acha estes dias em Turim, diga-lhe que Dom Bosco a manda para que você seja aceita entre as Filhas de Maria Auxiliadora.”

— D. Bosco — comenta a Madre — já me havia falado a respeito deste caso, por isto não fiz mais que aceitá-la para este outono. Vejam como D. Bosco nos envia novas irmãszinhas e mandando-as, obri-ga também Nossa Senhora a fazer graças especiais.

— Agora, — acrescenta — vamos ver se aquelas que receberam a visita de D. Bosco recordam algumas palavras do nosso pai.

— Em Alássio, Madre, ele nos recomendou de sermos santas de verdade, com a prática das Constituições e especialmente com espírito de piedade! Pedimos que ele desse um bênção a uma companheira nossa, que estava de cama, e a quem não conseguíamos substituir, fazendo além da nossa, a sua parte. Ele lhe deu a bênção e a doente imediatamente ficou boa. Ao despedir-se ele abençoou toda a comunidade e nos deixou este pensamento: “Coragem, filhas, no Paraíso descansaremos, mas agora é necessário trabalhar e trabalhar muito.”

— Em Nice D. Bosco passou várias vezes, mas não sei quem de nós tenha conseguido falar-lhe. Todos os superiores nos respondiam — “Ele tem muito que fazer!”. Entretanto, eu tinha tanta vontade de vê-lo de perto, pois só uma vez o vi de longe, que recomendei ao Diretor da casa que o acompanhasse até nós. Prometeu, mas no dia seguinte veio dizer-nos: — “Dei o recado de vocês a D. Bosco, mas ele me respondeu com um suspiro: ‘Diga às Irmãs que não fomos feitos para nos ver, nem para nos falar neste mundo, mas para ficarmos sempre juntos lá no céu!’.”

Todas riem, também a Madre, que concluiu: “Pobre D. Bosco, ele também faz como pode!”

MORTE DO PADRE BODRATO

A Madre deve ter chorado, porque está com os olhos bem vermelhos, ao nos anunciar a notícia telegráfica da morte do Inspetor da América, Pe. Bodrato. E acrescenta: "O coração me dizia que não devia alegrar-me demais com a notícia de que havia terminado a guerra civil de Buenos Aires. Aquelas nossas pobres filhas e o Pe. Costamagna, bem como os outros, quem sabe como terão sofrido nestes dias e quanto estão sofrendo ainda! Rezemos, sim, rezemos pelos vivos e pelos mortos!"

Pe. Bodrato era também de Mornese e o consideravam o D. Bosco de Buenos Aires! Não se têm, por enquanto, notícias detalhadas desta morte inesperada. É necessário aguardar informações mais precisas por intermédio do Pe. Costamagna. ⁽⁶⁶⁾

LEMBRANÇAS DO PADRE CAGLIERO

Na manhã do dia 10 o sermão das "lembranças" do Pe. Cagliero faz com que as exercitandas voltem para casa e para seus trabalhos com a alma transbordante de santos propósitos:

"Como a rainha Ester salvou o seu povo com as súplicas dirigidas ao rei Assuero, assim toda Filha de Maria Auxiliadora deve salvar tantos pecadores e levá-los para o céu, por meio de suas orações, seu amor a Jesus e seus sacrifícios."

O primeiro sacrifício, certamente, foi o de todas terem voltado sem ter visto em nenhum momento o venerando D. Bosco, que diziam estar sobrecarregado de trabalho, de preocupações e de sofrimentos. No círculo mais fechado das anciãs se comenta até que lhe tenham sido feitas novas acusações junto à suprema autoridade eclesiástica. ⁽⁶⁷⁾ E que a guerra contra as comunidades religiosas na França, por certo, não deixará ilesos os salesianos. ⁽⁶⁸⁾

(66) O Boletim Salesiano de outubro de 1880, ano IV, n.º 10 publicará notícias pormenorizadas, a carta de condolências do Bispo de Buenos Aires e uma relação do Pe. Costamagna. (Página 1-4)

(67) Alude-se à questão suscitada pela Cúria de Turim por motivo da publicação do apúsculo sobre "graças prodigiosas e milagres" operados por intercessão de Maria Auxiliadora (Cf. MB XIV, 522, 797-98).

(68) Cf. MB XIV, 593 e seguintes.

MORRE A NOVIÇA IRMÃ ANNA MORA

Entre os dias 10 e 11 retornam quase todas as Irmãs.

A Madre volta para Nizza, chega apenas a tempo para receber os votos da noviça Ir. Anna Mora, que estava nas últimas. A existência desta criatura foi só de sofrimentos. Talvez os anos mais tranquilos da sua vida tenham sido os três passados, como pobre órfã, na casa Nossa Senhora das Graças, em Nizza Monferrato. Depois de muita insistência conseguiu ser aceita como postulante. Com grande força de vontade resistiu de pé, não obstante a debilidade de saúde, sendo, no trabalho e na observância, muito edificante e agora com um doce sorriso ela deixa o exílio terreno.

PREPARATIVOS PARA OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DAS SENHORAS

Cumprindo o seu ato materno junto à moribunda, a Madre vai verificar os preparativos para hospedar a cem senhoras exercitandas.

As Irmãs da casa souberam verdadeiramente “ajeitar-se” precisando ceder todos os quartos e leitos às hóspedes; levaram para o sótão um pouco de palha improvisando colchões; algumas mais idosas arranjaram até um saco com duas aberturas laterais para os braços, dispondo-se a dormir assim... no soalho fresco e limpinho. Para aquelas que não conseguiram mais lugar no colégio, há o recurso da chamada “Bruna”, habitação numa colina bem em frente, patrimônio da noviça Irmã Maria Terzano.

A Madre não é absolutamente consentida uma tal “regalia” e ela, querendo participar da caridade comunitária, dá ordem que em seu quarto, além de Madre Emília, se ponha também Ir. Sampietro, que deve estar pronta para seguir para a França. No começo ela opôs alguma resistência, mas a Madre insistiu bondosamente e conseguiu persuadi-la.

“UMA COISA MUITO BONITA”

A noite Ir. Maria (Sampietro) não deve ter dormido muito bem, pensando de encontrar-se entre duas superiores e de manhã ela conta às amigas: “Esta noite a Madre falou bastante e de manhã se pôs a gritar de alegria. Depois perguntou à Madre Assistente: ‘Eu perturbei muito a vocês? É que sonhei uma coisa tão linda! Vi Santa Inês com um coro de virgens que a seguiam cantando!’.”

— Eu, — conclui Irmã Sampietro — disse a mim mesma: 'Querida Madre! A senhora é a nossa Santa Inês e nós, o numeroso coro das suas virgens.'

NOTÍCIAS DE QUARGNENTO

De Quargnento, as mais belas notícias: uma visita de D. Bosco com Pe. Cagliero, entre fins de julho e o primeiro domingo de agosto. O Arcebispo e o prefeito da cidade os acolheram festivamente. Conduzidos logo à casa episcopal, foram depois acompanhados por grande séquito até o Asilo, preparado para a homenagem infantil. Além dos membros do Conselho Diocesano e do Município havia também um general e um alto oficial do exército, bem como sete Irmãs de Caridade e grande número de senhores e senhoras.

Tudo saiu às mil maravilhas para a glória de Jesus. A Ele foram oferecidos pelas Irmãs, os aplausos, as palmas, os vivas intermináveis; a Ele, todas as satisfações e as bênçãos dos que crêem.

Depois da apresentação, D. Bosco dirigiu a todos os presentes umas palavras tão persuasivas sobre a devoção a Nossa Senhora que ninguém jamais se esquecerá.

No mesmo dia muitos quiseram dar o próprio nome, para serem inscritos entre devotos de Maria Auxiliadora, e as principais famílias, com as autoridades e a Marquesa Cuttica di Cassine, também entre os cooperadores salesianos.

Convidado por esta última a honrar sua família com uma sua visita, embora breve, D. Bosco aceitou; e enquanto se entretinham agradavelmente com os ilustres hóspedes, ouvindo o toque festivo dos novos sinos da paróquia, ficou atento e disse: "Harmonioso o som destes sinos! Pe. Cagliero, informe-se onde foram comprados, pois eu desejaria iguais para nossa igreja de S. João Evangelista!"

A marquesa admirada perguntou:

— Mas, D. Bosco, o senhor diz que não tem dinheiro e está pensando em outras despesas? Como há de fazer?

— É, senhora Marquesa, — respondia D. Bosco — a senhora ainda não sabe que D. Bosco vai sempre avante fazendo: puf, puf, puf?! ⁽⁶⁹⁾

Impossível dizer as impressões de alegria que D. Bosco deixou em Quargnento com esta sua visita. E como exprimir a alegria mais

(69) Expressão dialetal piemontesa para significar as dívidas.

íntima que deixou em suas filhas?! Só os santos podem fazer tanto bem, com uma simples passagem.

SENHORINHAS E SENHORAS EXERCITANDAS EM CASA

No dia, 13, bem cedinho, foi sepultada a querida Ir. Mora.

A tarde, a casa está repleta de exercitandas que acolheram o convite feito pelo Boletim Salesiano de julho; umas 90 ao todo. Pregadores do retiro são: o infatigável Pe. Cagliero e Monsenhor Belásio, ambos profundos conhecedores das almas e ardentes apóstolos da virgindade.

“JESUS, ABRI OS MEUS OUVIDOS”

As exercitandas fazem o possível para ir falar com a Madre, porém esta, além de uma constante dor de cabeça, há já uma semana está com uma perturbação auditiva, sempre mais acentuada, e percebe que o seu impedimento para atender a todas não é de fácil solução. Por isso, sem muito pensar, ela deixa escapar estas palavras de súplica: “Ó Jesus, logo agora que eu devo atender a estas senhoras, eu não escuto o que elas me dizem!? Se quereis que eu as satisfaça, abri-me os ouvidos!”

Imediatamente cessa o distúrbio e ela se sente feliz de poder dedicar-se a quem a procura. Entretanto, sente também remorso, achando ter feito um ato de pouca resignação, talvez por estima de si mesma, como se fosse tão necessária a ponto de obrigar o Senhor a adaptar-se à sua pouca virtude; e fica pensativa, perplexa. O Diretor Pe. Lemoyne, passa casualmente perto da Madre e ela, imediatamente, na presença de outras Irmãs se acusa. Ele a escuta benévolo e com uma só palavra lhe dá perfeita calma. Eis como é a Madre: como uma criança sem vontade própria, obedecendo à voz de quem a dirige em nome de Deus, e, ao mesmo tempo, com uma consciência delicada, como a de uma santa que busca somente a maior perfeição em todas as coisas. Por isso é que freqüentemente pergunta: “Isto será pecado? Será uma falta?” e sempre repete: “Tenho tanto medo do purgatório, porque lá estaremos longe do paraíso e de Deus.”

FESTA PELA CHEGADA DE D. BOSCO

A solenidade da Assunção transcorre, não tanto em severo silêncio de retiro, quanto em exultação de fervor, pois é justamente a

festa da antiga Nossa Senhora das Graças do ex-convento. No dia seguinte, de novo a casa se alegra pela vinda de Dom Bosco que, além de poder contentar as exercitandas desejosas de falar-lhe, espera também de ficar por mais tempo para atender às Irmãs e para a próxima eleição da Superiora Geral e do seu Capítulo.

Ele chega ao meio dia e é logo introduzido em uma saleta improvisada, onde, entre as senhoras que mal se contêm em seu semi-recolhimento, é aclamado pela comunidade com hino, poesias e alocações brotadas de corações filiais e devotos... A Madre dispôs assim porque o momento central dos exercícios começará depois, com D. Bosco em casa, e também para que aquelas senhoras vejam como as filhas sabem receber o pai; além disso — ela pensa — é bom estar em seguro, pois não raro D. Bosco precisa trocar itinerário para adaptar-se às circunstâncias quase sempre imperiosas e imprevistas.

O PAI ENTRE AS FILHAS

O venerado pai agradece a homenagem e terminando ele diz: “Os vossos cantos me transportaram com o pensamento até a América, onde, justamente pelo canto, vão salvando muitas almas.” Depois, dirigindo a palavra às exercitandas acrescenta: “Tomemos o costume de fazer o exame preventivo, a fim de que os imprevistos não nos levem fora do caminho!”

— Quem sabe o porquê destes pensamentos agora?! — algumas se perguntam.

Madre Mazzarello fixa os olhos na capinha esverdeada, que cobre as costas já curvadas do venerado fundador. E este... quem sabe, sentindo aquele olhar, quase para distraí-lo e responder ao pensamento que adivinha em muitas das presentes, inclina-se um pouco para a Madre, dizendo-lhe bonachão: — “Se vocês me dessem uma fatia de polenta, ficaria bem contente, pois só tomei uma xícara de café esta manhã, às 4 horas... e estou sentindo o jejum!”

E Madre Mazzarello: “Oh! pobres de nós, tão patetas que nem pensamos que D. Bosco teria mais necessidade de alimento que de festa!”

As que estavam mais perto, tendo compreendido continuaram: “Certamente, se D. Bosco não tivesse feito o exame preventivo, neste momento nos teria mandado não sei para onde com nossas festas!”

QUATRO DE VOCÊS NO PARAÍSO

Entretanto, aquelas que cantaram descem do pequeno palco para beijar a mão do Pai que sorri e, dirigindo a todo o grupinho um daqueles seus olhares, diz: "Preparem-se para cantar melhor no Paraíso! Quatro de vocês dentro de mais ou menos um ano irão para o Paraíso!" E fixa significativamente o olhar sobre esta ou aquela, entre as que passam para lhe beijar a mão. ⁽⁷⁰⁾

As palavras do Pai não deixam de impressionar e de fazer pensar. . .

Também para as senhoras D. Bosco tem algum aviso do mesmo gênero, à hora da boa-noite e diz da balaustrada: "Também quatro de vós deverão se apresentar logo ao tribunal de Deus!"

Saindo da Igreja, algumas nem queriam ir deitar-se, tão impressionadas estavam. Madre Mazzarello e as outras superiores tiveram muito trabalho para convencê-las de que Nossa Senhora não teria permitido nenhuma desgraça em sua casa, antes de estarem todas em paz com Deus.

Na manhã seguinte, Madre Emília armou-se de coragem e se apresentou a D. Bosco dizendo:

— Por caridade, Pai, não diga mais estas coisas, pois não conseguimos acalmar certas pessoas muito impressionáveis!

E D. Bosco com simplicidade:

— Eu devo fazer a vontade de Deus! Se o Senhor me manda estas inspirações, eu devo falar! ⁽⁷¹⁾

Os exercícios prosseguem seu curso regular, enquanto a porta da saleta de D. Bosco está sempre cercada de pessoas que querem ouvir uma palavra do "santo" e dizer-lhe uma angústia do coração. Ao anoitecer ele se apresenta sempre à balaustrada, na igreja, depois das orações, acolhido com novo anseio e crescente veneração, pela sua palavra que vai direta à alma e induz a propósitos de salvação eterna.

PARA A FESTA DO PAPA

O encerramento do retiro coincide com a festa do Papa, dia 22, para reavivar naquelas senhoras a devoção para com o Romano Pon-

(70) As quatro Irmãs morreram no ano seguinte: Ir. Luíza Arecco (24/01/81), Ir. Clotilde Turco (15/08/81), Ir. Tersilla Ginepro (02/10/81), Ir. Luzia Bertolo (26/10/81).

(71) Declaração de Ir. Luízinha Boccalatte.

tífice. O Boletim Salesiano já preparou a grande Família Salesiana para esta data e é costume de D. Bosco colher a ocasião propícia para maior aproveitamento, especialmente nesta “Casa de Nossa Senhora”, nos dias de graças especiais e de ardentes propósitos de vida cristã.

TAMBÉM PADRE RUA EM NIZZA

Todos esperam que D. Bosco presida à função das “Lembranças do Retiro” e do Te Deum, o que não acontece.

Dizem que ele está ocupado com uma importante correspondência e que talvez chegue o Pe. Rua de Turim. Alguma coisa de grave no ar?

A chegada do Pe. Rua, a Nizza, no mesmo dia, confirma o temor da Madre, apenas as senhoras se retiraram, ela encarrega a sua vigária, Madre Petronila, de convidar D. Bosco para a recreação com as Irmãs. Combinado!

UM RECREIO COM DOM BOSCO

O bom Pai fica logo cercado pelas filhas. Na primeira fila está uma Irmã reconhecidamente de medíocre observância.

— Oh! como vai? Como está?... — pergunta D. Bosco.

— De saúde, discretamente; de alma, eu mesma nem sei.

— Eh! cuidado; a saúde do corpo, geralmente não depende de nós, mas de Deus; a da alma, entretanto, depende da nossa vontade, estando Deus sempre disposto a no-la dar florescente, se nós quisermos. ⁽⁷²⁾

Entretanto a Madre faz de tal maneira que as Irmãs vão dirigindo seus passos para a construção do novo pavilhão da casa, para dar ocasião a D. Bosco de vê-lo e abençoá-lo.

O venerado Pai observa com satisfação e exclama: “Eis os milagres da Divina Providência e da caridade cristã.”

Dirige depois algumas palavras à Madre e esta, não as ouvindo bem, disse com uma certa alegria:

— Veja, meu Pai, além de tudo que já lhe falei para ser tirada do cargo de Superiora Geral, tenho agora mais uma novidade: estou ficando surda!

(72) A Irmã interessada era Ir. Filomena Bologna.

— Ah! sim? — ele respondeu — melhor ainda; não ouvirá palavras inúteis!

Desta vez a Madre ouviu bem, e não toca mais no assunto com o venerado Superior, o qual, afastando-se pouco a pouco do grupo das Irmãs diz-lhes de modo bem claro: “Com a obediência de vocês façam com que a Madre sinta sempre mais leve o peso de sua autoridade”.⁽⁷³⁾

A BÊNÇÃO DE DOM BOSCO À IRMÃ LAURERI

A noviça, Ir. Jacinta Laureri, pode agradecer por ter se aproximado de D. Bosco nestes dias! Há algumas semanas estava sofrendo tanto da vista que já estava persuadida de que a profissão religiosa não era mais para ela e que, ao contrário, voltando para casa, teria tido a desventura de uma quase cegueira. As companheiras lhe repetiam: “Fique no escuro, vá àquele cantinho lá da cantina, onde não terá tanta luz para aumentar o seu martírio.” E a Madre Mazzarello: “Reze de coração a Nossa Senhora que a faça sarar e depois fique tranqüila que há de fazer a profissão.” Mas as suas orações pareciam obter o efeito contrário e com isto era grande o seu pesar.

Desanimada resolve fazer uma novena a Pio IX, depois às almas do purgatório, ao menos para obter a resignação de voltar para o mundo quase cega ou cega de todo. No curso da segunda novena, iniciada no dia de Nossa Senhora dos Anjos, a Madre a chama e lhe diz: “Escute, Jacinta, eu pensei em mandá-la a D. Bosco para que ele lhe dê uma bênção.”

A noviça se apresenta ao querido Pai que lhe perguntou logo: “O que você quer?”

Ir. Jacinta conta toda a sua dolorosa história e D. Bosco, como se não acompanhasse o que ela falava, lhe pergunta ainda:

— Se Nossa Senhora a quisesse no paraíso, você gostaria de ir?

— Oh! Pai, nem penso neste momento de ir ao paraíso, mas a minha preocupação neste momento é ter que sair daqui para voltar àquele mundo feio, cega e infeliz para toda a vida!

— Não, não! fique tranqüila! Nossa Senhora a chamou aqui e quer que aqui você faça muito bem! Você é professa ou noviça?

— Noviça, Pai!

— Está bem. Volte logo e peça à Madre para fazer a profissão. Peça, peça, peça sempre! Agora, tome esta medalhinha de Nossa Se-

(73) Declaração de Ir. Luízinha Boccalatte.

nhora e reze. Entretanto eu lhe dou a bênção de Maria Auxiliadora e amanhã cedo a recordarei na Santa Missa. ⁽⁷⁴⁾

Ir. Jacinta voltou cheia de fé e de fato recuperou gradualmente a vista.

TAMBÉM IRMÃ BONORA NO PARAÍSO

Chega a Nizza o anúncio da morte, em família, da Ir. Emanuela Bonora e já se podem ler os particulares de seus últimos dias. Foi-lhe concedida, por sumo favor, a profissão religiosa no dia 14 de agosto. O seu bom pároco, que a assistiu como filha, escreveu admiradíssimo sobre suas virtudes e encerrou a carta com a recordação especial da jovem Irmã para D. Bosco, para as Superiores e todas as Irmãs.

— Eis um conforto para D. Bosco, nesta pesadosa notícia — diz a Madre — e se apresenta a ele para lhe dar, com o bom dia, a carta sobre aquela morte tão feliz. Nesta hora fica também sabendo que Dom Bosco não poderá ficar, nem para a abertura dos exercícios espirituais das Irmãs.

Voltará para a eleição das Superiores?

Será muito difícil, julgando-se pela alusão confidencial do Pe. Rua às Superiores, a respeito de uma inesperada busca policial destes últimos dias ao Oratório Salesiano de Valdoco: um fato tão penoso quão injustificável. ⁽⁷⁵⁾

CALMA E CARIDADE DE DOM BOSCO

A manhã do dia 25, último da permanência de D. Bosco em Nizza, é assinalada por um outro particular. Canta-nos a mesma postulante interessada: Jacinta Morzini.

“Disseram-me que uma nossa companheira deveria voltar para casa, por motivo de saúde e várias vezes já se havia repetido que para fazer vestição e profissão é necessário ter saúde. Isto me faz grande medo. Então se eu adoecer é certo que devo ir embora, e pensar que aqui me encontro tão bem! Com este temor me veio o desejo de me apresentar também a D. Bosco, mas quando e como, se à sua porta a fila se torna cada vez mais extensa? Enquanto me decido a vencer, a todo o custo a minha timidez, aproxima-se de mim a assistente, Ir. Josefina Pacotto, para pedir-me de ir com as

(74) Declaração da mesma Ir. Jacinta Laureri que morreu em 1935, depois de ter sido Diretora por longos anos, em várias casas.

(75) MB. XIV — 529-530.

outras à “Bruna” para dar uma arrumadinha lá, pois se espera uma visita extraordinária. Que pena! Mas vou assim mesmo, faço bem rápido o trabalho e consigo voltar ao colégio ainda cedo. Sem pensar em licença, ponho-me de novo à porta de D. Bosco, sempre cheia de Irmãs. “Oh! querida postulante — me diz uma delas — você pode ir embora, pois já foi dado lá na estação o sinal da chegada do trem em que D. Bosco deverá partir. Não vai dar tempo para receber nem mesmo nós que esperamos tanto!” Eu não respondo, nem me movo do lugar e eis que D. Bosco se levanta acompanhando até a porta a última Irmã que lhe falara. Está já pronto para ir-se embora.

Todas se atropelam para demonstrar-lhe a sua pena e eu, a última do grupo fechado, ponho-me na ponta dos pés e lhe digo alto: “Pai, tenho uma coisinha para dizer-lhe!” Ele, bondoso e condescendente, faz sinal que me deixem passar, faz-me entrar, levanta-me paternalmente — pois eu me ajoelhara — faz-me sentar e me escuta como se não tivesse de partir, respondendo calmo à minha última pergunta: “Sim, Nosso Senhor lhe dará saúde e santidade!”

Não era outra coisa que eu queria; beijo-lhe a mão e saio feliz sob os olhares expressivos daquelas Irmãs, que invejavam a minha sorte!”

Grande desilusão para as exercitandas que chegavam sonhando de ter entre elas o querido Pai nestes dias.

Ir. Inês Ricci, proveniente de Biella, ao descer do trem vê que D. Bosco vai partir para Turim. Não hesita em saudá-lo e a manifestar-lhe seu pesar por não poder falar-lhe. D. Bosco então com um: “Com licença” aos sacerdotes e senhores que o acompanhavam, põe-se a escutá-la. O trem dá o sinal de partida e ele se mantém calmo. Só quando os sacerdotes lhe dizem: “D. Bosco vai perder o trem!” ele saúda a Irmã, levantando a mão para abençoá-la, deixando-a serena e satisfeita.

A MADRE COM AS QUATRO EDUCANDAS EM LU

Tendo partido D. Bosco, a Madre para livrar-se dos protestos das filhas — que não queriam que ela se cansasse nos preparativos para os exercícios a se iniciarem neste mesmo dia — pensa de acompanhar as pequenas internas, irmãs Tavella e Grici, a Lu Monferrato para uns dias de férias junto aos bons senhores Rota, que ofereceram para que elas lá ficassem, que cuidariam delas como filhas.

Assim também a Madre terá ocasião de fazer uma visita àquela casa, onde ainda não fora este ano, antes que termine — como ela

diz — o seu cargo de Superiora. Em pouco mais de vinte e quatro horas poderá estar de volta para receber as exercitandas.

Parte, pois, com as quatro “filhinhas” alegres e invejadas por tal fortuna.

Quando o grupo mais numeroso das Irmãs exercitandas chega ao colégio, a Madre já está de volta, tranqüila e pronta para responder aos alegres e filiais cumprimentos.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS PARA AS IRMÃS

Às seis horas da tarde do mesmo dia 25, chega a Nizza o Padre Francisco Dalmazzo, procurador dos salesianos junto à Santa Sé, para pregar as meditações, pois Monsenhor Belasio já seguiu para Turim; as instruções ficam a cargo do Pe. Cagliero. Assim começam os exercícios que serão concluídos com as eleições do Capítulo Superior.

“FAÇA COMO EU LHE DIGO”

Madre Mazzarello, desde o primeiro dia, falando a todas as exercitandas reunidas, com lágrimas nos olhos, faz uma ardente recomendação de rezar, de rezar... porque, como já disse e repetiu, não se sente mais de ser superiora geral. Os motivos são vários: primeiramente se acha incapaz de manter o espírito religioso florescente como nos primeiros anos; além disso há Irmãs mais instruídas, mais virtuosas, mais capazes do que ela para o governo do Instituto; enfim, a saúde já não lhe permite mais trabalhar, como é necessário, para dirigir a Congregação.

À Ir. Josefina Pacotto já havia dito em particular: “Vocês pensam em eleger-me novamente como superiora geral, mas creiam-me, é um trabalho inútil, porque para o ano terão que eleger outra; realmente, já me ofereci vítima pela Bedarida porque — vocês já sabem — foi por minha culpa que ela não recebeu o batismo; já me ofereci pela Bedarida e por outra coisa!”

A senhorita realmente queria ser batizada com toda a solenidade e publicamente; a Madre por causa das graves circunstâncias do momento, achou prudente que ela recebesse o batismo privadamente, na Capela de Turim — Valdocco; a Bedarida não aceitou isto e ficou sem batismo.

Ir. Josefina havia aproveitado da presença de D. Bosco em Nizza para expor ao Pai este segredo materno, acrescentando: “Não se poderia trocar a vítima e em vez da Madre eu me oferecer?” Ao que Dom Bosco respondeu: “É muito tarde, a vítima já foi aceita.”

Agora a querida Madre se volta para Ir. Pacotto: “Escute, vocês poderiam dar o voto para Ir. Madalena Martini, mas temo que o Pe. Cagliero apresente alguma dificuldade, pois que ela se acha na América e tem pouca saúde. Poderiam então dar o voto à Ir. Catarina Daghero. As duas têm muita caridade, que é a virtude principal para uma superiora. Depois... olhe: a Congregação agora precisa de superiores também instruídas, porque entram jovens já educadas, com bom nível de instrução, mais difíceis, portanto, de serem conhecidas em se tratando de virtude. As meninas do campo se revelam logo tais quais são. Para dirigir as primeiras é necessário pois, uma virtude mais iluminada pela instrução e as duas Irmãs que eu indiquei são tais. Para não terem preocupações no próximo ano, não é melhor fazer bem as coisas agora?”

Ir. Pacotto insiste com mil argumentos. E a Madre: “Faça como eu lhe digo: dê o voto à Ir. Catarina Daghero e, quando eu morrer, vocês não terão atrapalhões.”

Verdadeiramente a Madre vai se acabando a olhos vistos e — coisa extraordinária! — deixa mesmo, em algumas recreações, as Irmãs retirandas, com Madre Emília, Madre Henriqueta e Madre Daghero, vinda de Saint-Cyr. O centro da união não falta, e talvez a Madre pense que desta maneira as outras superiores possam ser mais conhecidas e apreciadas pelas Irmãs.

JORRO DE LUZ SOBRE BORGO S. MARTINHO

Em uma destas ocasiões é que a cândida noviça, Ir. Josefina Bolzoni, relata ingenuamente o seu tirocínio em Borgo S. Martinho.

— Havia poucos dias que eu me encontrava em Borgo, quando me disseram que a Madre havia chegado, mas que ficaria pouco tempo conosco. Eu corri então para falar com ela, toda chorosa, pedindo que me fizesse voltar para Nizza, pois que aquela casa me parecia um albergue. Ela me deixou desabafar, depois me disse: “Sabe o que Nosso Senhor quer de você? Que trabalhe muito, pensando em Nossa Senhora que no Colégio Apostólico estava de boa vontade e se ocupava nos mesmos trabalhos que você. Fique alegre, seja humilde e obediente, prepare-se bem, pois, voltando a Nizza para os exercícios espirituais, você fará a profissão! Mas não se iluda de ficar na casa-mãe, onde estará apenas de passagem; a não ser que você se torne doente de alma e corpo!”

Nesta ocasião em Borgo éramos sete ou oito noviças; ela falou a cada uma em particular; recomendou a todas de serem exatas na

observância das Constituições, especialmente naqueles pontos que preparam mais para os votos: “Antes de fazê-los é preciso praticá-los”. Disse-nos ainda que é bom ter o coração bem aberto para com os superiores e o confessor, ser sinceras, não esconder coisa alguma. Depois foi logo embora com a Madre Henriqueta.

Quem nunca esteve em Borgo S. Martinho não pode fazer uma idéia do que lá se faz. Neste inverno, muitas vezes à meia-noite, ainda se estava na copa, um pouco distante, meio isolada da casa, a lavar e lavar pratos do colégio em pilhas intermináveis. Durante este trabalho quantas vezes era necessário jogar água quente debaixo dos nossos tamancos para que o gelo não os prendesse ao chão. Uma noite de frio intenso eu já me dispunha a repousar, mas com certa angústia, pensando não ter ganho o pão que comia, e de ter assim traído a comunidade, (e dizer que tinha sido um dia cheio de sacrifícios!) quando escuto a Diretora, Madre Felicina, me chamar, pedindo-me o favor de ir encher o tanque de água. Teria que bombear até às onze da noite. Mas logo pensei: “Eis uma obediência que poderá preencher o vazio de hoje!” e com isto me alegrei. Certamente não foi um ato de virtude singular; toda a comunidade de Borgo, chegando a hora do repouso, crê não merecê-lo e considera preguiça e pouca virtude sentir-se cansada. Pudera! com uma Diretora como a nossa! Pe. Cagliero a respeito dela já nos disse: “Tem tanto a sofrer na alma e no corpo que quando morrer se poderá chamar: “Santa Felicina, virgem e mártir!”

É realmente heróica aquela criatura! . . . Verdadeira irmã de suas Irmãs. E quando vem a Madre, como dizem as mais antigas da casa, não se põe ela a ajudar em tudo, a fim de que a comunidade possa reunir-se alguns minutos ao redor da Superiora?

No último inverno e durante a primavera, Madre Felicina sofreu tanto que nos fazia pena! Devia também estar penalizado o Diretor, Pe. Belmonte, pois ele chegou um dia com um vidrinho de água da gruta de Lourdes, dizendo-nos de experimentá-la para nossa Diretora, fazendo com fervor o mês de Maria Auxiliadora e prometendo se ela sarasse, uma missa cantada em agradecimento e uma peregrinação até Nossa Senhora de Crea.

A dolorosa enfermidade que ela sofria há dez anos se foi de fato, e nós cumprimos a promessa. Depois, radiantes de alegria, escrevemos à Madre. Decorei a resposta, pela impressão que nos deixou: “Não se alegrem demais! Vocês devem saber que Nossa Senhora não nos faz as graças só para satisfazer a nós mesmos; sejam reconhecidas, mas preparem-se também a tudo que o Senhor dispuser.

Não se orgulhem pensando que com suas orações obtiveram a graça da cura desejada; nós somos pobres filhas, boas para coisa alguma. Nossa Senhora é a Superiora principal, a verdadeira Superiora da Congregação. Ela conhece tudo o que nos é necessário; nós temos apenas de ser dóceis instrumentos em suas mãos."

· Ir. Catarina Daghero poderia acrescentar as suas aventuras francesas, mas se contenta de sorrir e calar.

ELEIÇÃO DA SUPERIORA GERAL E DO SEU CONSELHO

O tempo dos cargos das superiores já se esgotou. Deve-se agora providenciar à votação para admissão às próximas vestições, profissões, renovações e votos perpétuos. Já não se tem mais esperança da presença de D. Bosco para as eleições; além disso, não se pode prolongar para depois do encerramento do retiro, atividade que impeça a partida dos dois pregadores. De acordo com D. Bosco fixa-se o dia 29 de agosto, dedicado ao Sagrado Coração de Maria, para a eleição do novo Capítulo.

Na tarde da vigília a Madre, saindo do refeitório e dirigindo o seu olhar para um grupo de Irmãs, diz a uma das Superiores que lhe estavam perto: "É preciso que aproveite estes momentos que me restam para dar um último conselho a alguma delas; amanhã, terminando o meu cargo, não terei mais direito de fazer isto!" E decidida vai cumprir o seu dever.

No dia 29, antes da instrução da tarde, as Superiores e as Diretoras — 18 ao todo — se reúnem na igreja; o Diretor Geral preside a reunião por delegação de D. Bosco; é assistido pelos Padres Dalmazzo e Lemoyne, Diretor local. Um pouco mais atrás das eleitoras, foram admitidas outras Irmãs da comunidade para presenciar o ato. Algumas alunas internas que ainda não foram para as férias com outras que voltaram ao Colégio por interesse da circunstância, espiam das janelas da cúpula ou das portinhas do coro. O silêncio é absoluto, pois nenhuma quer ser afastada de lá como perturbadora da ordem.

Ao canto do VENI CREATOR e das orações próprias da circunstância, segue-se o discurso do Diretor Geral, logo após a votação das duas Irmãs destinadas ao escrutínio das cédulas. Depois, em perfeito silêncio — e com algumas perplexidade de ânimo — procede-se à eleição da Superiora Geral. Resulta eleita por unanimidade, Madre Mazzarello, com imensa alegria de todas as presentes, exclusive dela, que se mostra tristonha, em ato de humilde resignação à vontade de Deus.

Pelas votações que se seguiram, ficaram eleitas: Ir. Catarina Daghero como Vigária; Ir. Joana Ferretino como Ecônoma; Ir. Emília Mosca como primeira assistente; Ir. Henriqueta Sorbone como segunda assistente.

O lugar sagrado não permite uma explosão de alegria, e o Diretor Geral, depois de algumas palavras de congratulações, pede a leitura da relativa ata, que será enviada a D. Bosco para a devida aprovação. ⁽⁷⁶⁾

Enquanto se acendem todas as velas do altar e as melodias do harmônio se unem às das almas em festa, ao lado do presbitério se eleva a fumaça do pequeno braseiro em que se queimam as cédulas. Ao canto do solene TE DEUM, diante do SS. Sacramento exposto, é uma só voz de devoto reconhecimento e de entusiasmo; e quando, ao terminar da sagrada função, se vai para o corredor contíguo à capela e para o pátio, explodem os vivas ao redor das reeleitas e da neo-eleita! Em meio a todas, Madre Petronila, aparece como a alegria personificada pela reeleição da Madre, e porque está convencida de que Ir. Catarina Daghero pode ser de maior auxílio em tudo e para todas; para ela basta um lugarzinho na casa do Senhor.

As meninas se agrupam ao redor dela e as Irmãs lhe dirigem expressões de afetuosa simpatia e de apreciação pela sua serena humildade.

TEMA PREFERIDO POR PADRE CAGLIERO

Uma vez dada livre expansão à comum alegria, os exercícios retomam o seu curso regular em perfeito silêncio e em santa concentração de espírito.

Durante as instruções, o Diretor Geral desenvolve um de seus temas preferidos: necessidade de vigiar sobre o próprio coração. “Atentas ao coração, minhas filhas, porque ele é cego e engana não somente os jovens, mas até os velhos. Em um convento, uma Irmã de 60 e mais anos me dizia: ‘Padre’ não sei como livrar-me de um afeto sensível por uma menina! Reze sempre por mim...’

Atentas, minhas filhas, que o mundo não entre em suas casas por meio das notícias de fora. Atentas, para não serem curiosas em querer saber as notícias do mundo: isto faz perder o espírito religioso. Com os leigos e mesmo com os sacerdotes — não digo que sejam grosseiras, não! — mas falem pouco, porque as conversas longas diminuem o fervor do espírito, como se esfria um forno que se deixa

(76) Anexo (Allegato) n.º 9.

aberto. Não confiem nem mesmo na idade avançada de vocês ou de outrem, mas rezem e vigiem, porque o coração é rápido em escapar de casa e voar por sobre os tetos. ⁽⁷⁷⁾

A MADRE REFORÇA O MESMO PENSAMENTO

Ao dar a boa-noite, a Madre recorda o tema e lhe faz um acréscimo assim: “Estejamos atentas, Irmãs, aos perigos dos onomásticos e das festas. Com a desculpa de oferta de presentes, de trabalhos a executar, pode-se chegar a ponto que não se teria imaginado. Para combinar e satisfazer a alguém, prolongam-se as conversas, fazem-se pequenos subterfúgios, mesmo em questão de pobreza, fica-se até tarde da noite, recebem-se e se fazem visitas a pessoas externas, às vezes até ao pároco ou a outro sacerdote, dando ocasião a palavras pouco caridosas, a pequenas invejas, a desconfianças, que levam depois ao mau humor, frieza e perturbação de consciência, tirando a paz e a alegria das almas e da comunidade.

Também certas expressões usadas entre os leigos, como: eu a beijo, abraço-a, aperto-a ao meu coração... não as usemos nem mesmo escrevendo aos nossos parentes, pois que à boa religiosa não faltam outras maneiras de dizer, para manifestar o próprio afeto. Enfim, evitemos tudo o que em nossa conduta exterior é mais próprio dos seculares que das pessoas consagradas a Deus; e isto para mais facilmente conservar a santidade do coração, ser deveras filhas de Nossa Senhora e pertencer totalmente a Jesus.”

ENCERRAMENTO DOS EXERCÍCIOS — VESTIÇÕES E PROFISSÕES

No dia 2 de setembro encerram-se os Exercícios Espirituais. Na véspera, à tarde, foram lidos os nomes das candidatas admitidas à vestição, às primeiras profissões, às renovações e aos votos perpétuos. Todas batem palmas de alegria. Também a Madre se mostra muito alegre, mas não tarda em moderar o entusiasmo do momento com a sua maternal exortação: “Tudo bem! Mas cada uma das mencionadas pense ainda, pois, quem não se sentir firme de observar as Constituições está ainda em tempo de voltar atrás. É muito melhor ser uma boa leiga do que uma religiosa pouco exemplar.”

Na manhã seguinte: 14 vestições religiosas, 22 primeiras profissões, uma renovação e 27 profissões perpétuas coroam a festa de encerramento.

(77) Relação de Ir. Luízinha Boccalatte e Ir. Maria Genta.

O Diretor Geral, que preside inteiramente às funções, apresenta também as “lembranças” e toca ainda magistralmente sobre o tema: “Vocês se consagraram a Deus e a Nossa Senhora; seus parentes e conhecidos sabiam e sabem que entrando para a vida religiosa vocês não seriam mais do mundo, nem deles, mas de Deus. Sejam, pois, inteiramente de Deus; se não o forem, nem a consciência de vocês, nem sua família, nem tão pouco o mundo as aprovarão. Deus chamando-as ao seu serviço lhes pediu o coração; vocês lho deram e cada dia o dão ainda por meio de Nossa Senhora, repetindo: ‘Eu vos dou meu coração, Mãe do meu Jesus, Mãe de amor’. Lembrem-se sempre e conservem o próprio coração puro, vocês que são chamadas os anjos da terra.”

APROVAÇÃO PATERNA

Seguem os cantos, a bênção eucarística, a saída ao ar livre para um intervalo de alegre expansão; depois, ao toque de uma campainha a comunidade se reúne para ouvir uma notícia importante.

Aproximam-se também os sacerdotes e Pe. Cagliero lê com alegria a aprovação da ata de eleição do Capítulo Superior, que fora enviada a D. Bosco:

“Visto, aprovo tudo o que contém a ata acima e confirmo a eleição da Madre Superiora e das Irmãs que constituem o Capítulo Superior do Instituto de Maria Auxiliadora e peço a Deus que infunda em todas o espírito de caridade e de fervor, a fim de que esta nossa humilde Congregação cresça em número e se espalhe por outros e outros países mais remotos da terra, onde as Filhas de Maria Auxiliadora ganhando muitas almas a Deus, salvem-se a si mesmas e possam um dia, com as almas salvas por elas, encontrar-se todas no reino dos céus, para louvar e bendizer a Deus por todos os séculos.”

Turim, 1.º de setembro de 1880

ass. Sac. João Bosco — Reitor

Seguem os Vivas clamorosos: “Viva D. Bosco! Viva Maria Auxiliadora! Viva a Madre! Vivam as nossas Superiores!” E há quem faça eco: “E vivam as boas eleitoras!”

TRANSFERÊNCIAS E NOVAS FUNDAÇÕES

Agora falta determinar as oportunas trocas de pessoal, bem como a substituição de Ir. Catarina Daghero em Saint-Cyr, sendo também já decididas novas fundações: em Borgomasino para o dia 4 do cor-

rente, em Melazzo d'Acqui, em Penango, em Este e em Bronte na Sicília para os meados de outubro.

A Madre suaviza o mais que pode as horas de separação da própria casa, da Diretora, das companheiras.

À amiga de infância, Madre Petronila, sabe dizer palavras de tanta ternura e nobreza, usar um jeitinho todo especial para que ela não sinta de modo algum ter trocado de trabalho e lhe ter sido diminuída a autoridade; até lhe faz ver como é bom e agradável um descanso provisório em Alássio para facilitar à Ir. Catarina o início de sua nova atividade como vice-superiora, tanto que Madre Petronila se dispõe a ir logo, achando muito justo e oportuno para todas e especialmente para si mesma.

A noviça Rosinha Bertone, mandada a Borgo S. Martinho logo depois da vestição, ficou poucos meses apenas.

— Escute, lhe diz a Madre, é verdade que em Borgo você não estava bem de saúde?

— Sim, Madre, é verdade.

— Então não irá mais para lá. Vou mandá-la a Alássio como cozinheira.

— Sim, Madre... entretanto, aqui estou só com a roupa do corpo. Deixei tudo lá de onde vim.

— Oh! Não importa. Em Alássio lhe darão tudo o que for necessário. Você irá para uma casa que pode dizer sua! Que pode desejar de melhor?

Irmã Petronila Brusasco, uns dias antes, havia notado admirada que a Madre assistente estava com um hábito tão velhinho que a cada vinte e quatro horas quase, era preciso pôr um remendo nele. Ela foi com a Madre pedir-lhe a devida licença de trocá-lo com o próprio belo e novo. A Madre comovida por aquele ato filial, foi logo à sala de costura para providenciar o mais breve possível, o necessário para Madre Emília.

Ir. Petronila chorava de consolação e a Madre lhe pergunta:

— Ir. Petronila, se a Madre lhe pedisse de ficar em Nizza, você ficaria, sim ou não?

— Oh! Madre, eu lhe dizer não?... depois de tanta condescendência destes dias?

Madre Felicina Mazzarello, irmã da Madre, deveria ir para a Sicília para a abertura do Colégio de Bronte. As Irmãs de Borgo pedem e suplicam que ela volte, embora só provisoriamente, não estando ainda marcada sua partida para a ilha. Madre Felicina, compreende-se, seria do mesmo parecer; a Madre pensa bem, pede conselho, reza e, embora o coração hesite entre pensamentos opostos de prudência e de caridade, acaba por ceder, recordando o belo adágio do seu Piemonte: "Vale mais um prazer que cem desgostos."

O dia 4 de setembro, primeiro sábado do mês, foi escolhido para a fundação de Borgomasino, com Jardim de Infância, Escola Municipal, Oratório Festivo.⁽⁷⁸⁾ O pessoal ficou assim constituído: Diretora — Ir. Ana Oberti, substituída em Cascinette por Ir. Filipina Canale; Ir. Úrsula Macocco e Ir. Franchina Moffa, neo-noviça.

Elas são acompanhadas pelo Diretor Geral, que não deixa de dizer às Irmãs que a nova casa foi já abençoada por Dom Bosco, o qual, como verdadeiro pai, ao visitá-la, antes que fosse destinada para elas, já havia aconselhado a trocarem a velha e incômoda escada de madeira que ligava o pátio ao dormitório, para que não acontecesse que suas filhas, ao subir ou descer, em algum triste dia pudessem acabar quebrando o pescoço.

IRMÃ GUSMAROLI E IRMÃ CAGLIERO NA ETERNIDADE

Enquanto em Nizza a vida fervilha num vaivém constante, em Turim partem para a eternidade Ir. Rosa Gusmaroli e Ir. Maria Cagliero; a primeira no dia seis, véspera do Patrocínio de Maria Virgem, a segunda no dia oito, Natividade d'Aquela que é invocada como JANUA COELI (porta do céu).

Ir. Gusmaroli, jovem de virtude pouco comum, tinha somente em vista a renúncia de si mesma e, até nos últimos dias da vida, pedia a Jesus de Ihe aumentar o sofrimento para se tornar mais semelhante a Ele. Ao vivo pressentimento de sua hora suprema, sorrindo fixara o olhar em alguma coisa de celeste e nesta atitude deixava esta terra.

Ir. Maria Cagliero, de 21 anos apenas, era tão tímida a ponto de ter que fazer violência para dar aulas às meninas em Turim e Nizza, embora as alunas estivessem muito contentes com ela, como sua irmã e amiga. Pelo seu amor ao recolhimento, muitas vezes chorou por ter que sair de casa a passeio e quando Ihe perguntaram, nos

(78) Os relativos convênios estão conservados no Arq. Geral das FMA.

últimos dias de sua penosa e lenta enfermidade se sofria muito, ela respondeu: "Oh! Não! Estou tão bem assim!"

IRMÃ ELISA RONCALLO, SEMPRE INDUSTRIOSA

Ir. Elisa Roncallo, que desde o primeiro dia do mês voltara da Ligúria para Nizza, entretém as Irmãs com interessantes episódios e com notícias da mãezinha, cada vez mais materna com as Irmãs. São momentos de recreação, de alegria, ao ar livre, entre as superiores e a comunidade; despreocupada dos trabalhos das educandas, ela sabe muito bem aproveitar das ocasiões para as lições práticas de apostolado salesiano em qua quer parte e com todos.

"Escrevi à minha mãe que eu estava bem, mas não deixei de acrescentar que, ao contrário, a nossa querida Madre poderia estar melhor; assim a minha velhinha reza e nós poderemos ter a nossa Madre 'em forma'. Mandei-lhe um bom número de bilhetes de nossa rifa para que passasse e se não conseguir vender tudo que me devolva; mas isto não vai acontecer, pois conheço minha mãe e sei que ela deseja cooperar de qualquer forma para ajudar as obras de D. Bosco e de Maria Auxiliadora. Também vocês, Irmãs, façam trabalhar um pouco seus parentes e conhecidos em favor de nossas casas!

Fiz saber à minha mãe que desejamos comprar um ostensório para a nossa igreja, mas não temos o necessário. A minha velhinha não tem dinheiro, mas coração e língua, sim, e saberá conseguir algumas moedinhas de suas amigas. Gostaria de lhe enviar também o Boletim Salesiano, mas o nosso já estava emprestado para outros; prometi-lhe então e já lhe mandei as imagenzinhas que ela desejava, de Maria Auxiliadora, por ela já tão honrada e cuja devoção ela propaga.

Mais vou adiante, mais me convenço de que também fazendo o meu tratamento das amígdalas pelos banhos de mar, posso alcançar algum bem daqueles dos quais me aproximo e daqueles a quem eu devo escrever. Aprendi isto com D. Bosco, em Turim, e estou contente de transmiti-lo a vocês para que possam aproveitar também.

Não deixei de comunicar à mamãe — que se alegra imensamente — e aos de Alássio e Sampierdarena, que a nossa Madre Superiora foi reeleita por unanimidade de votos. Ninguém duvidava, mas todos deviam gozar comigo! Se falamos de nossos pesares, mesmo quando seria melhor nos calar, por que não contar as nossas alegrias quando é bom que todos as conheçam para louvar a Deus? . . .

Eu experimento um tão grande espírito de família, nessa comunicação das coisas boas e belas!”

AS PROEZAS DE MARIA “A MOURA”

Tendo a casa voltado à sua habitual regularidade, também a Madre se põe à disposição da comunidade.

Deve ocupar-se antes de tudo da “moura” Maria, a jovem africana que está conosco já há alguns meses. Ela tem a sua triste história para contar às educandas, que às vezes se entretêm com ela num misto de curiosidade e de medo. Foi roubada de sua bela casa, assim ela diz, há quatro anos e vendida sucessivamente a vários patrões, os quais, depois de lhe fazerem um corte no rosto como marca, cicatrizavam-no com sal e vinagre.

Nestes últimos tempos, iludindo freqüentemente a assistência entre o movimento e o intenso trabalho em casa, a sua conduta se tornou muito preocupante.

Impulsiva e incontrolada, torna-se perigosa quando alguém a contradiz ou quando por ciúme se sente machucada. Então ameaça até com facas de cozinha e não é fácil dominá-la pela razão; e também não se consegue evitar que se embriague, quando acontece de entrar na cantina.

Nos momentos em que ela perde de uma vez o controle — e não são raros — é necessária toda a paciência e bondade da Madre para acalmá-la. ⁽⁷⁹⁾

COM AS POSTULANTES NA VIDA QUOTIDIANA

As postulantes são um dos primeiros pensamentos da Madre. Manda a boa Lúcia Vescoci temporariamente à família, a fim de que possa, com a cura da uva, recuperar a saúde e lhe assegura que poderá voltar para a vestição no fim do ano.

Uma outra, entre as postulantes que dão maior esperança, aproxima-se da Madre para tranquilizar-se do remorso de ter acalmado a fome com um cacho de uva recolhido na parreira, sem licença: — “Oh! minha filha, você não roubou. O que é meu é seu! Mas para deixar-lhe o mérito da obediência, eu lhe dou licença para servir-se não só da uva, mas de qualquer outra fruta do pomar, quando sentir o tormento da fome ou tão somente um forte apetite!”

(79) Das amplas relações de Ir. Marieta Rossi, Ir. Luízinha Desirello e Ir. Marieta Sorbone.

Nem é preciso dizer que a pobrezinha se vai cheia de consolação e de reconhecimento, não pretendendo abusar, certamente, da licença obtida. ⁽⁸⁰⁾

Henriqueta Gamba vê suas companheiras que passam, uma por uma, a dizer qualquer coisinha à Madre; também ela, tímida, tímida vai, mas lhe faltam as palavras e se estas vêm são somente de acusação contra si mesma. E a Madre: “Também eu sou como você, sabe?” Assim encorajada a postulante faz suas acusações como se fosse uma confissão externa. E a Madre: “Misérias, minha filha, misérias que você tem e também eu!” Henriqueta sai de lá convencida de que a Madre é uma santa.

Em outro dia a Madre pergunta à mesma postulante:

— Por que você não vai fazer a leitura no refeitório?

— Porque enquanto eu leio as minhas companheiras comem todo o meu pão!

— Oh! Pobrezinha! Mas pode ir ler assim mesmo e voltando passe lá comigo que encontrará o seu pãozinho.

Logo se compreende que a Madre lhe dará o pão a ela mesma destinado. ⁽⁸¹⁾

— Você se cansa, não é verdade — a Madre pergunta a uma pequena e muito viva postulante, Vicenta Bessone — por estar muito tempo na sala de trabalho?

— Sim, Madre, eu me canso!

— Então vá dar uma volta pela vinha; depois vá à horta e peça que a deixem aguar os canteiros de alface, depois voltando ficará quietinha fazendo o seu trabalho.

A mesma postulante recordará mais tarde um rasgo de particular sabedoria pedagógica da Madre.

“Certa manhã a Madre se apresenta na sala de trabalho, dizendo-nos:

— ‘Queridas filhas, venho me despedir, porque às 11 horas irei a Turim. Se vocês precisarem de alguma coisa, estou às ordens.’ E todas:

— ‘Leve nossa saudação a Maria Auxiliadora, a D. Bosco, ao Pe. Cagliari, às Irmãs...’

(80) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

(81) Relação da mesma Ir. Henriqueta Gamba.

Eu, turinense, não estava ainda bem acostumada em Nizza e sofria muito; por isso corri para falar com ela já descendo a escada:

— Madre, — lhe disse chorando — leve-me com a senhora para Turim.

— Mas, por quê, Vicentinha?, respondeu-me a Madre.

— Porque eu quero entrar em outra Congregação.

— Ah! Sim? Então vá arrumar a sua mala, — disse a Madre sem acrescentar nem uma palavra mais.

Eu corri para procurar a roupeira com uma grande batalha interior, pois sentia como a voz do anjo da guarda a me sugerir: — Logo que você chegar a Turim, vai se arrepender... Se o Senhor a conduziu para cá é aqui que deve ficar. Enquanto uma outra voz me fazia responder: — Não posso; não me sinto bem; não gosto... vou-me embora. Entretanto, troco de roupa, arrumo a mala, depois volto à sala de trabalho, esperando que venham chamar-me na hora da partida.

Às onze horas vem a Madre-Mestra, Ir. Pacotto, e me chama para ir almoçar com a Madre. Por desaponto, não consegui tomar nem uma colher de sopa. Nenhuma das Superiores, que faziam companhia à Madre, me animou a comer algo, — talvez prevenidas pela Madre para agirem assim — e eu não fiz mais do que chorar, continuando a luta interior.

Terminado o almoço, a Madre se levanta e com uma carícia materna me diz: — ‘Vicentinha querida, sinto muito, mas não posso levá-la, pois você não comeu nada. Fique boazinha e verá...’

Então é que desatei num copioso pranto. Ir. Pacotto, que presenciava toda a cena, tomou-me pela mão e me levou à igreja. Rezamos um pouco juntas a Jesus Sacramentado, a Maria Auxiliadora, depois com algumas boas palavras acalmou o meu ânimo, de tal forma que a tentação de ir-me embora acabou para sempre.

Sem a caridade e a firmeza de Madre Mazzarello não teria eu hoje a alegria de ter perseverado na vocação.”

CONSELHOS FORMATIVOS DA MADRE

A Madre é pródiga de normas e advertências à Ir. Pacotto, encarregada das postulantes, para torná-la mais iluminada no trabalho de formação religiosa e no conhecimento das candidatas à nossa Congregação.

“Lembre-se de que a dispensa do silêncio, das 10 horas às 10:30 nas salas de trabalho, é uma concessão das Constituições, devendo ser

respeitada como qualquer outro ponto das mesmas. E depois, nesta meia hora, quantas vezes é que se vem a conhecer uma postulante mais do que em outras circunstâncias, pois este é um tempo mais livre, sem aqueles ares de vigilância da assistente, e nós devemos aproveitar dele. Quando alguma estiver taciturna, faça-a falar de sua terra, como é o sino da paróquia, qual o santo protetor, que procissões e festas lá se celebram. Verá que logo se tranqüilizam e ao mesmo tempo você ficará sabendo quais são as que freqüentavam assiduamente a igreja e os sacramentos. Não faz mal que elas conversem sobre a própria terra, pois isto pode servir para o bem.

Não confie muito naquelas que estão sempre na barra de sua saia; são as que mais facilmente cedem às fraquezas do coração e outras coisas. Esteja atenta às curiosas, às frívolas, às ambiciosas; são os pecados em que mais facilmente caem estas boas filhas e depois se tornam verdadeiros desastres nas comunidades. Faça compreender bem às postulantes que os caramelos das religiosas são as piedosas jaculatórias.”⁽⁸²⁾

Uma postulante tem o encargo de ordenar o quarto de uma superiora; e a Madre que tem sempre medo que falte o bom exemplo, se apressa a avisá-la: “Veja, esta Madre tem o colchão de lá porque está sempre adoentada, mas o nosso é como o de vocês. (A comunidade usa um colchão de palha de milho rasgada).”⁽⁸³⁾

Ir. Felicina Ravazza se aproxima da Madre para falar-lhe. “Sentemo-nos aqui, ela diz, fazendo-a sentar-se no degrau da escada que leva à sala de trabalho — assim enquanto tratamos de nossos assuntos não nos afastamos da comunidade. Se quisermos que Deus esteja sempre conosco, não estejamos longe da comunidade quando não for mesmo necessário. Uma religiosa de bom espírito gosta da vida comum e é bom que as postulantes o compreendam logo e vejam também isto na prática.”

Um dia, depois do almoço, a Madre passa pelo refeitório e vê que sobraram muitos pedaços de pão: — “Veja, Ir. Pacotto, convém ter muito critério. É preciso que quem está como ‘chefe de mesa’ se esforce de comer mesmo que não tenha muita vontade, porque pode ser que algumas se envergonhem de servir um pouco mais, conforme a própria necessidade, vendo que a superiora faz diversamente.”

(82) Relação da mesma Ir. Pacotto.

(83) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

LIÇÃO DE SIMPLICIDADE

Certa manhã toda a comunidade foi convidada a fazer a primeira refeição da manhã na vinha, servindo-se da boa uva pendente em grandes cachos. Também a Madre vai e no alegre grupo se recorda ainda o caso de Ir. Ema Ferrero. Ela era das mais mortificadas; a Madre bem o sabia e a acompanhava com o olhar. Andando entre as fileiras como as outras, disfarçadamente não experimentou nem um baguinho de uva. A Madre não quis logo dar a perceber e adverti-la para não lhe dar motivo talvez, de uma vã complacência, e esperou o término da leitura à mesa para perguntar:

— Vocês todas se serviram bem da uva esta manhã?

— Oh! Sim! Imagine, Madre, quem não teria aproveitado?

— Entretanto, eu sei que um não fez caso.

Silêncio geral. Então a Madre de pé, e em tom severo:

— Vejamos onde está a obediente! Aquela que não se serviu da uva, levante a mão!

Oh! Aquele braço erguido e aquele rosto afogueado da pobre Irmã Ema, confusa e quase tremendo! Então a Madre enternecida a chama:

— Venha aqui, e agora tome este lindo cacho de uva, melhor do que você e do que eu. Escolhi-o entre mil outros, chupe estas uvas que lhe farão muito bem. Mas, noutra ocasião, receba o que a Providência lhe oferece e não faça singularidade! ⁽⁸⁴⁾

MORTE DE IRMÃ ALLARA

Ir. Ângela Allara faleceu em Tonco, em família, no dia 7 de outubro. Inúteis foram todos os cuidados e tratamentos em Turim e Nizza; inútil também a sua obediência aos pais, que a quiseram em casa, confiantes na eficácia dos ares nativos.

Madre Mazzarello sente muito: todas estas jovens que nos deixam assim, formadas no espírito salesiano, dispostas e entusiasmadas para um grande apostolado... fazem pensar! Serão as privações? Certamente estas não faltam; mas, quantas mais se impõem a si mesmas estas boas Irmãs, tão fervorosas, tão ávidas de sofrer!

E se julga culpada, pobre Madre, enquanto a verdadeira causa está na sede de santidade de todas elas!

(84) Relação de Ir. Jacinta Morzoni e de Madre Henriqueta Sorbone.

O grande fervor que reina na comunidade é sempre crescente; a vida dos santos e as torturas dos mártires, lidas em comum ou em particular, lhes fazem parecer muito cômoda a própria vida e incitam as Irmãs ao desejo do martírio de amor, se não conseguem o do sangue. Daqui provém o contínuo estímulo de busca das ocasiões de sacrifício e privações, evitando-as para as outras e o constante propósito de seguir fielmente, a todo o custo, os caminhos deste ou daquele santo. É uma vida espiritual tão intensa que o corpo nem sempre resiste.

VESTIÇÕES E NOVAS FUNDAÇÕES

Mas a fecundidade do sacrifício é evidente; por uma Irmã que deixa esta terra, duas, três e até dez vêm engrossar as fileiras e o trabalho se multiplica, sinal da complacência de Deus.

No dia 15 de outubro, festa de Santa Teresa, pela manhã, recebem o hábito religioso Ir. Batistina Camera e Ir. Jacinta Morzoni. À tarde se parte para a fundação de Melazzo, de Penango e de Bronte.

O Diretor Geral, Pe. Cagliero, dá respostas enérgicas encorajando as hesitantes que se perguntam: “Deverei mesmo deixar Nizza? Que farei como responsável da nova casa?”

Entre o seu entusiasmo apostólico e a magnânima firmeza da Madre, cada grupo se dirige confiante pelo próprio caminho.

Ir. Josefina Torta, eleita Diretora, Ir. Felícita Bezzato, Irmã Matilde Villata e uma postulante são acompanhadas por Irmã Ferretino até Melazzo, onde dirigirão um Jardim de Infância e iniciarão o oratório festivo. Os convênios relativos são baseados nos de Cascinette.

Ir. Margarida Rasino, como Diretora, e com ela Ir. Colomba Cei, Ir. Maria Fiorito, Ir. Ana Torresan vão para Penango, para o serviço de cozinha e rouparia salesiana e oratório.

Para Bronte, partem madre Felicina Mazzarello, Ir. Angelina Buzzetti, Ir. Zoé Bianchi, Ir. Carolina Sorbone e as duas noviças recém admitidas: Ir. Batistina Câmera e Ir. Jacinta Morzoni. ⁽⁸⁵⁾

Não é agradável ver estas noviças novatas destinadas para tão longe; mas elas estão confiadas a uma Diretora criteriosa e de grande coração e serão acompanhadas até a própria destinação pelo Diretor Geral. Vão abrir um colégio para meninas, com escola elementar, aulas de trabalho e já se sabe, um oratório festivo e ainda vão cuidar de um pequeno hospital.

(85) Os convênios relativos se conservam no Arq. Geral das FMA.

No dia 19 partem também as escolhidas para a nova casa de Este: Ir. Teresa Guglielminotti, Ir. Maria Dell'Acqua, Ir. Margarida Rogantino, Ir. Teresa Veglia, Ir. Maria Cassulo e a noviça Ir. Ângela Fantoni; todas para o trabalho de rouparia e cozinha, adidas ao Colégio "Manfredini", dirigido pelos salesianos.

A VIGÁRIA REVÊ SAINT-CYR

Em Saint-Cyr a troca da Diretora foi muito sentida; as Irmãs e mesmo as órfãs não sabem adaptar-se logo à nova, por isso... cartas e cartas. A Madre decide de mandar lá, ainda que só por alguns dias a sua Vigária. Quem melhor do que ela é indicada para tocar os corações e inclinar a vontade ao cumprimento do dever naquele momento? Entretanto, trata-se de preparar o novo ano de acordo com o programa recentemente estabelecido para o orfanato. ⁽⁸⁶⁾

A MADRE ESCREVE A DOM BOSCO

Sobre os últimos acontecimentos a Madre escreve ao fundador em uma carta de fim de mês.

Viva Jesus, Maria e José!

Reverendo Padre Superior-Mor.

Escrevo-lhe poucas linhas para informá-lo de algumas coisas nossas e para pedir-lhe também conselho a respeito de Ir. Maritano.

Como o senhor sabe, esta pobrezinha foi por muito tempo atormentada por perturbações de espírito. Agora, depois de uma bênção dada pelo Pe. Cerruti, ela me disse que estava tranqüila, Mas, desde então até agora, sentiu-se atacada de um mal físico, que a leva a ficar de cama, com febre, uma sede ardente, dor de garganta e perturbações das funções orgânicas, etc., etc.

Mas, o que é pior, é que fica sempre dormindo e com uma constante surdez, quase sempre abobada, como se fosse idiota. O médico vem todos os dias, lhe dá alguma coisa, mas vendo que está sempre do mesmo modo, após vinte dias de tratamento, não sabe mais o que dizer. O mal físico existe, é certo, mas eu temo que também ele seja consequência das perturbações morais passadas ou talvez, a evolução daqueles males. Agora, a prudência aconselharia, e muitas pessoas já me disseram, que chamasse outro médico para ouvir o seu parecer. Mas, e se não fosse uma verdadeira doença e ele lhe receitasse algum remédio que lhe prejudicasse realmente a saúde? E já que

(86) O texto relativo se conserva no Arq. Geral das FMA.

estas coisas não podem ser comentadas, eu me dirijo ao senhor. que já conhece os precedentes, pedindo-lhe que me diga se devo ou não consultar outro médico, pois assim ficarei mais tranqüila.

Peço-lhe ainda que lhe mande uma sua particular bênção em que muito confio. Temos também doente Ir. Tersilla, que inspira temor, mas espero ainda que Nossa Senhora a faça sarar.

As outras estão bem, alegres e cheias de boa vontade. As noviças e as postulantes são muitas, mas todas muito necessitadas de instrução e de assistência contínua, pois algumas trouxeram ainda do mundo certas tendências que, se não forem logo corrigidas, poderão prejudicar a própria perfeição e contaminar as outras.

A vice-superiora, Ir. Catarina, foi fazer uma visita a Saint-Cyr, onde parece haver algo a acomodar, porém é coisa pequena. Gostaria que a deixassem voltar logo, pois preciso que ela me ajude com as meninas e nas aulas.

Das outras casas tenho boas notícias: nestes dias foram abertas duas escolas para jardim de infância — Belazzo e Borgomasino — e terça-feira partirão as Irmãs para Este.

As alunas internas são agora umas sessenta e, se aumentarem, será preciso mandar para outras casas algumas Irmãs, para dar lugar, estando ainda alagada uma parte onde poderiam ficar. Mas que fazer? Elas têm necessidade ainda de se formarem no espírito e nos trabalhos, portanto é preciso paciência.

Tivemos uma grata visita da condessa Corsi, que me trouxe 500 libras e me disse que teria dado mais aí a V. Revma. e eu a animei a ajudá-lo deveras, pensando que para D. Bosco dará ainda mais.

Termino apresentando-lhe os meus cumprimentos e os da comunidade, recomendando-me, juntamente com as Irmãs, às suas fervorosas orações. Se puder me responder, será grande caridade. Se não, fica entendido que não chamarei outro médico para Ir. Maritano, ficando com o que já está tratando dela.

Abençoe-me, ó pai, em J. Cristo, e me creia com toda a estima,

De V. Revma.

Nizza, 30 de outubro de 1880.

Hum^{ma}. filha

Ir. Maria Mazzarello ⁽⁸⁷⁾

(87) A carta foi escrita por Ir. Emília Mosca, sob ditado da Madre. Original no Arquivo Geral FMA.

A MADRE, AS FILHAS DA PATAGÔNIA

A Madre escreve ainda, e pessoalmente, às Irmãs da Patagônia, bem contente de encontrar-se em espírito entre elas e de participar de seus méritos, exortando-as a sempre maior perfeição.

Viva Jesus, Maria e S. José!

Caríssima Ir. Angelina (Vallese) e todas as Irmãs.

Asseguro-lhes que a carta de vocês me consolou deveras. Oh! Demos graças a Deus que lhes conserva a saúde e a boa vontade de caminhar sempre avante pela via da perfeição. Minhas boas Irmãs, como se explica que vocês não tenham recebido senão uma carta minha, quando eu já escrevi outras duas? Isto me entristece, minhas boas filhas, pois gostaria que vocês estivessem persuadidas de que não passa um só dia sem que eu me recorde de todas diante de Jesus.

Estou muito contente que vocês tenham um Diretor que se ocupa tanto de suas almas e isto também agradeço ao Senhor, porque é uma grande graça para nós, pobrezinhas!

Agora quero dar-lhes nossas notícias: a Madre Ecônoma está sempre adoentada, porém se levanta e faz o que pode em seu trabalho. As outras estão todas bem, somente que de vez em quando o Senhor leva alguma para o Paraíso. Nestes últimos meses, por exemplo, da casa de Turim partiram para o Paraíso: a boa Ir. Cagliero, Ir. Ana Mora e Ir. Gusmaroli. Todas tiveram uma santa morte e eu espero que já sejam nossas protetoras no céu. Entretanto, recomendo-lhes de não se esquecerem delas em suas orações.

A nossa querida Congregação vai sempre adiante muito bem, por graça de Deus; temos sempre muitas postulantes e muitos pedidos para abertura de novas casas, escolas e jardins de infância; mas, falta-nos pessoal formado e não há tempo suficiente para torná-lo apto a desempenhar tais incumbências. Este ano abrimos quatro casas: duas na Sicília e duas no Piemonte (jardim de infância e escola) e duas nos Colégios de D. Bosco. No dia de Sta. Teresa seguiu para a Sicília minha irmã com quatro Filhas de Maria Auxiliadora: Ir. Buzzetti, Ir. Carolina Sorbone e outras duas que vocês não conhecem. Agradeçam também vocês a Jesus, pela graça que nos concede e peçam-lhe sempre que Ele nos assista com sua santa graça.

E você, querida Ir. Angelina, tenha coragem e reze muito. Da oração receberá aquele auxílio que lhe é necessário para cumprir bem os seus deveres. Dê sempre bom exemplo às jovens com a observância das Constituições. Esteja sempre alegre; a alegria seja sempre superior em tudo às suas próprias aflições.

E você, minha boa Ir. Joana, está alegre? É humilde e obediente às Constituições? Se você quiser ser santa, faça-o logo; não há tempo a perder. Procure ganhar muitas almas a Jesus com seus trabalhos, com a vigilância e o cansaço, porém mais ainda com o bom exemplo. Inspire às meninas a devoção de Nossa Senhora. Esteja sempre alegre e quando tiver algum desgosto coloque-o no Coração de Jesus.

Ir. Ângela Cassulo, você está boa? Ama muito a Jesus? Cuide de se fazer logo santa, fazendo morrer o amor próprio e a própria vontade. Esteja alegre. Sua irmã está bem; está aqui comigo e lhe manda recomendações.

Ir. Catarina, está alegre? Oh! eu espero, porque aí de nós se nos deixarmos dominar pela tristeza; este é um mal que prejudica tanto as almas religiosas, porque a tristeza é filha do amor próprio e depois acaba por nos conduzir à tibieza no serviço de Deus. Portanto, sempre alegre. Se cairmos algumas vezes, humilhem-nos diante de Deus e dos nossos superiores, depois, vamos adiante com o coração grande e generoso.

Recomendo-lhe a confiança com a Diretora e o confessor, como um grande meio para se fazer santa. Sua irmã nunca me escreveu e por isso não lhe posso dizer nada, não sabendo onde ela está. Reze por mim e esteja sempre alegre e com muita coragem. Coragem também para todas vocês, minhas boas Irmãs, e rezem bastante por mim e por todas e se façam santas. Saudações às meninas e um "Viva Jesus!" a todas.

Madre mestra, Madre assistente e Madre ecônoma, Ir. Elisa, Ir. Henriqueta e todas me encarregam de dizer-lhes tantas coisas; todas saúdam vocês e também o senhor Diretor as saúda.

Deus abençoe a todas vocês e a todas as meninas e rezem sempre por aquela que se subscreve,
Nizza, 21 de outubro de 1880

Afma. no Senhor

Ir. Maria Mazzarello

a Madre que tanto as ama.

P.S. Mande o bilhete de vocês à Madre Vigária que agora se acha em Alássio, porque em seu lugar foi eleita Ir. Catarina Daghero. Rezem, porém, sempre para ela e escrevam-lhe e, escrevam logo também para mim. ⁽⁸⁸⁾

(88) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA.

CONFERÊNCIA MATERNA SOBRE A "RETA INTENÇÃO"

Este domingo, dia 24, que une o pensamento de Maria Auxiliadora com o de S. Rafael Arcanjo, deu-nos o presente de uma conferência da Madre a toda a comunidade.

"Minhas Irmãs, neste momento estamos todas aqui na mesma sala de trabalho, vestimos o mesmo hábito e as mesmas peças de roupa, chamamo-nos de Irmãs e parecemos mesmo irmãs da mesma família; mas no céu, uma estará no alto, bem alto e outra atrás da porta e talvez do lado de fora. Por quê? Porque o que nos fará diferentes lá em cima será o espírito de fé que se teve aqui em baixo.

Sim, é o espírito de fé que nos torna maior ou menor aos olhos de Deus. Aqui vivemos em comunidade, por isso — tigelas iguais no refeitório, práticas de piedade juntas para nos reforçar a alma, repouso à mesma hora e descanso em recreação comum, para refazer as nossas forças; mas no paraíso, seremos iguais umas às outras? Oh! não! e isto porque nem todas nós trabalhamos com o mesmo empenho pela própria perfeição, nem todas damos a mesma importância em trabalhar somente por Deus, pelo bem das almas e para nos tornar verdadeiramente santas.

Estejamos atentas ao que fazemos e como o fazemos; e perguntemo-nos com frequência para quem o fazemos.

Não devemos nos comparar com as outras, indagando se elas trabalham mais ou menos do que nós; se fazem coisas mais ou menos belas que as nossas; cada qual tem o seu talento ou os seus talentos e deve prestar contas do que recebeu, não daquilo que não recebeu. Uma poderá dar dez pontos, enquanto uma outra só dará cinco ou somente um; não importa! Mas quem pode dar dez e dá nove, esta, sim senhora, deverá dar conta daquele um que não fez por negligência; e se alguma, que só pode dar um, fica ali a lastimar dentro de si porque uma outra dá mais do que ela, deverá então dar conta de sua tristeza, que vem somente do amor próprio!

Quem faz trabalhos delicados não deve se preferir àquelas que são encarregadas dos trabalhos pesados e grosseiros; talvez estas tenham mais merecimento porque nas ocupações ordinárias entra menos o amor próprio e é mais fácil a reta intenção.

Quando nos louvam porque trabalhamos bem e muito, devemos logo dizer Ah! minha querida, é preciso bem outra coisa para nos apresentarmos contentes ao tribunal de Deus e entrar no paraíso!

Estejamos atentas à intenção no cumprimento de nosso dever, isto como cristãs e como religiosas. Deus vê bem mais no interior do que as outras pessoas vê os nossos pensamentos, conta as nossas palavras, examina as nossas obras e na sua infinita santidade nos pedirá severíssima conta de tudo.

Recomendo, pois, a cada uma que se ponha na presença de Deus, viva na presença de Deus e faça tudo e tão somente para cumprir a vontade de Deus e lhe dar gosto.”⁽⁸⁹⁾

A VIGÁRIA É CHAMADA NOVAMENTE DE SAINT-CYR A NIZZA

Em Saint Cyr todas ficaram contentes que Ir. Catarina esteja no Capítulo Superior, mas só o pensamento de vê-la partir de volta faz chorar.

Por sua parte, também Ir. Catarina experimenta a tristeza da separação daquela casa, embora aí tenha provado o esforço para se habituar com os costumes e com a alimentação francesa, a penúria e a insuficiência de tudo, além de um grande apetite e o constrangimento sempre mais sentido da mendicância obrigatória para poder dar o necessário às órfãs e à comunidade. Ainda mais, havia encontrado um Diretor que, desejando torná-la uma santa Superiora, a repreendia com freqüência, mesmo diante das Irmãs, das meninas e dos operários. Ela era bastante humilde para receber tudo em silêncio, persuadida de merecê-lo, mas não tão impassível a ponto de nada sentir!

Tudo isto a dispõe a fazer a vontade de Deus, quando e como Ele quiser; por isso dispõe também as Irmãs, as terciárias e as alunas.

A Madre, todavia sente a necessidade de trazer novamente para junto de si a sua vigária, porque, além de seu progressivo enfraquecimento físico, não faltam outras preocupações por motivo de algumas dificuldades. De Borgo São Martinho, por exemplo, chega a notícia de certos descontentamentos. A Madre desejaria correr lá e pôr remédio ao mal, repetindo a todas: “Minhas filhas, vocês estão revoltadas porque se esqueceram de que a sua Diretora é Nossa Senhora e não a pobre Irmã Felicina que as deixou!”

Escreve, portanto a Saint-Cyr:

Viva Jesus, Maria e S. José!

(89) De depoimentos de Ir. Lúcia Vescovi, Ir. Elisa Marocchino e outras.

Caríssimas Irmãs e filhas.

Desejaria um favor de vocês, e é que deixem vir a minha vigária, Ir. Catarina.

Agora espero que todas já tenham adquirido confiança na nova Diretora, Ir. Santina; é tão boa, pobrezinha! Por que não ter confiança nela?

Vejam, às vezes a imaginação nos faz ver as coisas pretas, pretas, quando elas são brancas; isto nos esfria para com as nossas superiores e, pouco a pouco, se perde a confiança que nelas deveríamos ter. E daí, o que acontece? Vivemos mal nós mesmas e fazemos viver mal a pobre Diretora. Com um pouco de humildade tudo se acomoda. Dêem-me logo esta consolação, minhas queridas filhas; amem-se mutuamente com verdadeira caridade, amem a própria Diretora, considerem-na como se fosse Nossa Senhora e a tratem com todo o respeito.

Eu sei que ela lhes quer muito bem no Senhor, digam-lhe tudo que diriam a mim se estivesse aí; esta será a maior consolação que me possam dar. Minha boas Irmãs, pensem que onde reina a caridade, aí está o paraíso.

Jesus muito se compraz em estar com as filhas que são humildes, obedientes e caridosas; façam de maneira que Jesus possa estar à vontade no meio de vocês.

Então, Ir. Sampietro, Ir. Alexandrina (Hugues), Ir. Catarina (Pestarino), Ir. Lorenzale, vocês todas é que devem dar bom exemplo umas às outras, corrigirem-se com caridade, se alguma faltar a estes deveres. Mas, não somente devem ser as primeiras a ter confiança na Diretora e sim, devem fazer de tal modo que a inspirem também às meninas; lembrem-se de que vocês são obrigadas a dar bom exemplo. Sejam observantes das Constituições e estudem bem o que elas prescrevem. Atentas, minhas queridas, a fazer aquela obediência pronta, aquele desapego de si mesmas, das suas tantas satisfações, de todas as coisas. Recordem-se dos três votos que fizeram com tanto desejo de praticá-los e pensem freqüentemente como os observam.

O tempo passa depressa e se não quisermos nos encontrar com as mãos vazias na hora da morte, é preciso que façamos logo o que é necessário para nos fortalecer na virtude sólida e verdadeira. As palavras não levam ninguém ao paraíso e sim, os fatos.

Disponham-se, pois, com muita coragem; pratiquemos a virtude só para Jesus e por nenhum outro fim, pois afinal, tudo são histórias

que às vezes colocamos na cabeça. Uma filha que ama verdadeiramente a Jesus está sempre de acordo com todos.

Portanto, estamos entendidas, não? Se vocês me consolarem, irei logo fazer-lhes uma visita e me demorarei bastante aí, estão contentes?

Mandem-me logo boas notícias; lembrem-se de que desejo que estejam alegres. Ai de vocês se dramatizarem tudo!

Recomendem-me às filhas que já são postulantes e às meninas, às quais quero tanto bem, mas desejo que sejam boas e alegres; que pulem, riem, cantem, etc. e depois, quando eu for fazer-lhes uma visita, levarei uma bela coisa para todas.

Jesus as abençoe a todas e as faça santas; rezem por mim e estejam certas de que eu rezo sempre por vocês,

Creiam-me sua

Nizza, outubro de 1880

Afma. Madre

Ir. Maria Mazzarello⁽⁹⁰⁾

A Ir. Lorenzale, uma das últimas que foram para Saint-Cyr, ela escreve em particular.

Viva Jesus!

Minha boa Ir. Mariana Lorenzale,

o seu jardim está bem cuidado? Dá boa esperança de uma abundante colheita? Sim, o jardim deve ser comparado ao nosso coração. Se o cultivarmos bem, dará belos frutos e se não vigiarmos, cultivando-o um pouco todos os dias, ficará cheio de ervas inúteis, não é assim? Portanto, coragem e todos os dias é preciso nos examinar para ver se há alguma coisa que impeça o crescimento, algum sentimento, e, encontrando-o é preciso arrancar para que seque.

Está compreendendo, Ir. Mariana, esta comparação? Escrevo, mas nem sei o que escrevo; há tanta coisa a fazer; reze por mim e esteja alegre e faça que as outras estejam alegres também. Eu a saúdo, deixando-a no Coração de Jesus. Fica contente que a deixe neste belo lugar? Escreva-me se não estiver contente. Deus a abençoe juntamente com a sua

Afma. no Senhor, Madre

Ir. Maria Mazzarello⁽⁹¹⁾

(90) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

(91) Original autêntico no Arquivo Geral FMA.

OS AVISOS DA MADRE À COMUNIDADE

Na falta da vigária, a Madre dá pessoalmente à comunidade certos avisos que, segundo D. Bosco, seriam para ser confiados àquela; ela porém não se atrapalha, ao contrário.

As postulantes os acolhem com uma reverência que comove; várias noviças os gravam no pensamento de tal modo a se imporem quase como um programa de vida e não poucas professoras tomam por cara obrigação transmiti-los às ausentes, especialmente tratando-se de “boas-noites”.

Eis, por exemplo, a postulante Lúcia Vescovi, que refere com calor e vivacidade: “Se vocês tivessem escutado ontem à noite como a Madre Superiora nos falava!” “Aproveitemos o tempo, por caridade! Aquilo que podemos fazer em meia hora não o façamos durante uma hora. Trabalhem tanto e o mais que pudermos, se quisermos as bênçãos do Senhor sobre a nossa casa!

Conservemos com cuidado também a roupa de casa e a nossa pessoal e se for necessário dar um ponto hoje, não esperemos para amanhã, a fim de que o buraquinho ou o rasgão se torne maior, obrigando-nos a dar dez pontos em vez de um! Objeto descuidado é objeto estragado; e a pobreza religiosa?!...

Por quanto depender de nós, tenhamos também cuidado da saúde. Tomar os alimentos às pressas estraga o estômago e os dentes e faz que se gaste depois em remédios. Nada mais do que o necessário para não prejudicar a alma e o corpo. Não se parta o pãozinho só para tirar um bocado, deixando-o depois já começado! Um pedacinho a menos neste caso, que mal poderia fazer à saúde?!...

Também a noviça Luízinha Boccalatte, santamente impressionada por aquilo que lhe contaram e por tudo o que ela mesma escutou da Madre, disse: “Irmã Jacinta Morzini afirma que Madre Felicina, a irmã da Madre, disse que esta não se levanta nunca da mesa plenamente satisfeita e que, desde menina, ficava meses sem provar o leite de que ela muito gostava e sem a fruta própria da estação, por exemplo, a uva, mesmo quando ajudava na vindima! Uma Irmã me contou: ‘A Madre tossia e eu lhe sugeri que chupasse uma bala. Sabem o que ela me respondeu? As balas de uma boa religiosa são as jaculatórias e os atos de amor de Deus.’”

— E o que nos está sendo recomendado nestes dias?!... “Minhas queridas Irmãs, noviças e postulantes, peçamos cada manhã a Jesus na santa Comunhão a graça da saúde e da perseverança na vocação. Não se maravilhem se uma cai em alguma falta, mesmo que infeliz-

mente fosse um pecado, porque se o Senhor não pusesse sua mão sobre a nossa cabeça, seríamos capazes de fazer até pior.

Se, andando pelos corredores e pelas escadas, virem alguma pessoa carregando qualquer coisa pesada, ofereçam-se logo para ajudá-la e aquela ceda com simplicidade, como Jesus cedeu a sua Cruz ao Cirineu; e não sejam nunca gente que pensa só em si mesma e deixa que os outros se virem!”

CONFERÊNCIA DA MADRE SOBRE A POBREZA

A professora, Ir. Petronila Brusasco, que depois dos exercícios espirituais de agosto obteve licença de passar algum tempo em Nizza, deixou uns apontamentos da conferência que a Madre fez só para as Irmãs naquele período de outono.

“A boa Madre Superiora — assim as anotações — ainda mais afetuosa do que de costume, veio para o meio de suas filhas reunidas a fim de ouvir a sua conferência. Lê-se em seus olhos a ânsia de uma mãe que ama e teme e ela começa dizendo que um triste pensamento a agitou toda a noite; um pensamento que não pode deixar de expor às suas filhas, para o seu bem!

Até agora fomos pobres — disse — e sentimos muitas vezes as consequências da pobreza, o próprio pão às vezes foi escasso, mas nem por isso estivemos menos dispostas ao trabalho, pelo contrário, com maior ardor cumprimos cada uma, a parte que lhe foi confiada. O espírito de nosso venerado pai e fundador D. Bosco foi até agora também o nosso; em todas nós está sempre vivo o espírito de pobreza de Jesus. Mas agora nossa obra se alarga, terá sempre proporções mais vastas, trabalhar-se-á mais em meio às meninas.

Tudo isto trará aos poucos grandes transformações na vida das Filhas de Maria Auxiliadora. Eu não existirei mais, mas vocês verão melhorias introduzirem-se aos poucos; os hábitos serão menos gastos e remendados, a alimentação será mais abundante e menos pobre, vocês terão carne todos os dias, pão à vontade, vinho, e café com leite na merenda e também o café após as refeições conforme as necessidades. Terão enfim todas as comodidades que se encontram em uma família abastada. Também os locais, as escolas, as salas de trabalho serão mais adequados, oferecendo a vocês a possibilidade de cumprir melhor a missão entre as jovens; vocês terão não só o necessário, mas o útil.

Mas, por caridade, minhas filhas! — e aqui a Madre retomava o aspecto tristonho do começo, — Deus não queira que tudo isso

faça perder o bom espírito, o espírito de D. Bosco e o espírito do nosso Jesus. Por caridade, minhas filhas, também no meio das comodidades que a Congregação lhes oferecerá, sejam pobres no espírito, servindo-se das coisas que lhes são dadas, concedidas, sem nenhum apego a elas; usem-nas prontas a deixá-las se a obediência quiser assim; usem-nas com o espírito disposto a sofrer também as conseqüências de sua falta e insuficiência. Por caridade, mesmo em meio às maiores comodidades continuem a amar realmente, praticamente a pobreza da qual o nosso divino Redentor foi tão grande mestre e cujo espírito se manifesta tão bem em nosso pai D. Bosco.

Eu falo para todas; mas de modo especial para aquelas que deverão ir para longe, para que as diversas casas filiais, também na Itália; porque nem sempre terão quem as chame à ordem e sem perceber, poderiam encontrar-se bem depressa fora do bom caminho."

LEITURA DO BOLETIM SALESIANO

Um dos meios de que se serve a Madre para alimentar, na comunidade, o verdadeiro espírito apostólico de D. Bosco é a leitura do Boletim Salesiano.

O de novembro de 1880 traz, além das normas para os catecismos promovidos pelo Papa Leão XIII, interessantes notícias sobre o trabalho missionário salesiano na Patagônia, com a história daquelas terras.

Pode-se dizer que cada Irmã em comunidade adquire novo entusiasmo na operosidade, para o bem da juventude e novas maneiras de exercer o zelo, segundo os desejos do Papa e de D. Bosco, tanto na própria pátria como nas missões patagônicas, para onde vai sempre o coração como a uma sonhada meta.

IRMÃ VIRGÍNIA MAGONE, A PRIMEIRA DA AMÉRICA, NO CÉU

A notícia da santa morte de Ir. Virgínia Magone, comunicada de Turim a Nizza, serve para se fixar mais ainda o pensamento na América.

Da querida Irmã, desde maio não havia chegado nenhuma particular notícia; sabia-se que continuava a tecer lentamente a coroa para a eternidade, por isso era espontânea de vez em quando a pergunta: "Ainda estará viva?" A relação do Diretor Pe. Luis Lasagna e de Ir. Madalena Martini, lida em conferência, veio dar a toda a comunidade a resposta esperada.

Veneradíssimo Pai,

Escrevo-lhe às pressas estas poucas linhas de Las Piedras, onde vim visitar a Paróquia e consolar as pobres Irmãs, desoladas pela perda de sua Irmã Virgínia Magone, falecida santamente sábado, dia 25 do corrente, às quatro horas da tarde, sustentada com todos os confortos de nossa santa religião. Se a sua vida inteira foi de edificação para nós, a sua última doença, e principalmente, a sua morte nos foi de grande admiração.

Sexta-feira à tarde, antes de deixá-la eu lhe havia quase assegurado que no dia seguinte, consagrado a Maria Santíssima, ela teria finalmente conseguido realizar os seus ardentes desejos de voar para o céu.

— Está falando a verdade? disse ela com a face afogueada.

— O coração me diz que sim — respondi eu — tanto mais que morrer ao sábado é um privilégio que a Virgem bendita concede aos seus devotos, para livrá-los logo do purgatório. Parece-me, pois, que Maria Auxiliadora queira fazer-lhe esta graça.

A estas palavras, que tinham o timbre de uma certeza, a boa Irmã não pôde mais conter no coração a alegria e dirigindo-se às Irmãs que a rodeavam “Escutaram? Escutaram? — repetia com um semblante e um acento inexprimível — Escutaram? Amanhã eu estarei diante de Jesus, juntamente com Maria!” E terminou prorrompendo num pranto de comovida alegria.

Veio a meia-noite, despontou a aurora de sábado e Ir. Virgínia em vez de piorar parecia melhorar, de modo que se queixava docemente com as Irmãs, como se eu a tivesse enganado.

À tarde voltei para visitá-la; encontrei-a cansada, mas — diria — longe ainda dos últimos momentos. Mas, que foi? Apenas acabara de sair de seu quarto, eis que a enferma me manda chamar; voltei e percebi que sua vida estava para extinguir-se. Sem agonia, sem convulsões, enquanto soluçando nós recitávamos as sublimes orações dos moribundos, Ir. Virgínia expirava, entregando sua bela alma nas mãos de Jesus.

Morte tão tranqüila, morte tão suave jamais eu tinha visto. Para conseguir uma tal morte, nada seria passar cem anos nos mais cruéis sofrimentos. E esta invejável morte Maria a obteve para uma sua filha, que havia apenas completado seus vinte e dois anos, compensando-lhe o sacrifício feito de deixar a pátria, para vir fazer Jesus conhecido e amado nestas longínquas terras. Oh! eu também sou filho de Maria e, quando chegar a minha hora, tenho direito de

esperar uma morte semelhante. Oh! sim, moriatur anima mea morte justorum et fiant novissima mea horum similia: possa eu morrer da morte dos justos e semelhante ao deles seja o meu fim!...

Villa Colón, 27 de setembro de 1880

Seu afmo. filho
Pe. Luís Lasagna

Nosso Revmo. e diletíssimo Pai em J. Cristo, chegou afinal o bem-aventurado dia que deu cumprimento aos desejos da nossa boa Ir. Virgínia Magone e que a admitiu na posse dos verdadeiros bens a que tanto anelava. Que vida e que morte preciosa! Ir. Virgínia se consumou verdadeiramente por Deus, como a luz de uma lâmpada, que arde e se consome diante de Jesus Sacramentado.

A sua vida e a sua morte nos fazem esperar que sua alma tenha voado diretamente a Deus e que já goze o fruto de seu longo e paciente sofrimento. Mas, apesar disto, nós ficamos e ainda estamos sentidíssimas.

Confessamos a nossa fraqueza; embora esta perda não tenha sido inesperada, sendo a primeira vez que vemos morrer em nossos braços uma querida Irmã, nestas longínquas terras, nos sentimos acabrunhadas pela dor e derramamos copiosas lágrimas.

Recomendo humildemente às suas orações esta sua extinta filha, e todas nós que precisamos tanto de auxílio para seguir fielmente o caminho da perfeição religiosa.

Graças a Deus estamos todas bem de saúde e esperamos também de nos tornar santas, se o senhor, nosso bom Pai, nos acompanhar sempre com suas orações.

Digne-se de participar esta triste notícia a nossa Revma. Madre Geral e de abençoar todas estas suas pobres filhas no Senhor, enquanto com todo o respeito me professo,

De V. Revma., nosso Pai,

Villa Colón, 27 de setembro de 1880

Hum.^{ma} e grata filha
Ir. Maria Madalena

A Madre se enterneceu mais do que todas as outras. Aquela querida Irmã ela a viu crescer na sala de trabalho de Mornese como uma flor em botão; aos 16 anos assistiu à emissão de seus votos religiosos, simples, fervorosa em seu amor a Nossa Senhora e ao SS. Sacramento; partiu, não faz nem dois anos ainda — pode-se dizer

— entre as primeiras missionárias e, a primeira entre elas, já colheu a palma lá no céu, com apenas vinte e dois anos de idade, cantando a sua felicidade. Uma sorte verdadeiramente invejável!

A VIGÁRIA VOLTA DE SAINT-CYR A MADRE NOVAMENTE EM VIAGEM

Apenas terminada a festa de S. Carlos, onomástico do bom diretor de Saint-Cyr, a Vigária, Ir. Catarina Daghero, renova o desapego daquela casa bendita e, tendo feito uma breve visita de despedida aos principais benfeitores de Toulon, prossegue até Nizza Monferrato. ⁽⁹²⁾

A Madre não esperava outra coisa para se pôr em viagem e, sem se importar com o frio que vai chegando, começa a visitar as casas que têm maior necessidade de sua presença.

Em hora inesperada chega a Borgo S. Martinho. As primeiras que encontra, ou que manda chamar, apresenta Ir. Catarina Ricca como responsável da comunidade até a sua volta, que ocorrerá daqui a uma semana, mais ou menos, “se forem boas”, diz ela. Quando todas correm para uma saudação de boas-vindas a Madre já havia saído. Deve chegar até Quargnento, para uma visita a duas noviças: Ir. Maggiorina Poggi e Ir. Teresa Vallino, que dizem estar edificadas pelo seu espírito de sacrifício e mortificação.

“Ela me consolou tanto — diz a primeira — e me encorajou bastante à observância das Constituições e da humildade, se quiser me fazer santa.”

E a segunda: “A Diretora precisava de uma capinha mais decente; a Madre, logo que soube tirou a que vestia para dá-la à outra, que confusa, não queria aceitar, dizendo: ‘A senhora, Madre, vai continuar a viagem e não pode ficar sem ela!’ Mas a querida Superiora envolvendo-se bem no xale, de modo gracioso, replicou: ‘Quem perceberá que eu estou sem ela?’ ” ⁽⁹³⁾

De Quargnento a Madre prossegue para Biella; aqui ela fica preocupada pela vida muito cômoda de suas filhas. Agora, porém, se lhe oferece ocasião de conversar com Dom Leto, que foi testemunha das últimas novidades de Borgo S. Martinho.

(92) De relações de Ir. Henriqueta Telésio e de Ir. Antonietta Tenoux.

(93) De relações de Ir. Colomba Cei, Ir. Teresa Vallino e Ir. Maggiorina Poggi.

PRUDÊNCIA E BONDADE DA MADRE

Nos meados do mês a Madre volta a Borgo S. Martino. Aqui, estas suas filhas lhe apresentaram boas-vindas!

Quando os participantes dos últimos exercícios espirituais souberam que a sua Diretora, Madre Felicina, estava destinada para a Sicília, mas que a sua partida não era imediata, afeiçoadas como lhe eram, tanto suplicaram para que ela voltasse até às vésperas de sua ida definitiva, que a Madre pensou que fosse melhor satisfazê-las, esperando que tal condescendência servisse para ajudá-las logo depois a fazer melhor o sacrifício.

Ao contrário, no dia em que Madre Felicina deixou definitivamente a casa de Borgo e em seu lugar ficou Ir. Margarida Rasino, as Irmãs como estonteadas, começaram a andar alucinadas de um quarto para outro; nenhuma cuidou da cozinha e, chegando a hora do almoço, o fogo ainda estava apagado. E todo um colégio esperava!...

A nova Diretora, boa e tímida, procurou em vão todos os meios de persuasão, mas, visto que não obtinha senão novos prantos, chorando também ela, pensou de abandoná-las a si mesmas e foi para Nizza.

O Diretor, Pe. Belmonte, compreendendo a situação, procurou acalmá-las e chegou até a pedir a D. Leto, que ali se encontrava de passagem, para dizer duas palavras às Irmãs que ficaram sem guia.

D. Leto, que quer tão bem ao Instituto, confortou-as e as exortou à conformidade com a vontade de Deus e à obediência, aceitando de bom grado a nova Diretora. Nada valeu. Os ânimos estavam enfraquecidos e a razão tinha cedido lugar ao sentimento.

O Diretor, talvez para sacudi-las com uma brincadeira, disse-lhes um dia em tom jocoso: "Mas assim vocês não podem ir adiante. Querem eleger vocês mesmas a Diretora?"

A sua proposta foi tomada a sério; reuniram-se, acenderam duas velas diante de um crucifixo e elegeram, com votos secretos, quem deveria ficar como sua superiora.

Entretanto, nenhuma palavra de Nizza em resposta às lamentações de quem dava sinal de tão pouca obediência religiosa; a Madre talvez pensasse que seu silêncio desse lugar à reflexão e que o conseqüente mal estar, por si mesmo, sanasse cabeças e corações.

Assim pensavam as mais ajuizadas e todas sofriam.

Em boa hora, entretanto, a Madre leva a nova Diretora, regularmente nomeada e a deixa lá, como se fosse em experiência.

A sua volta pôde constatar os efeitos.

Do acontecido não faz menção à comunidade; não se mostra séria, nem provocante; ao apresentar oficialmente a Diretora Ir. Catarina Ricca, disse ser ela escolhida por Deus; e continua como sempre a sua visita, escutando com a habitual bondade cada uma das Irmãs.

Aquela que sustentou por um mês o seu directorado fictício e que ingenuamente, referiu a tolice que fizeram com a votação, disse bondosamente: "Criançada! Criançada! Não farão mais isto, esteja tranqüila! E o que foi feito, foi feito!"

A pacata Ir. Josefina Bolzoni, professora de poucos meses, demonstra saber e não saber, porque não teve tempo nem mesmo de intrometer-se nesta embrulhada toda; a Madre com ela é decisiva: "Fez muito bem em não se meter nisto; esteja somente atenta a não pensar mal de ninguém; são coisas feitas sem reflexão."

Na conferência à comunidade não toca nos pontos irritantes e, tendo notado que algumas Irmãs vestiam ainda o hábito de algodão para a cozinha e trabalhos de casa, lembra o desejo do venerado Pai e superior, D. Bosco, que o hábito seja igual para todas, e para todas de "scott" preto. ⁽⁹⁴⁾

AINDA EM NIZZA

Voltando a Nizza, a Madre se alegra com as boas notícias da comunidade, já entusiasta da Vigária que, sem se impor, segue tudo e todas; dá aula às postulantes, noviças e professoras com particular interesse; não diz uma palavra de referência à França que deixou há pouco; sustenta as mais fracas em virtude com uma bondade e paciência que se diria superiores aos seus vinte e quatro anos de idade!

Isto notam especialmente as suas alunas que, durante a aula de religião, estão diante dela quase sem respirar, para ouvi-la falar do amor, da grandeza e da bondade de Deus, mesmo comentando páginas literárias, como por exemplo, as poesias publicadas no "Galan-tuomo". ⁽⁹⁵⁾

(94) Relação de Ir. Josefina Bolzoni.

(95) Relações de Ir. Felicina Ravazza e Ir. Luízinha Boccalatte. A referência alude em particular à poesia de Domenico Roddalo: IL CREATORE (Galan-tuomo, 1880, pág. 41).

A Madre se ocupa das educandas, que procuram todas as ocasiões para se aproximarem dela e ouvir sua palavra; mas quando pensa de se pôr à disposição das postulantes e noviças, eis que chega — na manhã do dia 20 — um telegrama de Chieri “Irmã Inocência moribunda”.

A MADRE EM CHERI PELA MORTE DE IRMÃ GAMBA

Não há, pois, tempo a perder, já que o trem está prestes a partir. Ela avisa à vice e, para andar mais depressa, empresta da Irmã da portaria o avental preto melhor do que o dela e parte. ⁽⁹⁶⁾

Chega a tempo de ver Irmã Inocência Gamba que, atacada de congestão pulmonar, já recebeu os últimos sacramentos e se prepara para a morte, embora de manhã ainda brincasse com a sua Diretora que lhe trazia o café.

A doente reconhece a Madre, agradece-lhe por ter vindo visitá-la, por tê-la recebido no Instituto e lhe diz: “Eu sabia que iria morrer logo. Por três vezes, Madre, ouvi uma voz repetir-me: “Inocência, pensa em entregar-te logo a Deus, pois a tua vida será muito breve! “Feliz de mim que morro religiosa!”

Apesar de ser alta noite, estão presentes os salesianos Pe. Notário e Pe. Branda — chegados de Turim por chamada telegráfica da Diretora — e todas as Irmãs da casa.

Ir. Inocência murmura: “Cantemos um louvor a Maria Auxiliadora!” e expira com o flébil canto nos lábios e um brilho nos olhos

Há poucos dias havia completado vinte anos de idade e a sua vocação fora um prêmio ao seu ardente fervor.

Feliz, afetuosa, ingênua por natureza, havia semeado só o bem pela sua passagem; agora se apresentava à casa do Pai, no dia em que a Igreja celebra a apresentação de Maria menina no templo de Jerusalém. ⁽⁹⁷⁾

A Madre pelo cansaço, pelas impressões do dia e a dor da comunidade, passa o resto da noite como pode, no mesmo quarto onde se diz que D. Bosco fora molestado horivelmente por Satanás.

De Turim, veio com ela a Chieri, Ir. Angelina Sorbone; ambas se fazem pequeninas, pequeninas, para poderem ocupar o único leito

(96) Relação de Ir. Josefina Malvino.

(97) Anexo (Allegato) n.º 1 e.

sem se perturbarem demais; porém as horas são longas... e o “*benedicamus Domino*” da manhã é um verdadeiro alívio!

CARTA DA MADRE À IRMÃ JOSEFINA TORTA

Enquanto as Irmãs, depois das costumeiras práticas de piedade, se entregam aos preparativos do funeral, a Madre escreve à Irmã Josefina Torta, natural de Chieri.

V.J.M.J.!

Minha boa Josefina,

escrevo-lhe duas linhas de Chieri, onde tive que vir para assistir a Ir. Inocência, que encontrei moribunda. Porém ainda me reconheceu, pobrezinha! Cheguei aqui sábado, à uma hora e a pobre Irmã Inocência voou ao céu à uma e três quartos após a meia noite, e teve uma morte invejável. Não deixem porém de rezar por sua alma, pois pode ser que ainda esteja na ante-câmara do paraíso.

Minhas boas filhas, vocês estão alegres, todas as quatro? Estão bem de saúde? Querem bem umas às outras? E as meninas? Vão crescendo sempre boas? Saúdem-nas por mim e digam-lhes tantas coisas bonitas!

Ir. Villata, você está mesmo alegre? Reza por mim? Tenha coragem e faça que fiquem alegres a Diretora, Ir. Felicina Bezzato e a boa Rosinha.

Minha boa Ir. Josefina, é verdade que estive aí sua mãe? Aqui em Chieri todos dizem que sua mãe foi visitá-la, mas você não me escreveu; escreva-me logo e diga-me tudo sobre sua mãe e suas aulas.

Quinta-feira próxima estarei de novo em Nizza; mande-me a carta para lá e me será muito agradável. Ir. Rosália a saúda unida a todas as suas Irmãs que se recomendam às suas orações. Em Nizza as deixei todas bem.

De Bronte escreveram que a viagem foi felicíssima, mas, pobrezinhas, precisam que rezemos muito por elas; estão tão longe, fazem mesmo compaixão!

Estou escrevendo tão às pressas que talvez vocês não vão compreender bem, mas tenham paciência, tenho pouco tempo, antes da festa da Imaculada Conceição lhes escreverei de novo.

Entretanto, tenham coragem e não se preocupem tanto se for preciso fazer algum sacrifício, ou melhor, “uma florzinha” pelas pessoas que vão visitar a casa. Recomendo-lhes de serem humildes

e cheias de caridade e paciência; procurem observar as Constituições e fazê-las cumprir bem por todas. Rezem sempre e muito de coração; recordem-se de que a oração é a chave que abre os tesouros do paraíso.

Coragem, pois, para combater o amor próprio, façamos morrer este inimigo tão maligno. Renovem freqüentemente os três votos e também os propósitos feitos no tempo dos santos exercícios. Estejam alegres, minhas tão amadas filhas em Jesus, esta vida é uma passagem, boa tarde, boa tarde. Está bem assim? No Natal, vocês virão a Nizza fazer a festa conosco? Veremos. Deus as abençoe juntamente com a sua

Chieri, 2 de novembro de 1880

Afma. no Senhor, a Madre
Ir. Maria Mazzarello

Meus respeitosos cumprimentos ao Pároco, ao Marquês e ao vice-Pároco

Viva Jesus em nome de todas as Irmãs ⁽⁹⁸⁾

APREENSÃO E CONFORTO

De passagem por Turim, a Madre recebe de D. Bosco a carta de Ir. Vallese com as últimas notícias da Patagônia; mas ao insistente pedido de mandar Irmãs em auxílio diz com apreensão: "Contanto que aquelas lá de baixo, por causa dos muitos trabalhos e sacrifícios, não acabem indo tão depressa para o outro mundo!"

Verdadeiramente as mortes de suas filhas são até agora provas certas de sua santidade; e este é um grande conforto, assim que, se a terna Madre não pode ocultar seu sofrimento por tantas perdas, também não pode esconder o doce pressentimento de já contar com uma bela coroa de pequenas santas no céu.

D. Bosco também deve sentir o mesmo porque, depois da notícia da última falecida em Chieri, fazendo ainda menção de Ir. Virgínia Magone ele disse à Madre que, tratando-se da primeira Filha de Maria Auxiliadora que morreu nas missões e de uma Irmã tão edificante em sua vida e em sua morte, parece oportuno, fazê-la conhecida por meio do Boletim Salesiano. Recolham-se portanto, todas as memórias dela e os seus escritos, se houver, que, publicados, farão muito bem, suscitando mesmo generosas vocações para o Instituto.

(98) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA

A Madre volta a Nizza em tempo para apresentar os seus augúrios à vice-superiora no dia de Sta. Catarina e leva consigo a cópia da carta de Ir. Vallese, para ser lida à comunidade de Nizza, como já fez com a de Turim.

É belo reproduzi-la na íntegra, como memória de família.

Reverendíssimo Pai em Jesus Cristo,

aproveito da presente oportunidade para lhe enviar estas poucas linhas

As notícias que por enquanto lhe posso dar são, por graça de Deus, muito boas e esperamos que continuem assim.

Estamos preparando vestidinhos e outras roupas para as nossas pobres índias e parece-nos que o Senhor nos esteja aprontando muito trabalho. Nós o desejamos ardentemente, para salvar tantas pobres almas que jazem sepultadas nas trevas da ignorância. Ah! Reverendo Pai, se visse quantas índias existem aqui e quão miseráveis são de corpo e de alma! Verdadeiramente elas nos fazem compaixão e sentimos não poder ajudá-las, a todas, pois somos muito poucas e muito pobres.

Esta nossa escola de Carmen conta agora trinta meninas, duas internas e uma jovem negra, que nos ajuda também nos serviços de casa. Se tivéssemos com que mantê-las, poderíamos receber, instruir e salvar muitas delas.

Todos os domingos vamos à paróquia dar catecismo às meninas cristãs, que infelizmente são muito ignorantes neste lugar. Uma vez por mês providenciamos para que elas se confessem; depois disto, um bom número recebe a comunhão com atitude muito devota.

Esta prática faz muito bem, não só às jovens mas também às adultas e serve para excitar a fé nos índios, fazendo-os refletir e apreciar a nossa santa religião.

Antes de encerrar esta página, desejaria pedir a V. Revma. um favor, até dois: recomende-nos de modo especial a Maria Auxiliadora, nossa Mãe dulcíssima, a fim de que, já que chegamos a estas longínquas terras, para fazer conhecer o nosso celeste Esposo Jesus, que lhe sejamos fiéis até a morte. Todas nós quatro desejamos nos fazer santas e esperamos de conseguir se V. Revma. rezar por nós.

O outro favor é que nos mande algumas Irmãs para nos ajudar, a fim de que possamos levar à salvação um maior número de índias.

Já nos haviam prometido, dizendo que esperássemos que nos teriam mandado. Oh! como demora este dia!

Permita-me ainda um pedido: enviando auxílio para nós, não se esqueça dos nossos Irmãos Salesianos. Se visse quanto eles têm que fazer e como trabalham! Principalmente o Pe. Fagnano, parece um mártir da fadiga e tememos que venha a morrer.

Deus conserve V. Revma. ainda por muitos anos. Digne-se receber nossas respeitadas saudações e creia-me no Sacratíssimo Coração de Jesus

De V. Revma.

Carmen de Patagones, 06 de outubro de 1880

Dev.^{ma} Filha

Ir. Ângela Vallese

Poder-se-ia acrescentar aqui que o Diretor das missões na Patagônia, — Pe. José Fagnano — no dia 5 de setembro havia escrito a D. Bosco: “As Irmãs lhe escreverão também. Delas devo dizer que trabalham com coragem viril e são muito estimadas pelo povo.”

A MADRE REPOUSA CONSOLANDO AS FILHAS

Obrigada pelas filhas a deixar um pouco os trabalhos de casa — pois tem verdadeira necessidade — a Madre aproveita disto para responder à Ir. Josefina Torta, que não esperou novo convite para mandar notícias mais minuciosas de sua casa.

Viva Jesus e

Maria Imaculada

Minha querida Ir. Josefina, e M e F. e R ⁽⁹⁹⁾

Agradeço-lhes pelas notícias que me dão; vocês desejam que eu lhes faça uma visita: eu a faria logo e com muito gosto, mas no momento não é possível satisfazê-las. Vocês virão todas para o Natal, trazendo um peru, não é verdade? Entretanto, se eu tiver um dia livre, irei primeiro. Quanto à vestição da Rosa, veremos como se poderá fazer.

Eis que, aparoando-se a festa de nossa querida Mãe Maria SS. Imaculada, pensei de lhes dizer duas palavras para que façam bem a novena, com o fervor possível, como nos exortam as santas Constituições.

(99) As iniciais se referem às outras três da comunidade de Melazzo: Ir. Matilde Villata, Ir. Felicina Bezzato e a postulante Rosa Noli.

Façamos, pois, tudo com empenho para exercitar-nos na verdadeira humildade e caridade, suportando reciprocamente os nossos defeitos; exercitar-nos mais ainda em nossas práticas de piedade, fazendo com entusiasmo e fervor nossas comunhões e orações e praticando os nossos votos de pobreza, castidade e obediência. Será deste modo, creiam-me, minhas boas filhas, que Nossa Senhora ficará contente conosco e nos obterá de Jesus todas aquelas graças que são tão necessárias para nos tornar santas. Nestes dias, renovemos também os propósitos que fizemos nos exercícios espirituais e, finalmente rezemos pelos nossos Revdos. Superiores e pela nossa Congregação, pelas nossas Irmãs falecidas e por todas as Irmãs próximas e distantes.

Eis o que tinha no coração para dizer-lhes, minhas boas Irmãs. Tenham coragem, cuidem da saúde e se façam santas vocês e todas estas boas meninas às quais eu apresento muitas saudações. Façam com que elas rezem de vez em quando por mim, sim? Digam à Ir. Felicina que tenha coragem e que a santa profissão, se não a fizer agora, fá-la-á mais tarde com as outras, mas que esteja alegre.

Recebam tantas recomendações das Irmãs e do Sr. Diretor e mil lembranças minhas, que as tenho sempre no meu coração, estando pronta a fazer de tudo para o bem de vocês.

Jesus as abençoe e Maria Santíssima as cumule das mais eleitas graças, juntamente com a sua

Nizza, 30 de novembro de 1988

Afma. no Senhor
A Madre Ir. M. Mazzarello ⁽¹⁰⁰⁾

PREPARAÇÃO PARA AS FESTAS DA IMACULADA E DO NATAL

A Madre já está ardendo de desejo de uma fervorosa novena e festa da Imaculada e no refeitório nem pisca os olhos ouvindo a leitura do Boletim Salesiano de dezembro. Aí está publicada a carta de Ir. Ângela Vallese a D. Bosco; há referência à santa morte de Ir. Magone e propostas para reflexões e práticas de fervor mariano. Belíssima é a conclusão das primeiras páginas "Com teu Filho, reina pois, sobre nós, ó Maria! Prometamos-lhe, que se for necessário, consagrar-lhe-emos não só os pensamentos e os afetos, não só a língua e as mãos (...) mas daremos o sangue e a vida, exclamando: 'Morramos por Maria, nossa Rainha!'"

(100) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA.

Depois da Imaculada, o Natal: “Colhamos, pois — prossegue o artigo — a bela ocasião para mostrar quão ardente seja o nosso afeto para o Filho e para a Mãe! (...) E quando tivermos Jesus em nosso coração, recebido como pelas mãos de Maria, juremos-lhe fidelidade com as palavras de um grande santo: “Nem a fome, nem a sede, nem a pobreza, nem a riqueza, nem a tribulação, nem a angústia, nem a perseguição, nem a espada, nem a altura, nem o abismo, nem a vida, nem a morte, nem coisa alguma criada conseguirá separar-me do teu amor, ó meu amabilíssimo Jesus!”⁽¹⁰¹⁾

A Madre, nos comentários livres sobre a carta de Ir. Vallese, com ardor se exprime ainda com maior espontaneidade: “Queridas Irmãs, façamos progresso no sacrifício e na santidade; há tanto bem a fazer! Felizes aquelas que o podem realizar e são escolhidas para sacrificar-se mais e conquistar mais almas para o Senohr! Em Mornese, nós roubávamos o sacrifício uma das outras; continuemos assim e sempre mais, sempre mais!”⁽¹⁰²⁾

UMA OUTRA IRMÃ NA ETERNIDADE

As Irmãs de Lu se preparam para uma grande festa da Imaculada⁽¹⁰³⁾ e a Madre dispõe os corações para a solene jornada do dia 12 em Nizza; entretanto, não falta o sofrimento em vista de uma outra morte: Irmã Carmela Arata, em Turim. Ela esteve também em Chieri como professora de trabalho e foi para Turim por motivo de saúde; havia deixado entre as meninas e Irmãs, exemplos edificantes pela sua união com Deus, além de sua precisão e paciência no ensino. A festa de Nossa Senhora de Loreto — 10 de dezembro — abriu-lhe o Paraíso depois de apenas cinco anos de vida religiosa.

ENCONTROS PESSOAIS COM A MADRE

A dor desta nova perda não impede a Madre do trabalho que se impõe particularmente, depois da última vinda de Turim: receber em conferência particular cada uma das postulantes, para uma escolha mais acertada nas proximidades da vestição.

Vicência Bessone é a menor de estatura: a ela D. Bosco havia dito em Turim, passando a mão sobre sua cabeça: “Cabelos de ouro,

(101) Boletim Salesiano de dezembro de 1880. Ano IV, n.º 12 — págs. 2-3.

(102) Depoimento de Ir. Rosina Mazzarello e de Madre Petronila Mazzarello.

(103) Boletim Salesiano de janeiro de 1881, ano V — n.º 1, pág. 7.

coração de ouro! Eis aqui uma pequena missionária: vamos dar-lhe uma boa bênção!" Ela foi a primeira a se apresentar à Madre e ainda quis manifestar-lhe a sua felicidade após a palavra decisiva para sua admissão à vestição do hábito religioso: "Como a Madre sabe penetrar na alma da gente; ela mostrou-me os meus defeitos com materna sinceridade; animou-me a corrigir-me e a praticar a virtude! É mesmo santa como eu pensava desde o primeiro momento que a conheci!"

Maria Viotti acrescenta: "As Irmãs antigas sempre nos repetiram que na pessoa da Madre temos uma santa em casa; eu já o sabia, mas ao falar-lhe a sós, como desta vez, percebi que ela tem algo que não é de todas. Quanta caridade! Que zelo para nos formar no espírito da Congregação e a nos querer como nos quer D. Bosco!"

Henriqueta Gamba não deixa de expor em público sua ingênua maravilha: "Manifestando-lhe minhas fraquezas, de todas se fazia culpada também ela, certamente para me encorajar a falar... imagine-se posso acreditar que ela, tão santa, tenha os mesmos defeitos que eu!"

Carolina Curino quase se pôs a saltar porque recebeu o desejado "sim" para sua vestição e conta: "Vocês devem saber que, se não fosse a Madre a providenciar em tempo eu poderia ter ido para casa... por passar fome!"

Eu era postulante já há três meses, quando um dia ela me perguntou:

— Como vai indo você?

— Bem, Madre.

— Está contente?

— Sim, Madre!

— Mas eu estou com receio de que você esteja sofrendo; está acostumada a trabalhar no campo, teria necessidade de uma merenda; vá tomar alguma coisa e procure de estar bem.

Eu, com medo que me mandassem para casa e também para não aborrecê-la, contando a minha necessidade de comer alguma coisa a mais, respondi:

— Não é preciso, Madre!

Ela então, pobrezinha, me encorajou e me disse:

— Deixe disto, seja boa e tenha coragem; você não vai demorar muito a fazer a vestição!

E eis que agora me dão o santo hábito com as outras. Oh! que alegria! Que o Senhor a abençoe!”

“AS VERDADEIRAS VISÕES SÃO SOMENTE PARA OS HUMILDES”

Quase todas as postulantes têm alguma coisa para dizer, elogiando a Superiora muito amada; mas se a alegria é geral, não faltam também as exceções e lágrimas.

Conta Ir. Josefina Pacotto, que ainda acompanha as postulantes: “Uma certa senhorita, vinda de Roma para ser Filha de Maria Auxiliadora, depois de três dias de caprichos e de abstinência, durante a santa Missa (e não havia comungado) dá sinal de especial entretenimento com Jesus. Ao sair da igreja disse ter tido uma visão. A Madre a corrige e ela, ofendida, vai e vem com uma e outra Irmã, dizendo: ‘Bem se vê que a Madre Superiora não é instruída, porque, do modo como me falou, logo se compreende que não sabe o valor dos termos que usa!’

Isto foi referido à Madre que, sorrindo, exclama: ‘É verdade, é verdade mesmo!’ Mas Ir. Madalena Morano não deixa a coisa passar assim, e ao primeiro encontro com a singular postulante, vai lhe dizendo sem preâmbulos:

— Sabe? A nossa Madre serve muito bem para nós e nós a apreciamos bastante! Se para você não é assim, senhorita, seria melhor que se retirasse! Se quiser, eu mesma irei acompanhá-la até à estação e poderei até lhe pagar a viagem.

— Esta é boa! — responde ela com uma ponta de ironia — pois eu não sou professora deste colégio?

E Ir. Morano replica:

— Se você não tem com que... nós lhe pagaremos a metade da viagem e o Governo pagará a outra metade!

A questão parecia concluída. Ao contrário não foi assim. E, justamente Ir. Morano é que, de acordo com as outras Superiores, lá pelas seis da tarde, acompanhava a senhorita à estação, pagando-lhe a passagem de primeira classe (para que viajasse mais comodamente até a sua Roma!) e augurando-lhe boa viagem sem retorno!

A Madre não louvou, nem reprovou Ir. Morano, pelo seu trato tão pronto e franco, mas fez compreender que o livrar-se das visio-

nárias é uma caridade para o Instituto e um mal menor para as mesmas pobres iludidas, cheias somente de arrogância e de orgulho.

Desde Mornese a Madre não aceitava que se desse corda a esta gente. Recordo que uma destas, nas proximidades do Natal me disse: 'Jesus Menino quer que eu lhe explique o Pater noster'. A Madre, por um pouco de tempo, não me proibiu de aproximar-me dela durante o recreio, também para conhecer onde a coisa iria acabar; mas depois, não nos permitiu mais tocar em semelhante assunto e, como a amiga não se mostrasse disposta a corrigir-se, a fez voltar direitinho para sua casa. Repetiu-me depois muitas vezes: 'Cuide-se bem daquelas que em sua linguagem, em seu modo de fazer, procuram chamar a atenção dos outros! Elas não agem com reta intenção e acabam sempre sendo um peso, para si mesmas e para os outros, quando não for pior ainda.'

Uma segunda — também esta em Mornese — começou a dizer que havia visto Pe. Pestarino na glória e que ela fora escolhida por Deus para as missões da América. A Madre me sugeriu: 'Já que ela diz sempre que é um pouco surda, fique atenta se é mesmo assim. Amanhã pelas dez horas eu irei à sala de trabalho e você então experimente dizer-me, em voz baixa, alguma coisa que não lhe seja agradável e esperamos para ver como isto acabará.'

Que transtorno! Ela ficou tão exaltada que a Madre teve que lhe dizer: 'Ora, por tão pouco você fica tão zangada? talvez seu caráter não sirva para a vida de comunidade; será melhor que marquemos o dia para sua saída.' A pobrezinha queria até se jogar no poço!... A Madre para acalmá-la interveio afetuosamente, mas não tardou a mandá-la para o seu rumo, dizendo-me depois: 'Veja como acabam estas visões? As verdadeiras visões são para os humildes somente e não para certas pobrezinhas que... basta, vá!...' "

A MADRE SÓ CONFIA EM "BOA MASSA"

Afirma ainda Ir. Pacotto: "Entre as postulantes admitidas à vestição há algumas que eu mandaria para a frente de olhos fechados, mas a Madre já me disse: "Não creia que sejam abertas aquelas que falam muito de si mesmas (substancialmente de si mesmas não dizem nada!) e mais ainda dos outros! Você encontrará algumas que falam pouco realmente, mas neste pouco dizem tudo; nestas podemos confiar muito mais, pois geralmente são de "boa massa".

Duas ou três estão tristonhas, pois só pela saúde não serão admitidas a esta vestição. As antigas da casa — já sabem por experiência e algumas delas por experiência própria — encorajam-nas dizendo: “Se a Madre lhes disse de esperar para mais tarde, está bem, pois mesmo que tivessem de voltar para casa, estejam tranquilas, mais cedo ou mais tarde vocês serão excelentes Filhas de Maria Auxiliadora!”

Assim o sofrimento se torna mais aceitável e a esperança deixa ainda tudo azul nas almas e na casa.

VINTE E DUAS VESTIÇÕES E BATISMO DE MARIA “A MOURA”

Chegando de Turim o Diretor Geral, parece que no Colégio de Nizza brilhe o sol de uma alegria verdadeiramente nova; não só haverá vestições, mas também o batismo da jovem africana a quem a paciência e a suma caridade ajudaram e de quem cuidaram tanto, que a tornaram capaz de receber tal sacramento de vida.

Pe. Cagliero, assistido pelo Diretor da casa Pe. Lemoyne, celebra as duas funções, dando o hábito religioso a vinte e duas postulantes e a estola da primeira inocência à “moura” que embora de temperamento impetuoso recebe o belo nome de Maria.

LEMBRANÇA ESPIRITUAL E PALAVRA DE “BOA-NOITE”

Nas “lembranças” deste dia, o Diretor fala do “grande dom da graça e da fé”, dom de excelência única na Imaculada, dom-raiz do qual toda a virtude germina para os eternos prêmios da glória de Deus. Daqui a necessidade de conservá-lo e fazê-lo crescer, com a frequência aos sacramentos e com uma grande abertura de coração para com o próprio confessor, os Superiores e as Superiores do Instituto.⁽¹⁰⁴⁾

À “boa-noite” a Madre apenas disse uma palavra: “Conservemos o fervor deste dia; sejamos boas; façamo-nos santas.”⁽¹⁰⁵⁾

AINDA UMA PALAVRA PARA A ESCOLHA DAS NEO-MISSIONÁRIAS

O Diretor Geral não retorna sem ter posto alguns ... pingos nos ii para as escolhidas à nova expedição missionária. Alguns no-

(104) Relação de Ir. Vicência Bessone.

(105) Relação de Ir. Carolina Curino.

mes não estão bem definidos, mas antes que termine o ano será dada a última palavra; então os preparativos darão novo entusiasmo a todas as que deverão atravessar o oceano.

AS NOVIÇAS E A MADRE

Tendo partido o Pe. Cagliero, a Madre dedica seu tempo a receber as noviças, pois que há já alguns meses não o pôde fazer; não deixa de atender também algumas educandas, especialmente as que manifestam algum germe de vocação e as professoras, que ela vai encaminhando pela via da santidade.

A noviça, Ir. Maria Genta, límpida como água cristalina, não se incomoda de dizer às companheiras: "Eu gosto muito de falar com a Madre, mas me aborreço por não saber o que lhe dizer. Desta vez eu contei isto a ela: 'Mas esteja tranqüila! Eu a conheço bem e lhe auguro que tenha sempre o aborrecimento de não ter aborrecimentos.'"

Ir. Delfina Guido, noviça igualmente simples, confia: "A Madre me disse que se eu for fiel aos meus deveres conhecerei, cada dia mais, a felicidade de ter sido chamada à vida religiosa; recomendou-me agradecer freqüentemente ao Senhor por tão grande benefício, pois que, não terminaremos jamais, nem no céu, de agradecer-lhe como Ele merece. A nossa Madre fala com tanto fervor!... Oh! que fervor!"

Há outras duas noviças que, durante o postulado, estavam para abandonar a vocação por questão de saúde. A Madre lhes disse: "Não tenham medo! Façamos juntas uma novena a Maria Auxiliadora e vocês sararão." Ficaram realmente bem de saúde e agora estão alegres a repetir que nestes dias foram felizes falar com a Madre que lhes disse: "Antes da vestição vocês me prometeram fazer-se verdadeiramente santas, se Nossa Senhora curasse todas as suas doenças. Onde estão agora os milagres de suas virtudes? Vamos lá. Apresentem-nos porque promessa é dívida!"

Dizem que pela força e doçura de suas palavras elas sentem novo vigor na alma e no corpo.⁽¹⁰⁶⁾

A MADRE FALA SOBRE IRMÃ MAGONE

Durante a novena de Natal, a Madre se encontra em condições precárias de saúde, por isso é obrigada a um pouco de descanso do

(106) Da relação de Ir. Elisa Marocchino.

não leve trabalho das conferências particulares. Sobram-lhe assim algumas cartas que são mais necessárias.

No dia 17 satisfaz ao Pe. Bonetti, Diretor do Boletim Salesiano, em referência à Irmã Magone, mandando-lhe uma relação dos seus pensamentos.

Mui Reverendo Senhor,

Com muito prazer recebi sua gentilíssima carta e eis-me logo a responder.

Encontrará junto a esta algumas cartinhas de Ir. Virgínia. Sinto ter perdido a última, que ela me escreveu da cama, na qual me dizia que estava preparando os lírios para sua última apresentação... no caixão.

Parece-me que o senhor possa relatar, sem medo, que Ir. Virgínia foi sempre uma boa filha, obediente, respeitosa, piedosa. Entrou em nossa casa em 1871, com a intenção de viver conosco retirada do mundo.

Embora ela, em uma carta, fale de um desgosto que me deu, saiba que foi coisa de nada; uma mentira que me pregou e que, descoberta, serviu para que se corrigisse para sempre.

Vestiu o hábito religioso em 1873; a 14 de junho de 1874 fazia os votos trienais e no dia 28 de agosto do ano seguinte emitiu os votos perpétuos.

Eu não me detenho a falar-lhe de suas virtudes porque V.S. a conheceu bastante na casa de Borgo S. Martinho, mas posso afirmar que ela foi sempre muito zelosa pelo bem das meninas.

Mostrava singular aptidão para as aulas de catecismo e instrução das menina pobres, as quais, logo que a conheciam, a ela se afeiçoavam como a uma terníssima irmã. Era também muito delicada de consciência e tinha o coração aberto para com a Superiora, como uma filha à própria mãe.

O pedido para ser missionária na América, ela o fez em Borgo S. Martinho e foi atendida depois de algum tempo, quando já não esperava mais. Quando ocorreu a partida, ela sofreu imensamente por ter que abandonar os seus caros, mas fez generosamente o sacrifício por amor de Jesus. O que ela fez na América e que sentimentos nutriu durante o tempo que lá esteve, V.S. poderá deduzir de suas cartas.

Termino augurando-lhe todo o bem para as próximas festas de Natal, para o bom fim de ano e ano novo. Oh! sim, o Menino Jesus o console e proteja como lhe deseja a sua pobre e humilde serva, 17 de dezembro de 1880

Ir. Maria Mazzarello ⁽¹⁰⁷⁾

CARTA À SENHORA VIARENGO

No dia 19 dirige seu pensamento à senhora Emília Viarengo de Agliano d'Asti, a qual pensa ser chamada ao Instituto.

Viva Jesús!

Prezadíssima Senhora,

Sinto muito que a senhora não tenha vindo tomar parte à nossa festa. Também sentiria se tivesse vindo, pensando de encontrar D. Bosco. Foi o Sr. Diretor, Pe. Cagliero, que veio dar o hábito religioso às novas Irmãs. O Sr. D. Bosco só veio durante os exercícios espirituais. Se precisar de seus conselhos, escreva-lhe para Turim.

Agradeço a Deus que a senhora continue a nutrir o desejo de se consagrar toda a Ele; mantenha-se fiel, reze e confie.

Se o Senhor a chama entre as Filhas de Maria Auxiliadora, esteja tranqüila que Ele a conduzirá, contanto que a senhora corresponda à sua graça.

É necessário, entretanto, que a senhora faça a sua parte; vença o temor com a fortaleza.

Coragem, minha querida irmã, recomende-se ao Menino de Belém. Eu farei também que rezem para a senhora; abandone-se inteiramente a Ele e esteja certa de que Ele fará o que for melhor para sua alma. Auguro-lhe de coração boas festas de Natal e um ano pleno de graças do Senhor.

Reze por mim, que lhe sou, no Coração Sacramentado de Jesus,

Nizza, 19 de dezembro de 1880

Afma. irmã
A Superiora ⁽¹⁰⁸⁾

(107) Original no Arquivo Central Salesiano.

(108) A carta foi escrita por Irmã Emília Mosca. Uma transcrição se conserva no Arquivo Geral das FMA.

A MADRE ÀS FILHAS DE PATAGONES E DE LAS PIEDRAS

Uma outra cartinha do dia 20 é endereçada a um grupo de suas filhas da América.

Viva Jesus Menino!

Queridas Ir. Angelina, Ir. Joana, Ir. Cassulo A. e Ir. C. (Catarina Fino),

recebi a querida cartinha de vocês e eis-me logo a responder, pobres filhas tão distantes! Como desejo vê-las! Mas é preciso que façamos juntamente um sacrifício desta satisfação, pois, creio que não me darão jamais uma tal permissão. Mas tenham coragem, embora não nos vejamos em presença corporal, estamos bem unidas pela presença espiritual. De minha parte lhes asseguro que não passa um dia sem que me recorde de todas vocês, minhas boas filhas!

Senti muito que Ir. Joana e Ir. Catarina não estejam bem de saúde. Pobrezinhas! Peço-lhes que as animem em meu nome. Digam à Ir. Catarina que fique logo boa, pois será este um meio de fazer maior bem, e à Ir. Joana que esteja alegre. Não há tempo para se ficar doente; vejam, temos tanto trabalho! Dêem coragem às duas.

Nós aqui, em geral, vamos bem, exceto Ir. Luizinha Arecco e Ir. Tersilla. Parece que a morte se avizinha para lhes fazer uma carícia, mas, pobrezinhas, elas não querem saber disto. Entretanto, é bom que se resignem, especialmente Ir. Luizinha que não está muito longe dela. Rezem muito por estas duas Irmãs que tanto precisam.

Rezem também por Ir. Carmela e Ir. Inocência Gamba, que já entregaram sua alma ao Senhor. No mês de novembro morreu Irmã Inocência na casa das Irmãs de Chieri e, Ir. Carmela (Arata) morreu a 10 de dezembro na casa das Irmãs em Turim.

Minhas queridas filhas, vejam, de vez em quando a senhora Morte vem nos saudar! Rezemos, rezemos e estejamos preparadas.

Por ocasião da festa da Imaculada, isto é, um domingo antes, veio o Pe. Cagliero e deu o hábito religioso a vinte Irmãs e a duas coadjutoras. Vocês dirão: "Tantas novas Irmãs e não nos mandam nunca nenhuma." Mas desta vez vamos mandar, de verdade! Partirão entre 22 e 26 de janeiro, se não trocarem novamente, mas creio que desta vez vão mesmo; rezem para que façam boa viagem!

Agradeço-lhes de todo o coração os belos augúrios que me mandaram pelas festas de Natal e rezarei ao Menino Jesus que os retribua a todas, com as suas mais escolhidas bênçãos; que lhes dê

a verdadeira humildade, a caridade, a obediência e o seu verdadeiro amor. Rezo e rezarei sempre que lhes dê também o espírito de mortificação, de sacrifício da própria vontade, lhes mantenha o fervor e o zelo e também dê a todas uma ótima saúde. Estão contentes que Jesus lhes dê todas estas coisas? Eu lhes desejo mesmo de coração e Lhe pedirei sempre, enquanto tiver vida, assistida por sua graça. E vocês, minhas queridas filhas, façam outro tanto por mim, que sou a mais necessitada de todas. Coragem, estejam alegres, queiram bem umas às outras, compadeçam-se reciprocamente; consolemos o nosso querido Jesus e façamos todas as nossas ações de modo que Jesus possa dizer-nos: "Minhas filhas, estou contente com as suas ações."

Que prazer ouvir esta bela palavra de Jesus!

Você, minha boa Ir. Angelina, esteja tranqüila, li o seu redito. Pense que os seus defeitos são erva do seu jardim; é preciso humilhar-se e com coragem combatê-los. Somos miseráveis e não podemos ser perfeitos, portanto, humildade, confiança e alegria.

Rezem muito por mim e apresentem meus respeitosos cumprimentos ao Revdo. Sr. Diertor, recomendando-me às suas preciosas orações e agradecendo-lhe de minha parte pelo bem que faz a todas vocês.

Recebam mil saudações das Irmãs e minhas, de modo especial, que tanto as amo no Senhor e faria de tudo para o bem de vocês.

Creiam-me no Coração de Jesus,

Nizza, 20 de dezembro de 1880

sua afma. Madre

Ir. Maria Mazzarello

Um Viva Jesus por parte da Madre Mestra.

Minha boa Ir. Angelina Cassulo, sua irmã está bem e se acha na casa de Este. Ela está de boa vontade e atende à cozinha dos Salesianos. ⁽¹⁰⁹⁾

No dia 21 a Madre satisfaz às Irmãs de Las Piedras.

Viva Jesus Menino!

Queridas Ir. Vitória (Cantù) e todas as Irmãs,

recebi a estimada carta de vocês. Alegro-me primeiramente por saber que estão todas bem de saúde, graças a Deus! Vejo também que vocês têm muito que fazer, com tantas meninas, e isto me

(109) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA.

dá grande prazer, e vocês procurem educá-las bem, primeiramente com o bom exemplo e depois com as palavras.

Entristece-me um pouco saber que vocês estão aflitas, sendo muito poucas para o trabalho. Mas, coragem, agora vamos lhes mandar auxílio; no dia 20 ou 26 partirão as Irmãos destinadas a essa casa. E vocês se preparem para que elas fiquem alegres. Agradeço-lhes de coração pelos belos augúrios que me mandaram e mais ainda sou grata pelas orações que me prometeram; continuem a rezar por mim.

Eu rezo e rezarei ao Menino Jesus por vocês, para que lhes retribua os augúrios que me enviaram, concedendo-lhes as mais eleitas bênçãos; antes de tudo, uma saúde espiritual e depois também uma grande robustez físicas. Que lhes conceda verdadeira humildade, grande caridade, obediência, paciência, tolerância primeiro consigo mesmas. Sim, Jesus lhes dê também um verdadeiro espírito de pobreza, de mortificação da própria vontade e as mantenha sempre zelosas, fervorosas no serviço do Senhor. Sim, minhas queridas Irmãs, eu lhes auguro mesmo de coração, estas belas virtudes. Oh! Jesus as cumule de bens e as console verdadeiramente em tudo e vocês Lhe agradeçam e correspondam.

Queridas Irmãs, façamos um pouco de bem, enquanto temos tempo e ocasião de fazê-lo. Vejam, minhas queridas, o Senhor este ano chamou a si muitas Irmãs: Ir. Carmela (Arata) morreu no dia 10 deste mês em Turim e Ir. Inocência, a 21 de novembro em Chieri. Vejam, a morte de vez em quando vem nos fazer uma visita. E, mais cedo ou mais tarde, virá para nós; felizes se estivermos com uma boa bagagem de virtude.

Coragem, queiram bem umas às outras e se compadeçam reciprocamente, avisem as companheiras que faltam, com caridade, não é, minha boa Ir. Vitória? Estejam alegres e leiam estas coisas que aqui lhes escrevo também para as outras Irmãs. Animem sempre as Irmãs, façam tudo o que puderem para conquistar a confiança de todas e, quando alcançarem isto, poderão adverti-las com maior facilidade.

Coragem e rezem muito por mim; eu lhes asseguro, não as esquecerei nunca em minhas fracas orações.

Recebam muitas recomendações de todas as queridas Irmãs, que tanto bem lhes querem e invejam a sorte de vocês e se recomendam às suas orações.

Apresentem meus respeitosos cumprimentos ao Revdo. e bom Diretor, pedindo-lhe suas fervorosas orações por mim. Deus abençoe a todas vocês, queridas Irmãs.

No Coração de Jesus Menino, creiam-me sua
Nizza, 21 de dezembro de 1880

Ir. Maria Mazzarello ⁽¹¹⁰⁾

Afma, no Senhor, a Madre

Viva Jesus, caríssima Ir. Vitória. Há dois anos atrás, na festa da Imaculada estávamos em Mornese, você se lembra? Neste dia pensei em você, recordei-me de sua vestição, depois, do último adeus, no navio... Quando nos encontraremos? No Paraíso! Coragem, ainda algum sacrifício, ainda alguma labuta, depois estaremos todas unidas no Paraíso. No entanto, vivamos unidas no Coração de Jesus, trabalhemos e rezemos.

Nas suas comunhões lembre-se algumas vezes de mim; eu não a esqueço. Saudações a todas as Irmãs; vou lhes escrever quando forem as Irmãs. Saúde a Jesus da parte de sua irmã, Ir. Emília. Também Ir. Morano a saúde.

NATAL E PRIMEIRA COMUNHÃO DA NEÓFITA MARIA

O Natal deste ano, além das costumeiras alegrias da inocência, dos afetos generosos e gentis para com o Menino Jesus, traz ainda a Primeira Comunhão de Maria, a neófita africana, que em meio às pequenas educandas, suas companheiras, rejubila-se de uma nova alegria jamais sonhada.

Também Ir. Torta e as Irmãs de Melazzo estão presentes à bela função. Como poderiam deixar de aceitar o convite que a Madre lhes fez com a carta de 30 de novembro?

Depois da alegria deste inesperado encontro, elas voltam mais solícitas ao seu pequeno campo de ação, onde terão ocasião de aprofundar-se no exercício recomendado pela Madre: "Continuem no bom acordo entre vocês; façam todo o bem possível às crianças e às suas oitenta jovens da sala de trabalho; rezem bem e estejam atentas para trabalhar só para o Senhor!"

(110) Original autêntico no Arquivo Geral das FMA. A apostila final é de Ir. Emília Mosca.

“ATÉ NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO EM TURIM”

Também o Pe. Cagliero deixa Nizza com um paterno: “Até nosso próximo encontro em Turim!” à Madre e às futuras missionárias, que já se preparam para a partida. Entretanto rezam para obter, como lhes foi sugerido pelo Diretor: “o dom da fortaleza sem lamentos,” da “ciência infusa” e do “rápido domínio da língua castelhana”, dons celestes, dons convenientes, dons necessários para quem vai conquistar almas em terras estrangeiras e longínquas.

OS MILAGRES DA OEDIÊNCIA

— Sim, sim, entre a santidade e a saúde, também a ciência, queridas Irmãs! repete uma delas, recordando em alta voz um trecho da carta da sempre jovial Ir. Josefina Vergniaud. “Sem nenhuma preparação — escrevia ela à Madre — abrimos a nossa escola em La Bocca! De noite estudamos o que devemos ensinar de dia. Aqui, sim, que nos vem a propósito o conselho do bom Diretor Pe. Lemoyne: ‘Qualquer coisa que se lhes mandarem fazer, façam-na; também se lhes disserem de ensinar grego, digam simplesmente: Não sei! E se as mandarem assim mesmo, vão ensinar; Deus as ajudará!’

E realmente Deus nos ajuda. Os erros que nos escapam, falando ou escrevendo, são corrigidos bondosamente pelas mesmas alunas, ou nós mesmas vamos nos corrigindo pouco a pouco. E assim vamos adiante a velas soltas.”

Como são eficazes, nestes momentos, semelhantes testemunhos sobre os milagres da obediência!

A MADRE EM “REPOUSO”

A Madre, atendendo às prescrições médicas e principalmente às exigências de seus achaques, resignou-se realmente, nesta última quinzena do mês, a modificar o ritmo das suas jornadas: era preciso entrar um pouco em repouso. Mas, em casa ela é a “presença visível de Deus e a mão sensível de Nossa Senhora”. Assim o dizem as alunas internas, além das Irmãs, falando baixinho ou em alto e bom som: “Que raça de repouso! Uma hora ela está na horta ou subindo pelo vinhedo para ir estender roupa, dar algumas enxadadas, colher verdura. . . outra hora ela está na lavanderia a ensaboar e a esfregar. Agora se põe a varrer a casa e os pátios ou a ordenar os lugares mais humildes e logo depois procura um canto da cozinha e vai descascar batatas, limpar verduras, escolher castanhas e frutas.

Aqui dá algumas machadadas e com a serra prepara a lenha rachada, lá ordena vasilhas e panelas. Na sala de trabalho costura e remenda a roupa dos aprendizes de D. Bosco e das suas Irmãs ou sentada entre as postulantes, enquanto a agulha corre, vai dando alguns conselhos, baixinho, ou reacende o fervor com as suas frequentes jaculatórias a Jesus e a Maria.

A Madre assistente, sim, cumpre bem o seu papel de acompanhar a Madre para lhe evitar o cansaço, mas a Madre sai daqui e aparece lá, enquanto vai alegrando a todas ou consolando com a sua presença e a sua boa palavra. ⁽¹¹¹⁾

Mas, não é apenas isto o seu “repouso”. As suas frequentes visitas à igreja dizem bem claro donde vem o óleo à sua lâmpada sempre mais ardente. Tinha razão a Ir. Vergniaud que escrevera da América: “A nossa Madre continua sempre santa? Quem sabe, ou melhor, certamente... sempre mais santa!

Parece-me ainda vê-la em ato de oração e meditação! Como rezava bem a nossa Madre!

Recordo que um dia no recreio, reunidas em torno dela, falava-se das dificuldades da inesquecível casa de Mornese e uma Irmã tomou a liberdade de perguntar-lhe:

— Madre, como a senhora faz na igreja com o pensamento da casa e de todas as necessidades que parece se tornam sempre mais graves?

— Eu? — ela responde com toda a simplicidade — graças a Deus, na igreja não tenho destes pensamentos!

Oh! querida Madre, pudéssimos imitá-la!”

A MADRE ENTRE AS ALUNAS INTERNAS

Neste “repouso” da Madre quem talvez mais se alegre são as meninas internas, que, ficando dentro de casa para fazer a recreação, por causa do frio, podem convidá-la: “Madre, venha conosco!”

Quando ela aparece é uma festa: o jogo se anima, pois querem lhe mostrar a própria habilidade; ou se faz um círculo entusiasmado para colocá-la ao centro; ou ficam ao redor dela para ouvir melhor a sua palavra bondosa, as notícias das missões ou as suas saídas jocosas. Ela, com cordial bondade, as atende, satisfaz com gosto às suas “levadinhas”, impede os empurrões daquelas que quereriam co-

(111) Relação de Ir. Teresa Pentore, Ir. Francisca Gamba, Ir. Angelina Cairo, Ir. Delfina Guido, Ir. Francisca Milano, Ir. Margarida Pistone, Ir. Luiza Bardina.

locar-se na frente de todas e ensina, ocasionalmente, a arte das pequenas renúncias, para se prepararem para a próxima comunhão, oferecendo pequenos sacrifícios escondidos para a salvação das almas. ⁽¹¹²⁾

CONFERÊNCIA DA MADRE NO FIM DO ANO

Em preparação ao último dia do ano a Madre pensa em fazer uma conferência a todas as Irmãs professoras de Nizza. Embora tenha em vista a relação de vários assuntos de ordem geral, o tema que prevalece é o do espírito de pobreza e de mortificação.

“Ano novo, vida nova — diz o provérbio — mas não deve ser letra morta para nós. Vejam, minhas queridas Irmãs, como a morte vem freqüentemente nos visitar; poderia vir também para mim, para qualquer uma de vocês. Reflitamos, portanto com seriedade.

Por caridade! não sejam Irmãs mediócras, como diz D. Bosco, mas que nossa atitude seja sempre de boas religiosas. Não procuremos satisfações. Deixamos o mundo e não devemos portanto viver do mundo, mas do Senhor! Não vivamos a vida religiosa como se fôssemos do mundo que deixamos. Estejamos atentas em não trazer o mundo para nossas casas, com nossas palavras e com nossa falta de mortificação. Deixemos que as pessoas do mundo gozem; será por pouco tempo: tenhamos compaixão delas. Para nós, o gozo deve ser o sofrer; o sacrificar-nos sempre por amor de Deus.

Estejamos atentas às pequenas coisas, aos pequenos defeitos e não façamos nunca as pazes com eles. Pensemos que devemos prestar contas a Deus de tudo, tanto do bem como do mal. Peçamos ao Senhor sentir sempre vivamente o remorso de nossas faltas; assim nos confessaremos melhor, arrepender-nos-emos mais e faremos de boa vontade nossa penitência neste mundo.

Permaneçamos sempre humildes diante de Deus e dos homens; não consideremos belo e bom somente aquilo que fazemos nós.

Rezemos e comportemo-nos em cada coisa de tal forma como se Nossa Senhora estivesse presente; e ela está realmente, embora não a vejamos.

Façamos bem nossos recreios; é nesse momento que se conhece quem rezou bem pela manhã e quem fez bem as práticas de piedade.

Agora quero colocá-las a par do meu grande temor. Vejam, minhas queridas Irmãs, agora podemos nos considerar ‘senhoritas’

(112) Relação de Madre Petronila Mazzarello, Madre Henriqueta Sorbone, Madre Teresa Pentore, Ir. Francisca Gamba, Ir. Elisa Marocchino.

em confronto com o que éramos no princípio da Congregação. Agora entra um bom número de postulantes, algumas com seu pequeno dote; temos também um bom número de educandas e quase todas pagam alguma coisa. Para muitas de vocês, que no passado sofreram fome, este é um tempo de bem-estar. Com efeito, temos agora, além do pão e da sopa, uma boa alimentação e ainda mais a sobremesa; temos uma casa e uma bela Igreja, abrem-se casas em bom número e quase todas sem grande preocupação com o necessário para a vida. Mas de que nos servirá isto, se justamente por isso perdêssemos o bom espírito e diminuíssemos o fervor? Temo que a vida cômoda enfraqueça o fervor e que o desejo de uma vida sempre mais cômoda entre também na casa de Nizza e que cada uma forme o seu mundo no próprio coração, mais perigoso do que aquele que deixou. Eis o meu grande temor. Por caridade, Irmãs, por caridade!”

Neste ponto a Madre, com lágrimas nos olhos, com as mãos juntas e numa atitude de quem pede e suplica, e quer inspirar a máxima impressão em quem escuta, continua:

“Amemos e pratiquemos com verdadeiro amor a pobreza religiosa, tão amada e praticada pelo nosso Jesus, pela nossa Mãe Maria e pelo nosso ‘ecônomo’ e especial protetor São José. Não nos deixemos vencer pelos perigos das comodidades e das riquezas; continuemos a viver unidas na caridade, no fervor e no verdadeiro espírito de pobreza, que foi a glória mais bela dos primeiros anos de Mornese e o meio mais simples da santidade já conquistada por muitas de nossas Irmãs que nos precederam na glória eterna, como nos faz esperar sua própria morte invejável.

Esta casa já é grande; entretanto construir-se-á ainda aqui ao redor (D. Bosco o afirma... e D. Bosco é um santo. Quem duvida?) Nós já somos um bom número, mas virão ainda tantas e tantas postulantes, também jovens de famílias ricas! As casas se multiplicarão e quanto!... Mas se queremos que o Senhor abençoe a nós e ao nosso Instituto e continue a nos ajudar, é preciso que observemos a santa pobreza, que aumentemos o fervor, que não tenhamos medo da mortificação também voluntária. Recordemo-nos de que fizemos voto de pobreza, que todas devemos nos considerar pobres e cada uma deve caminhar no espírito de pobreza se quiser ser santa. Se não quer, pior para ela, e desgraça para toda a Congregação!

A vida religiosa é em si, vida de sacrifício, de renúncia, de privações; a vida comum e o próprio ofício já obrigam muitas vezes a mortificar-nos... e bastará isso? Não, não! Uma boa Irmã não se

contenta com o que as circunstâncias trazem consigo; mas encontra o modo de ir adiante por amor do Senhor, das almas e de sua pobre alma. Há a mortificação do orgulho, da vontade, do coração, dos sentidos; há a mortificação da obediência, da humildade que exigem tanto de nós, mesmo quando nenhum olho, nenhum ouvido humano o percebam. Irmãs e filhas minhas: pobreza e mortificação, obediência e humildade, observância das Constituições e castidade, são todas virtudes tão unidas entre si que constituem uma só coisa. Enquanto formos pobres de espírito e não procurarmos satisfazer-nos com a gula e com outras coisas, teremos tantas outras virtudes e a Congregação subsistirá e florescerá sempre mais bela e forte. Se formos Irmãs santas, a Providência não nos faltará, mas virá sempre em nosso auxílio com maior largueza para podermos realizar tanto, tanto bem.

Se queremos ser santas... (quem não o quer?... fique de pé quem não o quer!...) devemos praticar todas essas virtudes; juramos diante do altar e os nossos Anjos da guarda escreveram em caracteres de ouro nosso juramento para no-lo lembrar muitas vezes e para colocá-lo diante de nós na hora de nossa morte.

Sejamos Irmãs de verdade, e o ano novo seja realmente para todas, vida nova!"

Nenhuma das presentes consegue exprimir o efeito de uma semelhante conferência, mas cada uma sente que a Madre falou como inspirada, como uma santa e muitas choram de comoção.

CONFIDÊNCIAS DA MADRE

Ir. Josefina Pacotto, depois da conferência, segue a Madre e sempre acha tempo e hora oportuna para fazer que ela diga alguma coisa ainda. Às suas perguntas, a Madre responde com toda a simplicidade: "Oh! sim, o pensamento de ter que dar conta a Deus de tudo está sempre fixo em minha mente; é este pensamento que me faz pedir a graça de sentir vivamente o remorso das minhas faltas, para temê-las e evitá-las.

Você diz que me vê rezar com fervor. Mas eu devo dizer ao contrário, que não sinto nunca o gosto da oração e portanto, não sei que fervor possa ser este meu.

O que posso dizer é que quando em casa se sente a falta disso ou daquilo, ou se tem algum forte pesar, eu me sinto mais atraída à

(113) Relação de Ir. Maria Genta, Ir. Luízinha Boccalate, Ir. Maria Viotti e Ir. Lúcia Vescovi.

oração e mais desapegada da terra; e gosto muito de ficar sozinha na igreja. Então parece-me de estar mais perto de Jesus e mais inteiramente sua e lhe digo: 'Ó Jesus, agora estou aqui sozinha convosco, mostrai-vos a mim, mesmo que seja por um instante para que possa contemplar vossa face adorável!' Não é verdade que seria belo se pudéssemos ver Jesus?! Como deve ser belo! Quem sabe o que experimentaremos quando o virmos!"

E a corajosa e cândida Irmã Pacotto:

— Madre, a senhora nunca viu Jesus?

— Oh! não! Não o vi nunca! E quem sou eu para que Jesus se faça ver por mim? Não, não! No tenho mesmo tanta virtude para merecer tal graça!

A ÚLTIMA "BOA NOITE" EM 1880

Uma cartinha de Ir. Inês Ricci dá motivo para terminar o ano com um ato mais vivo de agradecimento ao Senhor.

Chamada pela Madre para uma transferência de Biela a Este, Ir. Inês passou o Natal em Turim, apresentando-se a D. Bosco no dia de Sto. Estêvão para uma bênção.

Havia-lhe confiado todo o seu interior, menos o que não soubera explicar; mas o bom pai, lendo no seu coração lhe havia dito tudo o que ela não conseguira manifestar, acrescentando: "Despreze estas coisas; diga também às suas Irmãs que as desprezem!"

"Portanto, Madre, eu lhe escrevo que estas coisas a serem desprezadas são todas estas extravagâncias de vaidade, que, segundo D. Bosco, são moscas, mosquitinhos aborrecidos, que devemos desprezar e mandar embora, cada vez que aparecem. D. Bosco me disse de transmitir isto às minhas Irmãs! Mas como fazer se estou aqui na casa de Este? Madre, diga-o a senhora, por favor!

D. Bosco me disse que ele aprende geografia sem estudá-la; não compreendi isto muito bem e ainda não entendo, mas depois em tom profético e mudando de aspecto, concluiu dizendo-me: 'O Senhor lhe faz tantas graças; esteja atenta a corresponder!' E ao pronunciar estas últimas palavras — 'esteja atenta a corresponder' — me senti gelar, tanta era a força daquela expressão! Madre diga também isto às Irmãs para que rezem por mim; e eu rezarei por elas, porque também elas receberam muito do Senhor e são obrigadas como eu a corresponder bem aos favores do céu."

Este foi o assunto da última "boa-noite" do ano de 1880, quando já a pregação do Diretor, seguida do canto solene do Te Deum e da bênção eucarística, havia dado aos corações a nota dominante do amoroso agradecimento, dispondo cada alma a um renovado empenho de bem.

“FAZER MUITO BEM E FAZÊ-LO LOGO”

O Boletim Salesiano de janeiro veio também acender novo entusiasmo na comunidade já tão fervorosa de Nizza.

— Ouviram, Irmãs, o que disse o Santo Padre para os coooperadores salesianos: “Fazer muito bem e fazê-lo logo, porque a necessidade é grande”? Estas palavras são também para nós, sabem? Portanto... avante, com verdadeira coragem!

A Madre não falta coragem; ela é uma força que arrasta.

Com o frio intenso que faz e com os incômodos de saúde sempre piores, continua a não querer usar o colchão à noite e apóia a sua cabeça dolorida em uma caixinha de madeira, em vez de travesseiro oferecido cem vezes pelas suas dedicadas filhas. ⁽¹⁾

É ainda ela a primeira a tirar a neve do caminho por onde devem passar as Irmãs para ir lavar roupa e é ela a experimentar a água gelada do tanque destinado à roupa branca; como também é quase sempre a última a ir repousar, para deixar tudo em ordem, mesmo o que não seria deveras seu trabalho.

Para dar a idéia de um pouco de calor na sala de trabalho, usa-se um braseirinho aceso sim e não; mas ela não faz uso dele. Já está habituada a tudo, diz. Ao contrário, as mais fraquinhas e aquelas que não estão ainda acostumadas a tanto frio... que vejam ao menos uma chamazinha e se alegrem.

PARA A COLÔNIA AGRÍCOLA DE SAINT-CYR

O Boletim Salesiano, entre as obras salesianas do ano anterior, focaliza também a colônia agrícola feminina de Saint-Cyr, dizendo

(1) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

que as Irmãs de Maria Auxiliadora aí educam as órfãs “na ciência elementar, nos trabalhos domésticos, no cultivo de jardins e campos, segundo a idade e as forças” das jovens alunas. ⁽²⁾

— Vejam como é necessário saber fazer um pouco de tudo, comenta a Madre. Vamos adiante, queridas Irmãs, vamos experimentar fazer isto e aquilo; assim quando o Senhor se dignar chamar-nos a trabalhar com as orfãzinhas, especialmente as do povo e as mais necessitadas, estaremos prontas para ser mestras, não somente de virtudes, mas também de trabalhos em casa e fora. Saberemos assegurar assim às nossas meninas o paraíso, o pão e a alegria do coração.

NOVA VISITA A LU MONFERRATO

Ao ouvir a bela relação sobre a festa da Imaculada, celebrada em Lu Monferrato, a Madre não hesita em dizer: “Iremos lá para assegurar-nos se verdadeiramente é assim como está escrito!”

Logo porém, há alguém que quer dissuadi-la de um tal propósito; faz muito frio; há tanta neve; as pontadas no ouvido em vez de cessar a atormentam cada vez mais... É preciso deixar isto para mais tarde!

— Não, não! Se não for agora, não terei mais tempo!

E encontrando-se com a noviça Bocalatte lhe pergunta:

— Você tem alguma encomenda para dar-me para a sua cidade?

Ninguém mais, portanto a retém; e entre o dia 5 e 6, acompanhada por Ir. Elisa Roncallo, parte para Alessandria — Quargnento e de Quargnento chega a Lu ⁽³⁾ para rever aquelas filhas e aliviar-lhes alguma pena; tem ocasião de dar a cada uma delas uma orientação para a vida de apostolado e de perfeição religiosa, perdoando algumas faltas pessoais e alegrando-se pelo bem já feito em toda a cidade.

REVELAÇÕES DA MADRE

Voltando a Nizza deve resignar-se a ficar um ou dois dias de cama; e aproveita para conversar ainda com a afetuosíssima Ir. Josefina Pacotto.

Ela chama a seu lado a Irmã e sem preâmbulo entra no assunto:

— Escute, você poderia fazer-me um favor?

(2) Boletim Salesiano de janeiro de 1881 — V. n.º 1, pág. 1.

O programa do orfanato se conserva no Arquivo Geral das FMA.

(3) Relação de Ir. Maggiorina Poggi e Ir. Luízinha Bocalatte.

— Sim, Madre, dois e até três, se quiser!...

— Está bem. Olhe, Madre Henriqueta se ofereceu para ir para a América com a intenção de fazer o sacrifício pela minha pobre pessoa, mas não irá por enquanto... mais tarde, talvez, e vai fazer muito bem. Entretanto, me deixará do mesmo modo.

— Que está dizendo, Madre?

— Digo... que se você fosse no lugar dela... me daria um grande prazer... Acompanharia as suas noviças... Sei bem o sacrifício que estou lhe pedindo, mas... ainda que fique aqui, deverá deixar-me igualmente... porque... não terminarei este ano, sabe?... Quer que eu lhe diga uma coisa, não tanto para consolá-la, mas para dizer-lhe toda a verdade?...

Não faz muitos dias, fui chamada ao locutório para atender a um certo padre superior desconhecido totalmente por mim. Ele me olhou bem e depois me perguntou: "A senhora é a Superiora Geral?" Respondi que sim e ele continuou: "Também eu sou um Superior Geral, mas saiba que este é o ano em que vários gerais ou já foram ou irão para o outro mundo; entre esses, nós dois. A senhora conheceu a Madre Irene, Superiora Geral das Irmãs Josefinas de Turim?... Morreu também ela, não faz muito tempo."⁽⁴⁾ Preparemo-nos, pois!"

Levantou-se, me deu a sua bênção e retirou-se.

Agora, não lhe parece que eu tenha uma razão a mais para lhe dizer que, mesmo na Itália, você me deverá deixar?

Ir. Pacotto não fala de sua impressão naquele momento, mas pode-se facilmente supor, como também pela prontidão com que se dispôs a partir para a América, deduz-se a sua adesão generosa à proposta da Madre.

TODA PARA SUAS FILHAS

A Madre, levantando-se da cama, entrega-se de modo especial às futuras missionárias e às noviças, seguindo-as e interrogando-as de acordo com o seu sistema: "Que horas são? Sabe dizer-me um ponto da meditação, da leitura, da pregação? Você está alegre?... " Se a resposta é pronta e do modo que ela espera, então um "bravo!" lhe sai do coração. Se, ao contrário, a confusão ou a memória não permitem dizer uma palavra, ela manda reler um trecho da meditação

(4) Morreu no dia 25 de novembro de 1880. Madre Maria José (no século Benedita) Rossello — Fundadora das Irmãs da Misericórdia, de Savona — morreu no dia 7 de dezembro do mesmo ano e foi canonizada no dia 12 de junho de 1949, pelo Papa Pio XII.

feita, repetindo em cada ocasião o pensamento que faz seu: "Como o sol ilumina todo o mundo, assim a palavra de Deus aclara a mente, inspira ao coração bons sentimentos e dá frutos de boas obras para o céu."

Se acaso descobre uma nuvem na frente de alguma, então sabe tocar logo a tecla desafinada, para harmonizá-la na alegria do espírito. Nas horas da tarde se retira para receber quem deseja lhe falar em particular com toda a confiança, ou então escreve às filhas distantes e ainda deixa por escrito algumas mensagens para aquelas que devem partir para as missões e lhe pedem insistentemente uma lembrança.

Alguns destes escritos chegaram até nós; transcrevemo-los para comum edificação:

Viva Jesus, Maria e S.J.!

Minha boa Irmã Sampietro,

Você está tranqüila e alegre? Não quero mais que pense que me tenha dado algum desgosto; eu não estou de forma alguma descontente com você. Portanto, não pense mais. Trate só de se fazer santa, dando bom exemplo a todas as suas Irmãs e às meninas e tenha muita confiança com a Diretora.

Não olhe nunca os defeitos dos outros, mas antes os seus, não é, Ir. Sampietro? Jamais, jamais desanimar, mas com humildade recorrer sempre a Jesus. Ele a ajudará a se vencer, dando-lhe a graça e a força para combater e a consolará. Por isto, esteja alegre e reze por mim que eu não a esquecerei em minhas orações. No mês de março, se Deus me der vida, irei fazer-lhe uma visita, assim você fica contente? Sim, Madre! Mas falta ainda muito tempo.

É verdade, minha caríssima Ir. Sampietro, mas faça o que eu lhe digo e verá que o tempo lhe parecerá curto. Ponha todo o empenho em adquirir tantas belas virtudes e a se tornar em pouco tempo santa e o tempo lhe será curto. Deus a abençoe juntamente com a sua Nizza, janeiro de 1881

Afma. Madre

Ir. Maria Mazzarello

Viva Jesus, Maria!

Minha boa Ir. Lorenzale,

Recebi a sua carta e percebo que você continua a estar alegre. Isto me consola, pois não há necessidade de chorar para ter um bom coração; o Senhor não conta as lágrimas, e sim, os sacrifícios que

lhe fazemos de coração. Portanto esteja alegre, embora não possa chorar, quando sente algum desgosto, pois isto é ainda melhor.

Compreendo que o seu jardim e o seu campo necessitam de muitas coisas, que por enquanto é impossível obter, mas fique tranqüila que pouco a pouco tudo se arranjará. Faça, entretanto, tudo o que pode e verá que tudo irá bem. O mais importante é que você esteja atenta a ter bem cuidado o jardim de seu coração. De vez em quando lhe dê um olhar para ver se há alguma erva má que sufoque as outras plantinhas boas; entende?...

Espero que um pouco por vez, compreenderá também a língua francesa e também o confessor. O que mais importa é que mantenha sempre a boa vontade, o fervor, a humildade e a caridade. Verá que, se não lhe faltarem estas virtudes saberá agir e entenderá tudo. Coragem, minha boa Ir. Mariana, reze por mim, esteja sempre alegre e faça que fiquem alegres também as Irmãs e as meninas, às quais transmitirá mil recomendações da minha parte. Diga à Ir. Pestarino, à Ir. Sampietro e à Ir. Alexandrina que eu não as esqueço, que as tenho cada uma em particular em minhas orações. Fiquem todas alegres, mandem-me boas notícias; obediência à Diretora. Deus a abençoe juntamente com a sua

Nizza, janeiro de 1881

Afma. Madre no Senhor

Ir. Maria Mazzarello

Viva Jesus, Maria, S. José!

Minha boa Ir. Jacinta (Olivieri),

Você está morta ou viva? Não me escreve nunca, nem uma linha; todas dão um sinal, ou por meio de cartas ou por meio de outras que se recordam ainda que estamos vivas e se lembram de minha pobre e mísera pessoa; mas você, nada!

Esperava mesmo ir fazer-lhes uma visita e, ao contrário, devo contentar-me de lhes mandar uma folha escrita, paciência! Seja feita a vontade de Deus; nós nos veremos certamente no Paraíso. Entretanto, preparemos um belo lugar lá em cima, praticando aqui todas as virtudes requeridas pelas nossas Constituições; sejamos exatas nesta observância. Saibamos, com coragem, quebrar os chifres do amor próprio, pensando que cada golpe que lhe dermos corresponderá a uma flor a mais em nossa coroa.

Você é mesmo feliz, pois pode fazer tanto bem e ganhar tantas almas ao querido Jesus! Trabalhe, trabalhe muito no campo que o Senhor lhe deu; não se canse jamais, trabalhe sempre com a reta in-

tenção de fazer tudo pelo Senhor; eis um belo tesouro de merecimentos para o Paraíso. Coragem, minha boa Ir. Jacinta. Reze por mim e por toda a nossa querida Congregação.

Não fico a escrever muitas coisas, porque estou mais do que certa de que as nossas Irmãs, chegando aí lhes darão logo todas as notícias. Envio-lhe esta imagem e desejaria que não a passasse adiante. Deixo-a no Coração de Jesus e de Maria, saudando-a

Afma.

Ir. Maria Mazzarello

a Madre

Viva Jesus e Maria!

Minha boa Ir. Rita (Barilatti),

De boa vontade, desejaria satisfazê-la com uma (embora pobre) minha visita, mas é preciso resignar-se à vontade do Senhor, porque é Ele mesmo que assim quer... Tanto melhor, não é verdade? Quantas coisas quereria dizer-lhe o meu pobre coração, minha querida e boa Irmã Rita! Não nos conhecemos pessoalmente mas, no Coração de Jesus, somos conhecidas espiritualmente, não é verdade?

Coragem, para perseverar em sua vocação; saiba corresponder à feliz sorte, pois o Senhor a escolheu entre suas filhas prediletas. Parece-me ouvi-la dizer: "Oh! Madre, eu tenho tanta vontade; mas como devo fazer?"

Escute: o caminho mais seguro é o de praticar uma obediência verdadeira, exata, aos nossos Superiores e Superiores, ou seja, às nossas santas Constituições; exercitar-se na verdadeira humildade e em uma grande caridade. Se assim fizermos seremos logo santas.

Para isso viemos para a vida religiosa; portanto, coragem, coragem e sempre uma grande alegria, e este é o sinal de um coração que ama tanto o Senhor. Reze por mim; eu não a esqueço nunca em minhas orações. Envio-lhe esta imagem, guarde-a em minha recordação. Jesus a abençoe e creia-me, sua

Nizza, janeiro de 1881

Afma. no Senhor

Ir. Maria Mazzarello, a Madre

Viva Jesus e Maria!

Minha tão querida Ir. Mercedes (Stabler),

Também para você duas palavras; eu também desejaria conhecê-la, mas que fazer? O Senhor quer que estejamos contentes de

nos conhecermos somente pelo espírito. Portanto, resignemo-nos: chegará o dia em que nos conheceremos totalmente.

Entretanto, procuremos observar bem as Constituições e exercitar-nos na verdadeira humildade e grande caridade para com todos. Tenha sempre confiança com o confessor e com a sua Diretora, respeite sempre a todos e considere-se sempre a última de todas. Se você fizer isto de coração e não só com palavras, será logo santa.

Coragem, minha boa Ir. Mercedes, e reze por mim. Eu lhe asseguro que, embora não tenha a felicidade de conhecê-la pessoalmente, mesmo assim, você está sempre junto do meu coração e não passa um dia sem que a encerre no Coração SS. de Jesus e de Maria. Você também reze sempre por mim, não é? Ame muito o Senhor, como também o deseja a sua
Nizza, janeiro de 1881

Afma. Madre em Jesus
Ir. Maria Mazzarello

Minha querida Ir. Teresinha Mazzarello,

Aí está você com as boas Irmãs em seu auxílio; está contente? Faça com que elas estejam alegres, contando-lhes tantas coisas belas!

Agora você não terá tantas preocupações, tendo Diretora, não é? Recomendo-lhe de ter confiança nela e de instilar também nas outras a mesma confiança para com a nova Diretora.

Não me detenho a contar-lhe muitas coisas destas casas, porque as Irmãs lhe dirão tudo. Digo-lhe somente que seja sempre humilde e caridosa com todas e que se conserve sempre alegre e satisfeita de tudo, como quer o Senhor.

Não se esqueça nunca de rezar por mim, que tanto a estimo no Senhor. Deus a abençoe e a faça logo santa. No Coração de Jesus e de Maria, creia-me

(Nizza, 17 de janeiro de 1881)

Sua afma. Madre em Jesus
Ir. Maria Mazzarello
Viva Jesus e Maria!

Minha sempre estimada Ir. Vitória (Cantù),

Eis finalmente que o auxílio chegou; e as preocupações diminuirão? Não, minha boa (Ir.) Vitória; enquanto estivermos neste mísero vale de lágrimas, haverá sempre alguma coisa; seremos sempre afortunadas enquanto o Senhor nos der para sofrer alguma coisa por seu amor.

Recomendo-lhe de consolar as novas Americanas, pobrezinhas! Estarão um tanto melancólicas ao se encontrarem em lugares assim estranhos; ⁽⁵⁾ mas você com as outras boas Irmãs vão fazê-las ficar alegres, não é verdade?

Não sei se a Madre Mestra, isto é, a Ir. Josefina Pacotto, esteja destinada como Diretora da casa de Montevidéu ou de Las Piedras; de qualquer forma, onde acharem bom colocá-la, ela estará bem.

O mais importante é que estejam de acordo entre vocês, seja numa ou noutra casa; ajudem-se sempre como verdadeiras Irmãs.

Comuniquem-se com as Diretoras, e uma com a outra. Assim fazendo as coisas irão sempre bem. Procurem sempre ir adiante com o bom exemplo, vivendo desapegadas de si mesmas, não desejando jamais ser lisonjeadas ou preferidas, ao contrário, desprezem estas tolices; é preciso que sejamos nós as primeiras a demonstrar que o nosso coração foi feito somente para amar o Senhor e não atribuir o amor a nós mesmas. Coragem, minha boa Ir. Vitória, não esqueça nunca de rezar por mim e por todas as nossas Irmãs falecidas.

Não me demoro a dar notícias de todas nós, porque estou mais do que certa de que as Irmãs que aí chegaram lhes dirão tudo. Não me resta que lhes recomendar a caridade, a paciência, a união entre vocês todas. Recomendo-lhes de escrever-me sempre boas notícias. Jesus as mantenha em sua santa graça e as faça logo santas. Rezem por quem as ama tanto no Senhor,

(Nizza, janeiro de 1881)

Afma.

Ir. Maria Mazzarello

a Madre

Viva Jesus, Maria e S. José!

Minha sempre estimada Ir. Josefina (Pacotto),

Escute a primeira recomendação que lhe faço, é que não deve jamais abater-se, desanimar por causa dos próprios defeitos; grande humildade, grande confiança em Jesus e Maria e creia sempre que, sem Ele, não será capaz de fazer senão o mal.

Segundo: agir sempre na presença de Jesus e de Maria, conservando-se sempre unida à vontade de seus superiores. Tenha presente este pensamento em seus trabalhos: se aqui estivessem os meus Superiores eu faria, falaria desta maneira?

(5) No original italiano: *foresti* — forma dialetal para dizer lugares estranhos à própria experiência, diversos.

Procure que a sua vontade esteja sempre isenta da mistura do próprio interesse em suas pretensões; esteja atenta em observar bem as santas Constituições e vigie para que seja exatíssima a observância de todas. Não permita que seja introduzido o menor abuso ou relaxamento por qualquer motivo.

Tenha sempre uma grande caridade, igual para com todas; jamais particularidades, entende, não é? Se houvesse daquelas, por exemplo, que lhe manifestassem certa afeição com pretexto de amizade, porque têm confiança em você e por isso podem dizer-lhe tantas coisas — mas na realidade são tolices — e desejariam estar sempre perto para incensá-la; por caridade, despreze estas ninharias, vença o respeito humano, faça o seu dever e lhes chame sempre a atenção. Se você tiver em mente estas coisas, haverá um espírito que agradará o Senhor e Ele a abençoará, a iluminará sempre mais e fará de tal modo que você saberá distinguir a sua vontade. Coragem, coragem; façamo-nos santas e rezemos sempre uma pela outra; não nos esqueçamos jamais da nossa única finalidade, que é a de aperfeiçoar-nos e nos fazermos santas por Jesus.

A última recomendação que lhe dou é esta ainda: quando a cruz lhe parecer pesada, dê um olhar ao crucifixo que temos pendente ao pescoço e diga: Oh! Jesus, vós sois toda a minha força e convosco os pesos se tornam leves, as fadigas suaves, os espinhos se convertem em doçuras. Mas, minha querida, você deve vencer-se a si mesma, se não tudo se tornará pesado e insuportável.

Sim, minha querida Ir. Josefina, eis tudo o que lhe posso dizer como minha recordação. Reze sempre pela sua

Nizza, 17 de janeiro de 1881

Afma. Madre em Jesus

Ir. Maria Mazzarello

Viva Jesus!

Minha boa e querida Ir. Otávia (Bussolino),

A recordação é esta: observe sempre e com exatidão as santas Constituições. Segundo: não desanime nunca por qualquer adversidade que haja; receba tudo das santíssimas mãos de Jesus; ponha toda a sua confiança n'Ele e espere tudo d'Ele.

Recomendo-lhe a pureza em suas intenções, a humildade de coração em todas as suas obras. A sua humildade seja sem mistura de interesse próprio. Faça de tal modo que Jesus possa dizer-lhe: "Minha filha, Eu lhe quero bem. Estou contente com o seu modo de agir."

Coragem; quando estiver cansada e aflita, vá depor as suas preocupações no Coração de Jesus e lá encontrará alívio e conforto. Ame a todos e a todas as suas Irmãs, ame-as sempre no Senhor, mas o seu coração, não o divida com ninguém, seja todo inteiro para Jesus!

Reze sempre por mim, segundo as minhas intenções, não é?

Deus a abençoe juntamente com a sua

Nizza, 18 de janeiro de 1881

Afma. no Senhor

A Madre Ir. Maria Mazzarello ⁽⁶⁾

“DESEJARIA ACOMPANHÁ-LAS ATÉ À AMÉRICA”

Ir. Josefina Pacotto, não obstante todo o esforço de vontade, não consegue dissimular seu grande pesar por ter que se afastar da Madre diletíssima, e esta lhe repete freqüentemente: “Escute, Ir. Josefina, faça com coragem o sacrifício de ir para a América; a seu tempo você terá uma grande recompensa. Quer que eu lhe diga uma bela coisa? Irei acompanhá-la até Turim e Gênova... e se o Senhor me permitir, até Marselha. De lá irei também a Saint Cyr. Desejaria acompanhá-las até à América, mas estou resignada à vontade de Deus. Como já lhe disse, este ano devo mesmo partir, eu o sinto! O Senhor, tão bom, dignou-se escutar as minhas súplicas, aceitando-me para o maior bem de todas.” ⁽⁷⁾

FALA A MADRE

As palavras que a querida Madre dirige à comunidade, para a boa-noite, sempre profundas e práticas, têm nestes dias, mais do que nunca, o dom de comover mesmo as pessoas de natureza pouco fácil de se enternecer. No desejo de mandar as missionárias preparadas contra todo possível imprevisto capaz de lhes arrefecer o espírito, parece às vezes repetir, voltando a advertências dadas, mas ao contrário, ela coloca ainda alguma coisa nova e melhor.

“Eu não sei — diz a Madre — se na América vocês encontrarão maior abundância do que nesta casa; mas como recomendo

(6) De todos estes escritos o original autêntico conserva-se no Arquivo Geral das FMA.

(7) Embora no texto português o tratamento seja “você”, no original italiano o tratamento é “TU”. A Madre usa o tratamento *tu* falando diretamente com Ir. Pacotto mas usa o tratamento VÓS escrevendo: era costume da Madre, também com as demais professoras, principalmente se investidas de alguma autoridade. tratá-las com mais espontaneidade nos encontros pessoais.

sempre, especialmente àquelas das outras casas, torno a dizer: Sejam mortificadas. Jesus, o Filho de Deus, foi visto matar a própria fome com poucas espigas de trigo, enquanto atravessava os campos com seus discípulos, como se quisesse dizer com seu exemplo o que também D. Bosco já nos recomendara: Contentemo-nos daquilo que nos oferece a comunidade. Deus abençoa o alimento da comunidade; não tomemos nada fora das refeições. D. Bosco nos disse bem claro: Se por acaso houver alguma coisa sobrando e não houver pobres e doentes para dar, é melhor deixar que se estraguem a fruta, o doce ou qualquer coisa, antes que servir-se disto fora das refeições.

Estejamos, pois, atentas, Irmãs, e não demos a Jesus o desgosto de não nos mortificarmos como deveríamos, assim, cada manhã, poderemos oferecer-lhe alguma flor de nossa mortificação interna e externa. Ele nos dará em troca almas e também graças especiais.”⁽⁸⁾

“Passando pelas casas é fácil encontrar o gatinho, o cachorrinho, o passarinho com os quais entreter-se em alguns momentos de recreio e também fora da recreação. Já lhes disse e não me canso de dizê-lo: não se percam nestas criancices; não são dignas de uma esposa de Jesus e de uma virgem que já se consagrou toda a Nossa Senhora. Os nossos carinhos, não devemos dá-los a um gatinho, a um cachorrinho, a um pássaro... é vergonhoso até dizê-lo; imagine então, fazê-lo! Que pensaria de nós o nosso bom pai D. Bosco se nos surpreendesse nestas fraquezas?...

E vocês que vão para longe daqui, fiquem bem atentas a não se permitirem e nem permitir jamais estas tolices, que não podem agradar a Jesus e a Maria.

Por isso repitamos todas, pensando bem no que dizemos: Eu vos dou meu coração, Mãe do meu Jesus, Mãe de amor.”

“Quem sabe quantas de vocês já ouviram falar desde criança: a ordem externa é o espelho da ordem interna. Também aqui, nesta mesma casa, não sei quantas vezes já lhes foi repetido isto. Entretanto, minhas queridas Irmãs, nem sempre e nem todas procuramos viver na ordem e ter tudo em ordem. Escutem, façamos como nos foi ensinado desde o princípio pelas boas Irmãs de Sant’Ana: cada vez que tivermos de nos incomodar para pôr no lugar uma cadeira, um banco, recolher do chão um pedaço de papel ou uma palha de milho caída do colchão... digamos também uma jaculatória, ou façamos um ato de amor de Deus, ou rezemos um “requiem” pelas pobres almas do purgatório, ou peçamos uma alma ao Senhor; e

(8) Relação de Ir. Luízinha Boccalatte.

quantos belos lucros para o céu e quanto bem para nós e para os outros! Não é mesmo necessário ir para as missões para ser missionária e, vocês, missionárias, se não viverem continuamente com o pensamento de ganhar almas e méritos e não se servirem de todos os meios para serem verdadeiramente do Senhor e das almas, que missionárias serão? Por isso prometamos de nos servir também destas pequenas coisas para nos fazer sempre mais verdadeiras filhas de Nossa Senhora e também do nosso bom pai D. Bosco. Estamos todas de acordo, minhas boas Irmãs?... Muito bem: pobres, mas sempre ordenadas como D. Bosco.”⁽⁹⁾

A boa-noite do dia 19 e o bom-dia a 20 do mês são destinados às saudações de ADEUS e para a promessa recíproca de orações e de recordação fraterna, pois que as neo-missionárias devem se encontrar presentes às funções da tarde na Igreja de Maria Auxiliadora em Turim. A Madre já disse que irá também, acompanhada por Madre Emília Mosca e Ir. Elisa Roncallo, para prosseguir com uma ou com outra até Marselha, se D. Bosco lhe permitir, para um último “Viva Jesus” às queridas missionárias.

COM AS MISSIONÁRIAS EM TURIM

Quanto lhe possa custar esta partida, só Deus o sabe! Irmã Luizinha Arecco, infelizmente durará bem pouco, embora não esteja sempre de cama. O médico já avisou que é necessário não perdê-la de vista, pois poderá morrer de um momento para outro; isto impressionou de tal forma as superiores que, antes de a Irmã retirar-se para o repouso, Madre Petronila se apresentou ao Diretor para dizer-lhe: “Não quereríamos deveras que ela morresse sem os últimos sacramentos, mas também não desejaríamos assustar a pobrezinha, dizendo-lhe bem claro que está correndo perigo de vida.”

— Conduzam-me a Irmã ao coro — diz logo Pe. Lemoyne — eu lhe darei a Comunhão.

— Mas, acabou de jantar agora!...

— Não importa, se o médico julgou o caso grave, pode muito bem receber a Comunhão como viático.

Madre Petronila, surpresa, mas obedientíssima, imediatamente foi acompanhar Ir. Luizinha até atrás do altar, onde o Diretor já a esperava para dizer-lhe duas palavras como ele sabia dizer; e Ir. Arecco que pensava de poder fazer um pouco de preparação, escutou

(9) Relação de Ir. Henriqueta Sorbone, Ir. Juliana Prevosto e Ir. Lorenzina Natsle.

repetir-lhe : “Um belo ato de caridade! Um belo ato de caridade!... Jesus não quer outra coisa da senhora neste momento.”

Assim ela recebeu o Senhor como viático; e foi para a cama com toda a serenidade.

A Madre deve, pois, deixar a sua Ir. Luízinha em tal estado, enquanto ela mesma se sente, mais do que de costume, abalada na saúde e vai se persuadindo de que não tardará muito a sua última hora. ⁽¹⁰⁾ Além disso, não lhe faltam apreensões pela partida de uma das missionárias que arrancou a licença de Pe. Cagliero, não obstante o parecer contrário, expresso pela Madre. ⁽¹¹⁾

Ir. Pacotto se mostra a mais comovida de todas ao despedir-se da comunidade de Nizza. Deixa as suas noviças, as postulantes tão afeiçoadas a ela, particularmente unidas pelo reconhecimento e afeto, e consegue sair de casa sem se deixar ver mais por elas.

Apenas se aproxima dela, a Madre lhe diz com um tom de benévola reprovação: “Você não fez bem, sabe? Mortificar a nós mesmas, sempre; mas aos outros, nunca!”

Durante a viagem é a Madre que consegue fazer sorrir os corações; sobre a acolhida entre as Irmãs e as meninas de Valdoco, narra a boa Ir. Elisa Marocchino:

“Encontrava-me na casa de Turim, havia pouco tempo, esperando oportunidade para ir como postulante a Nizza Monferrato, quando ouço dizer que a Madre Superiora estava para chegar. Havia tanta alegria entre as Irmãs que me parecia ser a vigília de uma grande festa. Também eu comecei a desejar ver a Mad^{re}, da qual todas falavam com tanto afeto e eu não podia imaginar como fosse.

À sua chegada há um alegre e prolongado toque de sino e sinetas; e todas as Irmãs a correr para a portaria gritando: “Viva a Madre!” Vendo-a rodeada com tanta confiança e espontaneidade por suas filhas, só então compreendi que ela deveria ser uma verdadeira mãe; também eu, embora um pouco tímida, aproximei-me dela, parecendo-me estar perto de uma santa e, pela comoção comecei a chorar. E ela “Ah!... Você é aquela postulante que vem de... Coragem, coragem! Logo nos conheceremos bem!” Eu lhe beijei a mão e me senti feliz!”

(10) Relação de Ir. Petronila Mazzarello.

(11) É evidente a alusão à Ir. Catarina Lucca. (Cf. pág. 18)

O ADEUS NO SANTUÁRIO DE MARIA AUXILIADORA

A solene cerimônia da bênção e do adeus aos missionários ocorreu na Igreja de Maria Auxiliadora, a 20 de janeiro, primeiro dia da novena de S. Francisco de Sales.

Estavam presentes grande número de cooperadores salesianos e devotos de toda idade e condição.

D. Bosco mesmo pronunciou o discurso de ocasião, anunciando a particular bênção do Santo Padre a todos os cooperadores da obra salesiana e missionários ali reunidos; e desenvolveu o seu tema falando sobre o bem já realizado e o que se pretendia fazer nos Pampas, na Patagônia, na Terra do Fogo... tudo isto confiado aos seus filhos e filhas no Senhor e graças à generosidade dos seus benfeitores.

Acenou ao sacrifício dos que estavam para partir, ao dever de se cooperar com eles para a redenção das almas e ao prêmio eterno reservado a quem deixa tudo por Jesus Cristo e a quem reparte os seus bens para a extensão do reino de Deus sobre a terra.

Por meia hora mais ou menos entreteve o auditório com a eficácia de sua palavra simples e entusiasta, e quando deu a bênção eucarística e o abraço paterno aos seus filhos, todos os presentes participaram com a mais viva e fraterna comoção.

Também as Irmãs, enquanto passavam da Igreja à praça em frente, receberam demonstrações de estima e afeto das senhoras turinenses, que se recomendavam às suas orações. ⁽¹²⁾

Embora algumas carruagens, oferecidas por famílias particulares, dêem a ilusão de levarem também as missionárias à estação para tomarem o trem para Gênova, o certo é que a partida definitiva de Turim foi adiada por alguns dias.

Também isto foi oportuno para a Madre, que sabe muito bem aproveitar todo retalho de tempo.

DOM BOSCO ÀS QUE ESTÃO PARA PARTIR

Antes de tudo, a Madre consegue que as Irmãs missionárias sejam recebidas por D. Bosco para uma palavra e uma bênção particularíssima.

Eis o resumo da lembrança conservada por uma das que partiram para as missões:

(12) O Boletim Salesiano de fevereiro de 1881, ano V, n.º 2, pág. 34 dá uma ampla relação.

“O nosso bom Pai depois de nos ter encorajado a empreender a longa viagem, concluiu: ‘Como os apóstolos, depois que realizaram muitos prodígios e executaram grandes obras para a glória de Deus, se diziam humildes servos, assim, depois de todas as obras que o Senhor se digna cumprir por meio de nós, devemos nos considerar servos humildes de Deus, tendo por certo que tudo que fazemos é obra sua. E vós, Filhas de Maria Auxiliadora, que por Deus sois chamadas às missões, deveis armar-vos de força e de virtude, para que o vosso trabalho produza o desejado efeito. Para este fim é necessário fazer tesouro dos santos princípios e das sábias instruções recebidas na casa-mãe. Por isso é preciso que façais como os soldados que, enquanto estão no quartel, não fazem senão adestrar-se nos exercícios militares, manejando armas, ora para acorrer em socorro de uma cidade assediada, ora para dispersar uma tropa de assaltantes e assim por diante. Vós agora deveis pôr em prática as virtudes que vos ensinaram na casa-mãe e, com ânimo forte, superar as dificuldades que são inerentes à grande obra, qual é a de salvar almas. E qual será o meio eficaz, que possa assegurar às Filhas de Maria Auxiliadora, que sua vida está de acordo com o espírito haurido na casa-mãe e segundo o desejo da Superiora Geral? O meio mais fácil e seguro é o de apegar-se rigorosamente às Santas Constituições em tudo e por tudo. Imitai nisto os hebreus, os quais traziam duas faixas nas quais estava escrita a Lei: uma na frente e outra no peito, para se recordarem em toda parte, da obrigação de observar fielmente os mandamentos de Deus. Assim vós deveis levar na mente e no coração as santas Constituições e não distanciar-vos delas jamais, nem mesmo nas pequenas coisas que elas nos propõem!’

O nosso santo Pai D. Bosco terminou sua preleção oferecendo-nos um gracioso rosário, em cujo fecho está a cruz em vez da medalha, e isto — disse o querido Pai — ‘para que nos recordemos de que a cruz deve ser sempre nossa inseparável companheira’.

Ditas estas palavras, augurou-nos novamente uma boa viagem, nos assegurou a proteção do céu e enfim nos deu comovido a sua paterna bênção.”⁽¹³⁾

A MADRE EM CHIERI

No mesmo dia 21, a Madre acompanha a Chieri a boa Ir. Francisca Roggero, que não consegue se persuadir de dever ficar longe

(13) As poucas páginas conservadas, relativas a esta relação, não trazem assinatura, mas só data dos encontros com D. Bosco: 21 de janeiro e 2 de fevereiro de 1881.

dela e chora, e chora. "Mas, conforte-se um pouco — concluiu a Madre, após ter-lhe apresentado os mais consoladores pensamentos de fé, — o Senhor está também naquela casa que daqui a pouco você dirá sua; você irá visitá-Lo sempre e Ele a consolará."

Em Chieri, atende às Irmãs, dá alguma sábia e conveniente orientação e, antes de deixar a comunidade, faz-lhe uma conferência sobre o espírito de fé, de oração e de união com Deus; sobre o silêncio e o recolhimento, quais os meios para conquistá-lo e conservá-lo; sobre o modo de tratar as alunas e sobre o importante dever de falar bem de todos e de todas. ⁽¹⁴⁾

VOLTANDO A TURIM

No dia 24 a Madre já está de volta a Turim, onde ainda encontra tempo e modo de satisfazer às neo-missionárias Ir. Ernesta Farina e Ir. Lorenzina Natale, para as quais escreve alguma recordação como fizera para as outras.

Viva Jesus, Maria e S. José!

Minha querida Ir. Farina,

Recomendo-lhe antes de tudo de observar bem direitinho as Constituições e, por quanto lhe for possível, fazer também que as outras as observem.

2.º — Pense que por si mesma não é capaz de fazer coisa alguma e aquilo que lhe parece saber é a mão de Deus que trabalha em você. Sem ela não somos capazes de fazer outra coisa senão o mal.

3.º — Faça-se amiga da humildade e dela aprenda a lição: Não dê jamais ouvidos à mestra soberba, que é uma grande inimiga da humildade.

4.º — Não desanime jamais quando reconhecer que está cheia de defeitos, mas com confiança recorra a Jesus e a Maria e humilhe-se sem esmorecimento e depois, com coragem, sem medo, vá adiante.

5.º — Reze sempre. A oração seja a arma constante em suas mãos; ela a defenderá de todos os inimigos e a ajudará em todas as suas necessidades.

(14) Relação de Ir. Francisca Roggero.

Esteja sempre alegre e não se esqueça nunca daquela que tanto a estima no Senhor e eu lhe asseguro que a acompanharei sempre com minhas pobres orações. Deus a abençoe e a faça toda sua.

Turim, 24 de janeiro de 1881

A sua
Afma. Madre em Jesus
Ir. Maria Mazzarello ⁽¹⁵⁾

Minha sempre querida Ir. Lorenzina.

1.º — Estude sempre um meio de se tornar humilde, humilde.

2.º — A humildade lhe seja a mais cara virtude; com você estejam também a piedade e a modéstia. Sim, você deve fazê-la resplandecer ante a face de qualquer pessoa.

3.º — A obediência, então, seja a sua amiga e não a abandone nunca para agir a seu modo.

4.º — Procure amar o sacrifício e a mortificação de sua própria vontade.

5.º — Não se faça amiga do amor próprio, mas estude todos os meios para matá-lo.

6.º — Pense sempre que as nossas Constituições são um guia seguro para nos conduzir ao Paraíso; portanto, é preciso observá-las com exatidão.

7.º — Seja sempre cheia de caridade para com todos, especialmente para com as Irmãs da comunidade.

8.º — Não deixe nunca a oração; nela você encontrará sempre consolação e conforto.

Turim, 24 de janeiro de 1881

Afma. Madre, que tanto a estima no Senhor.
Ir. Maria Mazzarello ⁽¹⁶⁾

“IRMÃ ARECCO MORREU!”

À noite, acordando sobressaltada e com sinais de angústia, a Madre chama Ir. Pacotto, sua vizinha de cama:

“Ir. Luizinha Arecco morreu!... Nós nos vimos e nos compreendemos!... Que impressão! Oh, que impressão!”

Depois, retomando o pleno domínio de si mesma... silêncio perfeito!

(15) Autógrafo original no Arquivo Geral das FMA.

(16) Cópia no Arquivo Geral das FMA.

De manhã, pelas nove horas, eis o anúncio do sereno trespasse de Ir. Arecco. A notícia não foi surpresa, mas quão sentida!

O mesmo Pe. Cagliero, seguindo o impulso do coração e certo da aprovação de D. Bosco, combina de deixar Ir. Roncallo em Turim, para atender às missionárias, e ir a Nizza, fazendo-se acompanhar pela Madre, por Madre Emília Mosca e por quatro jovens: Maria Brigatti, Afonsa Cavalli, Brígida Prandi e Elisa Marocchino, que estão esperando para ir a Nizza iniciar a prova do postulado.

Chegam como um raio de sol em um dia escuro ⁽¹⁷⁾

Na manhã seguinte a Madre, vencida por um cansaço fora do comum, pede licença à Madre assistente para se levantar um pouco mais tarde; mas, entre o sono e a vigília, durante a meditação da comunidade, ouve um gemido tão doloroso que logo ela puxa a cortina da própria cama, para verificar se a Madre assistente teria ficado em repouso também, talvez prostrada por algum mal-estar.

A Madre assistente não está ali. Então seu pensamento voa à Ir. Arecco, necessitada de sufrágios; e vendo-a diante de si... "não em carne — diz a Madre — mas ela... ela mesma!", diz-lhe em voz alta:

— Diga-me, o que você quer, Ir. Luizinha, mas não me cause medo!

Então se estabelece o diálogo:

— Você está salva?

— Sim, pela graça de Deus!

— Ficaré muito tempo no purgatório?

— Em vista dos sufrágios da comunidade e pela minha reta intenção no agir, ficarei só até a Páscoa.

— Agora, então, diga-me com toda a liberdade: o que impede em mim a glória de Deus?

(Ela o disse).

— Há alguma coisa na comunidade que não vai bem?

— Olhe, Madre... (e lhe faz ver as Irmãs no pátio) os grupos no pátio nunca vão bem! Por enquanto não há grandes coisas, mas... ⁽¹⁸⁾

(17) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

(18) Relação de Ir. Josefina Pacotto.

Sob a viva impressão do fato, a Madre se levanta para ir à Igreja e oferecer todas as suas práticas de piedade em sufrágio da extinta; depois vai, por assim dizer, esmolando as comunhões, as *vias-sacras*, os terços por aquela sua querida filha, contando com simplicidade tudo o que lhe havia acontecido.

De fato, Ir. Luizinha Bocalatte acrescenta: “Quantas orações de toda a comunidade para Ir. Arecco!”

A Madre, com o frio que faz, entra na Igreja em atitude de súplice fervor e, quando pensa estar sozinha, coloca-se logo em oração, de joelhos no chão gélido e reza, e reza...

Não é de se admirar todo este conjunto de circunstâncias e de sofrimento não comum na comunidade, quando se repassam as breves e luminosas páginas de uma vida tão cedo truncada.

Órfã de mãe, desde criança e abandonada a si mesma, Luizinha passava a maior parte do dia pelos campos cultivados, mais cantando que trabalhando e as suas canções não eram deveras piedosas! Os passantes paravam para escutá-la e diziam que a sua voz era celeste.

Madre Mazzarello teve pena dela; e para impedir que algum aventureiro a tornasse uma infeliz, conquistou-a de tal modo que conseguiu trazê-la para junto de si como uma filha, concedendo-lhe, depois, vestir o hábito religioso com menos de 16 anos.

E como a cultivou na humildade, no espírito de sacrifício e no ardor do apostolado!

O que para Ir. Luizinha era canto, para quem a escutava era uma sensação de terna comoção; a sua voz elevava o pensamento a Deus e à Virgem Santa. Precisamente por isso a Madre queria mantê-la humilde, para que não se vangloriasse e não perdesse o fruto mais precioso de um tal dom do céu!

Antes de elevar o vôo para a eternidade, contam as Irmãs, ela desejou muito ter ali a Madre para recolher seu último suspiro; depois, na atitude de quem fala e escuta, mostrou no semblante a expressão de quem estivesse realmente conversando com a Madre. Enfim, convidada a cantar o dulcíssimo *Recordare* Jesus pie, de Pe. Cagliero, entouou-o com seu fio de voz moribunda... extinguindo-se logo em seguida com um invejável sorriso.

É a primeira das quatro sobre as quais D. Bosco em Nizza, no mês de agosto findo, tinha pairado significativamente o olhar, dizendo: “Preparem-se para cantar melhor no Paraíso!” Ir. Luizinha não completou os 22 anos de idade.

RECORDANDO IRMÃ ARECCO

A Madre, nestes dias, vive do pensamento de Ir. Arecco em lugar de purificação.

A mesa experimentam apresentar-lhe alguma coisa mais adaptada ao seu estado de saúde, mesmo porque está atacada de um forte resfriado; ela porém, recusa: "Ah! Sim? Agora vocês me dizem: Madre, tome isto, tome aquilo! Mas depois nenhuma irá fazer por mim o purgatório!"

Fazem ainda a tentativa de lhe aquecer um pouco a cama, mas quando percebe, ela tira tudo para fora, dizendo: "Hoje não sofri nada pelo Senhor; que ao menos eu saiba gozar do frio, que é um presente do céu! "E, embora toda em calafrios, se une à comunidade para as orações da noite na capela. (19)

O médico lhe sugeriu de usar uma flanela preparada com um óleo especial, para debelar o reumatismo que a incomoda bastante; Pe. Cagliero lhe deu a licença, mas... "Se a uso eu que sou a Superiora — observa a Madre... — se fosse uma Irmã que precisasse, porém, seria eu a primeira a dar-lhe ordem. Para mim, agora, é melhor que faça a menos; tenho tantos débitos para com o Senhor..." (20)

Em suas breves e fervorosas palavras de "boa-noite" insiste sobre o desapego do mundo e das vaidades, sobre a pureza de consciência por ela figurada no cuidado da ordem interna, por respeito ao Senhor que se vai receber todos os dias na comunhão; enfim, sobre a guerra aos rodeios, às simulações, às adulações, que têm por fim conquistar os Superiores e as Superiores para obter o que se quer.

A este ponto há quem abaixa os olhos; algumas trocam olhares significativos. Parece que querem dizer: "Pobre Madre! E deverá vê-la partir igualmente...", referindo-se a uma entre as novas missionárias da qual se conhecem, infelizmente, particulares desagradáveis, mas que, em Turim, soube puxar água para o seu moinho de tal sorte a se fazer crer digna de pertencer às fileiras das escolhidas. A Madre havia dado o parecer desfavorável, mas desta vez a balança se abaixou em favor da Irmã. As mais informadas certamente sofrem, pensando também na pena que deve sentir a Madre: sofrem, calam e rezam esperando, quem sabe... alguma repentina troca de decisão.

(19) Relação de Ir. Josefina Bolsoni.

(20) Relação de Ir. Josefina Pacotto.

MÃO SUSPEITA

Nestes dias se está dizendo, em casa, que deve haver uma mão perita em apropriar-se deste ou daquele objeto alheio: e a suspeita parece cair sobre alguma das últimas postulantes. A Madre não pode e não quer passar por cima de um defeito de tal gênero; e, antes de sair de Nizza, dirige às postulantes sua palavra clara e forte: "Minhas queridas postulantes, entre vocês deve haver quem, não segura de continuar, tem o seu enxoval bem guardadinho e faz livre uso do que não lhe pertence. Tudo aquilo que vocês trouxeram deve ser entregue à roupeira, para que forneça o necessário a cada uma segundo a justiça e a caridade. O tempo é frio, mas eu digo: quem tem se cubra bem e quem não tem e não pede, fique a bater os dentes!"

Aquelas que já conhecem o estilo e o coração da Madre compreendem o que ela quer dizer com isto e sorriem; mas entre as mais novas, algumas, pobrezinhas, ficaram consternadas. A Madre percebe e, passando para ir à capela para as orações da noite, sabe adivinhar os pensamentos daquelas cabecinhas preocupadas e se apressa a perguntar a uma delas:

— O que você quer dizer?

— Madre, eu trouxe o dinheiro em vez do enxoval e... deverei bater os dentes, já que não tenho ainda com que me cobrir!

— Está bem; não chore mais; antes que você vá para a cama lhe será fornecido o necessário para esta noite; e amanhã verá que tudo vai dar certo!

De fato, entrando no dormitório, sobre a cama da postulante está todo o necessário e ainda mais! ⁽²¹⁾

ÚLTIMA CONFERÊNCIA DE JANEIRO

Na breve conferência do último domingo do mês à comunidade reunida, a Madre tem alguns toques magistrais:

- Com este frio, custa de manhã levantar-se da cama. Mas se, quando der o primeiro sinal do sino, vocês imaginarem que a cama está pegando fogo, logo terão o máximo empenho em se levantar para não se queimarem. Recordem-se que os minutos de preguiça devem ser descontados no fogo do purgatório.

- Não se dirijam nunca para o leito, à noite, sem ter pedido desculpas a quem se desgostou, de qualquer modo, durante o dia;

(21) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

farão a comunhão mais tranqüilas e Jesus ficará muito mais contente com vocês.

- Caridade, Irmãs, caridade sobre todas as coisas, sempre e com todos.

- Não lhes posso dizer quando voltarei da França, mas vocês vivam na presença de Deus e de D. Bosco; assim ficarão contentes e farão ficar contente a Madre quando voltar.

- Peçamos a Jesus que nos conceda docilidade, submissão, boa vontade para cumprir com prontidão e alegria todas as suas ordens e desejos e para sabê-los interpretar bem.

- Não nos esqueçamos jamais de distinguir os dias de Nossa Senhora e cada sábado com algum ato de piedade e de mortificação, em honra desta nossa querida e verdadeira Mãe e ensinemos a mesma coisa às nossas meninas.

- Deixem que lhes repita pela centésima vez: depois de Deus e de Maria Auxiliadora, nós devemos a D. Bosco todo o favor de nossa vocação e toda a possibilidade de fazer um grande bem no meio do mundo. Devemos sentir, portanto, a obrigação do reconhecimento; e devemos cooperar em todas as obras de D. Bosco e de seus filhos, com todas as nossas forças, porque são as obras de um santo; são as obras de Deus, de Nossa Senhora e de nosso querido Instituto.

Também desta vez, como sempre, quando nomeia D. Bosco, a Madre junta as mãos, com uma expressão de ternura tão viva, que comove as filhas que escutam. ⁽²²⁾

O PRIMEIRO PENSAMENTO SEMPRE PARA OS OUTROS

Uma vez assegurada do dia e da hora precisa em que as neo-missionárias tomariam o trem de Turim para Gênova, a Madre faz o seu programa para continuar com elas de Alexandria a Sampierdarena.

Entretanto, passa de um lugar a outro da casa; com seu tijolinho quente do lado, onde sente pontadas sempre mais incômodas, que lhe impedem de respirar livremente e não lhe permitem sofrer sem ser percebida. Inútil repetir-lhe que se cuide, se quer rever as casas da França; a única satisfação que ela concede a si mesma é a de ceder o uso daquele realmente providencial tijolo, colocado de vez em quando no fogão da cozinha, a quem vê ou encontra sofrendo pelo rigor do clima, ou por um pouco de febre que obriga a estar entre o leito e a cadeira de descanso.

(22) Relação de Ir. Luízinha Boccalate, Ir. Elisa Marocchino e outras.

“Tive que ficar no dormitório — conta a noviça Henriqueta Gamba — porque estava com febre, e veio a Madre para ver-me:

— Precisa de alguma coisa?

— Estou com tanto frio, respondo. E ela:

— Tome; fique com este tijolo; como me tem aliviado, fará bem também para você!

Não basta! Sabendo que eu estava com a garganta seca, ardendo, vai toda ofegante e volta com uma laranja: ‘Tome, é a única que temos em casa, mas é sua, chupe-a com fé e vai ficar boa, certamente!’ Oh! que Madre, que Madre! Onde encontrar outra igual?”

A MADRE ALCANÇA AS NEO-MISSIONÁRIAS

A 1.º de fevereiro, a Madre vai com Madre Emília Mosca a Alexandria, para se encontrar com as Irmãs em trânsito de Turim para Gênova. A festa do encontro esvanece a tristeza que trouxe de Nizza ao deixar aquelas filhas chorosas por causa dela, assim tão doente; a sua pena, porém não escapa à perspicaz Ir. Pacotto, que logo se põe ao lado dela para fazê-la falar e quase servi-lhe de tentação.

— Madre, a senhora não poderia ir só até Sampiedarena?

— Ora! Você fala por carinho, mas eu farei de modo a acompanhá-las até onde puder.

— E por que quer mesmo ir até Saint-Cyr?

— Lá está aquela nossa querida Ir. Sampietro, que tem tanto desejo de me ver e falar comigo, e se eu não for agora, quem sabe se ela me verá ainda?

— Mas, Madre, a senhora está sofrendo muito, percebe-se!...

— Sim, mas não tanto como as almas do purgatório.

— O que está sentindo, Madre, nestes benditos ouvidos, que lhe faz dar contrações de dor tão repentinas?

— Sinto como uma lâmina que, girando, vai me cortando até o fundo do ouvido.

— Mas, onde foi buscar semelhante mal?

— Creio que o peguei desde jovem quando, por engano, eu me levantava cedo demais e devia ficar esperando à porta da Igreja, para não despertar o Padre Pestarino e o pároco. Às vezes ficava toda molhada de chuva; outras vezes havia neve alta e a umidade de então se faz sentir agora!

APREENSÃO DAS FILHAS PELA MADRE

Em Sampierdarena encontram tudo preparado para festejar Dom Bosco e os missionários; entretanto, apesar de sua boa vontade de participar da alegre sessão, a Madre deve ir para a cama, porque está com febre alta e distúrbios com sintomas de algo bem grave.

O fato é comunicado a D. Bosco, que lhe dá uma bênção especial e lhe propõe que as três noviças, que estão para partir, emitam os santos votos e que ele mesmo os receberá, na capela particular do liceu, podendo estar presentes, se for o caso, também os missionários salesianos.

O alívio moral e a bênção paterna fazem esperar a desejada melhora da Madre, mas nada de novo; ao contrário; e Madre Emília sugere com a natural firmeza de sua alma:

“Deixe de uma vez, Madre, a idéia de ir até Marselha! Volte para Nizza comigo, Madre; todas ficarão contentes e eu não terei que viajar sozinha!”

No dia seguinte, a visita do médico dá esperança de que o prosseguimento da viagem e um descanso, mesmo breve, em clima mais suave poderão ser de alívio mais do que prejudicar a doente; por isso ninguém mais pensou ser necessário opor-se.

FUNÇÃO ÍNTIMA PRESIDIDA POR DOM BOSCO

Entretanto, de maneira verdadeiramente íntima, D. Bosco reúne os seus missionários e missionárias junto ao altar da igreja semi-pública, a portas fechadas. Procede-se à cerimônia para a primeira profissão de Ir. Lorenzina Natale, Ir. Juliana Prevosto, Ir. Teresa Rinaldi, e para os votos perpétuos de Ir. Ângela Gualfredo; depois D. Bosco, do pequeno púlpito, dirige a todos os que vão partir uma palavra ainda, como augúrio de bom êxito no apostolado em o novo campo espiritual que os espera além-mar:

“Ainda uma vez Nossa Senhora nos reuniu aqui, em um dia de sua festa para um novo ato de consagração e de compromisso. A festa da apresentação de Jesus ao templo e da purificação de Maria Santíssima é, podemos dizê-lo todos, a festa da humildade e da generosidade. Nós procuraremos aplicar em nossa vida os frutos da seguinte maneira:

* Respeitar e honrar os Superiores. Façam todo o possível para lhes ser de consolação e conforto, obedeçam de boa vontade e exatamente; se eles têm defeitos, procurem cobri-los com o manto da mais

delicada reverência e caridade, imitando nisto, não o mau exemplo de Cam, mas o exemplo dos dois bons filhos de Noé, que se apressaram a cobrir com o próprio manto o pai, caído e adormecido por um efeito de inexperiência, portanto, num ato completamente involuntário. Defeitos, nós todos temos; e por que maravilhar-se que os Superiores também os tenham? O bom coração e o espírito de reverência lhes ponham todo o remédio possível.

* Ajudem, amem os iguais. Eu lhes recomendo vivamente: cada um cumpra o próprio dever; não aconteça que um tenha de trabalhar por três por haver em casa quem não trabalhe nem pela metade de um. Queiram-se bem, uns aos outros, como verdadeiros irmãos e irmãs e como cada qual ama a si mesmo; esta afeição seja cordial e expansiva, não porém, de tal forma a degenerar-se em amizades particulares, que não servem para outra coisa senão para destruir o espírito de piedade e de fraternidade. Corrijam-se mutuamente, com bondade e simplicidade, e façam conhecida de todos a sua união verdadeiramente religiosa e salesiana.

* Sustentar e confortar os inferiores. Aproximem-se particularmente de quem se mostra mais cheio de defeitos e tem maior necessidade de uma boa palavra de encorajamento e de formação espiritual. Talvez vocês deverão trabalhar em um campo árido, especialmente nos primeiros tempos, terão que lidar com caracteres inconstantes, indisciplinados, malvados... talvez até com gente de maus costumes. É justamente neste caso que deverão praticar a caridade e repetir: Caridade! Caridade! Caridade!

* Finalmente: em qualquer lugar onde forem ou estiverem, recordem-se sempre que vocês têm as mesmas Constituições para observar, todos têm uma alma para salvar, o mesmo Senhor a quem servir e do qual receber o grande prêmio, que já lhes está preparado no céu. Pensem também que as nossas Constituições, tendo sido aprovadas pela Igreja, que é infalível, são para todos nós um sinal de salvação eterna, se as observarmos fielmente. Por isso, antes de sair daqui, cada um prometa a Jesus e a Maria que quer praticar a humildade e a generosidade no modo indicado e que tudo está compreendido na exata observância das nossas Constituições."

"ESTAREI, COMO DOM BOSCO, SEMPRE COM VOCÊS! . . ."

A Madre, embora passando o dia entre a cama e a cadeira de descanso — por precaução, diz ela — não pára de se prodigalizar

para com as suas filhas, ora escutando esta ou aquela, ora tendo-as agrupadas ao seu redor.

A quem lhe pergunta se poderão alimentar a esperança de revê-la um dia na América, ela responde: "Direi a vocês o que D. Bosco já disse ao Pe. Cagliero na primeira partida dos missionários: 'Mas, sim, que vocês me verão na América; já vou com vocês e com vocês eu ficarei!'

Depois, mostrando o livrinho das Constituições, ele acrescentou: 'Quando vocês tiverem o desejo de ver e de ouvir D. Bosco, peguem este livrinho, leiam-no... e verão e ouvirão D. Bosco!'

Eu lhes digo a mesma coisa — acrescenta a Madre — vocês me ouviram tantas vezes falar-lhes daquilo que está nas nossas Constituições: recordem o que eu lhes disse, pratiquem-no e me terão com vocês; e eu estarei com vocês, em verdade, pelo pensamento, pelo afeto, pela oração." (23)

Das palavras do pai ao grupo missionário, a Madre tira argumento para insistir sobre o dever de se ajudarem, de se compadecerem, de se sacrificarem pelas almas e de santificarem a si mesmas com a observância das Constituições; e quando lhe pedem que descanse um pouco ela logo diz que sim, para recomeçar logo em seguida a dar conselhos e fazer recomendações: "É verdade, sinto me faltarem as forças, mas tenho tantas coisas a dizer-lhes, para que conservem o espírito de D. Bosco e do Instituto lá longe... tão longe... pobres filhas!"

À noite a Madre é atacada por um acesso de febre alta e parece também, com um pouco de delírio, porque não parava de repetir: "Pobres filhas! Só quatro, só quatro!..." referindo-se certamente às quatro que, desde o primeiro embarque, terão de se separar das outras seis. Também isto é um sacrifício imprevisto, mas D. Bosco já disse que providenciará para não mandá-las sozinhas, procurando que um dos seus sacerdotes missionários as possa acompanhar.

DOM BOSCO PRECEDE E A MADRE ACOMPANHA

Na mesma tarde do dia dois, depois de uma nova e paterna bênção aos que vão partir, aos quais distribuiu a própria fotografia, D. Bosco parte de trem para Nice, com a intenção de prosseguir até Marselha, para se encontrar ainda uma vez com os seus missionários.

(23) Relação de Ir. Lorenzina Natale, Ir. Juliana Prevosto e outras.

Na manhã seguinte, a Madre não se encontra em melhores condições de saúde. Por isso continuam os protestos das filhas: "Não vá, Madre, escute-nos! A senhora não quer faltar com a palavra às Irmãs de Saint-Cyr? Nós lhes escreveremos que não pôde mesmo!"

Ao que a Madre responde: "Pensarão que é uma desculpa, para não chegar até lá. Deixem que eu vá vê-las, pobres filhas! Eu ficarei mais tranqüila e elas, mais satisfeitas."

À hora estabelecida a comitiva se encaminha para o porto. Pe. Cagliero, como bom pai, acompanha Madre Mazzarello e Madre Emília até o América do Sul, para colocar no lugar as quatro primeiras que partem, recomendando-as ainda, além de ao comandante do navio, ao bom Padre De Valle e ao clérigo Pestarino, ambos salesianos.

Serenas, embora lacrimosas, ficam Ir. Otávia Bussolino, como chefe, Ir. Ana Brunetti, Ir. Luízinha Vallese e Ir. Ernesta Farina. Esta última diz com um meigo orgulho: "Estamos em primeira classe e temos a viagem paga por uma benfeitora argentina! D. Bosco enxugou minhas lágrimas, dizendo-me de ir de boa vontade para a América, de não ter medo da água, que, mesmo que fosse parar na boca dos peixes, chegarei mais depressa ao paraíso. E a Madre ficou sem o seu relógio para dá-lo a mim!"

Tendo partido o navio América do Sul, os 17 salesianos e as Irmãs, além da Madre e de Ir. Elisa Roncallo, apressam-se a tomar lugar no Humberto I, de onde, após longo e agudo sinal da sirena, ouve-se o aviso: "Passageiros a postos, rápido! Rápido!"

Até Gibraltar estará o Pe. Cagliero, infundindo brio e coragem; depois ele descera com seu grupo de sete para a fundação de Utrera (Espanha) e então... então, adeus! Outro desapego, outro merecimento.

M. Emília, entre algumas benfeitoras salesianas de Sampierdarena, do cais do porto, encoraja e saúda ainda as viajantes: Ir. Josefina Pacotto, Ir. Ângela Gualfredo, Ir. Catarina Lucca, Ir. Lorenzina Natale, Ir. Juliana Prevosto, Ir. Teresa Rinaldi; torna a recomendar a Madre a quem fica, afastando-se depois com o coração amargurado, em oração.

Desta separação à precedente não passaram duas horas.

MADRE EMÍLIA DE VOLTA A NIZZA

Em Nizza toda a comunidade corre a rodear Madre Emília logo que chega: "E então? e então?... E a nossa Madre... e Dom Bosco

e o Pe. Cagliero? e as pobrezinhas que talvez nunca mais vamos ver?!” Durante a recreação, no pátio, ouve o repetido e alegre grito: “Ou Patagônia ou morte!” não só das Irmãs, mas até das educandas; e na aula tem a surpresa de ouvir a declamação de uma poesia que o Boletim Salesiano publicou na ocasião. ⁽²⁴⁾

É um eco da leitura feita nos refeitórios, nas salas de trabalho, nas recreações e que entusiasmou a juventude recolhida no ex-convento de Nossa Senhora das Graças.

Madre Emília se regozija, porque em sua tarefa educativa sabe descobrir eficazmente e cultivar os primeiros germes de vocação religiosa e missionária entre as queridas meninas que, na aula e fora, pendem de seus lábios e que, por sua vez, ficam alegres de se deixarem perscrutar pelos seus olhos inteligentes e serem guiadas por sua mão tão firme.

PRIMEIRAS NOTÍCIAS DE MARSELHA

Chegam finalmente de Marselha as primeiras notícias. Todas escreveram alguma coisa e no conjunto dizem tudo que possa satisfazer à comunidade.

Mar tranqüilo, nenhuma passou mal, exceto a Madre que sofreu e muito! Ter-lhe-ia sido de bastante alívio a cadeira de descanso, que não quisera usar com medo de dar mau exemplo, até que o Pe. Cagliero lhe dissesse com firmeza: “Mas ela está ali de propósito para servir em tais casos!”

Contra toda a previsão, o navio deverá ficar ancorado no porto, talvez um ou dois dias, para alguns reparos; mas tal contratempo alegra as Irmãs que poderão entreter-se por mais tempo com a Madre, que melhorou bastante e está sempre disposta a ouvi-las, a conversar com elas, preparando-as para muitas coisas — também futuras — acrescenta Ir. Pacotto.

Esperando ver D. Bosco chegar logo, recomendam-se às orações de todas, prometem as suas e mandam mil e mil saudações.

Estes particulares, lidos e comentados, deixam os corações em relativa calma; relativa somente, porque Madre Emília não consegue afastar o pensamento de que a Madre esteja atacada de uma grave enfermidade; e se precisasse ficar de cama... lá tão longe... naquelas benditas e ainda tão pobres casas da França?!...

(24) Boletim Salesiano de fevereiro de 1881, ano V, n.º 2, pág. 4-5.

PRESENTIMENTO CONFIRMADO

O penoso pressentimento é confirmado depois de alguns dias pela carta de Ir. Elisa Roncallo. Ela informa ter acompanhado a Madre a Saint-Cyr, logo depois da partida do Humberto I, confortada pela bênção do querido pai D. Bosco, que ficou em Marselha. Descreve a filial acolhida das Irmãs e das orfãzinhas e diz que a Madre foi logo submetida à consulta médica por ter sido novamente surpreendida por febre alta e dores no pleura. O médico foi solícito em aplicar à doente os cuidados e medicamentos necessários, declarando o caso grave. É preciso pois rezar e fazer rezar muito para obter a não fácil cura. Ir. Elisa conclui transmitindo as saudações afetuosíssimas da Madre, tão resistente, serena e paciente. . . e com o pensamento em Nizza.

EM TODAS AS CASAS SE CHORA E SE REZA

A esta notícia, a consternação é geral, e as orações particulares e comunitárias se sucedem sem interrupção. Procura-se esperar em D. Bosco que certamente, para consolar as suas filhas, não quererá fazer a menos de quanto vai operando prodigiosamente pelos estranhos, necessitados de conforto e de saúde; não faltam até aquelas que oferecem a própria vida para que volte à Madre. Mas as notícias não melhoram. São comunicadas a todas as casas da Itália e, em toda a parte, se chora, se teme e se espera, invocando os céus. Até as falecidas são postas em jogo: “Querida Ir. Virgínia, você que já está nas páginas do Boletim Salesiano como uma santa, vá pedir a Maria Auxiliadora que nos deixe a nossa Madre!”

“Ó Irmãs, que estão no céu, podendo interceder por todas nós, tenham compaixão de nossa dor e obtenham a cura de nossa querida Madre!”

TERCEIRO ANIVERSÁRIO DA ELEIÇÃO DO PAPA

Pe. Lemoyne, sempre o primeiro a propor à comunidade o que é possível para seguir as indicações de D. Bosco, desta vez, participando da aflição geral, se limita a bem pouco para distinguir a festa do Papa.

De fato, no domingo, dia 20, terceiro aniversário da eleição de Leão XIII ao sólio Pontifício, não se fez nada de diferente dos costumes dias festivos: não falta, entretanto, um motete de circuns-tância durante a Missa, a comunhão geral e as freqüentes visitas na igreja com a dúplici intenção de obter graças para o Papa e para a

Madre doente. Além disso, o celebrante falou sobre o Papa, mas nada de sessões festivas, nem de alegria especial, como há um mês atrás se pensava fazer.

Entretanto, a bela data não passa sem deixar vestígio. De fato, basta uma simples sugestão do Diretor para que mais de uma Irmã se empenhe em transcrever, para lembrança, algumas expressões mais significativas que o Boletim Salesiano dedica ao Papa, elencando-lhe os atributos.

“O Papa é o grande sacerdote, o Sumo Pontífice, o Príncipe dos Bispos, o sucessor de Pedro.

Ele é aquele que possui na terra o principado de Abel, o domínio de Noé, a dignidade de Aarão, a autoridade de Moisés, a jurisdição de Samuel, o poder de Pedro, a unção de Cristo. É aquele a quem foram confiadas as chaves do reino dos céus, e sem ele ninguém o abre ou fecha. Ele é o Pastor de todo o rebanho. Ele é o Mestre dos mestres; e a ele somente é concedido o divino privilégio de não errar nunca, quando fala ao mundo em nome de Deus (...).

Leão XIII é norma viva de justiça, espelho de santidade, modelo de piedade, conservador da verdade, defensor da fé, doutor das nações (...).” (25)

VIAGEM BORRASCOSA

Das missionárias, que se espera estejam enfim próximas da meta, chegaram apenas algumas lacônicas notícias: sofrimento do coração e do estômago. É natural que levem no coração o pensamento da querida Madre, deixada em penosas condições de saúde, e o vento e o mar não cessam de ameaçar até mesmo a incolumidade do navio. Mas — como já escreveram — elas têm a palavra de D. Bosco que as tranqüiliza.

UM RAIOS DE CONFORTO

No dia 22, “aleluia!” exclama-se por toda a casa de Nizza; torna a brilhar o sol da alegria porque o teor das cartas provenientes de Saint-Cyr e as notícias mais minuciosas fazem pensar que a melhora da Madre não seja somente um raio fugaz de luz, pois o médico a definiu maravilhosa e o bom humor das filhas já se faz sentir tão ruidoso.

(25) Do Boletim Salesiano de fevereiro de 1881 — Ano V, n.º 2, pág. 1-2.

Não é por nada que D. Bosco lhe havia dito: “Agora que já partiram as missionárias, vá se cuidar bem lá entre aquelas boas filhas de Saint-Cyr; lá nos encontraremos”. E D. Bosco — pensa-se — irá revê-la em breve, lhe dará uma daquelas suas bênçãos, que fazem passar da morte à vida, e a nossa Madre cantará vitória e nós com ela.

São todos os argumentos do coração voltado para uma alegre esperança.

A 1.º de março, eis uma outra carta, ainda mais confortadora: D. Bosco já está em viagem para Saint-Cyr; todos contam os milagres de suas bênçãos por onde passa e onde está; e a Madre faz tentativas para dar uns passos e experimenta se poderá recebê-lo fora da cama.

OS TRÊS DIAS DE MARSELHA

Entretanto, Ir. Elisa Roncallo, pedindo desculpas por não o ter feito antes, escreve contando sobre os três dias passados em Marselha, com a veia poética que lhe é própria, e que demonstra a alegria de poder dar às Irmãs o prazer das notícias até agora inutilmente esperadas.

Resumindo:

Guiados pelo Pe. Cagliero, os missionários do Humberto I foram ao Oratório São Leão, para aí passarem o tempo de espera da reparação do navio. Não se esqueceram das Irmãs, que, convidadas a descenderem, foram diretamente para a casa de uma boa família, junto à paróquia de S. José — também aqui encontram S. José em seu caminho.

Lá lhes ofereceram um quarto amplo, onde faltava o necessário, mas capaz de dar lugar para oito colchões feitos de sacos cheios de palha — preparados no momento sob orientação da Madre febricitante — bem alinhados no chão úmido e um tanto escuro. Eis a pequena comunidade mais ou menos acomodada.

Na manhã seguinte, a Madre tenta levantar-se com as outras, mas não consegue; deve resignar-se a ficar deitada. Pe. Cagliero, em hora discreta, vai ver as Irmãs, para assegurar-se especialmente das condições da pobre Madre. Encontra-a contente de experimentar as doces picadas da palha, como Jesus na gruta de Belém, mas prostrada pela febre, apesar de ter baixado um pouco; e confessa de ter sempre mais forte no coração a pena de ver seguir para tão longe *aquela* filha que será a primeira a dar dores de cabeça lá longe...

As bondosas palavras do Pe. Cagliero, entretanto, lhe são de dupla aflição, porque ela percebe quanto aquela pobrezinha conseguiu enganar os superiores; mas, termina com um ato de abandono: "Maria Auxiliadora, lembrai-vos de que, antes de ser minha, ela é vossa filha!"

Pe. Cagliero não se retira sem primeiro dizer baixinho ora a uma, ora a outra das neo-missionárias: "Vocês têm muito que aprender da sua Madre, hein? Seu espírito de fortaleza, de sacrifício, de zelo pelas almas! Olhem e façam o mesmo!"

No último dia, elas encontram ainda Dom Bosco; e dele também aprendem muita coisa. Quanta bondade paterna em acompanhar seus filhos ao navio até a hora da partida, com o mau tempo que fazia! E quanta ternura no adeus!... É melhor não recordar aquele momento para não chorar como criança!

Também a Madre fez a sua parte naquela hora: "Não tenham medo, Irmãs e filhas minhas, dos perigos da viagem; a bênção de Maria Auxiliadora e de D. Bosco as acompanhará. Partam com o propósito de fazer guerra sem tréguas ao amor próprio, à soberba; cultivem o espírito de humildade e de piedade; conservem-se no espírito e no afeto do nosso querido fundador D. Bosco e farão um grande bem!"

Tendo partido o navio, preparam-se para a viagem a Saint-Cyr, onde experimentaram o que seja a luta pela vida. As outras comunicações serão dadas depois da visita de D. Bosco, que agora se espera com plena certeza.

A "IRMÃ DO SILÊNCIO"

No dia três de março morre na casa de Turim aquela que era por todas reconhecida como "a Irmã do silêncio", Irmã Catarina Nasí. Tinha passado os seus quase seis anos de vida religiosa em uma contínua união com Deus, irradiando a paz e a calma dos santos e, ao deixar a vida entre vinte e oito para vinte e nove anos de idade, pôde deixar também o próprio retrato moral na última recordação que deixou: "Tenham o coração desapegado de todas as coisas que não as levem a Deus e ficarão contentes durante a vida e lhes será suave a hora da morte."

FUNDAÇÃO DE SANTO ISIDRO NA ARGENTINA

As notícias sobre a fundação de Santo Isidro, na Argentina, distraem um pouco o pensamento do novo luto de família e enquanto

o coração permanece voltado para Saint-Cyr, continuando em fervorosa oração e em doce esperança, alimenta-se o amor à própria vocação, participando das alegrias e glórias das Irmãs missionárias.

Comunicam, pois, que a Inspetora, Madre Madalena Martini, com Irmã Emília Borgna, Ir. Maria Madalena e Ir. Natividade Rodríguez, fizeram sua entrada naquele pitoresco povoado — a uma hora de distância de Buenos Aires — no dia seis de janeiro, primeira quarta-feira do mês, em meio a um alegre repicar de sinos, acompanhadas de uma distinta fila de senhoras e senhoritas patronas, honradas pela presença do Arcebispo, D. Aneyros, seguido de sacerdotes e de senhores de alta condição e aclamado pelo povo em festa.

A primeira visita foi à paróquia, onde o Arcebispo, com verdadeiro júbilo no coração, havia feito a todo o povo a apresentação delas, “pobres Filhas de Maria Auxiliadora e de D. Bosco” dando a todos os presentes a bênção eucarística.

Ao meio-dia toda a comitiva — também elas quatro, se entende — foram hospedadas pelos beneméritos fundadores da obra — os Senhores Belanstegui — e lá pelas três da tarde ficaram conhecendo a própria residência, logo santificada pela bênção e oração litúrgica de Dom Aneyros.

No dia seguinte Jesus Sacramentado já estava em casa. O Inspetor, Pe. Costamagna, sempre zeloso, fizera sentir a importância de tal privilégio.

Depois... ao trabalho: escolas gratuitas, visitas de caridade a domicílio, distribuição de víveres e de vestuário aos pobres do lugar e dos arredores. Todas estão contentes e ainda mais felizes se as Irmãs que estão para chegar, e outras ainda, vierem logo encontrá-las naquele novo e vasto campo de bem.

Uma nota do Pe. José Vespignani: “Infelizmente, nós não estivemos presentes a esta chegada tão gloriosa! O Inspetor, ausente da cidade, não providenciara a respeito, e eu não pensei que deveria agir; mas o nosso boníssimo D. Aneyros nos fez compreender logo, de modo que eu, ao lhe apresentar as nossas desculpas, me senti no dever de prometer-lhe não faltar mais em outra circunstância, tratando-se de nossas Irmãs!...”

REAVIVA-SE O ESPÍRITO MISSIONÁRIO

Estas notícias, trazidas ao conhecimento da comunidade, geralmente são acolhidas com fragorosas palmas, porque todas sentem que,

não obstante a distância, o espírito do Pai vive e triunfa naquela união de família que é a prerrogativa da obra salesiana.

O Boletim Salesiano também muito contribui para isto: nele se fala de Ir. Virgínia Magone, que durante a longa e nem sempre agradável viagem de mar, a todas animas e convida Superiores e Irmãs para ir semear e recolher o bom grão na América e, enquanto brinca com a sua própria doença, reaviva o amor pela já tão grande Família de Maria Auxiliadora e de D. Bosco.

DOM BOSCO EM SAINT-CYR

Que dizer então ao chegarem as cartas de Saint-Cyr, depois da visita de D. Bosco? São uma compensação ao silêncio das missionárias, as quais, quem sabe, terão apenas alcançado a meta.

Saint-Cyr é exuberante de filial devoção e de gratidão para com D. Bosco, mas é necessário ainda buscar aqui e acolá, para recolher os diversos pensamentos relativos a um e outro sentimento.

Sem determinar o dia e a hora da chegada de D. Bosco à casa — provavelmente na tarde de 28 de fevereiro — dizem que ele quis logo ir ver a Madre, com a qual conversou longamente, voltando ainda a falar-lhe pela manhã e à tarde do dia seguinte. Embora sempre em vias de recuperação, a Madre não pôde ainda permanecer fora da cama e, apesar de se mostrar feliz, por ter podido dialogar com D. Bosco à vontade, vê-se que ela está um tanto preocupada.

Ir. Roncallo, que teve coragem de perguntar a D. Bosco sobre a probabilidade da cura completa da Madre, não obteve senão uma resposta evasiva, enquanto que, a respeito da volta da Madre para Nizza a resposta foi logo afirmativa.

Todas as Irmãs da casa puderam falar com D. Bosco, embora procurado por internos e externos, ficando em todas as almas a inefável felicidade de sentir-se filhas de um santo.

DOM BOSCO EM LA NAVARRE

De Saint-Cyr passou a La Navarre.

Assim também a comunidade de La Navarre tem a sua alegria para comunicar e escreve que D. Bosco lhes fez sentir um pouco de paraíso, prometeu que logo terão a Madre entre elas e deixou também um pouco de providenciais recursos.

CONFIRMANDO A MELHORA DA MADRE

As notícias de 19 de março confirmam a esperança das filhas. A Madre está bem melhor; no dia 17 pôde chegar até “La Madrague” e assistir, no bosque vizinho, à festinha feita em sua homenagem, pelas pequenas órfãs e Irmãs. Agradeceu a todas por terem cuidado dela tão bem e lembrando as palavras de D. Bosco a respeito do futuro daquela casa, ⁽²⁶⁾ exortou as meninas a escutar a voz do Senhor e, se chamadas, seguir fiel e corajosamente a vocação religiosa.

Visto que o breve passeio não a cansou muito, pensa em La Navarre; mas sem a palavra do médico, não se lhe permitirá a viagem de trem.

ESCRITOS CONFIDENCIAIS DE SAINT-CYR

Não passam três ou quatro dias e a Madre Daghero recebe, em Nizza, muitas e queridas cartas confidenciais das Irmãs de Saint-Cyr. Irmã Hugues assim escreve: “A nossa querida Madre nos deixou pesadas no dia de S. José, para ir com suas filhas de La Navarre. O médico não diz que está curada e sim, que sem um milagre, poderá recair na mesma doença e em pouco menos de dois meses ir receber o prêmio eterno! Imagine como nós ficamos!

Mas, quanto bem nos fez esta doença da nossa mui querida Madre!

Antes de tudo, a Madre e Ir. Elisa puderam bem compreender as dificuldades de nossa vida de cada dia. A Diretora é, certamente, muito boa, mas de espírito tão elevado que, muitas vezes, a nossa pequenez não a pode alcançar... e além disso, a falta, às vezes, de tanta coisa que nos é indispensável, nos faz achar, pela nossa pouca virtude, a vida muito difícil...

Mas passemos ao segundo ponto. Não é o caso de escrever um caderno para relatar todos os atos de virtude dos quais fomos objeto e testemunhas nestes últimos quarenta dias, que não sei se chamar dolorosos ou afortunados. Mas, alguns, sim, quero deixar por escrito:

Tínhamos esperado tanto a nossa Madre e para isso havíamos preparado também uma pequena festa. Mas quando ela chegou de Mar-

(26) Quando a 29 de janeiro de 1879 D. Bosco, na visita a Saint-Cyr, confirmou a idéia de Madre Mazzarello de manter lá só a seção feminina do orfanato, diante das poucas internas então presentes, disse com acento profético: “Entre estas teremos os primeiros elos de uma bela corrente de FMA e aqui teremos um magnífico viveiro de Irmãs que não diminuirá, mas aumentará sempre e sobre estas colinas. oh! quantas Irmãs!”

selha estava tão cansada e doente, que nos pediu de deixá-la um pouco tranqüila. Assim fizemos, porém... que espécie de tranqüilidade esta! Depois de alguns minutos começou a andar de cá para lá, por onde havia o que fazer e convidava gentilmente esta ou aquela para falar-lhe se tivesse algo necessário a comunicar-lhe. Então, pensamos acertar, escolhendo o primeiro quarto de hora livre para que as orfãzinhas declamassem as poucas coisas que sabiam. A Madre aceitou, mas logo depois disse: "Não agüento mais ficar de pé; permitam-me ir deitar-me." Daqui começou a sua enfermidade e a nossa angústia.

Em nossa penúria nos tornamos todas industriosas, do melhor modo que podíamos, para não lhe faltar a assistência; as próprias alunas maiores se alternavam conosco, as Irmãs, para qualquer serviço, de dia e de noite; e a Madre tinha uma boa palavra para todas e todas porfiavam para obter um seu olhar, um seu sorriso, cada qual experimentando a felicidade que pode ter uma filha em tratar de sua terníssima e querida mãe.

Quando a Madre percebeu que uma das suas Irmãs sofria por não poder velar como as outras, perguntou-lhe a razão; ouvindo dizer que lhe negavam esta satisfação por não ter aptidão como enfermeira, ela lhe disse: "Oh! está bem, está bem! Vá dizer-lhes que eu lhe ensinarei vez por vez o que deve fazer, você fica contente assim?" Toda alegre a Irmã foi e obteve a desejada licença; naquela mesma noite cuidou da doente e foi tal a bondade da Madre, que ela mesma nem percebeu a sua incapacidade. Ao contrário, ouviu dizer várias vezes: "Veja como faz direitinho! Também esta sopinha que você preparou é tão boa, que nunca tomei uma igual."

Ir. Roncallo dormia no quarto contíguo ao da Madre e nós recoríamos a ela, especialmente quando sentíamos os apertos da casa e o rigor da pobreza, que a nossa Diretora ainda gostaria de acrescentar-lhes. E pensar que desejaríamos estar numa mansão, para ter até o impossível a fim de apresentar à nossa enferma. Um exemplo?...

A panela de sopa não tinha tampa; para não dar à Madre um caldo com gosto de fumaça, usamos um prato para tampá-la. Mas este, usado desta forma poderia se quebrar mais depressa; e então... "Vamos contra a pobreza religiosa!... Não se compreende o espírito de pobreza!..."

Digo-lhe mais uma, já que me deu na veia?

Guardei comigo alguns panos de linho que haviam servido à nossa Madre. Sabendo disso a minha Diretora começou a dizer-me que o meu coração estava muito apegado a estas coisinhas, que Deus,

certamente, não estava contente, que é preciso estar desprendida de todas estas coisas para agradar a Jesus; tanto que, quando a Madre foi embora, ela me fez entregar-lhe tudo para queimar. E o que aconteceu? Junto com os pequenos panos, por mim escolhidos como relíquia, queimou também um envelope igual àquele que continha “o meu tesouro”, no qual estavam duzentas libras oferecidas pelo Inspetor Pe. Cerruti, quando aqui esteve acompanhando D. Bosco até Alássio.

Quem pode imaginar o seu pesar? Humilde como é a Diretora, logo se apressou a chamar-me e contar o sucedido. E eu, em vez de confortá-la: “Aí está! A nossa Madre é uma santa e Deus não ficou contente que a senhora tenha queimado tudo assim!”

Senti, porém logo o remorso e acrescentei: “Certamente o seu fim era bom e Jesus nos quis dar uma lição. Quem sabe, falando ao Inspetor...”

A Diretora lhe escreveu no mesmo dia, e hoje, eis que temos de novo as duzentas libras, para fazer sorrir a nossa pobre Saint-Cyr e fazer-nos tocar com as mãos que o Senhor não está ali a medir os nossos atos, segundo as nossas fraquezas, mas sim, para premiar-nos pela nossa humildade. Como é verdade que de tudo e de todos temos o que aprender. Mas, nossa querida Madre Catarina, perdoe-me se entre as outras minhas ousadias, acrescento mais esta: como é mesmo verdade que “il troppo stroppia” (o que é demais atrapalha) mesmo em se tratando de santidade!...”

A Vigária Geral sorri com estas conclusões tão espontâneas, embora não sejam de consumada perfeição, mas não deixa de tirar delas a moral para o bem de todas.

Ir. Sampietro junta o seu apêndice ao escrito de Ir. Hugues: “Mesmo doente a nossa Madre continuou a animar-nos e a nos afevorar no amor de Deus e da nossa celeste Mãe, Maria Auxiliadora; na observância das Constituições e na estima ao Instituto, que dizia ser verdadeiramente inspirado por Nossa Senhora, para as necessidades do tempo. Não passava um dia sem nos exortar à conquista do espírito de D. Bosco e exercitar-nos na humildade, no sacrifício, sem fazer pesar sobre outrem as pequenas misérias de cada momento e confiando sempre mais na divina Providência.

Oh! quanto ela sofreu nestes tempos, com todos aqueles vesicantes que lhe aplicamos nas pobres costas e com aquela abundante transpiração, que a mantinha em um constante banho quente e frio. Mas sempre paciente sem um lamento; seu único desejo era ir morrer junto às suas filhas de Nizza.

Enquanto seu estado era grave, eu também não estava boa e ela se ocupava mais de mim que de si mesma, e me dizia: “Tenha cuidado, Ir. Maria, obedeça ao médico; tome o que lhe for ordenado; não fique a pensar que vai morrer, pois — sou eu que lhe digo — você vai ter ainda tempo de se tornar velha.”⁽²⁷⁾ E se interessava junto à Diretora para que eu tivesse todo o cuidado possível. Agora ela nos deixou, mas nós a conservamos igualmente nos olhos e no coração e queremos consolá-la, pondo em prática as suas maternais recomendações.”

OS PARTICULARES DE LA NAVARRE

Quase contemporaneamente às de Saint-Cyr, chegam as notícias de La Navarre.

“A entrada da Madre na Colônia S. José é logo assinalada por um ato de humildade: ‘Sinto tanto de ter vindo hoje, porque a viagem em dia santo não é de bom exemplo a ninguém, mas não pude fazer diversamente. Vocês me perdoem, como sei que o Senhor já me perdoou.’”

Aqui parou pouco e, embora adaptando-se às horas de repouso que lhe foram prescritas, pôs-se à disposição das suas filhas, encarregando Ir. Elisa de visitar todas as partes da mais que humilde casa; de indagar sobre a visita de D. Bosco no ano anterior e enfim de interessar-se dos mínimos particulares que, freqüentemente, dizem mais do que certas coisas consideradas importantes.”

Uma Irmã neo-professa, muito tímida, nem levantava os olhos diante da Madre; esta então, encontrando-a lhe pergunta: “Se eu precisasse de um seu ato de caridade, você me faria? . . . Olhe, venha pentear-me e eu lhe ficarei muito grata!” A Irmã, confusa, a segue, faz-lhe aquele serviço pessoal do melhor modo possível e a Madre, por sua vez, lhe dá ocasião de falar e de rir; assim ganhou totalmente o coração e a confiança da filha.

A Madre, depois de ter visto e experimentado — não obstante os cuidados filiais — os apuros domésticos de La Navarre, dirige àquelas suas filhas a sua palavra de exortação conclusiva, recordando a casa santa de Nazaré e o espírito que lá prevalecia. Encoraja suas queridas filhas a se modelarem em Jesus, Maria e José, para valorizar e amar aquele estado de miséria, que é o seu martírio de cada momento

(27) Ir. Sampietro morreu aos 70 anos de idade.

e que, sem ser estragado pelo amor próprio e pela vaidade, as consuma inteiramente para Deus e para as almas.

Os olhos da Madre são velados pelas lágrimas, porque, entre as presentes, revê com o pensamento a meiga Ir. Maria Gariglio, primeira vítima daquela colônia agrícola; ela era uma jóia de humildade e de caridade e de seus lábios, até o último dia, não saía outra palavra senão esta: "La Navarre! La Navarre!"

É o caso de perguntar o que teria sido esta "La Navarre", tanto para os salesianos como para as nossas Irmãs, se a página da visita de D. Bosco com Pe. Cagliero, em fevereiro do ano passado, registra as seguintes passagens:

"O nosso bom pai, que parece gostar tanto que a pobreza seja a rainha de suas casas, aqui entre nós ficou comovido e deixou uma certa quantia ao bom Diretor, para ajudá-lo nas necessidades mais urgentes da comunidade.

O teto caído continua descansando-se; pelas frestas das paredes entra vento e chuva à vontade; o piso, nem se sabe de que seja revestido; os insetos, que de dia ficam escondidos nas rachaduras das paredes, de noite dominam por toda a parte.

Os meninos estão rasgados de tal forma a fazer dó; trocam de roupa várias vezes na semana e alguns, todos os dias, mas se cobrem novamente de farrapos, que nós lavamos e tornamos a lavar, até que acabam servindo para encher os colchões quase vazios, no lugar das palhas de milho, que nos faltam por não termos dinheiro para comprá-las.

O padeiro não quer mais dar-nos o pão e quando se consegue obtê-lo, nem sempre chega para todos. Nós o tiramos da boca para dá-lo aos Superiores.

Aqui há bois e vacas em bom número; umas vinte ovelhas, seis cabras, duas mulas para o arado. Poderíamos ter a providência do leite, mas desde o princípio, dizem, não era costume utilizá-lo; nós não sabemos nem nos arriscamos a ordenhar; assim que fica para aguar os campos, enquanto para nós resta a pena de vê-lo desperdiçado inutilmente e o sacrifício de ter que ir procurá-lo noutro lugar, quando se pode; e a fraqueza que sentimos entre trabalho e escassez de alimento, nos faz chorar, mesmo quando não se quereria e não se deveria fazer isto.

O Diretor, Pe. Perrot é um santo; mas o único conforto que nos sabe dar é: "Oração e sacrifício! Deus vê e sabe tudo! Vamos adiante; recolherão aqueles que vierem depois".

Um dia lhe perguntamos se, precisamente para os que vierem depois de nós, não se deveria escrever alguma lembrança do que se está passando; e ele, sacudindo os ombros, nos respondeu: "Mas se esta é a história de todas as fundações de caridade! E depois, já está tudo escrito no coração de Deus, não basta?!".

Com semelhante modelo sob nossos olhos, que nos resta fazer? Apenas o silêncio e ir para a frente até que se possa e que Deus queira".

A página é por demais eloqüente, tanto que a comunidade de Nizza, para a qual foi resumida, declarou: "Quem sabe como terá sofrido a nossa querida Madre com estas notícias; e também como terá ficado alegre pensando ter filhas tão generosas e heróicas! É inútil! sem espírito de sacrifício não se pôde ser como se deve ser, para fazer o bem à juventude e nos santificar. Coragem pois, e... sempre mais coragem!"

A MADRE EM NICE

De La Navarre a Madre passa a Nice, fazendo uma outra breve parada e se encontra, como desejava, com o pai D. Bosco.

Ela lhe dá a relação do que fez nos últimos dias, de suas impressões e de seus temores; depois, com simplicidade, fala também de seu estado de saúde e termina perguntando-lhe: "Pai, eu irei sarar completamente?"

Ele, após uma breve divagação, começou a lhe contar em tom afável:

"Um dia, a morte se apresentou a um convento, chamando a porteira para segui-la.

— Não posso! — ela responde — não há outra para me substituir aqui.

A morte então entrou livremente no convento, convidando a segui-la todas as que encontrava em sua passagem: professoras, estudantes... e até a cozinheira, mas de todas recebia a mesma resposta:

— Temos muita coisa a fazer ainda.

— Bem, — disse a morte a si mesma — vamos com a Superiora!

Também dela obteve uma fileira de boas razões para que a proposta fosse prorrogada. A morte, porém, foi intransigente:

— A Superiora deve preceder a todas com o bom exemplo, mesmo em se tratando da viagem para a eternidade. Vamos, pois!

E a Superiora, abaixando a cabeça, teve que ir.”

O apólogo não podia ser mais claro para a pronta intuição da Madre, que, com um sorriso significativo e inteligente, dobra o joelho para ser abençoada, agradece por si mesma e por todo o Instituto e, mais uma vez, guarda em seu coração aquele espinho que já se fizera sentir quando advertida com a predição daquele Superior Geral. ⁽²⁸⁾

Entre as Irmãs, ela ainda sorri e, de quando em quando, com seu gesto habitual de terno e forte amor, aperta o crucifixo que lhe pende do pescoço. Recebe a cada uma para um diálogo particular e, nas breves palavras de adeus, a Madre conta à pequena comunidade, ainda uma vez, a aparição de Ir. Luízinha Arecco, para obter sufrágios como já fez nas duas casas precedentes da França. Depois de ter repetido o seu pesar por ter que viajar no domingo, recomenda: “Não nos maravilhemos de coisa alguma e de ninguém, mesmo se por acaso fôssemos testemunhas de graves ofensas ao Senhor, mas rezemos e estejamos atentas, pois que se Deus não conservasse sua mão sobre nossa cabeça, talvez e sem talvez, cairíamos ainda mais baixo do que aqueles que agora estamos para condenar. Não o esqueçamos nunca, queridas Irmãs: caridade e humildade têm sempre um largo manto para cobrir as misérias dos outros.” ⁽²⁹⁾

ÚLTIMA ETAPA EM ALÁSSIO

De Nice segue de trem para Alássio, onde passará a festa da Anunciação. A alegre acolhida das Irmãs responde mais com o sorriso do que com as palavras: “Estou sentindo tanta canseira!”

— Madre, descanse alguns dias conosco — apressam-se a dizer as Irmãs — e ela:

— Sim, sim! Ficarei um pouco por aqui, embora continuamente me escrevam de Nizza: “Venha! Venha!”

Este ano a festa da Anunciação cai em sexta-feira e, embora festa de preceito, não há dispensa da abstinência; a Madre não pensa de servir-se de carne, diante de uma aspirante que está sentada à mesma mesa. As Irmãs então declaram em coro: “A lei da abstinência não é para os convalescentes como a senhora, Madre! A jovem já está avisada, tem bom critério e não se escandalizará, não!”

Mas a Madre resiste até que, antepondo-se a palavra do bom Diretor salesiano, ela se adapta imediatamente, dizendo em voz alta:

(28) Cf. pág. 245-246.

(29) Relação de Ir. Carlota Pestarino e de Ir. Domingos Barbero.

“Também esta é uma obediência! Os preceitos da Igreja devem ser sempre respeitados, sempre; mas se, quem fala em nome da Igreja, por acertadas razões, nos diz de fazer diversamente, não resta que obedecer e o mérito é igual, senão ainda maior!” (30)

Entre sábado e domingo, recebe, em colóquio particular, cada Irmã, terminando depois com algumas palavras a toda a comunidade: “Depois de estar com as Irmãs de La Navarre, certamente, aqui vocês me parecem rainhas. Por caridade, não se permitam nenhum abuso nesta abundância; atentas à gula, atentas à mortificação! Atentas com a ordem externa e mais ainda com a da alma. Jesus deve estar sempre contente de vir a seus corações; e quem as encontra ou as surpreende no trabalho deve poder dizer: ‘Como se percebe que elas estão na presença de Deus!’”

Não nos esqueçamos de sufragar Ir. Luízinha Arecco, para que vá o mais depressa possível para o Paraíso.”

A sua voz enfraquecida comove; as suas palavras são acolhidas como pérolas preciosas e, quando a Madre parte para a suspirada Nizza, os seus olhos e os das filhas estão em pranto. Será que ainda a veremos um dia?

Na segunda-feira ela é acompanhada até a estação ferroviária por um bom número de Irmãs de casa, que a vêem continuamente apertando aquele bendito crucifixo e entreolham-se como a dizer: “Como sofre a pobre Madre! Está contente de voltar para Nizza, mas tem os olhos rasos de lágrimas.” (31)

Durante a viagem, além de Ir. Elisa, está uma outra Irmã que, em alguma estação intermediária, indiferentemente, se põe de pé para espiar da janelinha do trem. Por uma ou duas vezes, a Madre fez como se não percebesse; depois, sem dizer uma palavra e com desembaraço, abaixa a cortina e sorri. “A lição, não a esquecerei tão depressa!” diz a Irmã.

A SUSPIRADA VOLTA

Não vamos falar da espera no Colégio de Nizza Monferrato, tanto mais depois das cartas de Ir. Elisa, chegadas nos dias 19 e 25, confirmando a volta da Madre, sempre mais próxima. Grandiosas e belas foram as festas de S. José e da Anunciação: duplas homenagens

(30) Relação de Ir. Luíza Desirello.

(31) Relação de Ir. Domingas Barbero.

do espírito e do coração! Podemos imaginar, pois, as ânsias e os preparativos da recepção.

Aquele 28 de março ficou no coração de todas como uma data inesquecível! Descendo pela alameda que, do ex-convento, leva ao primeiro cruzamento aberto das ruas da cidade, estão as duzentas filhas, Irmãs e alunas, esticando o pescoço, levantando os braços ou batendo palmas e exclamando: "Viva! Viva a Madre!" E todas a circundam festivas, acompanhando-a até a porta da casa, para depois desfilarem sempre mais comovidas e cantarem na Igreja o Te Deum de agradecimento.

Sim. A Madre voltou, mas como está abatida! Voltou a Madre pela qual tanto se rezou e chorou. Mas como está cansada, como emagreceu!

Depois do canto e da solene bênção do SS. Sacramento espera-se revê-la ainda e manifestar-lhe, com outros cantos e música, a comum alegria e o unânime voto augural. Há um alegre repicar de sinos por toda a casa, mas a Madre não agüenta mais e pede, por favor, de se retirar ao quarto e deitar.

— Sim, querida Madre, deixemo-la repousar. Nós a teremos mais disposta em outro dia; entretanto, está conosco e seja louvado o Senhor.

Assim cada uma vai discorrendo e a voz passa, de corredor em corredor, como uma onda de tristeza e de esperança, enquanto a noite desce com o silêncio da paz, que convida a uma horinha ainda de trabalho e de estudo recolhido; depois o jantar rápido, a recreação abreviada, a oração fervorosa e o sono mais ou menos restaurador.

No dia seguinte a Madre permanece na cama; assim querem as filhas e assim ela também acha necessário. Na quarta-feira, ao contrário, grande festa o dia todo, na igreja e fora, como expressão de reconhecimento comum a Maria Auxiliadora e a São José, pelo restabelecimento da Madre e homenagem filial a ela, que voltando havia trazido a alegria a toda a casa.

Entre as postulantes que entraram na ausência da Madre, há uma certa Antonieta Baratti, que, enxugando o pranto conta as suas impressões daqueles dias: "Toda a casa em festa; todas a falar sobre a Madre e atarefadas, preparando-lhe um extraordinário acolhimento. Eu não podia compreender a razão de tanto afeto, e meu coração permanecia indiferente e frio. Pensava em minha mãe, da qual fugi para fazer-me religiosa, pensava nas dificuldades a superar; não esperava senão o momento de voltar aos meus, quase descontente pela

bondade da Madre Vigária, Madre Catarina Daghero, que me fizera esperar pela Madre Mazzarello. Não sei dizer o que experimentei quando a mestra das postulantes, Madre Petronila, me apresentou à Madre, ainda no percurso da alameda, antes da chegada, dizendo simplesmente: 'Madre, esta quer ir-se embora'. Oh! o olhar da Madre! E as suas palavras: 'Tenha coragem, que depois nos encontraremos!'

Agora, quase tenho pena de sentir novamente vontade de ficar.

E se depois a Madre, como disse — vai se encontrar... *'a quattr'occhi'* ⁽⁹⁾ com as postulantes... e se me aconselhasse de ficar, seriamente... ah! pobre Antonieta!"

Sim. A Madre realmente fez compreender que vai descansar e durante o dia, a qualquer hora, chamará as novas chegadas; mas ficou ocupada mais do que esperava com as notícias de família e seus relativos problemas, ⁽³²⁾ assim que a oportunidade da alegria deste encontro foi adiada para as postulantes.

DAS IRMÃS DE ALÉM-MAR

As queridas Irmãs que partiram com o América do Sul chegaram a Buenos Aires na tarde de 27 de fevereiro. Entre aquelas do Humberto I, as que deveriam ficar em Montevidéu chegaram a 1.º de março, enquanto que as outras prosseguiram no dia seguinte para a Argentina.

Umas e outras não receberam muitas "gentilezas" do mar, ao contrário, passaram dias de verdadeiro perigo, pela fúria dos ventos e o turbilhão das ondas do Atlântico; todas, porém, tiveram a graça de assistir, cada dia, à santa Missa e fazer a comunhão, como se o Céu quisesse dar-lhes prova de sua especial proteção.

Tinham-se proposto estudar um pouco de castelhano e de seguir o horário da comunidade, mas entre as quatro primeiras somente Ir. Otávia Bussolino teria podido ser professora improvisada, tendo recebido em Turim algumas lições do Pe. Cagliero. E depois, com todo este "mal de mar"... livros, cadernos e exercícios práticos foram pelos ares. Entre as seis do Humberto I não havia nenhuma que soubesse ou que tivesse vontade de aprender o espanhol, tanto eram sacudidas pelas ondas e tomadas de um certo receio, que combatiam à força de repetir: "Maria Auxiliadora dos Cristãos, rogai por nós."

(*) Expressão típica italiana que significa: encontro de duas pessoas.

(32) Ver Anexo (Allegato) n.º 10.

Quanto às práticas de piedade e silêncio, fizeram do melhor modo possível, mas para o refeitório e o retiro à cabine tiveram que adaptar-se às situações do momento. ⁽³³⁾

A "CRUZ" PREVISTA SE DELINEIA

A nota mais triste veio das informações da boa Ir. Pacotto, precisamente em relação à pobre Irmã, pela qual a Madre tinha manifestado as suas reservas e apreensões.

A sua leviandade dera muito que pensar durante a viagem. Na ilha de S. Vicente começou a ser rodeada por pessoas mal intencionadas e foram vãs as admoestações e cuidados das Irmãs.

É realmente penoso constatar como, depois de tantas promessas de se querer ser a consolação de D. Bosco e da Madre, para ser também de Jesus e de Maria Santíssima, alguém se encontre em perigo de comprometer a honra da Congregação, por atitudes de superficialidade. Ir. Pacotto, responsável das cinco companheiras de viagem, apesar do festivo acolhimento das Irmãs do Uruguai, não consegue reter o pranto; e pede que rezem para que não aconteça coisa pior. Pede perdão pela dolorosa comunicação e promete querer ser tão perfeita na observância das santas Constituições, que possa reparar toda a falta da pobre Irmã, que entretanto chegou a Buenos Aires.

Ir. Pacotto compreende agora as palavras da Madre que, ao embarque no Humberto I lhe dizia: "Tenha coragem, Ir. Josefina, virá o momento em que a cruz se fará pesada, muito pesada; mas então será o tempo de apertá-la ao coração e de prometer fidelidade ao bom Deus!" E começou bem depressa, para ela, o tempo do sofrimento. Ao recordar esta precisa alusão, Ir. Josefina não esquece as palavras da materna exortação: "Recorde-se de que os espinhos sofridos por amor de Deus se transformarão em rosas! Diga sempre tudo a Nossa Senhora, penas e consolações, e encontrará uma Mãe infinitamente mais querida do que aquela que você deixa aqui na Itália!"

Os escritos de Buenos Aires, com as notícias resumidas da travessia e a alegria do encontro com as Irmãs da capital argentina, trazem a Nizza o agradecimento da Inspetora, pelo auxílio enviado e não deixam de acenar à "cruz" que se vai esboçando, cara vez mais dura e aflitiva.

(33) Boletim Salesiano de maio de 1881 — Ano V, n.º 5, pág. 8-10.

Era de se esperar. A Madre volta ao pensamento de que se existiram e existirem os escândalos, a culpa é toda sua; se tivesse sido mais resoluta em opor-se àquela partida, ou melhor, se tivesse falado mais claramente com D. Bosco... talvez se teriam evitado tais conseqüências. Sempre mais clara se faz diante dela, como já disse várias vezes, a necessidade de colocar a Congregação em mãos mais aptas que as suas.

A MADRE SE PREPARA E PREPARA...

Não é a primeira vez que a Madre expõe estes sentimentos. Além de dizê-lo à boa Ir. Pacotto, em sua humildade e simplicidade, disse-o também a outras que, por sua "ignorância", não está em condições de ir adiante, que oferece voluntariamente a sua vida pelo Instituto e por algumas Irmãs, que não seguem o reto caminho. As Superiores lhe dirigem palavras de encorajamento carinhoso, mas ela permanece em sua lucidez de espírito: triste não, mas forte e segura.

A primeira noite em que se encontra com a comunidade para a boa-noite, depois de sua volta da França, responde à alegria das filhas com a singela narração do apólogo, contado a ela por D. Bosco, em Nice, e repete como conclusão: "Não é necessário alegrar-se demais, nem se entristecer demais por coisa alguma deste mundo!"

ENQUANTO DECLINA, CONTINUA A DOAR-SE

Os seus dias "de convalescente" são facilmente descritos: para a santa Missa está em seu lugar na igreja, e assim para as outras práticas de piedade durante o dia. No refeitório vai com todas as outras, pontualíssima como uma noviça; no recreio faz como pode ou como lhe permitem de fazer. Quando participa do recreio da tarde ela é o centro com as Irmãs e postulantes; interessa-se de todas e de cada uma e mantém todas alegres, experimentando as vozes para o canto e encorajando as que são desafinadas a acompanharem o coro, com a voz moderada e baixinho. ⁽³⁴⁾

Durante o dia ela se encontra cá e lá, onde sabe que está alguma Irmã, fazendo algum trabalho; escuta quem lhe quer falar e, se pode, escapa da amorosa vigilância de Madre Emília, para tentar fazer algum trabalho que não é mais para ela.

A noviça, Ir. Luiza Bardina, lembra ainda muito bem, quando, em dezembro próximo passado, em um dia de muita neve, a Madre

(34) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

se pôs a ajudá-la junto ao tanque de lavar roupa, dizendo-lhe: "Oh! se pudesse fazer tudo sozinha para evitar-lhe estar aqui neste friol!" Agora ela conta: "Ainda hoje a Madre tentou aproximar-se do serviço da lavagem de roupa; mas veio a Madre Emília chamá-la para ir atender ao parlatório e ela com um bônário: "Vá você para mim!" dirigiu-se para outro lugar. Feliz de quem a encontrou!"

A já citada Antonieta Baratti foi uma das primeiras a ser chamada pela Madre. Passada a doce impressão da festa da chegada, ela se entregou outra vez ao desânimo; e, feita sua "trouxinha", preparava-se para ir-se embora. Mas, surpreendida no ato pela própria Madre, foi colocada no centro da rodinha das postulantes e ali, com seu pacote nos ombros, teve que se ajoelhar e recitar três Ave Marias...

Uma razão a mais para ser logo chamada "a quattr'occhi" (frente a frente) como temia.

"Deus a chamou aqui — lhe disse bem séria a Madre — e aqui você deverá ficar. Terá que sofrer e fazer penitência; mas se salvará; enquanto que, se voltar para casa, vai se perder! Agora, faça como quiser!"

E a boa Ir. Antonieta está ainda entre nós, porque não pode cancelar do pensamento as fortes palavras que a Madre lhe disse e reza com um fervor cheio de lágrimas.

"As Irmãs já me haviam falado da bondade da Madre — disse às companheiras a postulante Carolina Masoero — mas, por quanto se diga é pouco! Parece que eu seja a única, à qual ela deva fazer o bem nesta casa; enquanto deve ser para cada uma a mesma coisa, porque todas, para agradar-lhe, se jogariam no fogo.

Desafio eu! Sabendo que ela ainda estava com os braços chagados pelas "moscas de Milão"⁽³⁵⁾ que lhe estão sendo aplicadas, e vê-la tão fraca que mal pode ficar de pé, a aproximar-se de vez em quando do pesado trabalho da lavanderia! Fazem muito bem aquelas que, neste caso, usam de todos os meios para afastá-la destes trabalhos. Deveria e queria também eu fazer o mesmo, mas, de-veras, não tenho coragem."

Sentada em um banquinho na sala de trabalho, para não causar constrangimento, a Madre chama ao seu lado ainda a tímida e cândida

(35) Moscas de Milão — preparado medicinal aplicado como emplastro vesicante.

noviça, Ir. Luiza Bardina. Enquanto costura, tendo nas mãos um corpetinho para uma órfã da casa, faz algumas perguntas com o fim de compreender esta filha de pouco mais de dezessete anos. A um certo ponto ela diz: "Estou pregando o último botão, porém não me sinto mais de escutar outras Irmãs. Que você acha que eu devo fazer?" E ela: "O! Madre, vá tomar um pouco de ar no jardim!" A Madre foi efetivamente ao jardim a fazer sorrir outros corações.

"EU LHES DIGO AINDA"

Na hora da boa-noite a Madre repete: "Eu lhes digo ainda, estão contentes? Não confiem naquelas que fazem dengos e lhes demonstram muito afeto com adulações, cumprimentos e estorinhas; estas não são as mais dedicadas ao próprio dever e, geralmente, são as mais egoístas e as menos sinceras, porque não procuram outra coisa senão a satisfação própria e ganhar o coração dos outros, especialmente das Superiores, para obter o que imaginam conseguir. Querem saber quais são as que amam mais e melhor? São as mais dóceis, as mais obedientes, as mais observantes das santas Constituições."

ÀS IRMÃS DA PATAGÔNIA

Ela quase nunca está junto à mesinha que lhe serve de escritório e menos ainda com a caneta na mão. Às Irmãs da Patagônia ela declara o porquê:

Viva Jesus!

Queridas Irmãs patagônias,

recebi com prazer as notícias de vocês e tardei em responder, esperando restabelecer-me melhor da doença que tive e assim poder escrever de meu próprio punho, como vocês desejam. Mas, vendo que continuo sempre fraca, por tanto tempo ainda, resolvi escrever-lhes pela mão de outrem e vocês ficarão contentes da mesma forma, não é verdade?

Então, Ir. Catarina está doente? Pobrezinha! Dêem-lhe muita coragem, de minha parte, dizendo que seja sempre resignada à vontade do Senhor e que sofra sempre com paciência e resignação. Oh! quantos belos merecimentos ela alcançará! Eu penso que ela vai sarar logo, vocês são muito poucas para deixar que uma se vá para o Paraíso; e depois, ela não trabalhou ainda bastante, portanto, é preciso que sare e se torne uma grande santa e ganhe muitas almas para Deus. Não lhes recomendo que tenham todo o cuidado com ela, pois estou certa de que já o fazem.

Desejaria dizer uma palavra em particular para cada uma, mas não dispondo de bastante espaço numa carta, digo a todas que as recordo sempre e rezo por todas de modo especial, todos os dias ao bom Jesus. Recomendando-lhes muita humildade e caridade; se praticarem estas virtudes o Senhor abençoará a vocês e suas obras, e assim poderão fazer um grande bem.

Todas as Irmãs da Europa as saúdam de coração e as recordam sempre; rezem por todas; rezem de modo especial pelas doentes entre as quais se acham a reverenda Ecônoma, Ir. Catarina Massa, e Ir. Tersilla.

As notícias particulares lhes terão dado as Irmãs de Buenos Aires e por isso eu termino, recomendando-me muito às suas orações; deixo-as no Sacratíssimo Coração de Jesus no qual estarei sempre.

Nizza, 10 de abril de 1881

Sua afma. Madre
Ir. Maria Mazzarello ⁽³⁶⁾

SEMPRE TODA PARA OS OUTROS

Em seu vaivém pela casa, onde se está fazendo a chamada “limpeza da Páscoa” ela não esquece os dormitórios, onde pode ser que esteja alguma doentinha. De fato, encontra Ir. Rosa Bertone, à qual pergunta:

— Já lhe trouxeram alguma coisa?

— Não, Madre, ela responde um pouco confusa. Depois do remédio que eu tomei na hora do café, não vi mais ninguém.

— Oh! pobrezinha! pobrezinha! e estamos já de tarde! — exclama a Madre cheia de bondade. Vou depressa mandar que lhe preparem uma sopinha.

Pouco depois a Irmã a viu chegar, quentinha e saborosa.

Uma Irmã deve trocar de casa e avisa que a sua malha de lã está rasgada, que precisa ser substituída. A Madre prontamente:

— Dê-lhe aquela que compraram para mim nestes dias.

— Mas, Madre, se compraram é porque a senhora precisa...

— Está bem, mas agora, a primeira necessidade é para quem deve partir.

(36) Cópia no Arquivo Geral da FMA.

Na mesma circunstância se lhe apresenta uma segunda que está precisando de sapatos.

— Pegue os meus, são quase novos e me parece que lhe servirão bem. Para mim, vão melhor estes tamancos, por enquanto.⁽³⁷⁾

Habitualmente a Madre prefere providenciar o necessário por meio de outras; assim o agradecimento vai diretamente para o alto, ao bom Deus.

PE. COSTAMAGNA DÁ O ASSUNTO PARA A ÚLTIMA CONFERÊNCIA

Com as últimas notícias da América, chegou também uma carta do Pe. Costamagna; e para que todas se alegrem e aproveitem, a Madre faz a leitura da mesma em comunidade. Ao belo fecho: “Madre, peço-lhe perdão se em Mornese lhe dei algum desgosto” as Irmãs dizem: “Quanta humildade de sua parte e que estima pela nossa santa em carne e osso!”⁽³⁸⁾

Na costumeira conferência semanal à comunidade, a Madre tira argumento da mesma carta do Pe. Costamagna, para fazer com que todas renovem o propósito de praticar aquelas virtudes que nela se tornaram naturais.

Quem nos deu, Irmãs, um Pe. Costamagna, um Pe. Cagliero, um Pe. Rua e outros santos sacerdotes, cada qual mais zeloso que o outro para fazer-nos o bem, para confortar-nos, para dirigir-nos na via da perfeição? Dom Bosco; o nosso bom pai Dom Bosco! E quem nos deu Dom Bosco por pai? O Senhor e Nossa Senhora, os quais, por meio de Dom Bosco nos dizem o que querem de nós.

Mas o que eles querem de nós está escrito nas Constituições que Dom Bosco nós deu, depois de ter pensado e rezado muito. Vocês crêm em tudo isto? Se o cremos a nossa mesma consciência nos diz que não fazemos aquilo que o Senhor e Nossa Senhora querem de nós, quando não observamos as nossas santas Constituições.

Dom Bosco sabe o que Nossa Senhora, vez por vez, quer de suas filhas — que somos nós — de modo que, não contente de nos ter dado as santas Constituições nos diz também, ou nos faz dizer cada vez, o que devemos fazer em todas as circunstâncias. Se acreditamos nisto, devemos crer também que, por obediência e por reconhecimento, não devemos opor dificuldades e demora em seguir

(37) Relação de Ir. Elisa Marocchino.

(38) Relação de Ir. Luízinha Boccalatte.

o que nos foi indicado. A simplicidade que Dom Bosco quer de nós é puramente a simplicidade da fé, mas a fé das crianças, não de quem pensa fazer como achar bom. Vejam, um menino ainda inocente acredita logo em tudo o que o pai lhe diz; e se tiver bom caráter e bom coração não espera a ordem para fazer isto ou aquilo, mas conhecido o desejo do papai, faz logo como lhe foi dito.

Assim nos quer D. Bosco; e assim nos quer Nossa Senhora para sermos como o Senhor nos quer.

Pode acontecer que alguma, ou ainda por experiência já feita ou por dificuldades da vida quotidiana, ou ainda por outros motivos, sinta como dever raciocinar sobre uma ordem ou um conselho vindo de Dom Bosco ou de quem o representa. Eu penso, ao contrário, que um tal desejo de raciocinar deve ser afastado como verdadeira tentação contra a fé, e que a única coisa a dizer seja esta: "Se assim quer Dom Bosco, assim devemos fazer!"

Não se tem visto até agora que, praticando logo o que D. Bosco sugeriu, tudo correu bem? Que quando não se fazem tantos raciocínios a respeito do que nos dizem de fazer, a obediência é mais fácil e nos deixa também a alegria no coração?

A conclusão, portanto, vem por si mesma: conservemo-nos simples também na obediência; e nos mostraremos reconhecidas, não nos arrependemos nunca de ter feito ou dito alguma coisa quando agimos segundo Dom Bosco, nosso querido pai.⁽³⁹⁾

A MÃE NA RECORDAÇÃO DAS "FILHINHAS"

Também as alunas internas desejariam que a Madre estivesse um pouco com elas, mas, sabendo que devem ter cuidado para não cansá-la, a fim de que se restabeleça mais depressa e bem, contentaram-se em aguardar, enquanto vão contando em suas rodinhas o que sabem dela e as gratas impressões conservadas em seus corações.

Angélica Sorbone, que se poderia denominar o mais fiel "noticiário mornesino" nos dá estes detalhes:

"Com sete anos pouco mais ou menos, a Madre já me queria ver ajuizada como se tivesse quinze! Um dia, ao encontrar-me após a confissão, me pergunta: "Que penitência lhe deu o confessor? "Quando eu ia abrindo a boca para falar, ela com o dedo nos lábios: "Silêncio, Angeliquinha! O que se ouve em confissão é segredo, lembre-se bem!"

(39) Relação de Ir. Elisa Roncallo, Ir. Luízinha Boccalatte e outras.

Noutro dia deu-me esta lição:

— O que lhe serviram hoje à mesa?

— Batatas fritas, Madre!

— Gulosinha! Não fica bem falar daquilo que se comeu, como também não é coisa boa ficar pensando sobre o que nos poderão dar na próxima refeição.

Uma vez eu estava servindo de roca, segurando a meada de fio de meia que a Madre estava enovelando; como eu mexia depressa os braços de cá e de lá para terminar antes, a Madre me disse: 'Você já tem sete anos e ainda com tão pouco juízo?' "

"Vocês se lembram — começa a contar Anunciata Vespignani, daquela quinta-feira em que a Madre veio ao recreio conosco, e nós como fazíamos toda quinta-feira, estávamos nos exercitando na língua francesa, então a cumprimentamos em francês? Que belo sorriso ela nos fez. E depois, que belo ato de humildade! Parece-me ainda ouvi-la dizer: 'Venho aqui com vocês, que desejam uma boa palavra minha, porém eu sei menos do que vocês, pois nunca fui à escola. E vocês querem que eu lhes fale assim mesmo? Pois bem: saibam, minhas queridas meninas, que mesmo sem ser muito instruída, pode-se amar muito o Senhor, o qual não nos pede instrução, mas se contenta e quer o coração e a boa vontade. Aqui está, portanto, o que vocês devem fazer: amar o Senhor de todo o coração e com boa vontade; visitá-lo freqüentemente no Santíssimo Sacramento para dizer-lhe que o O: mam e que O amarão ainda mais de coração e com a vontade. Será que vão fazer isto? Bravo, filhinas!' "

Nem se fale então da bondade da Madre para com os nossos parentes! Deixem-me contar este caso, que é mesmo bonito e ainda mais, é de Mornese!

Meu pai havia viajado até lá para nos ver em um dia de neve e chegou todo coberto dela. Ao vê-lo, a Madre fez logo acender um bom fogo para que se enxugasse um pouco; fez com que trocasse as meias e os sapatos, depois de pedi-los emprestado aos salesianos, creio eu. Ela mesma lavou as meias que ele tirou, fazendo-as secar bem e tratou-o com tantas atenções, que nem uma filha ou uma irmã teria feito melhor. Meu pai, maravilhado e comovido, não cessava de repetir: 'Felizes as Irmãos e as meninas que têm por Superiora uma santa!'

Não sou somente eu que o digo: a nossa Madre considera como pessoas da família todos os parentes, não só das Irmãs, mas também das meninas".

“Oh! se é verdade! Certos atos de caridade da Madre jamais serão esquecidos! — exclama Sofia Cairo. Era o ‘dia da premiação’; eu havia cantado no palco o mérito das outras, mas não o meu, pois infelizmente meu nome não estava entre as premiadas. Assim que, enquanto, entre o aplauso geral, quase todas as minhas companheiras iam receber o que haviam merecido, eu permanecia num cantinho, remoendo toda a minha pena. Mas ouvi chamar-me baixinho pela Madre que me entregou um belo livro com frisos dourados. Então sim que chorei de comoção, beijando aquela mão e abençoando aquele coração de mãe!”

Ela fez mais ou menos a mesma coisa no ano passado com aquelas duas órfãs ⁽⁴⁰⁾, vindas já quase no fim do ano letivo e que, portanto, não podiam estar entre as premiadas. Chamou-as perto dela e a cada uma deu um belo livro, com uma daquelas suas palavras que são como os confeitos: parecem duros e são doces.

“Oh! podemos dizer bem alto — acrescenta uma outra — que a Madre tem uma predileção por nós meninas! Basta olhar em seu rosto quando pode vir conosco e anunciar um passeio pelo campo ou uma boa merenda porque fomos boas. Quando então volta de uma de suas viagens, nem uma vez ela se esquece de trazer-nos um santinho, um caramelo, para nos animar a agir sempre melhor, e repete que nos quer boas para que Nossa Senhora fique mesmo contente por estarmos em sua casa.”

Rosinha Gilardi a recorda no exercício da humildade: “Com a maior naturalidade, simplicidade e desenvoltura, a Madre se aconselha até conosco, as meninas. Eu a vi chamando uma para perguntar como deveria fazer certo trabalho, e tendo a resposta, foi executá-lo, agradecendo. Desejaria fazer também eu os atos de humildade que ela faz; e fazê-los do seu modo!”

Também Francisca Gamba quer tomar parte: “Eu não sei como alguém possa dizer que a Madre é de trato rude; o que eu sei é que quando morreu, quase de repente, a Irmã Inocência, minha irmã, a Madre desafiando o frio de novembro, partiu a toda a pressa de Nizza para Chieri, onde chegou apenas em tempo de aliviar-lhe a agonia. Sinto ainda vontade de chorar até agora. Quando ela voltou, com uma delicadeza cheia de afeto, me preparou para receber a notícia daquela morte, para mim sentidíssima e, chorando com o meu próprio pranto, me disse: ‘Irmã Inocência antes de ir lá para cima, confiou você a mim; de agora em diante, pois, eu serei a sua irmã.

(40) As irmãs Rosinha e Catarina Tavella.

Você aceita?' E não foram somente palavras vãs as suas, porque, desde aquele momento, não sei contar as vezes em que se interessou por mim, particularmente de minha saúde, dos meus estudos, de minha conduta, tal como uma mãe. Agora eu penso; seja como dizem, de caráter um pouco forte, mas o seu coração é terno até demais. Não lhes parece assim também?"

"Sim, sim! Você disse a verdade e disse bem!" respondem em coro as meninas. Intervém em seguida a voz robusta de Angelina Cairo: "Será talvez séria com as Irmãs, porque se compreende que as quer como devem ser; mas, quando aconteceu que ela viesse conosco para dar uma repreensão seca e para fazer-nos sentir o seu tom de comando? Veio, ao contrário, para nos distribuir pequenos prêmios, quando os merecemos; para dar-nos alguma notícia que nos faz sentir de estar em família; para aumentar em nós o ódio ao pecado e o amor às mais belas virtudes; isto sim, mas não para outras coisas. Que o digam vocês, que a viram comparecer na sala de trabalho, de estudo, na recreação, como o anjo da serenidade para todas."

A aprovação é geral e as Irmãs assistentes ficam contentes com as meninas, ao recolher as impressões que já estão gravadas em seus corações também.

O ESPÍRITO É SEMPRE FORTE

Entre as repetidas vigílias de oração junto a Nossa Senhora das Dores, na sexta-feira da Paixão, e aquelas ainda mais ardentes da quinta-feira santa — 14 de abril — a Madre não se importou com os protestos de suas filhas e se uniu às Irmãs da lavanderia, para fazer alguma coisa também ela, por ocasião da "grande lavação" da Páscoa. Na sexta-feira santa sacrificou com elas o recreio, permitindo mesmo atrasar a habitual visita da comunidade ao Santíssimo Sacramento. Mas, sentindo esvair-se as forças, foi obrigada, enfim, a ceder e a retirar-se.

Ao passar perto do refeitório ouve a voz de duas noviças, que estão pondo as coisas em ordem e que não haviam escutado o sinal da visita, por isso continuavam a conversação de recreio. "Eh! filhinhas, vocês ainda estão por aqui? Eu venho da lavanderia, onde pensava poder dar uma ajuda, mas pensam que elas me deixaram? Não, senhoras! E assim me contentei de pôr alguma lenha no fogo da caldeira. Agora estou um pouco cansada e será melhor que eu tenha juízo e vá estirar-me um pouco na cama!"

De fato ela foi, permanecendo alguns dias de cama; tenta ainda levantar-se, especialmente para as práticas de piedade em comum,

quase sempre acompanhada pelo seu tijolinho quente, que aperta bem nos pontos doloridos dos primeiros sinais da pleuris, que se tornam agora mais agudos.

— Olhem lá a nossa bendita Madre! — diz com um tom de afeto a noviça Ir. Luiza Bardina. Sabemos que ela ainda está martirizada pelas ventosas e fica ajoelhada todo o tempo da Missa, sem mesmo apoiar as mãos sobre o banco, como se estivesse sã, e como não sei fazer eu, embora jovem e robusta!

— O médico lhe ordenou de comer carne — observa a postulante Elisa Marocchino, sempre com os olhos arregalados sobre as virtudes da Madre — mas, para tirar de si o escrúpulo do mau exemplo, ela se apressa a dizer-nos: “Sou obrigada pela obediência a servir-me de carne, mesmo em dias de abstinência, não se escandalizem, queridas postulantes!”

A mesma postulante continua: “Sabem onde foram encontrar a Madre depois que a procuraram de cá e de lá? . . . Na enfermaria! . . . já deitada e sorridente como quem diz: ‘Desta vez eu fiz das minhas!’ ”

A enfermeira não se conteve, mostrando-se contrariada, porém ela: ‘Ora essa! E por que tanta preocupação por ter eu vindo até aqui? E também para morrer, se for vontade de Deus? Quem sou eu para fazer diferente das outras? Eu devo dar bom exemplo, e basta assim!’

Por sorte intervém a ordem de quem lha podia dar e então ela se resignou a voltar para o próprio quarto”.

“Dir-se-ia, porém, que a Madre tivesse o pressentimento de dever se entregar totalmente ao mal que a consome, porque fez chamar com urgência a educanda Angelina Cairo, para falar-lhe da vocação religiosa, e o fez com tal fervor que a impressionou vivamente, tanto que voltou com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Como também fez conosco, quando assim nos exortou: ‘Algumas de vocês estão ainda pensando em voltar para casa; mas, prestem bem atenção ao que lhes digo, minhas queridas postulantes. Agora o *po!re bargnif*, o *ciapin*,⁽⁴¹⁾ está com inveja de vocês, que lhe deram um ponta-pé; não se esqueçam, porém de que ele conhece o fraco de cada uma e se não o combaterem sem piedade, lhes fará uma surpresa desagradável. Alerta! O homem avisado está meio salvo!’ ”

(41) *Bargnif* — *ciapin*: expressões dialetais usadas na linguagem familiar com tom de escárnio para indicar o diabo.

“SEM UM MILAGRE, É QUESTÃO PERDIDA”

O pressentimento ao qual acena a postulante Marocchino, a Madre o tem, sim, e sempre mais reforçado pela intensificação das dores, pela dificuldade de respiração e pela febre persistente; até que abertamente se manifesta a volta da pleuris, lançando-a definitivamente na cama.

O médico assistente, as Superiores da casa querem uma junta especial e por isso chamam o Dr. Grillo, de Acqui, o qual confirma a sentença: “Sem um milagre, é questão perdida!”

Quanto se reza então e quantos atos generosos de virtude para arrancar a graça da melhora! Tanto mais que a doente, embora conservando-se forte e resignada, diz: “D. Bosco está em Roma, Pe. Cagliero na Espanha: não poderei mais manifestar nem a um, nem ao outro, certos temores meus e pensamentos para o bem de algumas Irmãs e de todo o Instituto... Seja feita a vontade de Deus!”

Perdida toda a esperança humana, enquanto o mal se precipita insidioso e alarmante, ela mesma pede os últimos sacramentos que logo lhe são administrados, com o conforto da bênção papal.

Tranqüila e confiante ela demonstra então sua completa serenidade de espírito: “Agora que tenho todos os papéis firmados — diz — posso partir a qualquer momento, não é verdade?”

A quem procura iludi-la com a esperança de uma melhora, se bem que não uma cura, ela responde com firmeza: “Mas vocês não sabem coisa alguma! Já não lhes disse que se eu não morrer, não se ajustarão certas coisas?... Não queiram se enganar a si mesmas, pobres filhas! Hei de sofrer muito e o desejo: por poucas ou muitas semanas, só o Senhor sabe. Mas não vou sarar, não!”

À sua habitual segurança em Deus se interpõem, às vezes, momentos de perplexidade:

— Tenho medo de perder a coragem!

— Não há motivo para isto, querida Madre — lhe sugerem as filhas — confie no Senhor!

— Eh! Vocês falam muito bem!... mas aquele bendito amor próprio onde é que ele se põe?... Entretanto, sim! A minha confiança está no Senhor e em Nossa Senhora. Não me deixem, porém, nunca sozinha; a minha fantasia me faz medo; enquanto que tendo alguém ao meu lado, me sinto mais calma.

Estendendo as descarnadas mãos, aperta com religioso afeto as mãos desta ou daquela sua boa filha, que se prodigaliza em cuidados e ternura comoventes.

De quando em quando experimenta entoar um cântico sacro, convidando quem lhe está perto a ajudá-la.

NOITE DECISIVA?

A tarde do dia 27 — quarta-feira — é prenúncio de uma noite de extremos sofrimentos: pulsação máxima, lineamentos e olhar que indicam a próxima agonia, afã e estertor da morte. Circundada pelas Superiores, assistida pelo bom Diretor da casa, Pe. Lemoyne, a enferma espera seu momento supremo, quando, de súbito, com incrível esforço de vontade, se põe a cantar: *“Io voglio amar Maria — voglio donarle il cuore — voglio morir d’amore — o Madre mia, per te! . . . Chi ama Maria, contento sarà! . . .”* (Eu quero amar Maria — quero dar-lhe o coração — quero morrer de amor — ó minha Mãe, por ti — Quem ama Maria contente estará!) Depois repete com visível alegria: *“Tanto é il bene che mi aspetto, che ogni pena mi é diletto.”* (Tanto é o bem que eu espero, que toda pena me dá prazer).

Aconselhada a acalmar-se e repousar, obedece; mas depois, segurando a beirada da estola do sacerdote, lhe recomenda: “Se chegando ao extremo eu não puder mais falar e então lhe tocar a estola como agora, senhor Diretor, dê-me a última bênção. E se eu não puder mais mover-me e só olhar para o seu rosto, compreenda que eu quero dizer: ainda uma bênção! . . . e me faça a caridade de assistir-me até o fim.”

Assegurada do que pede, conserva-se em silêncio por alguns minutos, depois: “Onde está o Diretor? . . . Quando eu for para o paraíso, ele perceberá que já fui!”

Até depois da meia-noite é um contínuo repetir: “Jesus! Jesus! Jesus! Nome dulcíssimo, tu me bastas para tudo, és fonte de todo o conforto e de toda a consolação. . . Oh! querido Jesus! Jesus amável, sou tua e quero ser para sempre tua, tanto na vida como na morte. . . Maria, sou tua filha! . . .”

Lá pelas duas horas da madrugada de quinta-feira recebe ainda a comunhão como viático, e continua a entreter-se silenciosamente com Deus. Mas, pouco depois renova em alta voz os seus amorosos colóquios: “Oh! Senhor, concedei-me fazer aqui o purgatório. . . Dai-me bastante o que sofrer aqui; mas lá naquele cárcere não quero mesmo ir. Seja feita porém a vossa santa vontade. . . Submeto-me de

boa vontade à vossa justiça, mas... se tiver de ir, valha a minha presente tribulação, em sufrágio das queridas almas que me precederam na eternidade..."

Apresentaram-lhe o santo crucifixo e ela, com ardor e simplicidade infantil: "Oh! querido Jesus, no mundo parecia que eu não vos amasse, porque no mundo eu era um *farfuiùn*.⁽⁴²⁾

Também agora sou um *farfuiùn*, mas vos amo tanto, meu Jesus! Ah! se eu tivesse estado no caminho do Calvário, não teria deixado que levásseis esta cruz, estes espinhos; não quereria estar entre aqueles que vos batiam e vos escarneciam, mas eu me teria carregado de todas as vossas penas e vos teria abraçado com amor!... Ah! se eu tivesse podido!... Mas agora que eu vos posso imitar um pouquinho, mandai-me bastante sofrimento, dando-me a graça e a força. Ah! meu Jesus, meu Jesus, por que não sei amar-vos bastante?"

Enfim cala-se, extenuada, e aquele precioso tempo de calma é respeitado por um sagrado silêncio dos presentes.

PRECIOSAS RECORDAÇÕES

Os dias e as noites se sucedem neste clima de trepidação e de oração, enquanto as filhas velam com afetuoso desvelo junto ao leito da Madre.

Em um momento em que se vê que ela está um pouco mais aliviada, Madre Emília se aproxima e pergunta:

— Madre, a senhora teria algum conselho particular para nos dar?

— Minhas queridas filhas, vejam de querer sempre bem umas às outras. Não se alegrem, nem se aflijam demais por qualquer coisa que possa acontecer. Há um mês atrás vocês se alegraram muito quando voltei da França; e agora vocês vêm como vão terminar todas as festas?! Alegrem-se sempre no Senhor; e apeguemo-nos somente a Ele.

Segue-se ainda um pouco de silêncio, durante o qual parece que a enferma seja tomada de um ligeiro delírio e o Diretor, quase para distraí-la: "Madre se tiver algum aviso para as suas filhas, elas estão aqui para escutá-la."

(42) *Farfuiùn* — (de *farfù*): voz dialetal piemontesa para indicar vivacidade de temperamento e mobilidade. Em italiano mais ou menos como um *folletto* = uma doidinha.

Ela dá um olhar ao redor:

— Estão só as Superiores?... E as mais antigas da casa, não?

— Estamos aqui, Madre, também nós estamos aqui — respondem as mais idosas ali ao lado.

— Está bem. Recomendo primeiramente as filhas das outras casas, especialmente as que estão mais longe... aquelas da América e também as da Sicília. Saúdem a todas por mim, quando eu não estiver mais aqui, e assegurem-lhes que eu rezarei por elas. Recomendo-lhes também a minha sobrinha... que não tenha de sair desta casa... E para vocês... tenho três avisos para dar e que peço não esquecerem.

Primeiro: Temo que quando eu tiver ido, surjam entre vocês ciúmes... invejzinhas... tristezas e ninharias por motivo de superioridade, por ser posta na frente uma outra mais jovem... ou que sei eu! E que por isso fique diminuído o espírito de caridade e de santa união na casa.

Até que este pobre “trapo” estava com vocês, na casa, este perigo não havia, mas agora poderá acontecer. Eu sei que a nossa Congregação é de Nossa Senhora e Nossa Senhora as ajudará sempre; mas vocês façam a própria parte: obedeçam de boa vontade a quem os Superiores determinarem; e abaixo aquela vontade de mandar!

Segundo: Procurem todas de se ajudar na prática das virtudes, mas deixem a direção do espírito para quem tem o dever; não tantas conferências particulares, portanto! Conferências, conferências: façam-nas quem for encarregada.

E o catecismo seja catecismo!

Sejam bem instruídas neste ponto, mas deixem que cada qual faça a sua parte, senão ocorrerão divisões no espírito com prejuízo geral.

Teria ainda a terceira coisa a dizer, mas não tenho mais forças... não sei explicar-me... Oh! se pudesse dizer o que sinto aqui dentro!... Se pudesse expor um pensamento que tenho tão vivo na mente! Mas estou muito cansada... não posso mais explicar-me...

E o Pe. Lemoyne lhe sugere:

“Descanse um momento e o resto deixe para mais tarde!”

— Queria dizer... queria dizer... mas sou uma ignorante... não posso!

Fica por alguns minutos como adormecida e ao abrir os olhos o Diretor observa:

— Teria ainda o terceiro aviso a manifestar. Diga só de que se trata; eu a entendo... e o explicarei à comunidade.

— Ah! sim... queria dizer... se fosse capaz... Que as filhas se recordem que, abandonando o mundo para vir aqui dentro, não fabriquem um outro mundo semelhante ao que deixaram. Não são coisas graves as que impedem a perfeição; certas pequenas invejas e desobediências... certos pequenos atos de orgulho e de apego... Não pensam no fim pelo qual vieram para a Congregação... por isto...

Voltando-se para o Crucifixo acrescentou: "Ó meu querido esposo celeste!... E depois dizem que não querem outra coisa senão a Vós! Ah! se vos conhecessem como agora eu vos conheço!"

Depois de descansar um pouco, retomando o fio do pensamento: "Vocês — ela diz — que devem dirigir postulantes e alunas internas não se cansem de recomendar a franqueza e a sinceridade, especialmente na confissão, pois assim se encontrarão bem contentes na hora da morte!"

OS DESEJOS DA ENFERMA

Certa manhã, de madrugada, a Madre pergunta a quem lhe estava ao lado velando:

— Que dia é hoje?

— Quinta-feira, Madre.

— Morro de boa vontade; mas se o Senhor me deixasse neste mundo até segunda-feira, me faria um grande prazer... pois, segunda-feira completarei meus quarenta e quatro anos... e depois, devo ainda sofrer muito, antes de morrer! Entretanto, Pe. Cagliero, não o verei mesmo mais?

Ao Diretor geral, há três meses na Espanha para a fundação da casa de Utrera, já se haviam mandado vários telegramas, com a esperança de que ele apressasse a volta; mas, empenhado na visita de uma a outra casa daquela Inspeção e às de Portugal, ele talvez não tivesse a possibilidade de ter recebido as solicitações de Nizza. Por isso se responde à mui querida enferma que se está esperando por ele a qualquer dia, e ela: "Está bem!"

Mas a Madre tinha também um outro desejo: o de morrer no dia de sábado: e o Senhor não a satisfará?

Chega, entretanto, de Turim, onde se encontrava nestes primeiros dias de maio, Pe. Cerruti, com a intenção de ajudar um pouco o Pe. Lemoyne na assistência ininterrupta que ele se havia proposto de não deixar faltar à Madre.

EXORTAÇÕES INDIVIDUAIS

À Ir. Meana, que corre ao leito da Madre, ela diz com afeto:

— Você por aqui, Ir. Amália? Não tenha mais dúvida sobre sua vocação. O Senhor a quer aqui, exatamente aqui e não em outro lugar.

— E a mim, o que a senhora diz, Madre? — lhe pergunta Madre Henriqueta Sorbone, que já estava ao seu lado e demonstra agora no olhar e na voz toda a sua dor.

— Coragem, Riqueta, logo você estará comigo no paraíso! E olhando-a com ternura repete: — Logo, hein?!

Ir. Filomena Bologna de caráter bom, mas sempre em luta consigo mesma, pela idéia de ir buscar a saúde junto aos familiares, mostra timidamente a cabeça à porta e a Madre: “É mesmo você, Ir. Filomena, sabe? Faça bem este mês de maio, porque não fará um outro assim!”

Uma se sucede à outra, como em comovente procissão de adeus e a Madre: Oh! se eu pudesse ver todas as minhas queridas filhas! Telegrafem às duas Diretoras de Turim e de Chieri que venham logo. E não poderia dizer uma palavra às noviças Ir. Vitória, Ir. Henriqueta, Ir. Teresa? Mas, uma de cada vez”.⁽⁴³⁾

Imediatamente a atendem e cada vez que ela vê ao seu lado esta ou aquela, dirige a cada uma a sua palavra:

“Então, Ir. Vitória, você está progredindo de verdade? Quer trocar o seu coração? Pense que não veio à Congregação para apegar-se às criaturas! Agora você promete, mas, pobrezinha, será fiel à sua promessa? Deixe pois as companheiras que lhe vão mais a jeito e procure a companhia das melhores. Tenha o coração aberto às Superiores e seja clara na confissão”.

“E você, Ir. Henriqueta, quer se tornar boa de verdade? Eu lhe perdôo, sim, mas lembre-se de que não bastam as palavras, os fatos é que queremos! Coragem, sus! e não se afaste dos conselhos das Superiores”.

(43) Ir. Vitória Monti, Ir. Henriqueta Gamba, Ir. Teresa Rigalzi.

“Ah! Ir. Teresina, veja como me encontro! Chegará também para você este momento! Perdão, perdão: esta é uma grande palavra; mas é preciso falar melhor com as Superiores e especialmente com o confessor, para poder ficar contente na hora da morte”.

A Madre Ecônoma, que se levantara da cama somente porque lhe haviam comunicado a gravidade do estado da Madre, ela dirige o olhar quase apagado e se esforça de mostrar-lhe o seu coração: “Oh! como estamos de saúde? Mas é preciso mesmo que eu parta primeiro! Perdoemo-nos as nossas discussões de Mornese e prepare-se também você para a morte, esquecendo um pouco os afazeres materiais e deixando as preocupações maiores para as outras. Não lhe digo com isto de não fazer nada, mas de pensar um pouco mais em sua alma, em santa paz e tranqüilidade.”

Para Ir. Pampuro, que está ajoelhada aos pés de seu leito, tem uma palavra de interesse confidencial: “Não a esquecerei no paraíso, mas você, sem precisar falar muito com as cozinheiras, peça o que necessita e, se tiver de adverti-las faça-o, porém sempre com grande caridade!”

Diante da amiga de infância, da fidelíssima companheira da primeira hora, a atual mestra de noviças, Madre Petronilla Mazzarello, que lhe pede perdão pelos desgostos que lhe deu, ela prorrompe numa explosão de pranto, dominado porém, rapidamente, pela sua costumeira força moral, para então dirigir-se às outras Irmãs que, ajoelhadas, lhe fazem coroa, chorando: “Não chorem assim, minhas queridas filhas, cuidem somente de não caírem mais nos habituais caprichos e irreflexões. No paraíso, onde espero ir pela misericórdia de Deus, rezarei por vocês!”

Levaram diante dela a sobrinha: “Você vai rezar pela sua tia? — ela diz — Seja sempre boa e obediente e assim lhe farão a caridade de conservá-la sempre nesta casa. E você não queira ir embora daqui nunca mais. Promete-me que ficará sempre de boa vontade? ... Sim! ... Bravo! Agora vai, pobrezinha!”

Com a sobrinha, todas as outras são convidadas a deixar o quarto, para que a enferma possa respirar um pouco melhor e repousar alguns minutos. Mas as postulantes não se resignam a não entrar, por isso desfilam em silêncio, sem parar, no quarto, enquanto a Madre ainda acha um pouco de fôlego para dizer-lhes: “Franqueza, sinceridade com todos, sabem? Especialmente com o confessor”.

“ESTOU CURADA!...”

Pela manhã de sexta-feira, quando o sino dá o sinal para as orações, ficam no quarto somente as encarregadas da assistência à enferma, a qual passa por uma breve sonolência.

Está presente também o Pe. Lemoyne, que está se perguntando se não seria hora de entoar o *Proficiscere*, ao ver no semblante da Madre retornarem os sinais de uma iminente agonia.

Mas, de repente a Madre, despertando da sonolência, ergue os braços para a imagem de Nossa Senhora e exclama: “Mas, não! mas não! minha Mãe! Sarar, não! Agora estou preparada... tenho todos os papéis em regra... não quero voltar atrás, não!”

— Madre — lhe sugere o confessor — a vontade de Deus também nisto!

— Sim, sim... mas me desagrada não morrer agora! Não tenho nada que me preocupe... Estou tranqüila.

— E se o Senhor quisesse ainda fazê-la trabalhar para sua glória, não é Ele que tudo determina?

A moribunda sacode-se em um ímpeto de força surpreendente; antes imóvel, agora começa a sentar-se no leito e agita os braços, arruma os travesseiros e as cobertas, repetindo:

— Estou curada, senhor Diretor, Irmãs, estou curada! Não tenho mais nenhum mal... Podem ir embora todos; deixem-me, dêem-me o hábito... quero ir à Igreja ver a pequena imagem de Nossa Senhora!

— Mas, não Madre!... que está fazendo? Descanse... dizem-lhe os presentes.

— Estou curada, curada deveras!... Fraca, muito fraca, sim!... mas curada... sem nenhuma dor... Dêem-me alguma coisa que me faça voltar as forças!

Se pouco antes não podia nem sustentar o crucifixo, nem encostá-lo aos lábios, agora, com mão firme e como se estivesse sã, segura sozinho o copo e fala com voz forte e segura.

VERDADEIRA CURA?...

À notícia de um tal melhoramento quem pode dizer a alegria e o entusiasmo de toda a casa?

As Irmãs e as educandas acabaram de sair da igreja, apenas há alguns minutos, mas voltam logo para cantar espontânea e fervorosamente o Te Deum; e retornando ao pátio, algumas choram, outras

riem; batem palmas entre os vivos gerais, dirigindo-se depois ao quarto, para se assegurarem se verdadeiramente a tão querida Madre estava curada.

Vindo o médico, julga também ele que o fato singular possa ser considerado uma graça especialíssima do céu; e, embora ele não declare a cura definitiva, deixa a esperança de uma possível recuperação da saúde.

As notícias de Nizza voam a Turim e em todos se nota um novo florir de alegres esperanças.

Mas não pensa assim a Madre, a qual, depois dos primeiros dias de sensível e visível melhora, continua a dizer: “Sim, estarei aqui talvez ainda um pouco, para sofrer alguma coisa mais, como desejo, mas vocês verão que tudo está acabado.”

DIAS PRECIOSOS...

Madre Emília assumiu o encargo de fazer observar as prescrições médicas e de controlar a frequência das visitas ao quarto. Quando, porém, Madre Emília está ausente, para atender às aulas mais necessárias, a Madre faz chamar esta ou aquela, escolhendo-as entre as mais humildes, mais cansadas e as mais fracas de saúde.

Com as duas Diretoras de Turim e de Chieri, convidadas expressamente, já esteve bastante tempo, recomendando de modo especial o oratório festivo e renovando as exortações sobre a prudência, a caridade para com as Irmãs, a filial e devota submissão a D. Bosco e a quem o representa sob qualquer título.

A Madre não deixa, nem mesmo agora, o trato jocoso que lhe era próprio quando estava bem de saúde.

A jovem professora, Ir. Felicina Ravazza, se anunciou com a saudação: Viva Jesus, Madre! “E a Madre — conta a Irmã — me pediu de levar-lhe um pãozinho e de esconder atrás dele uma certa chave, que a cozinheira havia deixado ali por distração, e que teria dado motivo de procura. Mas, depois, pensando na preocupação de quem teria necessidade dela, me indicou onde colocá-la, para continuar a brincadeira sem perda de tempo e de paciência para ninguém.”

A postulante Elisa Marocchino viu a porta semi-aberta e enfiou a cabeça para dentro, para tentar ver a Madre; e ao ouvir dizer: “Ah! é você, Elisa? Reze por mim e eu rezarei por você para que possa fazer logo a vestição” teve então coragem e entrou no quarto.

E a Madre: "Cantemos, vamos! 'Um belo pensamento me diz, que eu também serei feliz'..."

Como Elisa outras postulantes, chamadas ou não, tiveram a fortuna de se aproximar nesta última semana da Madre, que a algumas deu a certeza de poder ir adiante e vestir logo o hábito de noviça e a alguma outra, ao contrário, disse: "Olhe, é melhor para você voltar para casa com sua família, sabe? Melhor agora que mais tarde. Jesus a chama para outro caminho."

Diante do Diretor, Pe. Lemoyne e de algumas Superiores da casa ela chamou ao seu quarto a noviça Ir. Rosina Rota para dizer-lhe: "Recomendo-a ao Sr. Diretor aqui presente, mas se você quiser perseverar na vocação religiosa, combata a inclinação que a leva a amar as criaturas por simpatia e conserve o coração aberto com as Superiores e com o confessor."

Quando a deixam alguns minutos sozinha ela repete ou canta baixinho o seu amor a Jesus e a Maria e o seu desejo de sofrer.

O PRIMEIRO DESEJO REALIZADO

Surge a manhã de segunda-feira, 9 de maio, seu aniversário. A Madre pôde receber a homenagem de duas educandas que, em nome de suas companheiras, apresentam flores e augúrios. Enquanto isto a comunidade está toda no jardim, num ponto de onde se pode ver, não somente o quarto, mas até mesmo a cama da Madre. E gritam juntamente: "Viva! viva! viva!" A Madre responde com um gesto de mão esquelética, como para fazer compreender que o seu coração as sente e as vê mais que os olhos e a pupila.

Mas será que a Madre está mesmo melhorando ou não?... Não se pode afirmar com certeza; dir-se-ia antes que a doença estacionou, por isso os ânimos continuam perplexos e mais ardente se faz o desejo de que o Pe. Cagliero venha e venha logo, como se com ele se pudesse reavivar a completa confiança na suspirada cura.

PRESENTIMENTO?... PROFECIA?...

Talvez um alegre pressentimento diz ao coração da Madre que, depois de ver satisfeito o primeiro desejo — o de completar os quarenta e quatro anos nesta terra — esteja para ver realizado também o segundo e quem sabe ainda o terceiro... O fato é que ela, tão hábil nos cálculos parece já haver determinado um dia, fixando-o em uma certa data como uma profecia.

Ir. Marieta Rossi, por causa de uma violenta queda, terá que se submeter a um ato operatório. A Madre lhe manda dizer de deixar um pouco o leito e de ir vê-la; e depois de fazer que ela explique minuciosamente o ocorrido, levantando os olhos ao céu conclui: "Seja feita a vontade de Deus!... Você irá a Turim, para que se faça o que for preciso; assim poderá ficar logo aliviada e, uma vez curada, trabalhar muito ainda para o Senhor e fazer muito bem".

Interrompendo depois por uns instantes o que estava dizendo, continua: "Irá a Turim no dia 17 com Pe. Cagliari!"

TAMBÉM O SEGUNDO DESEJO REALIZADO

No dia dez, sem nenhum preaviso, ouve-se ressoar pelos pátios e pelos corredores o querido nome: "Pe. Cagliari! Padre Cagliari! está aqui o Padre Cagliari!..."

Grande é a alegria das Irmãs, das alunas internas, das Superiores, do Pe. Lemonye, da Madre.

Mas, aquelas que são mais achegadas à Madre e conhecem os seus desejos, não conseguem esconder uma nova preocupação, um certo temor. Se o segundo desejo da Madre está se realizando... não estaremos na vigília do terceiro?

Ir. Catarina, a vigária, enquanto experimenta um pouco de alívio depois das ansiedades dos dias passados, é a primeira a gozar e também a sofrer por esta vinda providencial, preparando a si mesma e às outras para o que o bom Deus quiser.

Pe. Cagliari então está em casa. Com o coração grande e forte já está junto à enferma que, certamente, com as mãos unidas e os olhos rasos de lágrimas terá pronunciado o seu "*Deo gratias*"... finalmente!

A visita é breve, de conforto, de promessa para uma outra e outras ainda, se for o caso, e antes que o Pe. Cagliari se retire, Madre Petronila lhe pergunta baixinho:

— D. Bosco não virá?

— Mas, minha filha, minha filha, já está aqui D. Bosco! — quase como a dizer: Não basta a minha presença? Não sou eu para vocês um outro D. Bosco? Não estou aqui para representá-lo?

O Diretor Geral, na previsão de não poder voltar a Nizza para a festa de Maria Auxiliadora, estabelece para quinta-feira, dia 12, a recepção das novas Filhas de Maria; aconselha que se faça uma reunião das Superiores para a escolha das postulantes a serem admi-

tidas a uma próxima vestição religiosa e se propõe de partir para Turim no primeiro trem de sábado.

A MADRE RECEBE AS NOVAS FILHAS DE MARIA

A recepção das Filhas de Maria realizou-se na forma e hora determinada, com um ardor mais celeste que terrestre; e quatro das novas inscritas à Pia União da Imaculada, envoltas no cândido véu sobre a veste branca, se apresentam à Madre para lhe participar a própria alegria e ouvir as suas palavras que são como um programa de vida.

A Madre está mais recostada do que sentada no leito e traz nas pupilas um brilho de gratas recordações, talvez também de serenais previsões. Aquelas primícias de jovens consagradas à Virgem Santíssima, quantas inúmeras falanges seguirão depois, em todas as casas das Filhas de Maria Auxiliadora, aquém e além-mar! D. Bosco não dissera que o Instituto deveria estender-se muito, muito?...

Rosinha Gilardi, uma das quatro vestidas de branco, saindo daquele quarto manifesta a impressão do momento: "A mim, não me pareceu estar diante de uma convalescente próxima a uma recaída, mas diante de uma bela alma, muito querida a Nosso Senhor, à qual já foi revelado o dia de sua feliz entrada no paraíso."

Sim, a Madre, porquanto procure dissimular, vai declinando novamente e às "filhinhas", tomadas de um sentimento de devota afeição, não sabe dizer outra coisa senão: "Conservem-se boas como são agora e sejam sinceras na confissão. Sinto não poder dizer-lhes outras coisas, mas se fizerem o que eu já disse, isto basta! Rezem por mim!"

O Diretor-Geral, entretanto, ainda não julga grave o estado da Madre, pois ela segue muito bem o fio das notícias recebidas da América e comunicadas sumariamente às Superiores.

ÚLTIMO DIA

A Vigária, ao contrário, percebe que o luto é iminente, e embora sem falar, traz nos olhos o reflexo de uma intensa aflição.

"Ir. Catarina — lhe diz a Madre na manhã de sexta-feira — quer que falemos ainda de algumas coisas nossas?... A tal Diretora... é preciso trocá-la porque não age com muita caridade. Aque-la outra, ao contrário, pode ficar onde está, mas... cuide bem para ver o que há naquela casa e, se for o caso, faça alguma troca do pessoal."

Escutando que em todas as outras comunidades as Irmãs se encontram bem e estão alegres: “Agradeçamos ao Senhor — exclama — e rezemos para que continue a nos assistir.”

— E em nós, não pensa, Madre? — acrescenta a Vigária — Não lhe importa nada ter que deixar-nos?

— Eu não penso em mais nada agora, senão em preparar-me para a eternidade e apresentar-me ao Senhor.

— A mim, porém, não dirá nada em particular?

— Sim, digo-lhe também de criar coragem e que eu do céu rezarei por você, para que esteja sempre alegre.

Depois a Madre se recolhe em si mesma e, para seu consolo e conforto da Vigária, recorda: “Que bom pai temos em D. Bosco! Ele é tudo para o Instituto, eu não sou nada! A sua obra é de Deus e de Nossa Senhora; e na sua virtude e no seu conselho, como me assegurou o Pe. Cagliero, o Instituto terá sempre o seu apoio.”⁽⁴⁴⁾

À tarde volta o Diretor Geral e a Madre o entretém por uns três quartos de hora, sobre os interesses de sua alma e sobre certos defeitos que, parece, vão fazendo caminho em algumas de suas filhas e pelas quais suplica de providenciar o mais breve possível, a fim de que, com o tempo, não fique comprometido o bom espírito do Instituto. E termina com um ato de profunda gratidão e de prece: “Oh! que graça me fez o Senhor, fazendo-me viver e morrer esposa de Jesus, filha de Maria e de D. Bosco! Ah! que esta graça seja feita também a todas as minhas Irmãs, que eu sempre tanto amei e que espero de amar para sempre no céu!”

Quando Pe. Cagliero lhe renova a bênção também em nome de Dom Bosco, a enferma com o semblante incendiado exclama: “Esta bênção do querido pai, depois daquela de Deus é, para mim, o máximo conforto.”

Saindo daquele pequeno quarto e batendo as palmas da mão, o Pe. Cagliero deixa escapar dos lábios contraídos: “É... é... se eu a tivesse sempre escutado!...”

Madre Petronila, que o segue como um cordeirinho, cria coragem e volta à carga: “D. Bosco não virá mesmo ver a nossa Madre?...” E o bom Diretor entre aborrecido e bonachão: “Mas, benditas filhas, já não lhes disse que D. Bosco agora não pode sair de onde está... e que quando já está um Superior em casa não se

(44) Depoimento verbal de Madre Daghero, e escrito do Cardeal Cagliero (Maio/1918).

pede um outro? Sou ou não sou para vocês o representante de D. Bosco?"

Seguem-se uns momentos de silêncio, que ao Pe. Cagliero revelam toda a mágoa causada por suas palavras pungentes, e bom como é, procura remediar com a pronta afirmação: "Oh!... mas a Madre ainda vai longe... Dará tempo a D. Bosco... Conserva tanta lucidez de espírito..."

À tardinha, no mesmo quarto da enferma, presente o Diretor Geral, realiza-se a reunião das Superiores para decidir sobre as doze candidatas à próxima vestição. A Madre parece cochilar; mas quando escapa da memória das outras uma data, o nome de uma cidade, qualquer particular importante, ou quando escuta uma coisa inexata, que possa dar lugar a uma troca de opinião, ela desperta... sugere, corrige e dá certeza de estar bem presente àquele momento importante e decisivo.

Terminada a breve reunião, o Pe. Cagliero renova a sua paterna saudação de despedida e a sua bênção à Madre, a qual, embora colhida de surpresa por um sono restaurador, não tarda a abrir os olhos e a dizer com toda a segurança: "Pe. Cagliero não partirá senão depois que eu tiver partido."

ÚLTIMA NOITE

Nas primeiras horas da noite há alguma troca de assistência e o lento e silencioso passar desta ou daquela Irmã que não consegue dormir, pelo triste pressentimento do coração. Entre estas, Ir. Ravazza.

— Felicina — a Madre chama com um fio de voz — venha aqui. Por que chora? É melhor rezar para que eu salve a minha alma e depois que eu morrer, reze para que o Senhor livre minha alma do purgatório, se lá eu tiver de ir; e eu rezarei depois por você. Faça-se santa, trabalhe muito, seja sempre unida às Superiores e às mais idosas e mais santas; ame sempre e muito a Congregação. Você vai fazer muito bem.

Ao choro convulsivo da Irmã, ela segura-lhe as mãos, apertando-as com carinho, e acrescenta: "Ânimo! Não chore assim! Nossa Senhora a abençoe."

Lá pelas nove e meia, Ir. Maria Besuco se aproxima, na ponta dos pés, para entregar à Madre Emília um remédio, que deveria dar à Madre.

— Oh! Ir. Maria, como vai? — pergunta-lhe a Madre, enquanto a Irmã, simples e bondosa, a um sinal decisivo de Madre Emília, faz menção de sair. — Venha aqui, Ir. Maria, venha! — insiste a Madre — Há dois dias que não nos vemos. Você está bem?

— Oh! Madre, é para mim que pergunta?!... Obrigada... A senhora é que está mal! — E começa a soluçar.

— Não chore, Ir. Maria! Eu estou como o Senhor quer... e me preparo para o paraíso. Mas você deve se cuidar, procure sarar.

— Agora basta, Madre, senão se cansa — interrompeu Madre Emília, renovando o sinal para que a Irmã se retire.

— Não, não! fique ainda — insiste a enferma — porque eu ficarei contente de saber o que lhe fará bem para a saúde... Veja, Madre Emília, vocês que estão sempre perto de mim, não sabem imaginar o bem que pode fazer uma palavra da Superiora a estas pobrezinhas que não a vêem senão de passagem, pode-se dizer. Aproxime-se, pois, Ir. Maria!

E depois de haver sugerido algum remédio para o mal que a Irmã está sofrendo, acrescenta: “Quer que agora cantemos juntas um louvor?” E com voz límpida entoia: “Louvai a Maria”, cantando toda a primeira estrofe.

Quem dorme no quarto contíguo escuta o que ela repete, de quando em quando, com voz clara: “Sofrer, ó Senhor, enquanto quiserdes, mas logo que eu expire, fazei que eu me vá unir a Vós no paraíso; seja feita porém, a vossa santa vontade.”

Dá uma cochiladinha, depois retorna às suas queridas loas, que lhe saem do coração pelos lábios semi-abertos, como um doce gorjeio, que produz uma impressão quase sobrenatural no silêncio geral da casa.

Lá pela meia-noite, a Madre está calma; trocando a assistência entram Ir. Morano e Ir. Meana; Madre Emília e a companhia de vigília se retiram para um pouco de repouso.

As Superiores podem ficar tranqüilas com Ir. Morano e Ir. Meana ao lado da enferma, pois são as duas mais indicadas para este delicado encargo; nenhuma outra, como estas duas, tem mãos, olhos, perícia e força para atender oportuna e subitamente a qualquer eventual necessidade.

Dir-se-ia que a Madre estava aliviada por um plácido sono; mas não passa muito tempo e ela começa a fixar quem lhe está perto e a abrir e fechar as pálpebras de modo muito estranho. Não será um sinal da renovação da crise de quinze dias atrás?... O

pulso não o demonstra; e as duas boas enfermeiras ficam vigilantes, mas, calmas.

Pelas duas horas, a Madre levanta rapidamente a cabeça, ergue-se com firmeza sobre o travesseiro e torna a largar-se, dirigindo o olhar ao redor, para melhor reconhecer quem está ao seu lado.

— Oh! Ir. Morano, você é que está aqui? — E apertando-lhe fortemente as mãos: — Cantemos! Vamos, cantemos! — lhe diz alegremente e entoa com voz alta e firme: “Maria, che dolce nome, Tu sei per chi t’intende...” (Maria, que doce és tu para quem te entende) seguindo até o fim da estrofe, com timbre tão sonoro que fez acordar até algumas que dormiam em outros andares da casa.

— Não se canse, Madre, não se canse assim!... — sugeriu-lhe, com benévola autoridade de enfermeira-chefe, Ir. Morano, mas o fervoroso canto: “Lodate Maria!... Oh! Gesù, d’amore acceso!... Chi ama Maria contento sarà!... (Louvai a Maria! Oh! Jesus de amor ardente! Quem ama Maria contente estará) continua doce, firme e comovente.

E quantas outras afirmações de amor irrompem de sua alma piedosa, transbordante de ternura para com o divino Esposo e para a Mãe celeste...

Uma depois da outra vão chegando as Superiores, assustadas; mas a cor do rosto, as batidas do coração e do pulso da enferma não acusam grave alarme.

Deve ser certamente a repetição da crise, que já se resolveu em um melhoramento repentino e consolador; por isso, para que perturbar Pe. Cagliari e Pe. Lemoyne?

De fato, segue-se um bom quarto de hora de silêncio; depois... ei-la de novo levantar-se sobre os travesseiros e gritar com voz forte e gesto autoritário:

— Fora daqui! Vergonha!

— A quem diz isto, Madre? Pergunta filialmente Ir. Morano.

— Ah! Eu sei a quem o digo — e lança um olhar ao pé do leito, fixando a imagem de Nossa Senhora.

— E por que temer? — acrescenta, ficando alguns instantes calada, para logo depois recomeçar com voz altíssima:

— Coragem!... Vamos, coragem!

— Não grite tanto, Madre — lhe dizem — bem sabe que o médico não quer que se canse assim!

— O médico... o médico! Eu devo pensar em mim e basta! Mas por que tanto temor? O que é isto?... Quem jamais confiou em vão em Maria?... Vergonha! Que vergonha!... Vamos! Vamos, Maria! Coragem!... Amanhã começa a novena de Maria Auxiliadora... Cante os louvores de sua Mãe na Paixão do Senhor.

Em um supremo esforço de vontade, ela entoou o canto: “Chiamando Maria” (Invocando Maria), repetindo com ênfase: “Chi ama Maria, contento sarà” (Quem ama Maria contente estará).

Brotam lágrimas de amor em seus olhos, como pérolas nas vivas pupilas; respira forte e longamente... sorri, abandona-se suavemente nos travesseiros... e, terminada a luta, experimenta o triunfo em uma calma que é repouso e paz. Mas agora o pulso atinge cento e quarenta batidas por minuto.

A HORA EXTREMA

São quase três horas e meia da madrugada; embora na esperança de que também desta vez se trate de uma crise passageira, prevalece o desejo de solicitar para a venerada enferma o conforto da presença do sacerdote, especialmente da santa comunhão, suspiro, força e delicia de sua vida especialmente nestes dias. Por isso se chama o Diretor e o Pe. Cagliero.

Este, que já estava na sacristia, preparando-se para a santa Missa, num instante retira os sacros paramentos e voa junto da enferma, que o acolhe com um gesto vivaz de saudação, dizendo-lhe bem claro: “Ah! Pai, não me desagrada morrer, antes morro de boa vontade. Só o que me dá pena é pensar na dor que vai experimentar o Diretor quando eu morrer!”

Querida Madre! Terna de coração e de tão pronta intuição, compreendera logo a fina sensibilidade do Pe. Lemoyne, e este, por sua parte, não tardara em reconhecer nela aquela alma forte e delicada, generosa e prudente que, enquanto procurava para ele a consoladora correspondência espiritual de toda a casa, era-lhe também estímulo contínuo para o fervor e para o bem. Por isso, ao encerrar-se sua jornada terrena, a Madre calcula toda a dor daquele que foi o pai de sua alma e se exprime com a mais natural simplicidade.

Pe. Cagliero, como as Superiores e as Irmãs presentes, concorda com esse delicado sentimento da Madre e achando quase providencial que Pe. Lemoyne não esteja presente, faz um dos seus gestos característicos, com o qual exprime o seu pensamento: “Vão dizer-lhe que não se afobe para vir; por enquanto basta a minha presença aqui!”

E se apressa a levantar a mão para uma última absolvição sacramental; não há tempo a perder.

De fato, já empalidecem as faces, apaga-se o brilho das pupilas, afilam-se os traços do rosto emagrecido da moribunda e Pe. Cagliero: "Neste momento, Madre, D. Bosco certamente está rezando pela senhora; e eu a abenção em seu nome..."

Ao ouvir aquele nome querido e ao receber aquela bênção, a Madre ainda esboça um sorriso, depois faz sinal para lhe arrumarem os travesseiros; ajeita-se bem, despede-se com um gesto da mão e fixa o crucifixo. É o momento do Proficiscere e a agonizante, serena, pronuncia um lento e fraco "Jesus, José e Maria, eu vos dou a minha alma." Os santíssimos nomes de "Jesus! Maria!..." são repetidos três vezes a breve intervalo. Depois a Madre cerra os olhos à vida do exílio para abri-los na pátria celeste.

O seu coração não palpita mais; porém o sorriso dos justos está em seu rosto, em seus lábios lívidos e semi-abertos. ⁽⁴⁵⁾

São apenas três horas e quarenta e cinco minutos; é quase o alvorecer de um sábado, é a vigília da novena de Maria Auxiliadora e do aniversário da morte repentina do Pe. Domingos Pestarino.

As Irmãs, que ficaram sem a sua Madre, refletem sobre estas coincidências e experimentam particulares confortos do céu.

Mas... e D. Bosco?... D. Bosco, ainda em Roma ou em Florença, não terá previsto este profundíssimo luto das suas filhas?... Não o perceberá em seu terno coração de pai?

A COMUNIDADE EM PRANTO

Pe. Cagliero, embora queira conservar-se forte, não pode esconder o golpe que seu coração experimentou com esta morte. Reza juntamente com as desoladas filhas o primeiro De profundis pela venerada extinta, depois lhes assegura: "Ficarei aqui até que seja necessário; celebrarei eu a Missa da comunidade." Depois de ter passado uns minutos com o Pe. Lemoyne, desce até à Igreja para se pôr no confessionário e ali ficar até o início da Missa; ele bem sabe que Irmãs e noviças, entre as mais madrugadeiras e necessitadas de conselho e de guia, lá se encontram prontas para usufruir de sua caridade apostólica.

(45) Das Memórias do Pe. Cagliero e de Irmãs e Superiores contemporâneas. Cf. Boletim Salesiano de junho de 1882, ano VI, n.º 6, pág. 106-107.

Neste interim é um ir e vir pelo corredor que leva ao quarto da Madre.

A Vigária e Madre Petronilla não se fazem ver; Madre Emília continua a tarefa de vigilância perto da porta da Madre. Ir. Morano e Ir. Meana não saem mais daquele quarto fechado, de onde parte apenas um leve murmúrio.

Madre Henriqueta, ao contrário, se apressa de uma escada a outra, sem parar com ninguém e chega até o pavimento superior, que está servindo de enfermaria, onde se encontra Ir. Teresa Pampuro.

“Não temos mais Madre!” Diz Madre Henriqueta a meia voz. E Ir. Pampuro, com um grande soluço: “Deus no-la deu, Deus a tirou; seja feita a sua vontade!”

Ir. Marieta Rossi, que dorme perto, pergunta com angústia: “E agora?... Vão nos mandar todas para casa?”

Madre Henriqueta prossegue solícita o seu caminho, para onde o coração a leva a fim de que, embora respeitando como sempre o religioso silêncio das primeiras horas da manhã, nenhuma atrase, nem de um quarto, o tributo de seu filial sufrágio à alma da incomparável Madre.

Nem deixa de fazer o mesmo junto às suas queridas educandas, ao costumeiro sinal para levantar.

Entre as maiores e mais ajuizadas há algumas que, com o coração ansioso, já estão à sua espera desde quando a viram sair aflita do dormitório, chamada com urgência; e, entre uma oração e outra, lhes vem o pensamento: A Madre Superiora depois de ter cantado tanto, terá piorado? Este ir e vir pelos corredores e este falar murmurado... será que ela já morreu?...

Ao primeiro toque do sino, eis Madre Henriqueta: “Meninas — diz em alta voz, batendo as mãos para chamar a atenção — a nossa Madre morreu! Rezemos por ela e façamos uma santa comunhão!” E a palavra é truncada por convulsivo pranto.

Não obstante a solicitude de Madre Henriqueta, há ainda algumas às quais não chegou a triste notícia e que nem mesmo suspeitam de recebê-la: são as poucas ajudantes da cozinha, do vinhedo, da horta, da lavanderia, as fidelíssimas participantes da chamada primeira Missa; ou aquelas outras que de madrugada vão tomar lugar junto ao confessional do Pe. Cagliero. Entre estas se acha a noviça Ir. Luizinha Boccalatte.

Simples por natureza, lá do seu dormitório seguiu todo o canto da venerada enferma, concluindo depois consigo mesmo: “Apenas esteja aberta a igreja, estarei lá e, tendo me confessado e feito a comunhão, seguirei pela escada do coro que leva ao corredor do seu quarto, para assegurar-me pessoalmente como passa a minha querida Madre. Depois de tanto cantar, talvez tenha dormido.”

Assim faz, conseguindo chegar realmente em um bom momento, pois encontra a sua querida Madre sozinha, bem arrumadinha na cama, vestida com o santo hábito e como em suave sonolência.

Não lhe passa pela mente de estar diante de um corpo inanimado, porque nunca havia visto um cadáver, mas crê de estar com a sua querida Madre, que talvez esteja se preparando para uma fervorosa comunhão; parece-lhe até vê-la sorrir; então se inclina para dar-lhe um filial abraço, depondo antes em sua mão, que nada tem de frio e rígido, um carinhoso beijo.

Do coração lhe brotam breves palavras de ardente afeto, mas... oh! neste momento é surpreendida pela Madre Emília que, sem mais, a faz sair para o corredor.

“Por quê? Por quê? Fiz Mal?...” — ela diz com um nó na garganta, e a resposta lhe vem das Irmãs que, tendo saído da igreja e subido também elas para o quarto da dor, repetiam umas às outras: “Morreu! A nossa Madre morreu!”

“Ah! Agora compreendo! — exclama então a pobre noviça — só agora compreendo porque o Pe. Cagliero, justamente esta manhã, me respondeu: “Mas sim, minha filha; mas, sim! Se o Senhor lhe inspira de fazer alguma coisa a mais pelas almas do purgatório, faça o *ato heróico* na comunhão desta manhã”. Eu o fiz como ele me ensinou; e o fiz pela minha querida e santa Madre!”

SEJAM FORTES NA DOR

A Missa da comunidade foi celebrada pelo mesmo Pe. Cagliero, visivelmente comovido entre tantas filhas, que rezam quase chorando e recebem a comunhão com os olhos cheios de lágrimas.

Terminada a Missa, seguem-se uns minutos de silêncio; depois o Pe. Cagliero se apresenta à balaustrada, para dirigir sua palavra à comunidade, incluindo as educandas. Fica também ele alguns minutos em silêncio e depois: “Vocês choram! Chorem mesmo. Chorem, pois têm bastante motivo para isto. Perderam uma Madre sábia, amorosa, exemplar. mas confortem-se, ela já está no paraíso a rezar por

vocês e de lá continuará a assisti-las e a amá-las mais do que quando estava aqui em baixo.

Ela nos faltou quando menos esperávamos, mas era uma santa e foi para Deus, como vão os santos.

Agora, sejam fortes na dor, para imitar a fortaleza da mesma Madre e para que ela possa alegrar-se com isto diante de Deus.

Mais tarde lhes será dito o que é para fazer hoje e amanhã; entretanto, vamos, coragem e grande confiança em Deus, em nossa Mãe celeste Maria Auxiliadora e em nosso querido pai D. Bosco."

A comoção o vence e Pe. Cagliero se retira para ir dividir pena e conforto com os Irmãos da casa e determinar, com as Superiores, como e a quem dar comunicação telegráfica da dolorosa perda.

Ao som do sino para o café da manhã, todas, de olhos baixos e em perfeito silêncio, vão para o refeitório, mas quanto ao servir-se do que lhes vem posto à frente, cada uma faz como pode, porque as lágrimas se tornam sempre mais abundantes e incontidas. As postulantes, também as últimas chegadas e ainda não decididas a ficar, voltam timidamente os olhos para aqueles rostos curvados e sofredores e acabam se convencendo que "não se chora tão ternamente por qualquer pessoa que morre. E se por esta de hoje há tão grande e tão geral angústia, é sinal de que ela era deveras uma mãe e uma Superiora muito amada e muito santa!"

Participa também da dor comum Maria "a moura", que foi encontrada num ângulo da casa, a chorar sentidas lágrimas, gritando: "Morta Madre! Morta Madre!"

Ao sair do refeitório, as Irmãs se encontram com o Pe. Cagliero, que paternalmente lhes diz: "Minhas filhas, vocês já se dispersam para os trabalhos quotidianos?... Mas hoje — dizia agora mesmo à bondosa Superiora que me acompanhou até aqui — hoje é preciso adaptar-se às exigências de nossa penosa circunstância... Sim, sim! Parece um contra-senso, entretanto... estamos na hora de demonstrar um amor forte; a nossa santa Madre lhes deu o exemplo, não é verdade? Por isso... enquanto aquelas que não têm boa voz para o canto poderão seguir para cumprir o dever que as espera, as outras virão comigo, para ensaiar a Missa de Requiem. Amanhã é domingo e virá um bom número de pessoas de Nizza para o funeral, por isso... seja trabalhando, seja cantando, podemos igualmente sufragar a alma bendita da nossa Madre, se é que ela precisa... A obediência é a maior oferta que podemos fazer a Deus pelos nossos queridos mortos... Vamos, vamos, coragem, minhas filhas!..."

Silenciosas, de cabeça baixa, as Irmãs fazem um sinal de aceitação. De aula, hoje, nem se fala, é lógico; e aquelas que desejarem velar a Mãre — menos as educandas — podem ir àquele quarto, já testemunha de tantas e maternas virtudes, relembrar as palavras daquele coração que não amou senão a Deus, e, em Deus, todas e cada uma de suas queridas filhas.

Entre as Irmãs do coro está Ir. Luizinha Boccalatte, que depois relembrará estes momentos: “O nosso bom Pe. Cagliariero por sua vez, tinha uma grande tarefa a cumprir, pois as vozes não podiam sair como ele queria. Especialmente ao cantar o requiem nos vinha uma espécie de nó na garganta, um soluço e o pranto!... E ele: ‘Vamos, filhas, adiante! Seria bom que lhes trouxessem um pouco de vinho, para lhes dar ânimo, vamos, vamos! Adiante!’

Nós nos encorajávamos umas às outras, mas a um novo requiem, pronto, uma nova pausa provocada pelo pranto! ‘Mas, afinal, vamos terminar com isso! Sim ou não?...’ Pobrezinho! Também ele se comovia e queria se fazer de valente: ‘Se não acabarem com isto lhes jogo o barrete, sabem?...’ Mas o barrete ficava sempre lá, sobre o harmônio, enquanto os pés e as mãos do Pe. Cagliariero não paravam nem um momento, tão difícil era conter aqueles assaltos de natural comoção.

Finalmente nos mandou embora dizendo: ‘Bem, esperemos que amanhã cedo tudo vá melhor e que a Madre lhes dê um pouco de sua coragem. Rezem, rezem para ela e verão que lhes fará a graça.’

RECORDANDO A MADRE

O tempo de recreio se poderia chamar de “comemoração” e de oração.

Quem não está ocupada em lavar a louça e arrumar o refeitório, vai com esta ou aquela companheira dar alguns passos no pátio ou nos corredores enquanto que, com voz moderada, a boca fala da abundância do coração e se dirigem para a igreja, onde o maior número de Irmãs se entretém com Deus e com a Mãe das Dores, ou faz devotamente a Via Sacra.

Também entre as educandas, Madre Henriqueta se faz centro do grupo e conta, conta da Madre boa e sábia, prudente, heróica e santa. E as meninas lhe perguntam: “E não nos levarão ainda a vê-la? Uma Irmã nos disse que parece mesmo uma santa naquele leito, com o hábito religioso e um lírio nas mãos cruzadas, com o

livrinho das santas Constituições. Deixe-nos vê-la, Madre Henriqueta, deixe-nos vê-la!”

Mas não se julgou oportuno lhes conceder semelhante favor; e a boa assistente: “Eis aqui uma boa ocasião para uma “florzinha” (pequena renúncia) que poderá servir de sufrágio para a alma de nossa Madre; vamos então colocá-la no altar de Nossa Senhora, para que a ofereça a Jesus, como prova de nosso amor e da nossa gratidão para com aquela que nos fez tanto bem e tanto nos amou aqui na terra.”

Durante quase toda a tarde o Pe. Cagliero esteve atendendo às Superiores; escutou primeiramente a querida Madre Petronila, que na profundidade da própria dor, quase não tinha mais lágrima para chorar.

Assim, em particular com cada uma delas, e depois a todas juntas em reunião, comenta certas confidências recebidas ultimamente por carta de Ir. Josefina Pacotto.

CONFIDÊNCIAS PROFÉTICAS DA MADRE

Desde as primeiras notícias da viagem, como já se viu, Ir. Josefina escrevia que a Madre a estivera preparando também para *coisas futuras*. Mais adiante, como também já se recordou, lembrava as maternas palavras de ardente exortação para que ela quisesse sempre confiar tudo a Nossa Senhora. Mas ao Pe. Cagliero ela nada esconde, porque sente em seu coração, que a Madre lhe deve ter falado como profeta e como quem sabia de estar próximo o seu fim.

Começa, por isso, pedindo-lhe perdão se toma a liberdade de relatar por escrito certas coisas às quais ele poderá dar a importância que julgar melhor, e acrescenta: “... A nossa querida Madre, depois de me ter repetido: ‘Eu rezarei sempre por você neste e no outro mundo’ e de ter me respondido: ‘Sim, eu lhe prometo, virei visitá-la depois da minha morte e então poderei ajudá-la e protegê-la mais do que agora,’ disse-me ainda com muito afeto: ‘Lembre-se que Ir. Catarina lhe será sempre mãe como eu, e estará sempre pronta a ajudá-la. Você deve me prometer que vai lhe escrever sempre e tudo; não importa que não saiba escrever bem; as Superiores compreendem do mesmo modo.’”

Depois, tomando um outro tom de voz, recomendou-me de dizer à Ir. Madalena Martini, que havia recebido a sua carta; que estivesse tranqüila e com muita coragem para ir adiante sem temer, pois os Superiores e as Irmãs estão contentes com ela.

A esta afirmação me veio a dúvida que, talvez, a Ir. Martini pudesse ceder a um ato de vanglória e a Madre, lendo-me no olhar:

“Esteja tranqüila — continuou — Ir. Madalena é humilde e isto lhe servirá apenas para maior estímulo na correção dos defeitos que ela sabe possuir. Ir. Madalena está mais do que disposta a combater seu amor próprio e a moderar o seu natural um pouco sério demais, para atrair mais a confiança das Irmãs, como desejam os Superiores e para dar mais glória a Deus.

Entretanto, não se esqueça de dizer ao Pe. Costamagna que lhe mando Ir. Otávia Bussolino, ainda noviça de poucos meses para que ele a prepare para ser Superiora. Não agora, não, mas quando o Senhor chamar à eternidade a atual Inspetora, Ir. Madalena Martini.”

De tais notícias surge espontâneo o comentário do bom Diretor Geral. “A Madre de vocês via claro e via longe. A Madre, conforme isto que escreve Ir. Pacotto, lhes recorda a sua última exortação: ‘Sejam unidas, pelo pensamento e pelo coração, àquela que neste momento deverá sustentar o peso do governo geral da Congregação, ou seja, à Vigária, Madre Catarina Daghero, e isto até o próximo capítulo no qual se verá decididamente a quem caberá semelhante cruz.

A atual Vigária, portanto, não deve se assustar pela grande responsabilidade; D. Bosco e os seus filhos a ajudarão sempre muito; vocês que são suas assistentes e conselheiras, farão do melhor modo possível para aliviar-lhe o peso da cruz e o resto o fará certamente Nossa Senhora, nossa verdadeira Mãe e Auxiliadora.”

As lentas e grossas lágrimas que caem dos olhos inchados da humilde e tímida Madre Catarina Daghero, tocam o coração do Diretor, que logo interpõe um agradável gracejo: “Ora lá! Realmente vocês são um grupinho de “masná”(*) mas, por isso mesmo, não lhes faltará o auxílio do céu e também da terra.”

OS RESTOS MORTAIS NA IGREJA

A reunião termina, firmando-se as disposições combinadas para trasladar o corpo da venerada Madre para a Igreja e a ordem a ser observada no funeral.

Meia hora antes do jantar, junto aos degraus da pequena escada que, do corredor do pavimento térreo leva ao pátio, está toda a comunidade, inclusive as alunas internas, à espera do Diretor Geral.

Ele vem para repetir a sua palavra de encorajamento: “A Madre de vocês era uma santa e agora, no paraíso está rezando por todas, a fim de que vocês se conservem verdadeiras filhas suas, imitando-lhe

N. da R.:

(*) Masná — Termo dialetal com o significado de “meninas”, “garotas”.

as virtudes. Porém, apesar desta nossa persuasão, nós devemos oferecer orações de sufrágio pela sua alma porque... ninguém sabe... diante da infinita santidade de Deus..."

Em seguida, faz um aceno ao funeral da manhã seguinte, augurando que toda Nizza, amanhã, veja como a vida religiosa santifica a dor; e deixa a uma das Superiores o encargo de transmitir bem o que ficou combinado para a Missa de Requiem e o acompanhamento ao cemitério.

Todas sentem como se D. Bosco estivesse presente no Padre Cagliero e, até as mais temerosas, afastam o receio de que a morte da primeira Superiora Geral significa a morte do Instituto.

As Constituições estabelecem que na casa onde uma Irmã passa à eternidade, seja celebrada a missa de *corpo presente* e seja rezado o Ofício dos Mortos ou o rosário inteiro.

Por isso, desde a noite anterior, o caixão com os sagrados despojos fora levado para a igreja e colocado em modestíssima essa.

Entre as Irmãs mais idosas e corajosas há quem proponha de indicar turnos para uma sagrada vigília noturna, mas os Superiores não acham conveniente e isto é suprido pelo sacrifício da obediência religiosa.

O SOLENE FUNERAL

Domingo, pela manhã, já antes da Missa, a essa está toda ornada de ramos de cândidas flores, orvalhadas e perfumadas, recolhidas na vizinha colina dos condes Meana. Querida ilusão! Ao trêmulo reflexo das velas, com a fraca luz da manhã, que escoia pelos vitrais da igreja, todas as pequeninas corolas das guirlandas assemelham-se a pérolas cristalinas sobre o caixão coberto com um véu branco. "São as nossas lágrimas!" dizem as Irmãs.

Depois da Missa da comunidade — com comunhão geral — prepara-se o funeral marcado para as nove horas, com a presença de muitas pessoas da cidade. A igreja está agora repleta de fiéis. Os membros da família Mazzarello não estão presentes, porque em Mornese não havia naquele tempo serviço telegráfico e a correspondência chegava com notável atraso. Aos dois irmãos Nicola e José, vindos a pé de Mornese para visitar a caríssima irmã logo depois da grave crise do fim de abril p.p., a doente havia recomendado que voltassem logo para casa, a fim de consolar a mãe com a notícia da melhora ocorrida.

As Irmãs tomam lugar no coro, onde já se acha ao harmônio o Pe. Cagliero, circundado pelo grupo das professoras, noviças e postulantes que sustentam o canto.

A Missa, celebrada por três sacerdotes, é presidida pelo Padre Bísio, vigário forâneo da paróquia local de S. João, com a participação do Diretor Pe. Lemoyne e do fidelíssimo Pe. José Campi.

Para o serviço do altar incumbiu-se o Irmão salesiano Miguel Vigna.

Depois da elevação foi executado magistralmente o Recordare Jesu pie, musicado pelo próprio Pe. Cagliero. A voz suave de Ir. Teresa Baioni faz pensar na fé, que eleva a Deus o gemido da esperança e da caridade, em nome da alma eleita que todos os presentes amam e veneram como santa.

Ao término das exéquias todos se encaminham para o cemitério.

O esquife, carregado por noviças e postulantes em turnos, é precedido pela cruz, pelas filas de oratorianas, pelas alunas uniformizadas e pela comunidade, que se alterna com o clero no canto e na oração, em sucessivos De profundis, Misere, rosários e requiem.

Ladeiam o esquife seis educandas, escolhidas entre as maiores com círios ardentes.

Seguem as Superiores, as senhoras beneméritas da cidade e todos os que foram atraídos pela estima e reconhecimento à extinta e ao Instituto; todos em oração de sincero sufrágio e conforto.

Quem não faz parte do cortejo, faz ala devota e compacta à sua passagem. O sol está quase velado; o ar é verdadeiramente de um maio florido, o dia festivo dá ensejo para assistir àquele cortejo fúnebre, completamente novo em Nizza; e não há quem não recorde a caridade benévola da extinta para com as vítimas da última inundação do Belbo.

No cemitério, os queridos despojos baixam à sepultura; e a última absolvição, o último de profundis, o último amém são o adeus dos corações que, afastando-se pouco a pouco daquele pobre terreno, vão repetindo: "Sim Madre, a senhora voltou a Deus; reze por nós que não a esqueceremos jamais!"

A volta à casa de "Nossa Senhora" se faz mais à vontade, pelos fáceis e solitários atalhos campestres. O Angelus do meio-dia recolhe todas aos pés d'Aquele que é ressurreição e vida, e da querida imagem da Auxiliadora vem a suave palavra do divino conforto: "Eis tua Mãe!"

CONFORTOS PATERNOS

Padre Cagliero não deixa passar o fim do domingo sem rever as Superiores e as Irmãs, explicando a todas juntas o valor do “Ato heróico pelas almas do purgatório”, se houvesse entre elas algumas que, com a devida licença, sentissem desejo de fazê-lo em sufrágio da muito amada extinta. E, animando sempre mais à confiança em D. Bosco, repete: “Eu lhes serei também sempre pai!”

E dá neste momento a prova, interessando-se verdadeiramente por todas e por cada uma em particular.

D. Bosco não voltou ainda a Valdoco; por isso Pe. Cagliero acha que pode ficar mais um dia em Nizza, concorrendo com isto para o alívio de todos os corações.

Na segunda-feira não perde um minuto: confessa, escuta pacientemente quem lhe quer falar; à hora da leitura espiritual reúne a comunidade para uma orientação especial e conferência.

O encontro com a comunidade tem uma dúlice finalidade: unir todas as Irmãs ao redor do coração da Vigária, Madre Catarina Daghero, e convencê-las de que Madre Mazzarello e D. Bosco estão com elas para assegurar-lhes os frutos da santa perseverança e, a seu tempo, a garantia do céu, entre muitas almas salvas pela obra do pai comum e fundador D. Bosco.

“A Madre de vocês — ele repete — não morreu, mas foi para o céu para ajudá-las e assisti-las melhor aqui em baixo; com seu espírito ela vive ainda em meio de vocês e mais ainda do que antes; vocês a sentem, não é verdade? Entretanto, lá de cima, ela lhes recomenda de ver agora em sua Vigária aquela que, por ora, deve guiá-las e ser Superiora e mãe; devem não somente obedecer, mas também mostrar-lhe religioso afeto. A Madre, no paraíso, falará a Nossa Senhora a respeito de vocês e lhes preparará um belo lugar na eternidade.

Do nosso querido pai D. Bosco, que lhes direi além do que já disse?

D. Bosco um dia pensava em comprar uma entrada no paraíso para dez mil almas; mas Nossa Senhora lhe disse que era muito pouco; que pensasse em outra medida.

Imaginem que no paraíso haja muitas colinas e que cada uma seja ocupada por uma família religiosa: a dos Franciscanos, a dos Carmelitas... dos Dominicanos..., dos Jesuítas, etc. D. Bosco, em sua humildade, preferiu escolher uma planície, em vez de uma colina;

e o que aconteceu? Que naquela planície se viu reunida gente de toda a parte do mundo!

Ora, naquela planície ele terá visto vocês também, e cada uma de vocês deve ajudar D. Bosco e Maria Auxiliadora a ganhar tantas e tantas almas... todas aquelas que o Senhor lhes manda; almas de toda a parte, as mais pobres, as mais expostas ao perigo, as mais necessitadas de uma boa palavra e de um belo ato de caridade, de uma oração, de um sacrifício.

Coragem, pois, e não pensem em outra coisa senão em se fazerem sempre mais santas, para ganhar sempre mais almas para o reino de Jesus Cristo. Para isto é que D. Bosco as reuniu sob sua bandeira; para isto somente é que Maria Auxiliadora as confiou a D. Bosco.” (46)

A postulante Antonieta Baratti, sempre indecisa de ficar ou voltar com os seus, veio a saber que as vestes e os objetos de devoção da pranteada Madre foram distribuídos entre as Irmãs e Superiores. Voltando ontem do enterro, viu como as companheiras de postulado disputavam folhinhas e as florzinhas da coroa que haviam colocado sobre o venerado caixão.

Tanto choro e tanta estima pela morta — diz a si mesma — mostram bem claro que aqui não se trata de uma alma comum; e eu, ao contrário, estou lutando tanto para ficar entre gente tão santa?

Criando coragem se apresenta também ela ao Pe. Cagliero, abrindo-lhe todo o coração; e, aconselhada a começar uma novena de orações à querida Madre, aceita. Sente logo renascer a calma em seu espírito e pela serenidade de seu sorriso pode-se considerar agora certa da vitória.

PE. CAGLIERO RETORNA

No dia 17 — justamente como a Madre havia predito — Pe. Cagliero volta para Turim, sendo acompanhado por Ir. Marieta Rossi que necessitava de uma consulta médica.

Vai ter com D. Bosco e naturalmente lhe fala do rápido desenrolar-se do luto de família, mesmo tendo de dar ainda ao prezado pai a relação de sua viagem à Espanha.

(46) Das memórias verbais recolhidas entre as Superiores do Conselho Geral, especialmente de Madre Daghero e Madre Henriqueta Sorbone; e de sucessivas memórias orais e escritas de Madre Teresa Pintore, Ir. Carolina Rota, Ir. Francisca Gamba, Ir. Clélia Armelenghi, as duas Irmãs Cairo, Ir. Rosina Gilardi, Ir. Marieta Rossi, Ir. Luizinha Boccalatte, Ir. Amélia Meana e outras.

Nizza sem Pe. Cagliero parece, agora, a casa da tristeza. Pe. Lemoyne, como lhe fora recomendado pelo Diretor Geral, põe-se logo à disposição das Superiores, para tudo que lhes possa ser necessário e repete à comunidade a exortação à serenidade e à confiança, desde que a Madre abençoada já se faz sentir potente intercessora junto a Deus. "Eu sempre a considerei como uma alma santa — diz ele em alta voz e com ânimo vibrante — porém agora posso acrescentar que já obtive sinais seguros de que ela se encontra no paraíso. Eu havia combinado com ela que, chegando lá em cima, me obtivesse uma graça muito desejada. A graça foi alcançada, portanto..." (47)

AS PRIMEIRAS CARTAS DAS CASAS VIZINHAS

Das casas mais próximas chegam, entretanto, as primeiras cartas, depois da inesperada e dolorosa comunicação. São cartas de filial recordação, com notícias que aliviam a alma; vivas súplicas para que mandem notícias pormenorizadas sobre a santa morte da Madre e depois, sinceras e religiosas promessas.

De Chieri: "...Foi o Diretor que nos preparou para a inesperada perda. Quantas lágrimas! Quantas lágrimas! Era tal o pranto que Pe. Notário não nos quis mais ver a abrir e fechar a porta da casa; mas ele mesmo se fez o nosso porteiro, providenciando logo feriado para o dia todo e reunindo ao seu redor as alunas que não queriam ir embora, para ficar conosco a rezar e a nos consolar.

Mas, por caridade, mandem-nos logo notícias de como aconteceu semelhante coisa; nós, desde agora, prometemos ser sempre mais observantes das Constituições, para consolar as nossas Superiores e fazer que esteja contente conosco a Madre lá no céu!..." (48)

De Alassio: "...O Diretor nos deixou tranqüilas até quase às três da tarde; depois veio à sala de trabalho, onde por sua ordem nos reunimos; com muita prudência e caridade nos comunicou a triste notícia, chegada naquela mesma manhã. Foi um momento de comoção geral. Até mesmo o Pe. Cerruti começou a enxugar as lágrimas!

Passada a primeira e dolorosa impressão, o Diretor que, tendo vindo de Nizza, nos havia dito que ele também estava pondo particulares intenções, em todas as suas práticas de piedade, para o restabelecimento da nossa querida Madre, agora nos consolou dizendo: 'A Madre de vocês era deveras uma santa e, desde este momento, a con-

(47) Relação de Madre Henriqueta Sorbone, Ir. Maria Pasquale e outras.

(48) Relação de Ir. Angelina Sorbone.

sidero como minha protetora. Façam o mesmo vocês e verão que ela as ajudará do céu, muito mais do que fez quando estava na terra.'

Como nos amava a nossa querida Madre! E quanto nós, suas filhas, a amávamos! Agora é o tempo de provar isto com os fatos, praticando as suas recomendações e é o que queremos fazer, para consolação das Superiores que o Senhor nos deu e nos dará. Será que vão nos mandar outras notícias para sabermos como foi que a nossa Madre voou para o céu? Nós o esperamos ansiosamente. . . " (49)

De Turim, depois de terem recebido a notícia pelo Diretor Geral, elas escrevem: "... Quem nos veio dar a dolorosa e inesperada notícia foi o Pe. Bonetti, na mesma manhã em que veio o telegrama. Ele não sabia como começar... e nós não compreendíamos onde fosse acabar. Mas depois... oh! quantas lágrimas!... Elas corriam sem cessar e ele nos deixou desafogar, dizendo-nos depois umas palavras de conforto.

Na manhã de domingo, já muitas de nossas oratorianas o sabiam e a Missa foi celebrada em sufrágio da nossa querida e santa Madre. Não poucas foram as comunhões oferecidas por sua alma abençoada. As maiores dentre as nossas oratorianas nos consolavam como verdadeiras filhas e as menores perguntavam: "Que fizeram para as nossas Irmãs, que choram tanto?"

Pe. Bonetti então encorajava a todas; e ao recomendar de rezar pela nossa Madre e Superiora tão querida, acrescentava de suplicar-lhe também que nos espere todas no paraíso. (50)

Enquanto estávamos imersas em nossa dor, no Oratório todos estavam em festa aguardando a chegada de D. Bosco. Pode-se imaginar, depois de quatro meses de ausência, como aqueles meninos não deviam esperá-lo com música, canto e barulho!

Ele chegou, entretanto, quando menos se pensava, enquanto todos estavam na igreja para a novena de Maria Auxiliadora. (51) Dom Bosco foi logo para a sacristia, teve tempo apenas de paramentar-se com a sobrepeliz, estola e pluvial e se apresentou ao altar para a bênção.

Contam que a impressão foi vivíssima quando ele apareceu; em casa nós dizíamos: "Querido pai! Talvez tenha querido fazer-se ver primeiramente pela sua Nossa Senhora, para dizer-lhe: "Tu que le-

(49) Relação de Ir. Henriqueta Telésio e Ir. Luízinha Desirello.

(50) Relação de Ir. Alexandrina Cane e das ex-oratorianas de Turim, Irmã Margarida Garetto, Ir. Anita Rigazzi, Ir. Marina Mesman.

(51) Confirmado também pelo Boletim Salesiano de julho de 1881 — Ano VI, pág. 2.

vaste Madre Mazzarello, pensa agora em substituí-la e consola as filhas dela e tuas!”

Depois disso, nem é bom dizê-lo!... Alegria, palmas, banda de música, declamações e aplausos; e nós em casa, encantoadas, chorosas e silenciosas... pensávamos: ‘Mesmo entre tanto barulho e em meio a tanta festa é impossível que D. Bosco não pense em suas filhas enlutadas.’”

Lendo estas expressões a Vigária, Madre Daghero, confirma: “É preciso conhecer o coração do nosso bom pai, para poder pensar dele o que aqui escrevem. Quantas vezes os pobres superiores devem fazer-se em dois, sorrindo fora e chorando por dentro!

No entanto, vejam um pouco como se vão interessando das nossas coisas os bons e dedicados Diretores salesianos! Realmente como pais e irmãos. Que grande graça! Que grande graça!” (52)

O PRIMEIRO NECROLÓGIO

A Unidade Católica de Turim, do dia 21 de maio (n.º 120), traz ao conhecimento do público a perda sofrida pela segunda família religiosa de D. Bosco. Este recorreu ao seu bom amigo e benfeitor, teólogo Giacomo Margotti, diretor do jornal, para não deixar passar mais tempo.

O artigo se intitula: “A Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora” e se desenvolve como segue:

“O Instituto das Irmãs de Maria Auxiliadora, fundado por D. Bosco, sofreu há pouco tempo uma perda sensibilíssima. No dia 14 de maio corrente, em Nizza Monferrato, Ir. Maria Mazzarello, Superiora Geral, aliás, a pedra angular e o instrumento habilíssimo que a Divina Providência havia colocado nas mãos de D. Bosco para a nascente Congregação, entre o pranto de suas numerosas Filhas, entregava sua alma ao Senhor, vítima de seu ardentíssimo zelo.

No último inverno ela quis visitar suas Casas da França, a fim de manter sempre vivo o espírito de piedade entre as suas Filhas e o desejo de perfeição religiosa. Nesta visita ela contraiu a doença fatal, que lentamente deveria levá-la à tumba na idade de 44 anos apenas.

Era uma mulher rica de dons especiais na direção das almas, tanto que em breve tempo soube dar tal desenvolvimento ao novo Instituto que maravilhou o próprio Fundador.

(52) Memórias orais de Madre Catarina Daghero e Madre Henriqueta Sorbone.

No espaço de nove anos apenas de seu mandato, as Irmãs de Maria Auxiliadora chegaram a duzentas, espalharam-se em vários lugares do Piemonte, da Ligúria, do Lombardo-Vêneto e da França e mais, emulando o zelo e o entusiasmo dos salesianos, transpuseram com eles o Oceano, chegaram à América, penetrando até mesmo na bárbara Patagônia, para fazer conhecer e amar o seu celeste Esposo.

Filhas dignas de tal Mãe, à qual seja dada a paz no céu e um nome imortal também na terra."

COLEÇÃO DE MEMÓRIAS FILIAIS

Por esta primeira publicação sobre os grandes méritos da dilettíssima Madre, a Vigária, Madre Daghero, sente-se consolada, mais que todas as outras, também porque aí encontra refletido o pensamento e o coração de D. Bosco e do Pe. Cagliero. Para seguir, entretanto, o conselho do Pe. Lemoyne e o próprio sentimento fraterno, ela dispõe que as Irmãs das diversas casas sejam atendidas, enviando-lhes as últimas e principais recordações da mui estimada Superiora e Mãe.

Por isso há uma cuidadosa busca de fatos e ditos preciosos e santos; umas redigem as lembranças, outras coordenam, ajuntando-as a outras igualmente importantes; aquela transcreve em cadernetinhas tudo o que já se recolheu, para mandar às destinatárias e o mais breve possível.

A medida que o trabalho prossegue, as Irmãs de Nizza sentem o alívio de quem está saldando o próprio débito de reconhecimento filial e a bondosa Vigária a todas agradece com o seu benévolo: "Muito bem! Bravo!" Enquanto vai lhes dando as notícias que continuam a chegar em resposta ao tristíssimo anúncio de morte.

A CONSTERNAÇÃO GERAL

Também os Diretores salesianos de Borgo S. Martinho, Lanzo, Bordighera, Penango, Este, aos quais foi recomendado de transmitir oportunamente às Irmãs a primeira dolorosa comunicação, não poderiam ter sido mais espontâneos e cordiais em manifestar-se participantes, unindo às suas vivas condolências, a oferta de missas, comunhões e terços de todas as suas casas.

O mesmo fizeram os párocos de Lu Monferrato, Cascinette, Borgomasino, Melazzo, Quargnento, onde as nossas Irmãs mantêm Jardim de Infância e escolas elementares e até convidaram os fiéis para uma participação mais numerosa às funções religiosas de sufrágio.

Também no seminário de Biella, com o bispo D. Leto, não se poderia ter feito mais para consolar aquelas suas queridas “irmãzinhas de D. Bosco”!

E multiplicam-se as respeitosas expressões de estima e de alta consideração pelos dotes verdadeiramente elevados da sempre tão querida Madre.

DE MORNESE

Chegam também da inesquecível Mornese carinhosas notícias, que vão ao íntimo do coração.

O venerando pároco, Pe. Valle, recebeu das Superiores a inesperada notícia do desaparecimento da Madre caríssima, com o pedido de transmiti-la à família Mazzarello. Considerando que naquela hora, em Nizza, já haviam celebrado os funerais, ele pensou de ir devagar para fazer tal comunicação.

A boa mãe da Maín como a teria recebido? Ela, que em seu coração havia sempre conservado um lugarzinho de preferência para aquela filha, da qual todos diziam tanto bem e que não havia visto mais desde que partira de Valponasca depois da morte do pai. . . .

Desafogando toda a sua dor, a dedicada mãe não tardou em lhe dar o melhor dos sufrágios: a santa Missa, e com os parentes e conhecidos foi à paróquia, onde tantas sagradas lembranças lhe falavam daquela sua querida filha. Ali encontrava antigas alunas e companheiras da Maín, as quais lhe repetiam: “Ela não precisa de sufrágios! Era tão boa e tão santa!” Se isto a consolava um pouco, não lhe tirava porém, a grande pena de não tê-la visto expirar em seus braços, embora tivesse a certeza, como haviam escrito as Superiores, de que era mesmo assim: ela morreu cantando o seu afeto a Jesus e a Maria, para ser acolhida por Jesus e Maria em seu infinito amor.

DA SICÍLIA

A Vigária, depois desta relação, fixa mais ainda o pensamento em Madre Felicina, a irmã afetuosíssima da Madre, transferida para Bronte. Se lhe custara tanto a separação, não exclusiva da esperança de rever seu Piemonte e de passar depois algum tempo junto a sua caríssima Maín, o que não sentirá agora em seu coração? E de lá, nem uma palavra ainda! . . .

Finalmente, eis uma resposta. Na tarde de 14 de maio, o sacerdote, Pe. José Prestianni, presidente do Conselho de Administração da casa e confessor da comunidade, havia recebido de Nizza um

telegrama com a notícia da morte de Madre Mazzarello. Como comunicá-la às Irmãs e principalmente à Diretora?

Reza e faz rezar. Depois, na manhã seguinte se dirige à igreja do Rosário para celebrar a santa Missa e comunicar, em seguida, a dolorosa notícia.

Terminado o santo sacrifício e feito o devido agradecimento, ele se dirige ao colégio para o costumeiro bom-dia “às suas prezadas Irmãs” — como amavelmente costumava chamá-las — mas desta vez detém-se à porta, tomado de uma bem compreensível perplexidade. Tira-o do embarço a própria Madre.

De fato, a Diretora vai ao seu encontro e lhe diz: “Padre, esta noite sonhei com minha irmã... Mas que digo? Não sonhei, eu a vi... eu estava acordada. Como estava bonita, envolvida em uma luz que é impossível descrever; toda radiante de alegria me sorria e me saudou dizendo: ‘Adeus, Felicina, adeus!’ e depois desapareceu... Que significará isto?”

O bom sacerdote, como livrando-se de um grande peso, levanta os olhos ao céu, agradecendo Madre Mazzarello por tê-lo assim prodigiosamente ajudado, e depois, voltando-se para Madre Felicina: “É prova evidente que sua irmã já foi receber o prêmio e veio despedir-se da senhora.” E falando assim entregou-lhe o telegrama, lido depois a toda a comunidade reunida pela vice-diretora, Ir. Angelina Buzzetti.⁽⁵³⁾

Ir. Catarina Sorbone acrescenta: “A nossa Diretora não derramou uma lágrima; em atitude de contido sofrimento recebeu os sacerdotes do lugar, vindos todos para um tríduo de visitas silenciosas, como aqui se usa, em sinal de profunda condolência.

Agora, tanto nós, como as Irmãs de Catânia, que se dirigem também para cá, estamos esperando notícias pormenorizadas sobre o falecimento de nossa santa Madre; mande-nos logo, pois o coração nos diz que tais notícias serão capazes de nos consolar ao menos um pouco.”

UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA

Geralmente estas comunicações de família são dadas no momento da boa-noite. Se algum estranho, às escondidas, pudesse fixar nestes momentos o olhar e o pensamento nos rostos e na atitude das Irmãs de Nizza, não demoraria a concluir: Aqui há um só coração e uma só alma!

(53) De uma lembrança de Ir. Catarina Prestianni (de Núnzio) que ouviu a narração em família, sendo seu pai, irmão do Padre José.

Assim é verdadeiramente. Quase todas cresceram juntas ali, pode-se dizer, conhecem-se portanto, não só de nome. Amando-se como irmãs, as alegrias e as penas de uma são as de todas; por isso, mesmo não estando mais todas juntas sob o mesmo teto, conservam o afeto umas para com as outras. E cada notícia das ausentes é para todas uma consolidação do precioso vínculo que D. Bosco deixou como especial distintivo dos seus filhos, o espírito de família.

A nossa incomparável Madre, o que não fez para assegurar este espírito também entre nós? Agora, a Vigária segue fielmente esta prática, haurindo encorajamento no mesmo interesse das Irmãs que a circundam, com edificante docilidade e salesiana confiança.

Mas... e as Irmãs da França, pobrezinhas, já o saberão? E aquelas mais distantes ainda, da América, não sentirão de não tê-la mais nesta terra?

ESPERA-SE UMA PALAVRA DE TURIM

As memórias foram recolhidas e agora estão quase prontas para as nossas casas da Itália. Antes de distribuí-las, juntamente com a respectiva carta de apresentação, a Vigária espera uma palavra de Turim, como lhe sugere seu espírito de humildade e de filial dependência aos Superiores.

E a resposta de Turim tarda a chegar. D. Bosco, depois de longa ausência do Oratório, terá empenhos muito urgentes para atender e deverá caminhar, talvez "com pés de chumbo", para não dar motivos a novas insinuações, acerca da já acalmada questão da dependência imediata das Filhas de Maria Auxiliadora do Superior Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, em detrimento da legítima jurisdição episcopal. ⁽⁵⁴⁾

E, sem uma palavra explícita do fundador, nem mesmo o Pe. Cagliero, em sua qualidade de Diretor Geral, dirá a sua própria palavra, ainda mais em se tratando de, contemporaneamente ou não, comunicar às Irmãs a data do próximo Capítulo, para eleição da Superiora Geral; este, segundo as Constituições, não deveria ser retardado além de quinze dias.

AS DISPOSIÇÕES DO FUNDADOR E A COMUNICAÇÃO DA VIGÁRIA

D. Bosco quer que cada uma de suas filhas, como já as Superiores de Nizza, saiba, ao menos através de seu representante, Pe. Ca-

(54) Cf. anexo (Allegato) n.º 7a e 7b (já citado, pág. 112).

gliero, quanto ele participou de nosso sofrimento e como deseja presenciar pessoalmente ao Capítulo Geral da eleição.

Por isso confia ao mesmo Pe. Cagliero a comunicação, que, embora trazendo a querida data de Maria Auxiliadora — 24 de maio — a faz chegar a Nizza pelo fim do mês. Assim a Vigária, Madre Catarina Daghero, pode mandar às diversas casas a seguinte carta:

Viva o Coração de Jesus!

Queridas Irmãs em Jesus Cristo,

Com o coração sempre consternado, mas com o ânimo inteiramente conformado com a santíssima vontade do Senhor, envio-lhes os particulares dos últimos preciosos dias da nossa boa Madre Superiora, que Deus já tenha na glória!

São coisas de uma alma santa e plena do verdadeiro espírito de Deus. Oh! Sim, a sua vida, os seus exemplos, os seus conselhos nos estejam sempre presentes e nos sirvam de guia, especialmente neste tempo em que a nossa Congregação perdeu o verdadeiro timoneiro que a guie, dirija e governe para a virtude e pelo caminho da perfeição religiosa, ao qual nos chama Jesus, nosso celeste Esposo.

Ao mesmo tempo lhes comunico as disposições dos nossos Superiores, e especialmente do Reverendo nosso Pai e Fundador D. Bosco, referentes ao tempo da eleição da nova Superiora.

A Irmã Catarina Daghero, Vigária.

Reverenda Irmã e Filha em Jesus Cristo,

O Revmo. senhor D. Bosco, nosso e de vocês caríssimo Superior e Pai, tomou viva parte no justo sofrimento de todas, pela sensibílissima perda da Revma. Madre Superiora.

Ele recomenda a Deus a bela alma da extinta Madre e não esquece ao mesmo tempo as suas filhas órfãs.

Quer que todas estejam resignadas à santa vontade de Deus e lhes suplica que estejam todas unidas pelo belo vínculo da caridade, juntamente com a perfeita observância das santas Constituições do Instituto. Não podendo, por várias circunstâncias, observar o que prescreve o art. 3.º — Título IV — das Constituições, a respeito da eleição da Madre Geral, ele a transfere para o próximo agosto, por ocasião dos Exercícios Espirituais das Irmãs.

... Anima a todas a confiar na divina Providência e na materna proteção de Maria Auxiliadora; e deseja que cada dia, em todas as casas do Instituto se reze um *Pater*, *Ave* e *Glória* ao Espírito Santo.

para que lhes conceda uma Madre como a precedente, e as guie todas ao Paraíso.

Recomendem-me a Deus em suas fervorosas orações.

Em Jesus Cristo sou o seu

Turim, 24 de maio de 1881

Diretor e Pai

Sacerdote João Cagliero

Eis, ó minhas boas Irmãs, as disposições tomadas pelo Superior a nosso respeito. Não me resta que recomendar-lhes de rezar por mim e pela Congregação. Saúdo-as.

Turim, 04 de junho de 1881

Sua afma. Madre Vigária

Ir. Catarina Daghero

É este, por assim dizer, o primeiro ato oficial de governo da Vigária, enquanto o Instituto — segundo a exortação de D. Bosco — confiando na divina Providência e na materna proteção de Maria Auxiliadora, espera em oração o entreabrir-se de uma nova página de sua história.

Para os "Anexos" (Allegati) — consultar:
 CRONISTÓRIA — Vol. 3
 Scuola Tipografica privata FMA, Roma, 1977
 Págs. 421-472

ÍNDICE

Introdução	5
------------------	---

Ano 1879

Transferência da Sede Generalícia	7
Breve retorno a Mornese	8
Primeiro aniversário da morte de Pio IX	8
A segunda postulante de Nizza	8
Desespero do maligno por causa do Oratório de Chieri	10
Uma visita a Lu	10
Primeiro aniversário da eleição de Leão XIII	10
O pensamento da Madre sobre a preparação em trabalhos de agulha	10
Piedade e alegria salesiana	11
Primeiras notícias de Buenos Aires	12
Notícias de Alássio	14
Visita da Madre a Mornese	16
Em Alássio e Bordighera	17
A morte de Ir. Lucrécia	17
Pensando nas Irmãs de La Navarre	17
Sua demora em Alássio	18
Carta da Madre ao Padre Lemoyne	18
Festa de São José e Profissão em Alássio	19
Conferência da Madre	19
A Madre em Biella e Turim	22
Notícias de morte e notícias alegres	22
Uma carta da Madre ao Padre Lemoyne	24
Semana Santa e aquisição do Jubileu	25
Impressão do povo	26
Frutos de encorajamento	26
Irmã Cappelletti deixa o exílio terreno	26

A Madre encontra-se com o Fundador	27
Irmã Madalena Martini a Dom Bosco	28
As Irmãs de Turim à Madre	29
A Madre em Lanzo, Turim e Nizza	30
Notícias para as Irmãs de Villa Colón	31
Os extremos sofrimentos de Ir. Ricci	34
Irmã Vergniaud de Buenos Aires	35
A Madre às Irmãs da nova Casa de Las Piedras	36
O primeiro mês de maio na Casa de Nizza	38
A Madre de volta de Mornese. O Cardeal Protetor da Congregação Salesiana	39
Novena a Maria Auxiliadora. Annetta Bedarida	39
A Madre conforta Irmã Pacotto	40
A inundação do Belbo	41
Segunda nuvem do temporal	42
Primeira vestição religiosa no Colégio de Nizza	43
Uma segunda carta de irmã Magone	45
Comentário da Madre	47
A Madre em Mornese e em Turim	48
As Professoras em Gênova	49
Novo entusiasmo missionário	49
Festa onomástica da Madre — vozes diversas	50
Notícias interessantes	51
A Madre à Irmã Valse sobre a Casa de Las Piedras	52
Irmã Maria Mazzarello de Turim ao céu	54
Exercícios espirituais em Turim	54
Notícia no Boletim Salesiano	55
Para o onomástico de Leão XIII	56
Para o Retiro das Senhoras	56
Fundação em Cascinette	57
Dom Bosco em Nizza	57
Exortações de Santo, exortações de Pai	58
Santo afeto da Madre	58
Partida e chegada	59
Episódios de família	59
Começam os Exercícios	61
Mais notícias sobre o caso "Bedarida"	62
Pe. Cagliari apresenta as primeiras Constituições impressas	62
As exercitandas na hora do recreio	64
Encerramento dos Exercícios	68
Uma "Boa-Noite" que não se pode esquecer	69
Padre Lemoyne fica em Nizza	71
Annetta Bedarida publica a sua história	71
Ainda uma merenda na vinha — A Madre às Missionárias	75
Madre Mazzarello assiste o Pai agonizante	77
Do sofrimento ao proveito espiritual	78
Morte de D. Galletti	78
"Não percamos tempo: façamo-nos santas"	79
A Madre às Filhas do Uruguai	79
Em Asti, em vez de compras, méritos	84
Irmã Albina Frascarolo vai para o céu	86
Pobre Bedarida!	86
Também Ir. Adelaide Carena vai para o céu	88

Recomendações da Madre	88
Mortificação e pobreza para si mesma e para as Filhas	89
Última carta de Ir. Virgínia Magone	89
Viagem da Madre a Turim	91
Notícias queridas e úteis	92
As Filhas do Sagrado Coração se dão a conhecer e se fazem apreciar	92
Outras duas cartas da América	93
Coração de Mãe para quem está longe	98
Sus! Vamos a Nossa Senhora das Neves	99
"Queridas Filhas, rezem à Providência"	100
"E depois... quer ir para a América?"	100
Novena para o Jubileu	100
A Madre às Irmãs de Borgo S. Martinho	101
Frio intenso e casos de varíola	102
Chegada do Pe. Cagliero	102
Festa jubilar da Imaculada	103
Annetta Bedarida vem chorar sua desventura	103
Notícias e "flores" para o Natal	104
Augúrios filiais	105
À Senhora Pastore	106
Delicadeza de coração materno	107
O Natal de Jesus, alegria dos corações	108
As Irmãs de Bordighera	108
Último dia do ano	110

Ano 1880

Irmã Ferretino em Biella	111
A Madre faz suas as recomendações de Dom Bosco	111
Novas preocupações	112
Dom Bosco vai a Nice através da Ligúria	112
A Madre em Quargento	112
A Madre junto à postulante com varíola	112
Ir. Agostinha Calcagno vai para a eternidade	113
A Madre na lavanderia	113
Coisas belas em Lu	114
Solene instalação da "Via Sacra"	114
Proteção de São José	115
Em caminho para a Sicília	116
Para o 2.º aniversário de Leão XIII	117
Dom Bosco na França	117
Primeiras notícias da Patagônia	118
Exercício prático e comum de humildade	118
Uma visita do Padre Cagliero	123
Primeiros traços biográficos das Irmãs falecidas	123
Últimos arroubos eucarísticos da Irmã Ema Ferrero	124
Dupla caridade da Madre	125
Dom Bosco em Bordighera para o lançamento da primeira pedra da Igreja de Maria Auxiliadora	125
A Madre em Turim, Chieri, Cascinette e Biella	125
A Madre não admite exceções	127
A Madre à Irmã Piccono	127
Irmã Catarina Daghero será diretora de Saint-Cyr	128
Irmã Daghero de Turim a Nizza	129

A Madre e Irmã Marassi	150
Irmã Catarina Daghero de Nizza a Saint-Cyr	151
Baú fornecido	152
Profecia?	152
A Madre vai fechar a Casa de Mornese	153
O pranto do coração	154
Confiança em São José — Ampliação do Colégio de Nizza	155
Primeiras notícias de Saint-Cyr	156
A Madre em Turim — Notícias agradáveis	157
Morte de Irmã Massola	158
A Madre na Ligúria	158
O segredo de Irmã Elisa Roncallo	158
Retorno a Nizza — Carta à Irmã Sampietro	159
Mês mariano — Carta às Irmãs de Patagones	159
Florescimento de vocações em Nizza	141
Encontro da Madre com D. Bosco em Turim	142
Notícias de Ir. Magone e das Casas do Uruguai	143
A Madre de volta a Nizza	144
Novena de Maria Auxiliadora	145
Pe. Cagliero em Nizza transmite a Conferência de D. Bosco sobre as FMA	146
A Jovem africana	146
A Festa de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato	147
Pe. Cagliero entusiasta de Nizza	147
Como as Noviças fazem da festa	148
Confidências fraternas	149
A voz das alunas internas	151
Um programa para o mês de junho	153
Porfia de humildade	153
A Madre comenta a leitura do Boletim Salesiano	154
Primeiras notícias da Guerra Civil em Buenos Aires	155
A Madre às Irmãs de Catânia	155
Padre Lemoyne leva notícias de Valdoco	157
Carta de Irmã Madalena Martini a Dom Bosco	158
Irmã Elisa Roncallo em Alássio por motivo de saúde	160
Borgo S. Martinho celebra o 3.º Centenário da Primeira Comunhão de S. Luís Gonzaga	161
Rasgos de compreensão materna	161
As Irmãs do Uruguai	162
Notícias da Argentina	166
O Dia da Gratidão	167
Carta da Madre à noviça Ir. Otávia Bussolino	167
Encerramento do ano escolar	168
Chegada das retirandas a Turim	168
O recreio com a Madre	170
O "Jardinzinho de Maria" em Chieri	170
As "Filhas do Sagrado Coração" em Turim	171
As "Filhas de Maria" em Bordighera e Nizza	172
Os Exercícios Espirituais — Exortações da Madre	172
Informações sobre a vida em Saint-Cyr	173
Nova vocação assegurada por Dom Bosco	175
Morte do Padre Boérato	177
Lembranças do Padre Cagliero	177

Morre a noviça Irmã Anna Mora	178
Preparativos para os Exercícios Espirituais das Senhoras	178
“Uma coisa muito bonita”	178
Notícias de Quargento	179
Senhorinhas e Senhoras exercitandas em casa	180
“Jesus, abri os meus ouvidos”	180
Festa pela chegada de Dom Bosco	180
O Pai entre as Filhas	181
Quatro de vocês no Paraíso	182
Para a festa do Papa	182
Também Padre Rua em Nizza	183
Um recreio com Dom Bosco	183
A bênção de Dom Bosco à Irmã Laureri	184
Também Ir. Bonora no Paraíso	185
Calma e caridade de Dom Bosco	185
A Madre com as quatro educandas em Lu	186
Exercícios Espirituais para as Irmãs	187
“Faça como eu lhe digo”	187
Jorro de luz sobre Borgo S. Martinho	188
Eleição da Superiora Geral e do seu Conselho	190
Tema preferido por Padre Cagliero	191
A Madre reforça o mesmo pensamento	192
Encerramento dos Exercícios — Vestições e Profissões	192
Aprovação paterna	193
Transferências e novas Fundações	193
Irmã Gusmaroli e Irmã Cagliero na eternidade	195
Irmã Elisa Roncallo, sempre industriosa	196
As proezas de Maria, a “Moura”	197
Com as postulantes na vida quotidiana	197
Conselhos formativos da Madre	199
Lição de simplicidade	201
Morte de Irmã Allara	201
Vestições e novas Fundações	202
A Vigária revê Saint-Cyr	203
A Madre escreve a Dom Bosco	203
A Madre às Filhas da Patagônia	205
Conferência materna sobre a “reta intenção”	207
A Vigária é chamada novamente de Saint-Cyr a Nizza	208
Os avisos da Madre à Comunidade	211
Conferência da Madre sobre a pobreza	212
Leitura do Boletim Salesiano	213
Irmã Virgínia Magone, a primeira da América, no céu	213
A Vigária volta de Saint-Cyr — A Madre novamente em viagem ..	216
Prudência e bondade da Madre	217
Ainda em Nizza	218
A Madre em Chieri pela morte de Irmã Gamba	219
Carta da Madre à Ir. Josefina Torta	220
Aprensão e conforto	221
A Madre repousa consolando as Filhas	223
Preparação para as festas da Imaculada e do Natal	224
Uma outra Irmã na eternidade	225
Encontros pessoais com a Madre	225
“As verdadeiras visões são somente para os humildes”	227

A Mãe só confia em "boa massa"	228
Vinte e duas vestições — Batismo de Maria, "a Moura"	229
Lembrança espiritual e palavra de "Boa-noite"	229
Ainda uma palavra para a escolha das neo-missionárias	229
As noanças e a Mãe	230
A Mãe fala sobre Irmã Magone	230
Carta à Senhora Viarengo	232
A Mãe às Filhas de Patagones e de Las Piedras	233
Natal e primeira comunhão da neófita Maria	236
"Até nosso próximo encontro em Turim"	237
Os milagres da obediência	237
A Mãe em "repouso"	237
A Mãe entre as alunas internas	238
Conferência da Mãe no fim do ano	239
Confidências da Mãe	241
A última "Boa-noite" de 1880	242

Ano 1881

"Fazer muito bem e fazê-lo logo"	244
Para a Colônia Agrícola de Saint-Cyr	244
Nova visita a Lu Monferrato	245
Revelações da Mãe	245
Toda para suas Filhas	246
"Desejaria acompanhá-las até à América"	253
Fala a Mãe	253
Com as Missionárias em Turim	255
O Adeus no Santuário de Maria Auxiliadora	257
Dom Bosco às que estão para partir	257
A Mãe em Chieri	258
Voltando a Turim	259
"Irmã Arecco morreu!"	260
Recordando Ir. Arecco	263
Mão suspeita	264
Última conferência de janeiro	264
O primeiro pensamento sempre para os outros	265
A Mãe alcança as neo-missionárias	266
Apreensão das Filhas pela Mãe	267
Função íntima presidida por Dom Bosco	267
"Estarei, como Dom Bosco, sempre com vocês!..."	268
Dom Bosco precede e a Mãe acompanha	269
Mãe Emília de volta a Nizza	270
Primeiras notícias de Marselha	271
Pressentimento confirmado	272
Em todas as Casas se chora e se reza	272
Terceiro aniversário da eleição do Papa	272
Viagem borrasqueira	273
Um raio de conforto	273
Os três dias de Marselha	274
A "Irmã do Silêncio"	275
Fundação de Santo Isidro na Argentina	275
Reaviva-se o espírito missionário	276
Dom Bosco em Saint-Cyr	277
Confirmada a melhora da Mãe	278

Escritos confidenciais de Saint-Cyr	278
Os particulares de La Navarte	281
A Madre em Nice	283
Última etapa em Alássio	284
A suspirada volta	285
Das Irmãs de além mar	287
A "Cruz" prevista se delineia	288
A Madre se prepara e prepara... ..	289
Enquanto declina continua a doar-se	289
"Eu lhes digo ainda"	291
As Irmãs da Patagônia	291
Sempre toda para os outros	292
Pe. Costamagna dá o assunto para a última conferência	293
A Mãe na recordação das "Filhinhas"	294
O espírito é sempre forte	297
"Sem um milagre é questão perdida"	299
Noite decisiva?	300
Preciosas recordações	301
Os desejos da enferma	303
Exortações individuais	304
"Estou curada"	306
Verdadeira cura?	306
Dias preciosos... ..	307
O primeiro desejo realizado	308
Pressentimento?... Profecia?	308
Também o segundo desejo realizado	309
A Madre recebe as novas Filhas de Maria	310
Último dia	310
Última noite	312
A hora extrema	315
A Comunidade em pranto	316
Sejam fortes na dor	318
Recordando a Madre	320
Confidências proféticas da Madre	321
Os restos mortais na igreja	322
O solene funeral	323
Confortos paternos	325
Pe. Cagliero retorna	326
As primeiras cartas das Casas vizinhas	327
O primeiro necrológio	329
Coleção de memórias filiais	330
A consternação geral	330
De Mornese	331
Da Sicília	331
Um só coração e uma só alma	332
Espera-se uma palavra de Turim	333
As disposições do Fundador e a comunicação da Vigária	333